

ORSON SCOTT CARD

UM PLANETA CHAMADO

TRAIÇÃO

EXILADO DOS
LIVROS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

C255p Card, Orson Scott
Um planeta chamado traição / Orson Scott
Card ; tradução de Alves Calado. — Rio de Janeiro : Record, 1993.

Tradução de: Treason

1. Ficção científica norte-americana. I. Calado, Alves. II. Título.

93-0833

CDD — 813
CDU — 820(73)-3

Título original norte-americano
TREASON

Copyright © 1979 e 1988 by Orson Scott Card

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa no Brasil
adquiridos pela
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.
Rua Argentina 171 — 20921-380 Rio de Janeiro, RJ — Tel.: 585-2000
que se reserva a propriedade literária desta tradução

Impresso no Brasil

ISBN 85-01-03869-5

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL
Caixa Postal 23.052 — Rio de Janeiro, RJ — 20922-970

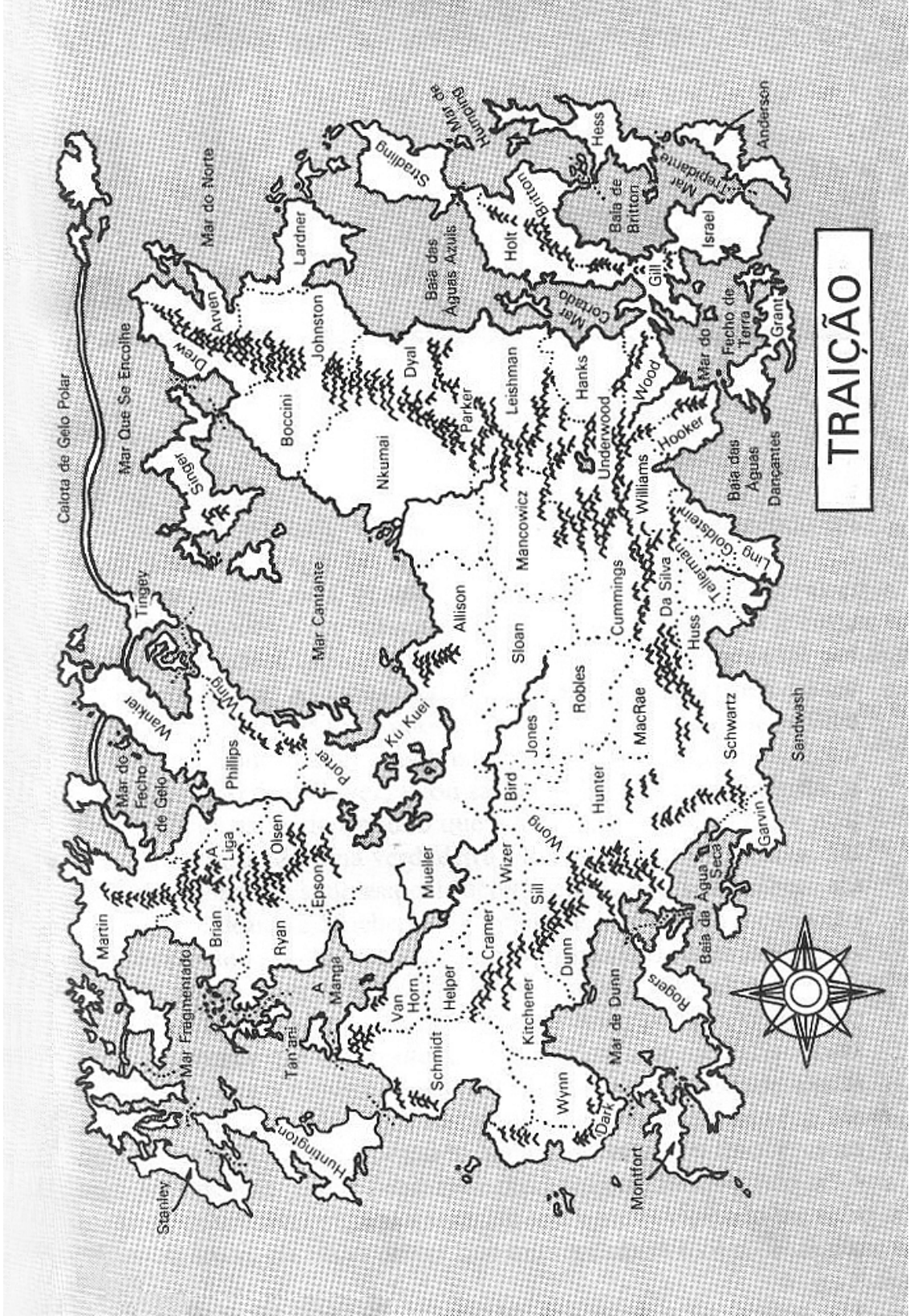
ORSON SCOTT CARD

Um Planeta Chamado Traição

Tradução de
ALVES CALADO



EDITORA RECORD



TRAIÇÃO

Para
Meu irmão Bill, que me emprestou *Catseye*;
MaryJo, que me encaminhou ao *Body Electric*, de Bradbury;
Laura Dene, que pôs a *Fundação* de Asimov em minhas mãos;
Dale e Maria, que me fizeram ler as
Crônicas de Narnia; e às bibliotecárias em
Santa Clara, Califórnia, e Mesa, Arizona,
que tornaram possível encontrar "Call Me Joe" de Poul Anderson
e "Tunesmith", de Lloyd Biggie,
Galactic Derelict de Andre Norton
e *Tunnel in the Sky* de Robert Heinlein:
Vocês me fizeram sonhar.
Espero não acordar.

NOTA DO AUTOR

Um Planeta Chamado Traição foi meu segundo romance a ser publicado, e nos anos que se seguiram aprendi um pouquinho mais sobre como uma história poderia e deveria ser contada. A história de Lanik Mueller é uma em que ainda acredito, e ao preparar essa nova edição deixei o essencial intocado. O que foi modificado é o modo de apresentação — o tom, o ritmo, a clareza. Como resultado, cerca de dez por cento desse volume é material novo, com pequenas revisões em praticamente todas as páginas. Essa revisão não é uma tentativa de contar a história de Lanik Mueller como se eu a estivesse escrevendo pela primeira vez em 1988 — *aquele* romance que, por causa da pressão do tempo jamais será escrito, seria metade mais longo do que este, com muito mais tempo devotado ao desenvolvimento de outros personagens e relacionamentos. Em vez disso, esta edição retém a simplicidade do original, a história de um jovem descobrindo e transformando seu mundo e a si próprio.

Agradeço à minha mãe, Peggy Card, que redigitou o romance inteiro a partir da edição de bolso da Dell, de modo que pudesse ficar gravado em disco, no formato WordPerfect, para meu trabalho de revisão; à minha esposa, Kristine, que leu a primeira prova tipográfica da nova edição assim que saiu da gráfica, me ajudando a fazer deste um romance mais claro, consistente e eficaz do que eu poderia ter produzido sozinho; e à minha irmã, Janice Card, por seu excelente

trabalho no mapa revisado e clarificado do continente habitado de
Traição.

1 M U E L L E R

FUI O ÚLTIMO A SABER o que estava acontecendo comigo. Ou pelo menos fui o último a saber que sabia.

Saranna percebeu, quando sua mão deslizou pelo meu tórax e, em vez de modelar suavemente os peitorais magros e rijos à custa de horas de espada, azagaia e arco, seus dedos foram barrados por uma carne macia. As mãos recordaram a mesma descoberta em seu próprio corpo, não muitos anos atrás, e sendo uma verdadeira filha de Mueller, com o olhar agudo e a mente descomprometida, compreendeu tudo de uma vez, ficou sabendo de toda a minha história impura, ficou sabendo de tudo que era agora impossível entre nós. Ainda assim, sendo uma verdadeira filha de Mueller, não disse nada, nem lamentou; simplesmente aconteceu que, desse momento até que eu abandonasse Mueller, ela jamais me tocou, pelo menos não do modo como fazia antes, não com a promessa de décadas de paixão em nosso futuro. Ela sabia, mas eu ainda não sabia.

Dinte também viu. Vigiando-me como sempre faz, o segundo filho à espera de que me aconteça algum acidente, de modo que possa retardar qualquer ajuda que porventura chegue; procurando algum sinal de inépcia congênita, de modo que possa ser declarado regente depois que o pai morrer; notando quaisquer falhas ou fraquezas no teu jeito de lutar ou de pensar, de modo que quando — não se — me trair, possa obter alguma vantagem sobre mim. Vigiando-me com tamanha ânsia, ele tinha de ver que minha camisa movia-se como de u m jeito

diferente sobre meu peito. De todos os modos pelos quais eu poderia ser considerado inadequado para sentar no Trono do Pai, esse teria de ser o que lhe provocaria maior deleite. Mesmo sendo uma pobre desculpa para um filho de Mueller, ele imediatamente tornou-se petulante, sem mencionar minha aflição mas tratando-me com a arrogância que mesmo os covardes têm a gentileza de demonstrar apenas para o cadáver de seu inimigo. Ele sabia, mas eu ainda não sabia.

O Pai não teria visto. Havia sempre tanto trabalho a ser feito pelo Mueller; ele não tinha tempo de vigiar-me pessoalmente. Mas fazia com que eu fosse vigiado: por todos os meus tutores e metade de meus amigos; especialmente durante o tempo crucial da puberdade, quando chegam os perigos maiores.

Nós em quem o sangue Mueller corre verdadeiro, nossos corpos têm um grande dom: o de se curar tão rapidamente que as cicatrizes se formam antes do sangue secar, e de fazer crescer novamente qualquer parte de nosso corpo que seja perdida. Isso torna muito difícil nos matar.

Nossos inimigos dizem que os Mueller não sentem dor mas isso não é correto. A eles parece assim porque, nas batalhas, absorvemos de bom grado um perigoso golpe que qualquer outro homem precisaria aparar para salvar a vida, e enquanto a espada de nosso inimigo está enterrada em nossa carne podemos cortar o sangue de sua vida e procurar outro inimigo contra o qual lutar, enquanto nosso ferimento já está sarando.

Mas sentimos dor, como quase qualquer pessoa. Nossas mulheres desmaiam ao dar à luz, quando a carne é dilacerada. Quando colocamos a mão no fogo, a agonia queima tanto dentro de nosso cérebro quanto no de qualquer outro homem. Sentimos dor; o que não sentimos é medo. Ou melhor, aprendemos a separar dor e medo.

Para outras pessoas a dor significa que sua vida está em perigo; para preservar a si próprias, precisam ter o reflexo de evitar a dor por todos os meios de que disponham. Mas para um Mueller, a dor significa que o perigo é pequeno. A morte só vem a nós por meios que estão além da dor — o desmoronamento da senilidade, a respiração fria e dura do afogamento, a perda de todo sentimento quando a cabeça é seccionada do corpo. Um simples corte ou estocada ou osso quebrado

significa apenas que algum vigor será retirado de nós enquanto nosso corpo se cura rapidamente; significa que seremos alimentados com bife sangrento e não com rabanetes, quando a batalha terminar.

E do pior medo que os outros sentem — o medo do desmembramento, de perder artelhos ou dedos, mãos ou pés, orelhas ou nariz ou olhos ou genitália — nós rimos.

Por que esse é o pior medo deles? Porque foram levados a pensar em sua forma atual como seu eu verdadeiro, e caso percam essa forma, perdem seu eu, transformam-se num monstro mesmo a seus próprios olhos.

Mas nós, os Mueller, aprendemos há muito que nossa forma atual não é absolutamente o nosso eu. Podemos ter muitas formas diferentes e ainda ser quem sempre fomos. É uma lição que aprendemos durante a loucura da adolescência. Aos doze ou quatorze anos de idade também passamos pela extravagante embaralhação de compostos químicos que fazem, aos outros, crescer cabelos em lugares estranhos e se tornarem máquinas capazes de produzir cópias de si mesmos; conosco, entretanto, já que nossos corpos são tão poderosos, a adolescência é também mais violenta. Nós nos ensinamos a regenerar partes do corpo perdidas ou quebradas; durante a loucura da puberdade, nossos corpos esquecem sua forma apropriada e tentam fazer crescer partes que já estão lá. Todo rapaz e toda moça já acenaram zombeteiramente um terceiro braço para os amigos, dançaram algum passo complicado criado para fazer uso de uma ou duas pernas extras, piscaram um olho supérfluo, fizeram careta com três fileiras de dentes em cima e quatro embaixo. Eu suportei ter quatro braços uma vez, um nariz extra, e dois corações bombeando antes do cirurgião me passar a faca para cortar o excesso. Nosso eu não é nossa forma. Podemos ter qualquer forma e ainda sermos quem somos. Não temos medo de perder membros. Não podemos distorcer ou destruir nosso eu através da subtração.

Temos outros medos.

Durante toda a minha adolescência o Pai me manteve sob vigilância. Mesmo à idade de quinze anos, quando meu corpo estava a apenas um decímetro ou dois da altura total de um homem e minhas mudanças sexuais deveriam estar completas — completas o suficiente para que Saranna já tivesse meu filho dentro de si — mesmo então ainda podia sentir os olhos deles em mim, da alvorada ao entardecer,

medindo-me corpo e alma, para que pudessem contar tudo ao Pai naqueles momentos em que tinha tempo de pensar a meu respeito. É impossível que deixassem de perceber o que acontecia comigo; o Pai deve ter sabido antes de Dinte, antes mesmo de Saranna. Todos sabiam.

Mas eu não sabia.

Ah, é claro que eu *sabia*. Sabia o suficiente para abandonar todas as minhas roupas justas e usar apenas as mais folgadas. Sabia o suficiente para encontrar desculpas em vez de ir nadar com meus amigos, o suficiente para não repreender Dinte por ser ainda mais ranheta do que de costume — como se não ousasse provocá-lo a dar um nome àquilo em que me havia tornado. Sabia o suficiente para não me perguntar por que Saranna não me tocava; sabia o suficiente, durante o último mês, para não levá-la à minha cama. E ainda assim nunca mencionei aquilo em que me havia tornado, nem a mim mesmo.

Jamais sequer deixei o pensamento do meu terrível novo futuro chegar à cabeça. Exceto uma vez, com a preciosa espada de aço da realeza faiscando em minha mão, quando jurei, tão fortemente que lembro o momento, ainda agora, como se houvesse acontecido apenas essa manhã — jurei nunca viver sem uma espada daquelas em minha mão ou ao meu lado. Mesmo então estava fingindo para mim mesmo que meu medo era o de tomar-me um plebeu, o tipo de semi-alma, como uma lesma, que jamais toca em ferro, e estremece ao menor corte que sangra.

— Hoje — disse Homarnoch.

— Não tenho tempo — eu disse, com aquela astúcia imperiosa que os filhos dos príncipes usam para lembrar aos outros a autoridade que ainda não têm.

— O Mueller diz.

E foi assim. Todos os ardis estavam terminados; precisei desacreditar de uma vez em todas as mentiras nas quais acreditava. Mesmo assim, adiei, disse que estava imundo e precisava me lavar, o que era bem verdadeiro; mas dei um jeito de tomar banho sem nem uma vez me olhar no vidro prateado. Roupas estavam penduradas sobre todos os espelhos, ou, de alguma forma, eles haviam sido postos de lado, de modo que em meu quarto eu nunca precisasse me ver. Esse era apenas mais um sinal de que eu sabia sem saber — até aquele mês

havia sido tão vaidoso quanto qualquer garoto e vivia rodeado de espelhos.

Mas não havia como me esconder do espelho no estéril antro cirúrgico de Homarnoch, lugar de aguçadas facas de aço e camas sangrentas, onde flechas farpadas eram cortadas da carne dos soldados e partes extravagantes e inúteis eram arrancadas de corpos adolescentes.

Fez com que eu ficasse de pé em frente ao espelho, ele atrás de mim, e pôs as duas mãos em concha sob seios que haviam crescido voluptuosos. Pela primeira vez fui forçado a encarar uma carne que não poderia ser minha. Pela primeira vez fiquei consciente da pressão do toque de outra pessoa. Ainda assim não creio que tenha sido a carícia brusca e cirúrgica de Homarnoch que me excitou. Aquele toque era para mim muito mais estranho do que sexual. Creio ter sido a visão do que deveriam ser os seios de outra pessoa sendo tomados nas mãos de outra pessoa. Acho que foi voyeurismo. Ainda não acreditava no que estava acontecendo comigo.

— Por que não me procurou imediatamente? — perguntou Homarnoch. Ele parecia quase ferido.

— Para quê? Já cresceu todo tipo de partes em mim, antes. Ele sacudiu a cabeça.

— Você não é bobo, Lanik Mueller.

Ouvi meu nome e senti um medo doentio. Mais tarde percebi que foi o nome *Mueller* que me causou medo — não porque era o meu nome, mas porque muito brevemente *não* seria.

— Acontece até na família do Mueller, Lanik. A intervalos de poucas gerações. Ninguém está imune.

— É só a puberdade — disse eu, desejando que ele acreditasse em mim.

Ele me olhou com tristeza, e demonstrando afeição, pensei.

— Espero que você esteja certo — falou, mas é claro que não tinha esperança. — Espero que, ao examiná-lo, possamos descobrir que você está certo.

— Não há necessidade de...

— Agora, Lanik. O Mueller pede que eu lhe dê a resposta imediatamente.

O que meu pai comandava eu fazia. Deitei-me na mesa e me forcei a relaxar enquanto a faca cortava dentro de meu abdome. Eu sentira dor pior, antes — as lacerações ásperas das espadas de treino, de madeira, ou a vez em que uma flecha entrou em minha têmpora e saiu por um olho — mas não foi a dor. Ou não apenas a dor. Porque, pela primeira vez desde a mais tenra infância, dor e medo queimavam juntos em mim, e senti aquilo que os homens comuns sentem, que os desumaniza tanto no campo de batalha que os toma forragem para uma faminta espada Mueller.

Quando terminou, ele pôs um esparadrapo na ferida. Eu já sentia a tonteira e o formigamento me dizendo que a cura estava a caminho — eram cortes limpos, e tudo estaria curado sem cicatrizes dentro de horas. Não precisei perguntar o que ele havia encontrado. Soube por seus ombros curvados, pelo estoicismo áspero de seu rosto. Podia dizer que era desgosto e não regozijo que sua máscara desapaixonada escondia.

— Corte fora — disse eu, leviano, galhofeiro. Ele não levou na brincadeira.

— Há ovários, também, Lanik, e se eu cortá-los fora, irão simplesmente crescer de novo. — Ele me encarou, então, com a mesma coragem com a qual um homem encara seu inimigo na batalha. — Você é um regenerativo radical, Lanik. Não vai acabar nunca.

Era isso. O nome para aquilo em que eu me tornara. Como minha linda prima Velinisik, que ficou louca e mijou em cima de todo mundo com o pênis cujo crescimento a transformara num monstro. *Regenerativa radical. Rad.* Como todo mundo, virei as costas a ela, praticamente nem falei seu nome daquele dia até esse. Em primeiro lugar, ela deixou de ser humana. Depois, nunca havia sido humana. Depois, ela nunca havia existido.

Ao fim da puberdade a maioria dos Mueller se estabelece em sua forma adulta, e apenas torna a fazer crescer partes de seus corpos que se tenham perdido. Mas um pequeno número de nós nunca volta a assumir o controle. A adolescência continua para sempre, com novas partes crescendo aleatoriamente. Em tais casos o corpo esqueceu qual deveria ser sua forma natural; pensa em si próprio como uma ferida sem fim, precisando estar sempre sendo curada; como um corpo

perpetuamente desmembrado, com partes que precisam estar sendo sempre renovadas.

Era a pior maneira de morrer, porque não havia funeral; você deixava de ser uma pessoa, mas eles se recusavam a permitir que se transformasse num cadáver.

— Diga isso, Homarnoch, e você pode dizer igualmente que estou morto.

— Sinto muito — disse ele, simplesmente. — Mas preciso contar de imediato a seu pai. E saiu.

Olhei de novo o grande espelho na parede, onde minhas roupas estavam penduradas num gancho. Meus ombros ainda eram largos de horas e dias e semanas com espada, bastão, lança e arco; e mais recentemente com os foles na forja. Meus quadris ainda estreitos de corridas e cavalgadas. Meu estômago enrijecido com músculos, duro, sólido e viril. E então, ridiculamente macios e convidativos, meus seios...

Tirei minha faca do cinto pendurado na parede e pressionei o gume afiado contra meu seio. Doeu demais — cortei a apenas dois centímetros de profundidade e precisei parar. Houve um ruído na porta. Virei-me.

Uma pequena Cramer negra curvou a cabeça para não me ver. Lembrei que ela fora tomada na última guerra (que o Pai venceu) e, portanto, pertencia- nos por toda a vida; falei-lhe gentilmente, porque ela era uma escrava:

— Tudo bem com você, não se preocupe. Mas ela não relaxou.

— Meu Senhor Ensel deseja ver seu filho Lanik. Ele diz imediatamente.

— Droga! — falei.

Ela se ajoelhou para receber minha ira. Não lhe bati, entretanto, apenas toquei sua cabeça ao caminhar até minha roupa, e me vesti. Não pude evitar ver meu reflexo ao me retirar, meu peito subindo e descendo enquanto andava rapidamente para fora da sala. A pequena Cramer murmurou agradecimentos enquanto eu saía.

Comecei a correr escadas abaixo para os aposentos de meu pai. Ainda não havia aprendido a andar como uma mulher, suavizando os passos e girando os quadris para evitar solavancos desnecessários. Depois de três degraus parei e me encostei no corrimão até que a dor e o medo acalmassem. Quando me voltei para descer mais devagar, vi

meu irmão Dinte no pé da escada. Ele estava sorrindo afetado, um dos melhores exemplares de imbecilidade em botão que a Família jamais produzira.

— Vejo que você ouviu as novidades — falei, descendo com cuidado as escadas.

— Devo sugerir que você arranje um sutiã? — ofereceu, afavelmente. — Eu pegaria um de Mannoah emprestado, para você, mas os dela são muito menores.

Pus a mão na minha faca e ele recuou alguns passos. Muitas vezes, em brigas de infância, eu já havia cortado fora seus dedos e arrancado seus olhos, de modo que sabia da inutilidade do gesto — mas a faca parecia necessária em minha mão quando eu estava com raiva.

— Você não deve me machucar mais, Lanik — falou Dinte, ainda sorrindo com afetação. — Agora eu vou ser o herdeiro, e brevemente o cabeça da Família, e vou me lembrar.

Tentei pensar em alguma resposta. Alguma réplica mordaz para ele saber que nada do que jamais me pudesse causar seria comparável em agonia ao que acabara de acontecer, ao que estava por acontecer.

Mas confessar tanto medo e dor só se faz com o amigo de maior confiança, e talvez nem mesmo nesse caso. De modo que não disse nada, e passei por ele em direção à sala privativa do Pai. Enquanto passava, ele cantarolou no fundo da garganta, como se faz para chamar as prostitutas da Hivvel Street. Não o matei, entretanto.

— Olá, meu filho — disse o Pai quando entrei em seu aposento.

— O senhor deve avisar ao seu segundo filho — respondi — que ainda sei como matar.

— Tenho certeza de que você quis dizer olá. Cumprimente sua mãe.

Olhei para onde ele dirigiu os olhos e vi a Turd, que era como nós, filhos da primeira esposa de Papai, chamávamos menos-do-que-afetuosamente, a Número Dois, que passara para a posição de minha mãe quando ela morreu de um estranho e súbito ataque do coração. O Pai não pensou que tivesse sido estranho e súbito, mas eu pensei. O nome oficial da Turd era Ruva; ela era de Schmidt e fora parte do pacote de um acordo que incluiu uma aliança, dois fortes, e cerca de dois milhões de hectares. Ela deveria ser apenas uma concubina, mas o acaso e a paixão inexplicável do Pai haviam feito com que subisse no

mundo. Nós éramos compelidos pelo costume, pela lei e pela ira do Pai a chamá-la de *mãe*.

— Olá, Mãe — disse eu, friamente. Ela apenas deu seu sorriso doce, gentil e assassino.

O Pai não perdeu tempo com gentileza ou simpatia.

— Homarnoch me diz que você é um regenerativo radical.

— Mato qualquer um que tentar me colocar nas jaulas — falei. — Mesmo o senhor.

— Algum dia vou levar suas afirmações traiçoeiras a sério, rapaz, e fazer com que o estrangulem. Mas você pode remover o medo, pelo menos. Nunca colocaria um de meus próprios filhos nas jaulas, mesmo que ele seja um rad.

— Isso já foi feito antes — assinalei. — Estudei um pouco de história da Família.

— Então você saberá o que está acontecendo agora. Entre, Dinte — disse o Pai.

Eu me virei para ver meu irmãozinho chegando. Foi então que perdi o controle pela primeira vez.

— O senhor vai deixar esse imbecil de merda arruinar Mueller, seu desgraçado — gritei —, mesmo sabendo que eu sou o único que pode ter esperança de manter unido esse império frágil quando o senhor tiver a cortesia de morrer! Espero que o senhor viva o suficiente para ver tudo desmoronar! — Mais tarde eu recordaria amargamente essas palavras, mas como poderia ter sabido, na hora, que essa praga rogada de coração quente se tornaria verdade?

O Pai levantou-se e caminhou rápido ao redor de sua mesa até onde eu estava. Esperei um tapa, e me tensionei. Em vez disso, ele colocou as mãos em minha garganta, e senti um atordoante medo momentâneo de que estivesse finalmente cumprindo sua ameaça de me estrangular. Então ele rasgou minha túnica, pôs as mãos em meus seios e apertou-os juntos, com brutalidade. Ofeguei em pânico e me soltei.

— Agora você é fraco, Lanik! — gritou ele. — Você é mole e feminino, e nenhum homem de Mueller o seguiria a lugar nenhum!

— A não ser para a cama — acrescentou Dinte, lascivamente. O Pai virou-se e deu-lhe um tapa no ouvido.

Quando ele se virou, cobri meu peito com os braços, como uma menina virgem, e girei, ficando face a face com a Turd. Ela ainda sorria,

e vi seus olhos movendo-se de meu rosto para meu busto...

Não são *meus* seios! Gritei em silêncio. Não são meus, não são parte de mim, e senti um desejo opressivo de recuar, de sair completamente de meu corpo, deixar que ele ficasse lá enquanto eu ia a qualquer outro lugar, ainda um homem, ainda um herdeiro com a expectativa do poder, ainda um homem, ainda eu próprio.

— Ponha uma capa — ordenou o Pai.

— Sim, meu Senhor Ensel — murmurei e, em vez de desaparecer de meu corpo, cobri-o, e senti o tecido grosseiro do manto roçar áspero contra os bicos macios dos seios. Fiquei ali, em pé, e olhei enquanto o Pai realizava o ritual de me declarar um bastardo e meu irmão Dinte o herdeiro. Meu irmão parecia alto, louro, forte e inteligente, se bem que eu sabia melhor do que ninguém que sua inteligência era meramente uma tendência a ser dissimulado; sua força não era igualada por qualquer agilidade ou competência. Quando a cerimônia terminou, Dinte sentou-se naturalmente na cadeira que durante tantos anos havia sido minha.

Fiquei em pé diante deles, então, e o Pai ordenou que eu jurasse aliança a meu irmão mais moço.

— Preferiria morrer.

— É essa a opção — disse o Pai, e Dinte sorriu.

Jurei aliança eterna a Dinte Mueller, herdeiro das possessões da Família Mueller, o que incluía o Estado Mueller e as terras que meu pai conquistara: Cramer, Helper, Wizer e a ilha de Hunting-ton. Fiz o juramento porque Dinte, muito obviamente, queria que eu recusasse e morresse. Agora, comigo vivo, ele teria de se preocupar sempre; fiquei imaginando quantos guardas ele colocaria ao redor de sua cama essa noite.

Mas eu sabia que não tentaria matá-lo. Remover Dinte não me colocaria em seu lugar; apenas significaria uma disputa selvagem pela sucessão — ou pior: poderiam permitir que Ruva gerasse algum filho hediondo, tendo metade dos genes de meu pai, para tomar seu lugar. Independente de qualquer coisa, um rad como eu jamais poderia esperar governar em Mueller. Além disso, os rads raramente viviam até os trinta anos, e era ilegal para eles — não, para mim — gerar filhos com pessoas de nível. Senti uma aflição súbita quando percebi o que isso causaria á pobre Saranna. As mulheres tirariam seu filho, agora, e o

destruiriam. Ela ver-se-ia a ex-concubina de um monstro, em vez da potencial primeira esposa do patriarca da Família. No dia em que as mulheres me escolheram para seu parceiro de reprodução ela havia posto o pé na estrada da glória; agora a estrada desmoronava sob seus pés. Não apenas o meu futuro estava destruído, o dela também.

— Estarei vendo os pensamentos de um estrangulador em seus olhos, Lanik? — perguntou o Pai. Achava que eu ainda estava pensando em Dinte.

— Jamais, Pai — assegurei-lhe.

— Veneno, então. Ou águas profundas. Creio que meu herdeiro não está seguro com você aqui em Mueller. Olhei-o com ferocidade:

— O pior inimigo de Dinte é ele próprio. Não precisa de minha ajuda para terminar em desastre.

— Também já li a história da Família, filho — disse o Pai. — Todo Mueller que foi sentimental demais para mandar seu fruto regenerativo radical às jaulas arrependeu-se logo em seguida.

— Então faça com que me matem com dignidade, Pai. — Foi o mais próximo a que eu chegaria de uma súplica. No entanto, em silêncio, implorei: não deixem que eles me alimentem e façam colheita de mim, ceifando membros e órgãos como a lã é tosquiada de uma ovelha, ou o leite tirado de uma vaca, ou a seda fiada de uma aranha.

— Sou afetuoso demais — disse o Pai. — Não quero matá-lo. Estou enviando-o numa embaixada, longa e distante, de modo que eu tenha uma esperança razoável de manter Dinte vivo.

— Não tenho medo *dele* — falou Dinte, desdenhoso.

— Então você é um idiota — disse o Pai, cortante. — Com ou sem peitos, Lanik é mais do que um desafio para você, garoto, e eu não vou lhe confiar o meu império até que me mostre ter pelo menos metade da inteligência de seu irmão.

Dinte ficou em silêncio, então, mas eu sabia que meu pai escrevera minha sentença de morte na mente dele. Deliberadamente? Eu esperava que não. Mas me ocorreu que o Pai poderia ter decidido que o melhor teste para a aptidão de Dinte para governar seria ver como ele cuidaria de meu assassinato.

— Uma embaixada a que nação? — perguntei.

— Nkumai — respondeu ele.

— Um reino de selvagens que moram em árvores, longe no leste — falei, recordando minhas lições de geografia. — Por que mandamos emissários a animais?

— Não são animais — disse o Pai. — Ultimamente eles vêm usando espadas de aço nas batalhas. Conquistaram Drew dois anos atrás. Allison está caindo facilmente enquanto nós estamos aqui falando.

Senti meu ódio crescendo ao pensar em negros que vivem em árvores conquistando os orgulhosos escultores de pedras de Drew ou o religioso povo litorâneo de Allison. Não tínhamos acabado de conquistar Cramer, e ensinado a eles o verdadeiro lugar dos negros no mundo ao escravizá-los?

— Por que estamos enviando embaixadas em vez de exércitos? — perguntei, irritado.

— Será que eu sou idiota? — perguntou o Pai de volta. — Se quisesse um fanatismo insensato poderia convocar uma reunião de conselho e ouvir a nobreza.

Achei ao mesmo tempo encorajador e doloroso ele esperar que eu pensasse como o Mueller e não como algum soldado sem responsabilidade. De modo que respondi de verdade, agora:

— Se eles têm metal duro significa que encontraram algo que Fora do Mundo pode comprar. Nós não sabemos quanto metal eles têm; não sabemos o que estão vendendo. Portanto, minha embaixada não é para fazer um tratado, mas para descobrir o que eles têm para vender e o que o Embaixador está pagando em troca.

— Muito bem — disse o Pai. — Dinte, você deve ir.

— Se essas são questões do reino, eu não deveria ficar aqui para ouvir? — quis saber Dinte.

O Pai não respondeu. Dinte levantou-se e saiu. E então o Pai acenou para a Turd, que também deixou a sala, balançando de forma insolente os quadris.

— Lanik — disse o Pai quando ficamos a sós. — Lanik, eu gostaria, por Deus, que houvesse alguma coisa que eu pudesse fazer. — Seus olhos encheram-se de lágrimas.

Percebi, com alguma surpresa, que o Pai se preocupara o suficiente para lamentar por mim. Mas não realmente por mim, pensei. Por seu precioso império, que Dinte possivelmente não conseguiria manter unido.

— Lanik, jamais nos três mil anos de Mueller houve uma mente como a sua, num corpo como o seu, um homem verdadeiramente talhado para liderar homens. E agora o corpo está arruinado. A mente ainda me servirá? Amará o homem ainda o seu pai?

— Homem? Se o senhor me vir na rua irá querer me levar para a cama.

— Lanik! — ele gritou. — Não pode acreditar na minha tristeza? — Retirou sua adaga dourada, levantou-a no alto, e cravou-a através da mão esquerda, pregando-a à mesa. Quando arrancou a arma o sangue esguichou e pulsou da ferida, e ele esfregou a mão na testa, cobrindo o rosto de sangue. Então chorou, enquanto o sangramento parava e se formava um tecido de cicatrização sobre o ferimento. Sentei-me e olhei seu ritual de lamentação. Estávamos silenciosos, a não ser por sua respiração pesada, até que sua mão se curou. Então ele me olhou com olhos pesados.

— Ainda que isso não houvesse acontecido eu o teria enviado a Nkumai. Por quarenta anos temos sido os únicos no mundo, os únicos, pelo que sabemos, a ter metais duros em quantidade suficiente para fazer diferença na guerra. Nkumai é agora nosso único rival, e não sabemos nada sobre aquela Família. Você precisa ir secretamente; se souberem que é de Mueller irão matá-lo. Mesmo se você vivesse, eles precisariam ter certeza de que não veria nada de importância.

Ri amargamente.

— E agora tenho o disfarce perfeito. Ninguém acreditaria que Mueller mandaria uma mulher para fazer um trabalho de homem.

Pronto, eu disse, dei a mim mesmo o nome que me impediria de deixar de existir. Mas eu sabia que isso era quase impossível; Mueller não aceitaria melhor um rad como mulher do que como homem. Apenas fora de Mueller eu poderia ser visto como humano. O Pai poderia chamar aquilo de embaixada, ou mesmo de espionagem, mas ambos sabíamos que o verdadeiro nome era exílio.

Ele me sorriu de volta. Então seus olhos encheram-se novamente de lágrimas e imaginei se, afinal de contas, seu amor poderia existir por mim.

A entrevista estava terminada, e saí.

Providenciei os arranjos, mandando os tratadores cuidarem de meus cavalos e calçarem-nos para a viagem; instruindo os copeiros a

preparar os fardos para minha jornada; requisitando aos sábios que me fizessem um mapa. Quando o trabalho estava encaminhado, deixei o castelo propriamente dito e andei pelos corredores cobertos até os Laboratórios Genéticos.

As notícias haviam-se espalhado rapidamente — todos os oficiais de alta patente me evitavam, e apenas os estudantes estavam lá para abrir portas e levar-me ao lugar que eu queria ver.

As jaulas eram mantidas claramente iluminadas dia e noite, e eu olhei pela alta janela de observação os corpos infinitamente espalhados sobre os relvados macios. Aqui e ali a poeira subia dos espojadouros. Toda a carne estava nua, e eu olhava enquanto a comida do meio-dia era espalhada nos cochos. Alguns deles eram como quaisquer outros homens. Outros tinham pequenas partes crescidas aqui e ali em seus corpos, ou defeitos quase imperceptíveis à distância — três seios, ou dois narizes, ou artelhos ou dedos extras.

E depois havia os que estavam prontos para a colheita. Fiquei olhando uma criatura que avançava com dificuldade em direção aos cochos. Suas cinco pernas não se moviam bem em conjunto, e ela balançava os quatro braços desajeitadamente, para manter o equilíbrio. Uma cabeça extra pendia inútil das costas; uma segunda coluna vertebral curvava-se para fora do corpo como uma serpente sugadora grudada rigidamente à sua vítima.

— Por que deixaram esse ir tão longe sem ser podado? — perguntei ao estudante que estava junto de mim.

— Por causa da cabeça — disse ele. — Cabeças completas são muito raras, e não ousamos interferir com a regeneração até que ela estivesse completa.

— Nós conseguimos bom preço por cabeças?

— Não estou no departamento de vendas — respondeu, o que significava que o preço era realmente muito alto.

Olhei o monstro enquanto lutava para trazer comida à boca com braços que não respondiam. Poderia ser Velinisik? Estremeci.

— Está com frio? — perguntou o estudante, supersolícito.

— Muito — respondi. — Minha curiosidade está satisfeita. Irei agora.

Fiquei imaginando por que eu não estava nem um pouco agradecido por

meu exílio ao menos salvar-me das jaulas. Talvez porque soubesse que, se fosse sentenciado a viver lá, suprindo partes extras para Fora do Mundo, iria me matar. Do jeito como a coisa ficara, eu ainda estava deste lado do suicídio, e portanto não precisava fugir do terrível conhecimento de minha perda.

Saranna encontrou-me na recepção dos Laboratórios Genéticos. Não pude evitá-la.

— Achei que o encontraria aqui, sendo mórbida — disse ela. Sabia que ela estava tentando me animar, tentando fingir que tudo continuava bem entre nós. Sob tais circunstâncias, o fingimento era grotesco. Eu preferiria que ela lamentasse por mim, falasse comigo como se eu fosse apenas a memória de alguém morto, pois isso era o que, no momento, eu sentia ser.

Tentei passar. Ela segurou meu braço, agarrou-se a mim e não queria deixar que eu me afastasse.

— Você acha que faz alguma diferença para mim? — gritou.

— Você está sendo indecorosa — retruquei. Várias pessoas estavam olhando para o chão, embaraçadas, e os servos já se punham de joelhos. — Você está nos envergonhando.

— Vem comigo, então — disse ela.

Para evitar mais mal-estar aos outros na sala, fui. Quando saímos pude ouvir os bastões sendo fustigados nas costas dos servos porque haviam visto os bem-nascidos agindo com baixeza. Senti os golpes como se caíssem sobre mim.

— Como você pôde fazer isso? — perguntei.

— E como você pôde ficar longe de mim todos esses dias?

— Não foi tanto tempo assim.

— Foi mais ainda! Lanik, você acha que eu não sabia? Acha que meu amor por você era apenas porque era o herdeiro do Mueller?

— O que você planeja fazer? — perguntei. — Ir para lá comigo? Deixar que façam a colheita em você, também?

Ela afastou-se de mim, com horror nos olhos.

— Da próxima vez tenha mais sorte — falei. — Da próxima vez ame um ser humano.

— Lanik! — gritou ela, e em seguida pôs os braços ao meu redor e apertou a cabeça contra meu peito. Quando encostou em seios macios,

em vez de músculos duros, afastou a cabeça por um momento, depois, resolutamente, agarrou-se a mim com mais força ainda.

Com sua cabeça sobre meu busto vi-me imaginando se deveria me sentir materno. Será que ela não percebia que seu toque, agora, não era de nenhum conforto para mim, e sim apenas uma recordação de tudo que eu havia perdido? Empurrei-a para longe e corri. Parei numa virada do corredor e olhei de volta. Ela já estava cortando os pulsos e gritando, o sangue pingando no chão de pedra. Os cortes eram selvagens — a perda de sangue faria com que ficasse doente por horas, com tantas lacerações. Fui rapidamente para o meu quarto.

Deitei-me na cama, olhando as delicadas incrustações de ouro no teto. Presa no meio do ouro havia uma única pérola de ferro, negra, irada e linda. Pelo ferro, eu disse em silêncio. Pelo ferro nos transformamos em monstros; os Mueller "normais" capazes de curar qualquer ferimento, e os rads servindo como animais domésticos, vendendo suas partes extras para Fora do Mundo em troca de mais ferro. Ferro é poder num mundo sem metais duros. Com nossos braços e pernas e corações e entranhas compramos esse poder.

Ponha um braço no Embaixador, e em meia hora uma barra de ferro aparece no cubo de luz dançante. Ponha órgãos sexuais congelados vivos no cubo e cinco barras de ferro substituem-nos. Uma cabeça inteira? Quem sabe o preço?

Nessa taxa, quantos braços e pernas e olhos e fígados devemos dar antes de ter ferro suficiente para fazer uma nave estelar?

As paredes faziam pressão sobre mim e me senti preso em Traição, nosso planeta formando altos muros de pobreza que nos amarravam aqui em baixo, que nos impediam de chegar Fora do Mundo, que nos tornavam tão prisioneiros quanto as criaturas nas jaulas. E como elas, vivíamos sob olhos vigilantes, Família competindo loucamente contra Família com o objetivo de produzir alguma coisa, qualquer coisa que Fora do Mundo comprasse, pagando-nos em metais preciosos como ferro, alumínio, cobre, latão, zinco.

Nós, os Mueller, fomos os primeiros. Os Nkumai os segundos, talvez. Uma batalha pela supremacia, cedo ou tarde. E não importa quem seja o vencedor, o prêmio de Pirro deverá ser algumas toneladas de ferro. Poderia uma tecnologia ser construída a partir disso?

Dormi como um prisioneiro, preso à minha cama pelos imensos grilhões da gravidade sobre nosso pobre planeta-prisão; atado ao desespero por dois seios fartos e adoráveis que subiam e desciam regularmente. Dormi.

Acordei para a escuridão do quarto e para o som rascante de uma respiração laboriosa. A respiração era minha e, em súbito pânico, senti líquido em meus pulmões e comecei a tossir com violência. Joguei-me para a beira da cama, tossindo um líquido escuro da garganta, cada tosse uma dor estranha. Quando busquei ar, a respiração entrou fria pela minha garganta, não através da boca.

Toquei a ferida aberta sob meu queixo. Minha laringe fora cortada, e pude sentir as veias e artérias cobertas com tecido cicatrizante enquanto tentavam sarar, mandando sangue para o cérebro a qualquer custo. A ferida ia de orelha a orelha. Mas finalmente meus pulmões ficaram livres de sangue, e deitei-me na cama tentando ignorar a dor enquanto o vigor de meu corpo crescia para curar o talho.

Mas isso não aconteceria suficientemente rápido, percebi. Quem quer que tivesse tentado (ele ou ela — Ruva?) tão desajeitadamente matar-me voltaria para certificar-se do trabalho, e não seriam tão descuidados da próxima vez. De modo que fiquei de pé, sem esperar estar curado, a respiração ainda sibilando para dentro e para fora do ferimento aberto na garganta. Pelo menos o sangramento havia parado, e se eu me movesse com cuidado o tecido cicatrizante, trabalhando gradualmente a partir dos limites da ferida, terminaria por fechá-la.

Saí para o corredor, fraco pela perda de sangue. Ninguém; mas os fardos que eu havia ordenado estavam empilhados fora do quarto, aguardando inspeção. Trouxe-os para dentro. O esforço causou um pequeno sangramento, de modo que descansei um pouco enquanto os vasos sanguíneos cicatrizavam outra vez. Então remexi nos pacotes e combinei os itens mais essenciais num único fardo. Meu arco e as flechas com ponta de vidro foram as únicas coisas que tirei do quarto; carregando o único fardo, caminhei com cuidado pelos corredores e escadas até o estábulo.

Quando passei pelo posto de sentinela fiquei aliviado por ver que não havia ninguém para me mandar parar. Alguns passos depois, percebi o que isso significava e girei rapidamente, puxando minha adaga ao mesmo tempo.

Mas não era um inimigo que estava ali. Saranna ficou sem ar quando viu o corte em minha garganta.

— O que aconteceu com você? — gritou.

Tentei responder, mas meu corpo ainda não havia reconstruído a laringe que eu perdera, de modo que tudo que pude fazer foi balançar a cabeça lentamente e colocar um dedo em seus lábios, para silenciá-la.

— Ouvi falar que você estava indo embora, Lanik. Leve-me você.

Virei as costas e fui até meus cavalos, que esperavam, recém-Calçados na oficina do carpinteiro. As ferraduras de madeira resvalavam suavemente no chão de pedra enquanto se movimentavam. Joguei o fardo sobre as costas de Himmler e selei o garanhão, Hitler.

— Leve-me com você — implorou Saranna. Voltei-me para ela. Mesmo se pudesse ter falado, o que teria feito? De modo que não disse nada, apenas beijei-a e, como precisava sair em silêncio e não podia persuadi-la a deixar-me ir sozinho, golpeei-a firme com o punho da adaga atrás da cabeça, e ela caiu levemente sobre o feno e a palha no chão do estábulo. Se não fosse uma Mueller, o golpe poderia tê-la matado. Do jeito que era, eu teria sorte se ela ficasse inconsciente por cinco minutos.

Os cavalos estavam quietos enquanto eu os trazia para fora do estábulo, e não houve mais nenhum incidente à medida que eu os levava até o portão. A gola alta da capa escondia o ferimento de minha garganta enquanto eu passava pelos guardas. Esperei ser parado ali, mas não. E fiquei imaginando por que fazia tanta diferença para Dinte se eu morresse ou abandonasse Mueller. De um modo ou de outro eu não estaria lá para tramar contra ele; e sabia que se algum dia tentasse voltar, uma centena de assassinos de aluguel me esperaria atrás de cada esquina. Por que ele se incomodara tentando matar-me?

Ao montar Hitler e guiar Himmler à luz suave de Discórdia, a lua rápida, quase ri. Apenas Dinte poderia ter estropiado tanto a tentativa de me matar. Mas à luz da lua logo esqueci Dinte, e recordei apenas Saranna, branca pela perda de sangue na lamentação por mim, caída no chão do estábulo. Soltei as rédeas e mergulhei as mãos sob a túnica para tocar meus seios, e assim lembrar os dela.

Então a lua vagarosa, Liberdade, ergueu-se no leste, lançando uma luz brilhante sobre a planície. Retomei as rédeas, e apressei os cavalos, de modo que a luz do dia me encontrasse longe do castelo.

Nkumai. O que eu encontraria lá? E será que eu ao menos me importava?

Mas eu era um digno filho de Ensel Mueller. Iria, veria, para que o Mueller pudesse, com sorte, conquistar.

Atrás de mim vi luzes acendendo-se no castelo; tochas corriam pelos muros. Haviam descoberto que eu me fora. Eu não podia contar que Dinte fosse inteligente o bastante para, mesmo agora, perceber que não havia sentido em matar-me. Finquei os calcanhares nos flancos de Hitler. Ele galopou, e segurei as rédeas com uma das mãos enquanto com a outra tentava aliviar a dor das sacudidas violentas do cavalo, cada uma fazia trepidar meu tórax, até que percebi que não sentia dor em meus seios. Nem no ferimento da garganta. A dor era mais profunda no tórax e na parte de trás da garganta, e chorei enquanto ia rápido para o leste — não em direção à estrada como eles certamente, sabendo de minha missão, iriam supor; não em direção aos inimigos circunvizinhos que ficariam felizes em dar abrigo a uma possível ferramenta em sua luta contra o imperialismo Mueller. Fui para o leste, para a floresta de Ku Kuei, aonde nenhum homem ia, e onde, portanto, nenhum homem pensaria em me procurar.

2 ALLISON

PLANÍCIE CULTIVADA partia-se em pequenos desfiladeiros e platôs cobertos de capim, e as ovelhas começavam a ficar mais comuns do que as pessoas. Liberdade ainda estava baixa no oeste, e o sol já ia avançado na manhã. Fazia calor.

Eu estava encurralado. Ainda que não visse ninguém no caminho atrás de mim, sabia onde se encontravam os perseguidores, caso houvessem (e eu precisava presumir que haviam): a sudeste de onde eu estava, guardando as fronteiras com Wong, e ao norte, patrulhando a fronteira comprida e hostil com Epson. Apenas a leste não havia guardas, porque ali os guardas não eram necessários.

Agora os platôs tornavam-se penhascos e cordilheiras, e eu seguia cuidadosamente a trilha para o leste. Os rastros de cem mil ovelhas haviam desgastado as trilhas, e aquela, especificamente, era bastante fácil de seguir. Mas algumas vezes o caminho se estreitava entre um penhasco erguendo-se à esquerda e um penhasco despencando à direita, e naqueles momentos eu desmontava e guiava Hitler, com Himmler seguindo docilmente.

Perto do meio-dia cheguei a uma casa.

Uma mulher estava à porta segurando uma lança com ponta de pedra. Era de idade mediana, os seios pendentes mas ainda cheios, quadris largos, barriga protuberante. Havia fogo em seus olhos.

— Desce desse cavalo e vai pra longe da minha casa, seu intruso desgraçado! — gritou ela.

Desmontei, apesar de não ver ameaça em sua lança idiota. Estava esperando convencê-la a me deixar descansar. Minhas pernas e costas doíam da cavalgada.

— Gentil senhora — disse com minha voz mais doce e desprovida de ameaça —, não tem nada a temer de minha parte.

Ela manteve a lança apontada para o meu peito.

— Metade das pessoas nessas Terras Altas foram roubadas dum tempo pra cá, e de repente todas as tropas foram com os arcos pro norte ou pro sul, caçando o filho do rei. Cume que eu vou adivinhar que cê não tem arma nem planeja me roubar?

Deixei cair minha capa e abri os braços. Naquela hora a cicatriz na garganta seria apenas uma linha branca, que estaria desaparecida ao meio-dia. Quando abri os braços meus seios elevaram-se embaixo da túnica. Os olhos dela se arregalaram.

— Tenho tudo de que preciso — falei —, só preciso de uma cama para descansar e roupas apropriadas. A senhora poderia me ajudar?

Ela moveu a ponta da lança e aproximou-se arrastando os pés. De súbito suas mãos moveram-se rapidamente e apertaram meu peito. Gritei de surpresa e dor.

Ela riu.

— Por que cê vem até a casa de gente honesta toda disfarçada e sem vestido? Entre, senhora, eu tenho um catre procê, se quiser.

Eu queria. Mas mesmo tendo enganado essa mulher e me feito conseguir uma cama, ainda me sentia profundamente envergonhado de minha transformação. Eu era um lobo, que deixavam entrar na casa porque me tomavam por um cão amigável.

A casa era maior por dentro do que parecia de fora. Então percebi que fora construída na entrada de uma caverna. Toquei a parede de rocha.

— É, dona, a caverna fica fresquinha no verão, e barra o vento direitinho no inverno.

— Imagino — concordei, deliberadamente deixando minha voz ficar ainda mais suave e aguda. — Por que estão caçando o filho do rei?

— Ah, criança, o filho do rei fez algum troço terrível, eu acho. A ordem chegou que nem vento hoje de manhãzinha. Devem estar botando toda a cavalaria do país atrás dele.

Eu estava espantado que o Pai tivesse permitido a Dinte me perseguir por tanto tempo, e suficientemente às claras para dizerem que era o filho do rei que estavam caçando.

— Será que eles não temem que o filho do rei tenha vindo para esse lado?

Ela dardejou um olhar rápido em minha direção. Pensei por um momento que tivesse adivinhado quem eu era, mas então ela disse:

— Cê não sabe que a três quilômetros daqui começa a floresta de Ku Kuei?

Tão perto. Fingi ignorância.

— E o que isso significa? Ela balançou a cabeça.

— Diz que nenhum homem nem mulher que entra nessa floresta sai vivo.

— E suponho que muito poucos saiam mortos.

— Eles não saem de jeito nenhum, senhora. Tome um pouco de sopa. Cheira que nem estrume de ovelha, mas é carne de carneiro de verdade, matei um na semana passada e tá na fervura esse tempo todo.

Estava boa e forte. Entretanto, cheirava mesmo como estrume de ovelha. Após alguns goles, me senti pronto para dormir e deixei a mesa. Fui para o catre que ela me indicou, no canto.

Acordei em meio à escuridão. Um fogo opaco crepitava na lareira, e vi a forma da mulher movendo-se de um lado para o outro no cômodo. Sussurrava um canto baixo com uma melodia monótona e linda como o mar.

— Tem letra? — perguntei. Ela não me ouviu, e caí de volta no sono. Quando acordei de novo havia uma vela no meu rosto, e a velha me olhava atentamente. Arregalei os olhos e ela recuou, um tanto embaraçada. O ar frio da noite me fez perceber que minha túnica estava aberta, meus seios nus, e me cobri.

— Desculpe, senhorinha, mas veio um soldado, veio procurando um moço de dezesseis anos chamado Lanik. Eu disse que ninguém assim veio nessa direção, e que só tinha eu e minha filha. E como o seu cabelo é cortado tão curtinho, senhora, tive de provar a ele que você era uma moça, né? Então abri sua túnica.

Concordei lentamente.

— Achei que cê podia não querer ser reconhecida pelo soldado, senhora. E outra notícia. Tive de soltar seus cavalos.

Sentei rapidamente.

— Meus cavalos? Onde estão?

— O soldado achou eles na estrada, longe, sem nada. Eu escondi suas coisas debaixo da minha cama.

— Por quê, mulher? Como poderei viajar agora? — Senti-me traído, ainda que, já naquele momento, suspeitasse que ela tivesse salvado minha vida.

— Cê não tem pés? E eu acho que agora cê não vai querer ir aonde os cavalos podem ir.

— E aonde a senhora pensa que estou indo? Ela sorriu.

— Ah, cê tem um rosto adorável, senhora. Bonito o bastante pra ser um garoto ou uma garota, e jovem e gentil como a criança de um rei. Feliz da mulher que a tenha por filha, ou do homem que o tenha por filho.

Fiquei quieto.

— Acho que não tem lugar pra você, a não ser a floresta de Ku Kuei. Ri.

— De modo que eu posso entrar e nunca sair?

— Isso — disse ela num sorriso — é o que a gente conta pra gente de fora e pra gente das terras baixas. Mas *a gente* sabe muito bem que uma pessoa pode entrar alguns quilômetros pra catar raízes e frutos e voltar em segurança. Apesar do que acontecem coisas esquisitas lá, e uma pessoa sensata fica nas beiradas.

Agora eu estava completamente acordado.

— Como a senhora sabia a meu respeito?

— Cê tem realeza em cada movimento que faz, em cada palavra que cê diz, garoto. Ou garota. O quê que cê é? Pouco me importa. Só sei que gosto muito pouco dos homens divinos da planície que acham que governam todo o povo Mueller. Se cê tá fugindo do rei, cê tem minha bênção e a ajuda da minha mão.

Eu nunca havia suspeitado que qualquer cidadão de Mueller pudesse sentir-se assim com respeito a meu pai. Agora isso era útil, mas fiquei imaginando como me sentiria com essa atitude caso ainda fosse herdeiro.

— Fiz um embrulho fácil de carregar. E botei comida e água. Espero que cê goste de carneiro frio.

Eu achava melhor do que passar fome.

— Não coma os frutos brancos dos arbustos parecidos com carvalhos, na floresta. Eles matam cê num minuto. E a fruta com calombos enrugados, nem toque nela, e tenha cuidado pra não pisar nos cogumelos amarelos cor de fumaça, se não eles empestam cê durante anos.

— Ainda não sei se estou indo para a floresta.

— E vai pra onde, se não for pra lá?

Levantei e caminhei até a porta. Discórdia estava alta e opaca, com nuvens em frente ao rosto. Liberdade ainda não havia nascido.

— Quando devo partir?

— Assim que Liberdade chegar — disse ela. — Então eu levo cê até a beirada da floresta, e lá cê fica até o sol nascer. Então cê entra. Vai na direção do leste mas cerca de um terço pro sul, até encontrar um lago. De lá dizem que a estrada pra segurança é pro sul, em direção a Jones. Não ande pelos caminhos. Não siga nenhuma forma de homem ou de mulher que cê tiver vendo. E não preste atenção a dia ou noite.

Trouxe uma roupa de mulher, de um baú, e me entregou. Era muito gasta e velha, porém modesta e virginal.

— É minha, se bem que duvido se caberia no meu velho cadáver, que inchou de gordura nesses últimos anos. — Riu e colocou-o em minha mochila.

Liberdade nasceu, e a mulher me guiou até a porta e através de um caminho não muito usado, que saía da casa em direção ao leste. Ela tagarelava enquanto seguíamos:

— Pra que toda essas tropas, afinal, eu fico me perguntando. Eles desembainham um pedaço de metal duro, enfiam no corpo dos outros, e depois o quê? Será que o mundo modifica? Os homens agora voam pra Fora do Mundo, será que nós, de Traição, ficamos livres com esse derramamento de sangue? Acho que nós somos que nem cachorros que brigam e matam por causa de um osso, e o que é que o vencedor ganha? Só um osso. E nenhuma esperança depois. Só o osso.

Então uma flecha zuniu para fora da escuridão cravando-se em sua garganta, e ela desabou morta na minha frente.

Dois soldados apareceram à luz da lua, com flechas em posição. Saltei para o lado no momento em que um deles disparava. Errou. O segundo me acertou no ombro.

Mas nesse momento minha mochila estava no chão. Enterraria adaga no coração do primeiro homem, e derrubei o outro com um chute. Havia modos de lutar que nunca eram ensinados às tropas.

Quando ambos estavam imóveis, cortei suas cabeças, para que não houvesse esperança de que se regenerassem e dissessem o que sabiam. Peguei o melhor dos dois arcos e todas as flechas com ponta de vidro, depois voltei para onde a mulher estava caída. Arranquei a flecha de sua garganta, mas vi que não estava absolutamente se curando. Um dos ramos mais antigos da família, então, pobre demais para fazer parte da cadeia de avanços genéticos que haviam resultado no domínio da autopreservação, como a família real, como as tropas.

E em monstros genéticos como as pessoas nas jaulas. Como eu.

Fiz a lamentação por ela, deixando pingar sangue de minha mão sobre seu rosto. Depois coloquei em sua mão a flecha que me havia ferido o ombro, para dar-lhe força no outro mundo, apesar de, pessoalmente, duvidar de que houvesse tal coisa.

As tiras da mochila roçavam contra meu ombro ferido, e a dor era forte, mas eu fora treinado para suportar a dor, e sabia que em pouco tempo estaria curado, assim como do ferimento na mão. Andei em direção ao leste, seguindo a trilha, e logo chegava à sombra das árvores negras de Ku Kuei.

A floresta apareceu súbita como uma tempestade, da luz brilhante de Liberdade para a mais profunda escuridão. As árvores pareciam eternas, desde a borda, como se há quinhentos anos (ou cinco mil, as árvores são grandes assim) algum grande jardineiro tivesse plantado um pomar exatamente *desse modo*, com as bordas nítidas e exatas seguindo o limite da propriedade.

Entretanto a floresta já era assim há três mil anos, quando as naves da República (o nome mentiroso dado à ditadura absoluta das classes servis, diziam as histórias) pegaram os rebeldes e suas famílias e jogaram no inútil planeta chamado Traição, onde ficariam exilados até que tivessem naves suficientes para ir embora. Naves, disseram numa gargalhada, sendo a prata o mais forte metal trabalhável no planeta.

Metal só podíamos comprar, e isso vendendo algo que eles quisessem. Durante séculos e séculos cada família poria algo no cubo brilhante de seu Embaixador; por séculos e séculos o Embaixador tomava aquilo... e devolvia. Até que tropeçamos num meio de explorar a agonia dos regenerativos radicais. Mas algumas famílias não tomaram parte na corrida para comerciar com nossos captores. Os Schwartz permaneceram secretamente em seu deserto, onde ninguém ia; os Ku Kuei viviam em algum lugar nas entranhas de sua floresta negra, nunca saindo e nunca sendo perturbados por forasteiros, que temiam os mistérios da floresta mais impenetrável do mundo. A margem da floresta fora sempre a fronteira leste de Mueller; e apenas naquela direção meu pai e seu pai jamais tentaram conquistar.

Estava frio e silencioso. Nenhum som de pássaro. Nem inseto, apesar de haver muitas flores no matagal aberto. Então o sol levantou-se e eu fiz o mesmo, dirigindo-me para a profundidade das árvores, para o leste, mas um terço em direção ao sul.

A princípio corria uma brisa matinal, mas depois ela desapareceu, e as folhas ficaram absolutamente imóveis. Os pássaros eram raros, e quando via algum era como se estivesse dormindo nos altos ramos, sem qualquer movimento. Nenhum animal pequeno se movia no chão, e fiquei imaginando se esse seria o segredo de Ku Kuei — que nada a não ser plantas vivessem ah.

Não podia ver o sol, portanto marcava a direção pelas árvores que estavam alinhadas, corrigindo de vez em quando. Leste e um terço para o sul, eu dizia e repetia, tentando não ouvi-lo na voz da mulher. Por que fizera a lamentação por ela, que eu não conhecia?

Caminhava havia horas e horas, parecia, e ainda era apenas de manhã, segundo a vaga direção da luz mais brilhante, onde eu supunha estar o sol. Caminhos corriam para a esquerda e para a direita, mas eu novamente seguia a voz da velha em minha memória, dizendo: "Não siga caminhos."

Comecei a sentir fome. Mastiguei um pouco de carne de carneiro. Encontrei frutos e comi, mas não os brancos.

Afinal minhas pernas estavam tão fatigadas que eu não conseguia colocar uma na frente da outra, e ainda era dia. Não podia entender meu cansaço. Nos treinamentos era frequentemente exigido que eu andasse a passo acelerado do nascer do sol ao entardecer, até o ponto

em que conseguia fazê-lo com pouco esforço. Haveria, então, algum elemento no ar da floresta, alguma droga que me enfraquecia? Ou teria o processo de cura de todos os meus ferimentos recentes tirado de mim mais do que eu esperava?

Não sabia. Larguei a mochila ao lado de uma árvore e dormi um sono longo e profundo.

Tão longo que quando despertei era novamente dia. Levantei-me e prossegui.

Novamente um dia de caminhada, e depois o cansaço enquanto o sol ainda estava alto. Dessa vez forcei-me a prosseguir, cada vez mais longe, até me tornar uma máquina. Estava alerta o suficiente para evitar enredar-me em raízes, para encontrar o caminho entre espaços apertados, para trepar sobre rochas, para escorregar com cautela pelas rampas de vales e ravinas, e depois subir pelo outro lado. Mas estava tão entorpecido com o esforço de ficar simplesmente acordado que não tinha consciência real de nada disso; cada obstáculo era esquecido assim que desaparecia do campo de visão. Sentia-me como se estivesse andando há dias, e o sol continuava alto.

A princípio o cansaço em tão pouco tempo causou-me profundo medo, de que o complexo de sintomas que marcavam um regenerativo radical incluísse uma espécie de distrofia geral — mas não podia ser isso, já que eu conseguia forças para continuar sempre, não conseguia? Eu não estava ficando fraco, já que certamente havia coberto alguma distância. Mas talvez os rads fossem infectados com a investida súbita de ataques de sonolência quase incontrolável. No entanto eu *estava* controlando, não estava? E os rads nas jaulas, apesar de se movimentarem com o langor do desespero, não pareciam *dormir* com mais frequência que outros homens, ou pelo menos ninguém dissera isso.

Então tive um pensamento que me deu algum conforto: a coisa estranha que me acontecia poderia não ser um produto da condição de meu corpo mas, em vez disso, advir da misteriosa floresta de Ku Kuei. Não seria possível que a floresta exsudasse alguma substância química que causasse o cansaço? Ou talvez apenas a ilusão de cansaço. Ou talvez todo um composto de drogas debilitantes no ar, causando alucinações, distorcendo meu senso de tempo, fazendo com que eu ansiasse por

dormir com tanto desespero quanto um homem anseia por água após três dias sem beber.

Isso explicaria por que Ku Kuei se tornara um local tão temido e odiado. E se um homem pudesse andar por aqui e ter seu sentido de tempo tão distorcido a ponto de pensar que teria andado quilômetros em apenas alguns minutos? Vencido pelo cansaço, poderia dormir 24 horas, depois levantar-se de novo, andar mais alguns metros, e cair pensando ter realizado o trabalho de um dia inteiro. Em pouco tempo o efeito cumulativo de todas essas substâncias químicas poderia se tornar fatal — diretamente, envenenando o homem, ou indiretamente, fazendo com que dormisse até morrer de desidratação.

Não era de se espantar que houvesse tão poucos animais selvagens. Talvez alguns pássaros se aclimassem ao ar venenoso, alguns insetos cujos cérebros fossem pequenos demais para ser afetados. Mas isso explicaria por que nada fora ouvido a respeito da Família Ku Kuei praticamente a partir da hora em que entraram nessa floresta, há três mil anos.

E aqui estava eu, apanhado nas malhas de alguma defesa natural da selva, e com igualmente poucas probabilidades de encontrar o caminho para a liberdade. Minha sentença fora a morte, afinal de contas, e não simplesmente o exílio. Minha carne seria consumida pelas bactérias e pelos pequenos insetos do solo da floresta; meus ossos iriam embranquecer e, depois de décadas, fazer-se em pedaços; tornar-me-ia, então, parte do planeta que chamávamos de Traição, contribuindo com o único metal que esse solo jamais guardaria, o metal das almas dos homens. Seria o meu um elemento macio e frágil? Ou iria tornar-me um lugar duro no solo da floresta; as raízes sugariam de mim um metal capaz de emprestar vigor a seus troncos maciços?

Esses eram meus pensamentos enquanto lutava para permanecer acordado. Por algum tempo creio que cheguei a sonhar enquanto andava, imaginando-me uma entre mil árvores marchando para dar combate aos perigosos soldados negros de Nkumai. E tal era a minha loucura que cheguei a me ver agitando vastos ramos para arrebatá-los os espadachins de Mueller de seus pés, e em seguida triturá-los a pó com minhas raízes irresistíveis.

Voltei a mim novamente, pensando estar mais sóbrio — e talvez, igualmente, mais furioso — com relação ao que essa floresta venenosa

pudesse implicar. Isso me fez perceber que, em três mil anos de vida nesse mundo, tudo que nós de Mueller pensamos foi em como fugir, como obter vastas quantidades de ferro para que pudéssemos construir uma espaçonave e escapar. Outras Famílias haviam despendido todos os seus esforços tentando convencer seus Embaixadores de que estavam arrependidos da rebelião dos antepassados e queriam retornar do exílio — afinal de contas, disseram em milhares de cartas diferentes, *nós* somos os octogésimos bisnetos daqueles que ameaçaram sua agradável República. Mas todas essas cartas bajuladoras voltaram rasgadas em tiras. Quem quer que estivesse do outro lado do Embaixador, controlando-o, não aprendera o perdão após três mil anos. Isso me fez imaginar se talvez os crimes de nossos ancestrais teriam sido de fato mais terríveis do que alegavam. Afinal de contas, as únicas histórias que possuíamos contavam a versão *deles* do que acontecera, e em *seus* relatos eles eram completamente inocentes. Mas não são todos os criminosos inocentes a seus próprios olhos? Será que todas as suas vítimas não mereceriam morrer, pelo menos em suas imaginações?

Por que, em todos esses anos, mantivemos nossos olhares na direção das estrelas, esperando escapar desse mundo e, em consequência, não aprendemos quase nada dos segredos que ele escondia? Antes de chegarmos, ele fora estudado apenas o suficiente para que se aprendesse duas coisas: primeiro, que era habitável — que, mesmo pequeno, Traição era suficientemente maciço para nos manter em um terço da gravidade do mundo onde os humanos haviam se desenvolvido, de modo que seríamos fortes, poderíamos correr nas pradarias e entre as árvores gigantes; e que a química básica da vida era suficientemente próxima da nossa de modo que, apesar de não podermos comer proveitosamente os animais nativos, nós e nossos animais poderíamos comer plantas nativas que nos sustentassem. Assim, mandar-nos para aqui era um verdadeiro exílio, e não uma sentença de morte. E, segundo, que uma quantidade tão pequena de metal estava suficientemente próxima à superfície que não valia a pena sequer tentar extraí-lo. Um mundo que não possuía o material que poderíamos usar na construção de uma escada para as estrelas.

Mas será que era realmente indigno, simplesmente por que não nos permitiria construir naves estelares? Esse mundo era um dos raros

a ter dado origem à vida. Será que ao menos compreendíamos por que a vida surgiu aqui, afinal de contas? Bastaria realmente saber que podíamos comer a vida vegetal? Não teríamos qualquer curiosidade sobre as diferenças entre a vida nativa e a química de nossos corpos? Havíamos aprendido o suficiente a nosso próprio respeito para criarmos monstros como eu, mas não havíamos aprendido o suficiente sobre esse mundo para dizermos verdadeiramente que vivíamos aqui. No entanto, logo na fronteira de Mueller havia um lugar onde as próprias árvores haviam aprendido o suficiente sobre *nós* para fazer o caminhante solitário morrer de sonhos entre suas sombras.

Todos esses pensamentos levavam a apenas uma conclusão: a certeza de minha morte. Ainda assim eles me enchiam de uma estranha excitação, um desejo de viver o suficiente para aprender mais sobre esse mundo. Eu tivera uma percepção importantíssima. Existia outro caminho para a liberdade além do ferro conseguido com os Embaixadores. Nós havíamos recebido um mundo inteiro, não é? Será que podíamos nos tornar livres deixando de pressionar o muro da prisão da gravidade e, em vez disso, voltando-nos para baixo e descobrindo o que está sob nossos pés; para os lados, descobrindo a vida nativa ao redor e aprendendo a sua sabedoria?

Foi essa excitação que me impulsionou. Cheguei a imaginar por um tempo se, nos momentos antes de minha morte, as plantas falariam a mim, não querendo com isso dizer que elas arranjariam vozes, claro, mas que seus venenos provocariam alguma visão luminosa que me diria o que esse mundo havia planejado para nós, intrusos, para nós, estranhos. Agora, enquanto me segurava nos troncos, apoiando-me e cambaleando no caminho pela floresta, pedi em silêncio às árvores que me falassem. Matem-me, se for necessário, mas não me deixem morrer sem conhecer meu vencedor.

Até que, afinal, não pude fazer com que minhas pernas prosseguissem. Elas desmontaram debaixo de mim, e era apenas o início da tarde, caso minha conjectura sobre a posição do sol estivesse correta. Quando cambaleei para a frente e despenquei sobre os joelhos, vi um brilho de luz azul à minha frente; chegara ao lago, enfim.

Não era tão largo que eu não pudesse ver a outra margem, distante e indistinta na neblina do vapor que se erguia invisível da superfície, mas era comprido o bastante para que eu não visse o fim em direção ao

norte ou ao sul. O sol estava ofuscante na água clara. E sim, só poderiam ser duas horas da tarde.

Deitei-me à beira d'água, adormeci, e acordei no dia seguinte no que parecia ser a mesma hora em que fora dormir.

Fiquei em desespero, mas também tive esperança. Pois eu *tinha* dormido, com certeza. Meus músculos doíam, minhas pernas pareciam de borracha, mas eu podia movimentar-me novamente, sentia o vigor refrescante que só poderia significar que eu tivera, se não todo o descanso de que precisava, pelo menos o suficiente para prosseguir. Acima de tudo, eu estava *acordado*. Os venenos no ar não me haviam levado à morte no sono.

Talvez fosse apenas porque me havia libertado das árvores e caído aqui, onde talvez a amplidão das águas clareasse o ar. Senti que era uma espécie de vitória, ter chegado a esse local. Pensei novamente no mapa de Traição que eu tinha na cabeça — uma das coisas que ficaram dos dias de escola, o mapa do mundo que datava das primeiras pesquisas orbitais, quando nossos ancestrais chegaram. Havia outros lagos, enfileirados a leste daqui. Se esse fosse de fato o lago mais a sudoeste, seguir diretamente em direção a leste me levaria ao maior deles, e acompanhando a margem sul e seguindo um grande rio até o lago mais a leste, eu estaria ao alcance das fronteiras de Allison.

Sabia que a ponta sul do lago era onde a mulher me dissera que eu devia virar para o sul. Mas Jones estava demais à sombra de Mueller; Dinte devia ter espiões lá, e o Pai certamente tinha — havia sempre a chance de que o Pai tivesse mudado de ideia e decidido que o bem de Mueller requeria minha morte.

Minha maior esperança, agora que havia provado poder superar a ameaça de Ku Kuei, era ir para o leste, abrir caminho em direção a Allison, apenas uma Família a oeste de Nkumai. Ali poderia completar a missão que o Pai me designara e, talvez, ao provar minha lealdade, conseguir o direito de ir para casa, ou pelo menos de viver sem o medo de que algum agente de Mueller viesse remover uma ameaça ao governo.

Fui para o leste, em direção a Nkumai, em direção ao sol nascente — isto é, nos dias antigos, quando ele costumava mover-se pelo céu. A jornada não se modificou em absoluto. A mesma confusão, a mesma exaustão — já que em cada marcha eu parecia cobrir tanto chão que,

pelo mapa que eu carregava na cabeça, deveria ter demorado dois dias inteiros de caminhada dura, e não as poucas horas que levava, considerando-se o sol. Inventei dúzias de novas explicações ou variações das antigas; cansei de tentar entender, e deixei que visões imaginárias de Saranna me empurrassem para a frente, recordando sua doentia lealdade a mim quando não havia esperanças de que estivéssemos juntos outra vez. Ao final eram apenas os pensamentos de assassinato que me podiam carregar no último trecho de floresta sem água para quebrar o veneno do ar — sonhei em matar Dinte; e, envergonhado de tais pensamentos com relação a meu próprio irmão, sonhei em matar a Turd. Imaginei que assim que ela confirmasse sua injúria mortal, seu feitiço mágico seria desfeito, e ela seria revelada como uma lesma gigantesca, bamboleante e gotejante, no chão do castelo, deixando atrás de si um rastro de pus grosso, secreções fétidas e gosma brilhante.

Comi os frutos que pude encontrar, e minha mochila estava havia muito vazia; meu corpo, que sempre fora musculoso, agora estava magro, e meus seios femininos, que haviam crescido macios e amplos com a dieta confortável de Mueller, estavam agora compactos, pequenos e duros, como o resto de mim. Isso tornou-os, de algum modo, mais fáceis de suportar, sabendo que tinham de responder às mesmas exigências que guiavam o resto de meu corpo. Rações escassas e trabalho duro afetaram-nos junto com o resto. Faziam parte de mim. Poderiam não ter sido bem-vindos quando apareceram, mas não era mais estranho tê-los.

Finalmente cheguei às árvores de casca acinzentada, finas e eriçadas, que me diziam estar perto... Allison das árvores brancas, de aurora e luz entre as folhas.

Quase de uma vez, com a mudança das árvores, os venenos pararam de provocar efeitos sobre mim. Ainda estava cansado — como é de se ficar quando se cobre mil quilômetros, o que deveria ter sido uma jornada de vinte dias mesmo para os passos firmes de um soldado em campo aberto, em apenas uma dúzia de marchas longas e terríveis. Soube então que, independente do que houvesse acontecido com a passagem do sol pelo céu, eu certamente cobrira o terreno que pensei ter coberto — que minha exaustão era tão excruciante quanto imaginei que fosse. De fato, se eu chegasse a viver para retornar a Mueller, e se

algum dia voltasse a ser uma pessoa aos olhos de Mueller, a canção que fariam a meu respeito certamente incluiria essa maravilhosa jornada através da floresta venenosa de Ku Kuei, cobrindo no que pareciam alguns dias, pela indicação do sol, e numa dúzia de marchas, o que demandaria de um homem bem suprido vinte dias; o que demandaria de um exército o dobro desse tempo. Se algum dia uma canção heróica fosse cantada a meu respeito, essa jornada seria o tema. Assim pensava na época, sabendo de tão pouco.

Agora, de qualquer modo, a loucura da viagem terminara; o sol fazia sua passagem normal, em seu ritmo normal, e eu podia, enfim, andar até o escurecer. De manhã, uma estrada. Voltei para o meio das árvores e troquei as roupas pelas de menina, que a mulher das Montanhas Altas me dera. Conteí minha fortuna: 22 anéis de ouro, oito anéis de platina e, para o caso de grande necessidade, dois anéis de ferro. Uma adaga na mochila.

Estava inseguro quanto ao que fazer em seguida. As últimas notícias que havíamos ouvido em Muller era que Nkumai estava atacando Allison. Teriam vencido? Estaria a guerra ainda assolando?

Fui até a estrada e andei para o leste.

— Ei, moça — disse uma voz suave mas penetrante atrás de mim. Virei-me e vi dois homens. Bem maiores do que eu (ainda não tinha todo o meu tamanho de adulto, apesar de ter aproximadamente essa altura desde os quinze anos). Eles pareciam rudes, mas suas roupas aparentavam ser os vestígios de um uniforme.

— Soldados de Allison, pelo que estou vendo — respondi tentando parecer alegre pelo encontro.

O que tinha uma bandagem na cabeça respondeu com um sorriso doentio:

— É, se é que ainda *tem* uma Allison, com os pretos tintos soltos pra governar.

Então os Nkumai haviam vencido, ou estavam vencendo.

O mais baixo, que não conseguia tirar os olhos de meus seios, entrou na conversa com uma voz que parecia enferrujada, como se por falta de uso:

— Você vai viajar com dois velhos soldados?

Sorri. Equívoco. Eles me haviam despido pela metade antes de perceber que eu sabia como usar a adaga e não estava de brincadeira. O

mais baixo fugiu, mas pelo jeito como sua perna sangrava não creio que tenha ido longe. O alto ficou caído de costas na estrada com os olhos virados para a testa, como se quisesse dizer: "E depois de tudo que vivi, tenho de morrer *assim*." Fechei os seus olhos.

Mas eles me tinham dado a entrada para a primeira cidade.

— Pela liga da mãe de Andy Apwit, moça, você parece meio morta!

— Não — disse eu ao homem na estalagem. — Meio estuprada, talvez.

Enquanto punha um cobertor sobre minhas costas e subia comigo as escadas, ele riu:

— Meio morta você pode estar, mas estupro é uma coisa de tudo ou nada, senhora.

— Fale isso para as minhas feridas — respondi. O quarto que ele me mostrou era pequeno e pobre, mas duvidei que houvesse algo muito melhor na cidade. Ele lavou meus pés antes de sair; um costume raro, e foi tão gentil que fazia cócegas insuportáveis, mas me senti muito melhor quando terminou. Um costume que poderíamos encorajar as classes mais baixas a adotar em Mueller, pensei no momento. Então imaginei Ruva lavando os pés de alguém, e ri.

— Qual é a graça? — perguntou ele, parecendo irritado.

— Nada. Eu sou de muito longe, e nós não temos um costume tão cortês como o de lavar os pés dos viajantes.

— Ia me danar se fizesse isso pra todo mundo. De onde você é, moça?

Sorri.

— Não estou certa sobre o procedimento diplomático apropriado. Digamos que sou uma mulher de uma terra onde as mulheres não estão acostumadas a ser atacadas na estrada... mas onde também não estão acostumadas a um cuidado tão gentil por parte de um estranho.

Ele baixou os olhos humildemente.

— Como diz o Livro: "Ao pobre dê conforto, limpeza, e melhores cuidados que ao rico." Mas só faço o meu dever, moça.

— Mas eu não sou pobre — eu disse.

Ele ergueu-se abruptamente. Apressei-me em tranquilizá-lo:

— Onde moro temos uma casa com dois cômodos. Ele sorriu condescendente:

— É, uma mulher de uma terra como essa sua pode muito bem chamar isso de conforto.

Quando saiu fiquei aliviado por haver uma tranca na porta.

De manhã recebi uma refeição de indigente na hora do café — maior do que a de qualquer outra pessoa da família. O estalajadeiro, sua mulher e seus dois filhos, ambos muito mais jovens do que eu, insistiram que eu não viajasse sozinho.

— Leve um dos meus garotos com você. Não gostaria que se perdesse no caminho.

— Não vai ser difícil, daqui, encontrar a capital? O estalajadeiro deu um olhar feroz: Você está zombando de nós? Estremeci, tentando parecer inocente:

— Como uma pergunta dessas poderia ser zombaria? A mulher acalmou o marido:

— Ela é estrangeira, e totalmente ignorante no Caminho.

— Nós aqui não vamos até a capital — informou-me um dos garotos, solícito. — Ela está perdida pra Deus, é sim, e a gente fica longe daquela ostentação.

— Então devo fazer o mesmo — falei.

— Além disso — disse o pai, aborrecido —, a capital certamente vai estar cheia de tintos.

Eu não conhecia a palavra. Perguntei.

— Os filhos pretos de Andy Apwit — respondeu ele. — De Inkumai.

Devia querer dizer Nkumai. Vitória para os negros, então.

Saí após o desjejum, as roupas remendadas com muito jeito pela mulher do estalajadeiro. O mais velho dos dois garotos me acompanhou. Seu nome era Sem-medo. Durante o primeiro quilômetro, aproximadamente, fiz perguntas sobre a sua religião. Eu lera sobre aquele tipo de coisa, mas jamais encontrara alguém que realmente acreditasse, afóra rituais funerários e cerimônias de casamento. Estava surpreso com as coisas que seus pais lhe haviam ensinado serem verdadeiras — ainda assim ele parecia disposto a ser obediente, e pensei que talvez houvesse um lugar para tais coisas entre as classes servis.

Afinal chegamos a uma bifurcação na estrada, com uma placa.

— Bom, daqui eu o mando de volta para o seu pai.

— Você não vai pra capital, vai? — perguntou ele, temeroso.

— Claro que não — menti. Então peguei um anel de ouro de minha mochila. — Você acha que a gentileza de seu pai ficaria sem recompensa? — Coloquei o anel em seu dedo. Seus olhos se arregalaram. Era suficiente, então, como pagamento.

— Mas você não era pobre?

— Quando cheguei, era — falei tentando parecer muito místico. — Mas depois dos presentes que sua família me deu, sou em verdade muito rica. Não conte isso a ninguém, e ordene o mesmo a seu pai.

Os olhos do garoto arregalaram mais ainda. Então ele girou e correu de volta pela estrada. Eu conseguira fazer bom uso das suas histórias, e acrescentara uma ao folclore de anjos que pareciam à primeira vista ser homens ou mulheres pobres, mas que detinham a glória de abençoar ou punir de acordo com o modo como foram tratados. De homem a mulher a anjo. Próxima transformação, por favor?

— Primeiro o dinheiro — disse o homem no balcão.

Mostrei um anel de platina, e imediatamente seus olhos se estreitaram.

— É roubado, sou capaz de jurar!

— Nesse caso estará cometendo perjúrio — retruquei com astúcia.

— Fui atacada por estupradores em uma de suas excelentes estradas, logo eu que vim como emissária. Meus guardas os mataram, mas foram mortos no processo. Devo continuar minha missão, e devo me vestir como uma mulher de nível.

Ele recuou.

— Perdão, senhora — Curvou-se. — De qualquer modo estou aqui para servir

Eu não ri. E quando deixei a loja estava vestida no estilo ostentatório, justo e revelador que me surpreendera quando o vira nas mulheres a caminho da cidade.

— Emissária de onde? — perguntou ele quando saí. — E para quem?

— De Bird — respondi. — E a quem quer que seja a autoridade aqui.

— Então encontre o tinto mais próximo. Porque nenhum branco tem posição aqui nesses dias, senhora, e todos os tintos de Inkumai

pensam que governam.

Meu cabelo louro-claro atraiu alguns olhares na rua, mas prossegui em direção aos estábulos, tentando ignorar os homens que me olhavam, usando os modos insolentes das prostitutas de alta classe de Mueller quando ignoram os homens pobres demais para pagar por seus serviços.

Aquele foi o círculo completo de minha transformação. Homem, monstro, mulher, anjo, e agora prostituta. Ri. Não me surpreenderia com mais nada.

Fui com um anel de platina e não recebi troco, mas o coche que o cavaliariço estava prendendo pertencia a mim. A capital de Allison ainda estava a muitos quilômetros dessa cidade, e eu precisava chegar com requinte.

Um trovão de ferraduras de madeira na estrada de pedra. Abri a porta do estábulo e saí. Uma dúzia de cavalos a passo matraqueava pela rua, fazendo um ruído ensurdecedor. Mas eu não tinha olhos para os cavalos. Em vez disso, olhava os cavaleiros.

Eram tão altos quanto eu — mais altos, de fato: pelo menos dois metros. E muito mais pretos do que qualquer Cramer que eu já vira. Tinham narizes estreitos, não como os largos e chatos dos negros que eu conhecera antes. E cada um deles carregava uma espada de ferro e um escudo com travas de ferro.

Mesmo em Mueller não equipávamos nossos soldados comuns com ferro até o momento da batalha. Quanto metal teriam os Nkumai?

O cavaliariço cuspiu.

— Tintos — disse atrás de mim.

Mas o ignorei e caminhei para a rua, erguendo um braço em saudação. Os soldados Nkumai viram-me.

Quinze minutos mais tarde eu estava despido até a cintura e atado a um poste no meio da cidade. Decidi que ser uma mulher não era de grande ajuda, como poderia parecer. Um fogo ardia perto, e um ferro de marcar já estava em brasa.

— Magra, essa aqui — disse um dos soldados. Ele estava acariciando o próprio cotovelo. Eu poderia ter esmagado o osso de modo que ele nunca usaria o braço novamente. Poderia colocar a mão em sua garganta e ele cairia morto no chão sem ter ao menos tempo de ver a vida passando em sua frente. Mas isso teria comprometido meu

disfarce. Agora, em pé e de seios desnudos, esperando a tortura, me ocorreu que meu disfarce não duraria muito caso os ferimentos começassem a sarar diante dos olhos deles.

— Fique quieta — disse o capitão da tropa numa voz melíflua e educada. — Você sabia que deveria se registrar há três semanas. Isso não vai doer.

Olhei ferozmente para ele.

— Solte-me desse poste ou você pagará com sua vida. — Era difícil manter a voz aguda e feminina, e soar como se minha ameaça fosse apenas bravata, quando de fato eu tinha certeza de poder matá-lo em três segundos se pudesse soltar as mãos; em trinta, caso continuasse amarrado.

— Sou uma emissária — disse pela décima vez desde que me haviam prendido. — De Bird..

— Você já falou — respondeu ele, suavemente, e dirigiu-se ao soldado que estava esquentando o ferro de marcar. Estavam calmos demais. Queriam que isso fosse um espetáculo que durasse algum tempo. Minha única esperança era de provocar-lhes raiva, de modo que me machucassem muito, e depressa. Talvez assim a punição fosse rápida, e eles carregassem para longe o que pensariam ser meu cadáver.

Eu não precisava fingir raiva, claro. Em Mueller marcávamos apenas ovelhas e gado. Mesmo nossos escravos permaneciam sem marcas. De modo que quando o sorridente Nkumai trouxe o ferro incandescente para próximo de meu estômago, rugi de fúria — esperando que minha voz, de alguma forma, soasse feminina — e chutei sua virilha com força suficiente para castrar um touro. Ele berrou. Percebi rapidamente que o chute havia rasgado minha saia. Então o capitão bateu em minha cabeça com o lado da espada, e apaguei.

Acordei pouco depois num cômodo escuro sem janelas — apenas um pequeno buraco no teto para entrada de luz e uma pesada porta de ferro. Minha cabeça doía apenas um pouco, e temi ter ficado inconsciente por tanto tempo que minha cura rápida tivesse mostrado a verdade. Mas não, havia sido só alguns minutos. Meu corpo ainda estava apenas meio curado da surra que deviam ter-me dado depois que desmaiei.

Eram tropas disciplinadas. Mesmo irados, não tentaram me violentar — eu estava do mesmo modo, despida até a cintura mas, pelo

resto, ainda coberta. Rapidamente puxei a blusa rasgada para o lugar, ainda ostentatória mas não mais deslumbrante. Era tão justa que não havia esperança de fechá-la novamente ou mesmo de trespassá-la, mas todos os ferimentos estavam nas minhas costas, e o rasgo era na frente, de modo que atendeu suficientemente aos propósitos — servindo à minha necessidade, não de modéstia, mas de ocultação das feridas.

Alguém bateu timidamente à porta.

— Vim tratar dos ferimentos, madame — disse uma voz suave de menina.

— Vá embora! Não toque em mim! — Tentei soar inflexível, mas provavelmente terminei sendo meramente histérico. Se a pseudo-enfermeira era de Nkumai ou de Allison, não fazia diferença. Quando visse ferimentos que pareciam ter dias, em vez de minutos, todas as suposições surgiriam. Mesmo na possibilidade improvável de que não tivessem ouvido rumores sobre os poderes regenerativo dos Mueller, saberiam que *algo* estranho estava acontecendo. Haveria um exame completo, e mesmo se me castrasse antes, perceberiam que minha anatomia era um tanto confusa.

A menina falou novamente, e outra vez ordenei que fosse embora, dizendo dessa vez que uma mulher de Bird não permitia que uma pessoa estrangeira tocasse em seu sangue. Novamente eu estava improvisando algum tipo de baboseira cultural para atender a minhas necessidades presentes, mas eu havia estudado folclores e rituais na escola e me dedicado ao tema um pouco mais do que requeria o currículo — o suficiente para ter uma percepção, talvez, do tipo de coisas que fossem sagradas ou tabu em outros lugares. Sangue de mulheres — primariamente o menstrual, mas se estendendo a todo o sangue feminino — tinha mais probabilidade de ser revestido de santidade ou temor do que mesmo os corpos dos mortos.

Fosse por um tabu local sobre mulheres sangrando ou pela histeria em minha voz, a menina foi embora, e novamente fiquei esperando no cômodo abafado. O formigamento nas minhas costas dizia que os ferimentos estavam completamente curados, com casca ou cicatrizados. Comecei a procurar modos de fugir sem usar a porta, tentando lembrar a disposição da vila fora do cômodo, com o objetivo de planejar a arremetida mais rápida possível em direção à liberdade.

A porta abriu-se em suas pesadas dobradiças de madeira, e um homem negro vestido com uma túnica branca entrou. Não trazia qualquer unguento, de modo que, aparentemente, eu havia alcançado meu objetivo. Ele me estendeu outra túnica, leve e azul.

— Por favor — disse —, venha para fora. Peguei a túnica. Ele se virou e fechou a porta.

Tirei as roupas de Allison, que estavam parecendo lixo, joguei a túnica sobre minhas costas e ombros recém-curados e amarrei na frente. Senti-me mais confiante, menos vulnerável. Abri a porta e caminhei para fora, piscando na luz. O homem de túnica branca estava a dois passos da porta.

— Exijo ser libertada.

— Claro — respondeu ele —, e espero que a senhora continue sua jornada para Nkumai.

Não fiz qualquer esforço para esconder minha descrença na sinceridade de seu convite.

— Temia que a senhora se sentisse assim, mas peço que desculpe nossos soldados ignorantes. Temos orgulho de nosso aprendizado em Nkumai, mas sabemos muito pouco sobre as nações além de nossas fronteiras. Os soldados sabem menos ainda, claro, do que *nós*.

— Nós?

— Sou um professor — disse ele. — E fui mandado para solicitar seu perdão e pedir que continue o caminho até nossa capital. Quando o capitão requisitou permissão para levá-la à morte por ter mutilado um de nossos soldados, falou que a senhora dizia ser uma emissária de Bird. Para ele, a ideia de uma mulher numa embaixada é absurda. Ele é de um lugar muito baixo na árvore, onde o verdadeiro potencial de uma mulher nem sempre é reconhecido. Mas sei que Bird é governado por mulheres, muito sabiamente, pelo que me contaram, e percebi de imediato que sua história deveria ser verdadeira. — Ele sorriu e abriu as mãos: — Não posso esperar desfazer o que nosso oficial, em sua ignorância, fez. Ele foi, é claro, baixado de posto, e as mãos que lhe bateram foram cortadas.

Assenti. Aquilo era provavelmente o mínimo que eles podiam fazer e ainda parecerem sérios sobre punições. Mas eu também sabia que havia causado algum dano.

— O homem que chutei — falei. — Espero que a punição tenha sido suficiente.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Ele não pensa assim. A senhora deve entender: ser castrado por um único chute de uma mulher amarrada... não poderia suportar a vida com uma história assim em seu nome.

Novamente assenti como se tivesse entendido completamente.

— E agora, deixe-me, por favor, acompanhá-la a Nkumai, onde talvez sua embaixada ainda possa ser oferecida.

— Imagino se nosso desejo de procurar aliança com Nkumai era sensato, afinal de contas. Tínhamos ouvido a seu respeito como um povo civilizado.

Ele pareceu angustiado por um momento, mas depois sorriu impotente.

— Nem tanto. Ainda não somos civilizados. Mas estamos ao menos tentando, o que é mais do que pode ser dito de muitos povos aqui no leste. No oeste, tenho certeza, as coisas são diferentes.

Nesse ponto pensei que ainda podia recuar, sair de Allison sem maiores envolvimento com Nkumai, e dali desaparecer de Traição, pelo menos quanto ao que dizia respeito a Mueller. Mas, pelo bem ou pelo mal, ainda estava determinado a cumprir minha missão e descobrir o que estavam vendendo a seu Embaixador que lhes dava ferro em maiores quantidades que nossos corpos compravam para Mueller. De modo que disse palavras que reabririam a possibilidade de negociação.

— Existem bárbaros em todos os quadrantes do mundo, e talvez em tempos difíceis devamos ser amigos dos que desejam civilizar-se com o objetivo de proteger-se dos que desdenham o refinamento da lei ou da cortesia.

— Então será bom, na verdade, que a senhora converse com os que estão no poder em Nkumai — disse ele.

Assenti gentilmente, e aceitei seu convite. Apesar disso, quando entramos na sua carruagem e partimos para o leste em direção a Nkumai, tive o sentimento nauseante de ter sido apanhado num redemoinho, e de já estar tão envolvido que seria sugado; agora não podia sair mais.

Mudávamos de cavalos diariamente, íamos a boa velocidade, e ainda assim paramos para dormir mais do que uma dúzia de vezes pelo caminho. Meu guia apontava curiosidades botânicas e zoológicas, e contou algumas histórias e lendas que fizeram pouco sentido para mim no momento, mas que depois ficaram mais claras à medida que eu aprendia mais sobre os costumes dos Nkumai. Também contou histórias de batalhas, e percebi que cada história parecia terminar com um sermão sobre como era impossível vencer os Nkumai numa batalha.

Ele tinha o cuidado, entretanto, de não me ofender. Eu sempre recebia um quarto privativo nas estalagens de Allison, e apesar de ter guardas à minha porta, eles não faziam qualquer menção de me impedir ou mesmo seguir-me quando eu deixava meus aposentos e me aventurava na sala comum, ou mesmo do lado de fora, para uma caminhada. Estavam ali claramente para me proteger, e não para me confinar.

Então as árvores brancas de Allison rarearam, substituídas por outras mais altas que disparavam para cima por centenas e centenas de metros. Ao final a estrada coleava entre árvores gigantes que faziam mesmo as mais antigas de Ku Kuei parecerem irrisórias. Não parávamos mais em estalagens; em vez disso, dormíamos ao lado da carruagem ou debaixo dela quando chovia, o que parecia acontecer quase diariamente.

Até que um dia, no início da tarde, o professor Nkumai fez sinal para que o cocheiro parasse.

— Cá estamos — disse.

Olhei ao redor. Não podia ver diferença entre esse lugar e qualquer outra parte da floresta que parecia tão imutável havia dias e dias de jornada.

— Onde estamos? — perguntei.

— Nkumai. A capital.

Então segui seu olhar para cima e vi o mais intrincado e inteligente sistema de rampas, pontes e construções suspensas nas árvores até onde a vista alcançava, para cima e para os lados, em todas as direções.

— Inexpugnável — comentou ele.

— Uma maravilha — respondi. Não comentei que um bom incêndio poderia varrer a coisa toda em meia hora. Fiquei feliz por não ter comentado. Porque dentro de instantes o dilúvio cotidiano veio, e

dessa vez eu não estava dentro nem embaixo da carruagem. Fomos imediatamente ensopados como se tivéssemos mergulhados no mar. Os Nkumai não fizeram qualquer menção de procurar abrigo, de modo que eu também não pude.

Depois de apenas alguns minutos a chuva parou, e ele virou-se para mim e sorriu.

— Ela vem assim praticamente todo dia, frequentemente duas vezes por dia. Se não fosse isso poderíamos temer um incêndio. Mas do modo como é, nosso único problema é manter a turfa seca o bastante para acender e cozinhar.

Sorri de volta e concordei:

— Vejo que isso pode ser um problema. — Obviamente ele havia adivinhado minha observação sobre a vulnerabilidade da cidade ao fogo, e queria que eu entendesse pela experiência direta como o fogo seria uma arma inútil contra eles.

O chão era lama com quinze centímetros de profundidade, o que tornava o caminhar muito pouco saudável, e eu estava surpreso pelo fato de eles não fazerem qualquer esforço para criar algum caminho de pedras ou troncos no lugar da estrada; mas logo encontramos uma escada de corda e fomos balançando pelo ar. Não toquei o chão novamente por semanas.

3 NKUMAI

— SENHORA GOSTARIA de descansar? — perguntou ele, e pela primeira vez eu estava feliz por aparentar ser mulher, porque a plataforma era uma ilha de estabilidade num absurdo mundo de escadas de cordas balouçantes e súbitas rajadas de vento. O filho do Mueller jamais poderia ter admitido querer descansar. Mas uma dama emissária de Bird não perdia a pose quando repousava.

Deitei na plataforma e, por alguns momentos, pude ver apenas o ainda distante telhado verde acima de mim e fingir que estava em solo firme.

— Você não parece muito cansada — comentou meu guia. — Não está sequer respirando pesado

— Ah, eu não queria descansar por causa da exaustão. Estou simplesmente... desacostumada com essas alturas.

Ele inclinou-se casualmente sobre a extremidade da plataforma e olhou para o chão.

— Bom, estamos apenas a oitenta metros do solo, agora. Um longo caminho para se cair.

Suprimi um suspiro.

— Para onde você está me levando?

— Para onde você quer ir? — contrapôs ele.

— Quero ver o rei.

Ele soltou um risinho, e fiquei imaginando se uma dama de Birdveria consideraria uma afronta o fato de alguém rir na sua Decidi

ficar ligeiramente aborrecido.

— Isso é engraçado?

— É claro que você não espera realmente ver o *rei*, senhora, Disse isso com um sorriso afetado, mas eu tinha prática suficiente para humilhar os que ousavam condescender comigo. Sabia como fazer minha voz soar como se tivesse envelhecido todo o inverno dentro de gelo.

— Então o seu rei é invisível. Que interessante. Seu sorriso desbotou um pouco.

— Ele não se encontra com o público, é só isso que eu queria dizer.

— Ah! Em países civilizados os emissários recebem a cortesia de uma audiência com o chefe de Estado. Mas, em seu país, imagino que as embaixadas estrangeiras devam contentar-se em subir nas árvores e visitarem-se umas às outras.

Seu sorriso desaparecera. A cortesia estava indo embora, e ele não estava gostando.

— Não recebemos muitas embaixadas. Até recentemente as nações vizinhas nos olhavam como "macacos que vivem em árvores", creio que seja essa a expressão. Apenas ultimamente, quando nossos soldados começaram a fazer um barulhinho no mundo, os emissários começaram a aparecer. De modo que talvez não estejamos totalmente a par de todos os costumes das nações "civilizadas".

Fiquei imaginando o quanto de verdade havia naquilo. Na grande planície do Rio Rebelde, cada nação vinha trocando embaixadas com cada outra desde que as Famílias dividiram pela primeira vez o mundo. Mas se Nkumai havia se voltado para fora o suficiente para sair fazendo conquistas, certamente havia também aprendido como lidar com emissários de muitas nações.

— Temos apenas três emissários nesse momento, senhora. Tivemos muitos outros, mas é claro que o emissário de Allison é agora um servo leal do rei, enquanto que os de Mancowicz, Parker, Underwood e Sloan foram mandados para casa porque pareciam muito mais interessados em nosso Embaixador do que em promover boas relações com Nkumai. Agora apenas Johnston, Cummings e Dyal têm embaixadas aqui. E como somos muito econômicos com relação ao espaço habitável, tivemos de acomodá-los juntos. Temo que sejamos gente do fim do mundo. Muito provincianos.

E você está exagerando um pouco, comentei em silêncio. Mas, independente de sua pouca sutileza, eu recebera o aviso. Eles estavam alertas ao que a maioria dos emissários estariam procurando, incluindo, muito particularmente, eu. De modo que precisaria ser cuidadoso.

— Entretanto — falei. — Estou aqui para ver o rei, e se não há esperança disso, devo voltar para casa e dizer a meus superiores que Nkumai não tem interesse em estabelecer boas relações com Bird.

— Ah, há uma *chance* de que você veja o rei. Mas terá de fazer um requerimento ao departamento de serviço social, e onde isso irá levá-la, quem pode dizer? — Sorriu fracamente. Não éramos amigos.

— Podemos ir? — sugeriu ele.

Avancei com cautela para a escada de corda que ainda balançava suave na brisa, ancorada frouxamente na plataforma por uma corda fina amarrada a um poste baixo.

— Aí, não — disse ele. — Estamos indo em outra direção. — E correu para fora da plataforma, sobre um dos galhos. Se for possível chamá-los de galhos... nenhum deles com menos de dez metros de grossura.

Caminhei vagorosamente até o lugar onde cie subira para o galho. Havia alguns tênues suportes para as mãos, que mais pareciam ter sido feitos por desgaste do que cortados na madeira. Ergui-me, desajeitadamente, da plataforma para o lugar onde meu guia esperava impaciente. Naquele ponto o galho era um pouco mais nivelado, e depois erguia-se oblíquo até sumir na distância, cruzado por ramos de outras árvores.

— Tudo bem? — ele perguntou.

— Não — respondi. — Mas vamos.

— Vou andando por enquanto, até que você esteja mais acostumada com o caminho das árvores. — Então me fez uma pergunta que pareceu deslocada, depois de tantos dias de viagem juntos: — Qual é o seu nome, senhora?

Nome? É claro que eu me preparara com um nome, lá em Allison. Mas nunca havia surgido ocasião de usá-lo, e agora tinha desaparecido de minha mente. Não consigo lembrar, mesmo hoje, que nome escolhera antes. E como minha confusão no momento era óbvia, não havia como inventar outro sem levantar suspeitas. De modo que

novamente lancei mão de um pretenso costume para cobrir minha necessidade momentânea. Eu esperava sinceramente que o governo de Bird não escolhesse aquele momento para mandar uma emissária verdadeira, já que duvidava que tal mulher desejasse seguir o roteiro que eu havia improvisado. E se Nkumai fosse tão eficiente quanto Mueller, e mandasse espiões para aprender mais sobre a nação que mandasse uma embaixada, meu pequeno tecido de mentiras iria se descosturar sem demora.

— Nome, senhor? — disse eu, cobrindo minha confusão com arrogância. — Ou o senhor não é um cavalheiro ou não pensa que eu seja uma dama.

Ele pareceu momentaneamente confuso. Depois riu.

— Deve me perdoar, senhora. Os costumes variam. Em minha terra só as mulheres *têm* nomes. Os homens são chamados apenas por suas funções. Eu sou, como lhe disse, Professor. Mas não quis desrespeitá-la.

— Ótimo — desculpei-o bruscamente. O jogo estava ficando divertido, tentando conseguir alguma superioridade sobre ele numa situação em que eu poderia ser apenas inferior, exatamente como imaginava que uma genuína mulher diplomata poderia se ver forçada a fazer. Isso quase me fez esquecer o fato de que, apesar de o caminho por onde seguíamos não ser mais difícil do que subir um morro íngreme, esse morro era um grosso tronco de árvore que descaía bruscamente dos dois lados, e se eu desviasse do caminho ver-me-ia arremessado lá embaixo. Não ousava olhar e não conseguia adivinhar a distância mas, perversamente, não podia resistir a saber. — Quantos metros até o chão?

— Neste lugar eu diria que cerca de cento e trinta, senhora. Mas não tenho muita certeza. Nós não costumamos medir. Uma vez que se está suficientemente no alto para que se morra na queda, não importa de fato qual é a distância do chão, não é? Mas posso dizer quanto mais temos de subir.

— Quanto?

— Cerca de trezentos metros.

Fiquei sem ar. Eu conhecia árvores que podiam crescer a alturas fenomenais em Traição — não tinha andado em Ku Kuei? —, mas certamente naquela altura os ramos seriam fracos e finos demais para sustentar-nos.

— Aonde estamos indo? Por que tão alto?

Ele riu novamente, e dessa vez não fez esforço para esconder seu prazer com o fato de eu não gostar de altura. Talvez fosse seu jeito de me devolver o pequeno problema com os nomes, e por todas as outras desconsiderações que eu havia demonstrado com relação a ele e a seu país durante a viagem.

— Estamos indo ao lugar onde a senhora vai viver. Pensávamos que apreciaria visitar o topo. Poucos forasteiros já o fizeram.

— Eu vou *viver* no topo?

— Bom, não podemos acomodá-la apropriadamente com as outras embaixadas, não é? Eles são homens. Nós somos *um pouco* civilizados. De modo que Mwabao Mawa consentiu em ficar com a senhora.

Nossa conversa interrompeu-se enquanto ele corria rapidamente por uma ponte de cordas, usando apenas ocasionalmente as mãos. Parecia fácil, particularmente porque o piso da ponte era de madeira. Mas quando pisei ela balançou, e quanto mais longe eu chegava, pior era o balanço. No ápice de cada oscilação podia ver os troncos das árvores despencando até um chão tão distante que eu não conseguia ter certeza de onde, exatamente, ele estava, na sombra espessa. Afinal, perdi o controle e vomitei, talvez no ponto central da ponte. Mas depois me senti melhor e completei a travessia sem outro incidente. E a partir disso, já que estava absolutamente coberto de vergonha, não fiz qualquer tentativa de fingir não ter medo — e percebi que, daí em diante, ficava mais fácil suportar. Meu guia, Professor, ficou também mais prestativo e me conduziu a um passo mais lento. Algumas vezes fiquei mais do que desejoso de apoiar-me nele.

Quando finalmente chegamos ao nível em que as folhas cresciam — leques gigantes com cerca de dois metros de largura — baixou-me a percepção de que, mesmo que eu descobrisse o que Nkumai estava vendendo ao Embaixador em troca de ferro, isso nos seria de pouca utilidade. Como poderiam os homens nascidos no chão, moradores nas planícies de Mueller, sequer invadir, quanto mais conquistar um povo desses? Os Nkumai simplesmente puxariam suas escadas de corda e debochariam. Ou jogariam pedras mortais. E o medo das alturas certamente incapacitaria outros Mueller além de mim. Podemos ter-nos ensinado a separar o medo da dor, mas cair era outra coisa completamente diferente. Além disso, eu não tinha como saber se uma

queda dessas alturas poderia causar mais dano a um Mueller do que seu corpo pudesse curar a tempo de salvar-lhe a vida. Os peixes seriam capazes de encetar uma guerra contra os pássaros tanto quanto Mueller de enfrentar Nkumai aqui em suas árvores.

A não ser, claro, que descobríssemos algum modo de treinar os soldados Mueller a enfrentar a altura. Talvez pudessem praticar em plataformas artificiais, ou nas árvores de Ku Kuei. Eu poderia ter seguido essa ideia mais longe, não fosse constantemente distraído pela necessidade de conseguir equilíbrio para não despencar de cabeça no chão.

Finalmente caminhamos com cuidado por um galho estreito até uma casa bastante complexa — se bem que eu, de fato, tê-la-ia considerado simples em Mueller. Professor falou suave mas de forma penetrante:

— Da terra para o ar.

— E para o ninho, Professor. Entre. — A voz rouca porém linda de Mwabao Mawa guiou-nos até a casa.

A casa consistia basicamente em cinco plataformas, cada uma não muito diferente, sob os pés, daquelas em que eu já descansara, se bem que duas fossem um pouco maiores. Entretanto tinham tetos de folhas, e um sistema bastante complicado de recolhimento de toda a água do telhado em barris que ficavam nos cantos dos cômodos.

Caso pudessem ser chamados de cômodos. Cada plataforma era um cômodo separado. E eu não podia detectar uma sugestão de parede em qualquer lugar. Apenas cortinas de pano vivamente colorido penduradas da linha do teto até o chão. A brisa abria facilmente as paredes.

Escolhi ficar no centro da plataforma.

Mwabao Mawa era, de certo modo, decepcionante. Devia ter sido linda, pela voz, mas não era — pelo menos não por qualquer padrão de beleza que eu jamais conhecera — nem mesmo pelos padrões Nkumai. Mas era alta, e seu rosto, apesar de pouco amável, era expressivo e vivaz. Quando digo alta, a palavra não expressa a verdade: em Nkumai, praticamente todo mundo é pelo menos tão alto quanto sou agora, e em Mueller estou bem acima da média. Naquela época, claro, eu ainda não tinha minha altura total, e como entre os Nkumai Mwabao Mawa era

altíssima, vi-a como gigante. No entanto movia-se graciosamente, e não me senti intimidado. Senti-me, de fato, protegido.

— Quem você me trouxe, Professor?

— Ela não disse o nome. Um cavalheiro, parece não pergunta a uma dama.

— Sou a emissária de Bird — falei, tentando soar impressionante sem ser pomposa —, e para outra dama direi meu nome. — Nesse ponto eu já havia, claro, escolhido um novo nome, e daquele momento até o final de minha estada em Nkumai fiquei sendo Lark. Era o mais perto que eu podia chegar de Lanik e continuar plausível como uma mulher de Bird.

— Lark — disse Mwabao Mawa, fazendo com que o nome soasse musical. — Entre.

Pensei que já havia entrado.

— Aqui — disse ela, instantaneamente tentando aliviar minha confusão.

— E você, Professor, pode ir.

Ele virou-se e saiu, correndo facilmente pelo galho fino que tanto me havia apavorado. Percebi que ele obedecera como se Mwabao Mawa tivesse grande autoridade, e ocorreu-me que talvez um disfarce de mulher não representasse aqui a vantagem que havia sido em Allison.

Segui Mwabao Mawa através da cortina pela qual ela surgira. Não havia um caminho: apenas um espaço de cerca de metro e meio até o próximo cômodo. Errar o pulo seria encontrar o chão. Não era exatamente um salto de quebra de recorde, mas as competições de salto em Mucller não oferecem qualquer penalidade por deixar de alcançar o objetivo além do escárnio dos observadores.

Dessa vez as cortinas das paredes eram suaves e mais escuras, e o chão não era, graças aos céus, um plano ininterrupto. Descia em dois degraus até uma grande arena central, com almofadas espalhadas de forma generosa. Ao descer descobri que meus olhos queriam acreditar que eu estava cercado por paredes reais, e relaxei.

— Sente-se — disse ela —, este é o cômodo onde relaxamos. Onde dormimos à noite. Tenho certeza de que Professor ficou se exibindo pelo caminho até aqui. Mas não somos imunes ao medo de altura. Todo mundo dorme num cômodo como esse. Não gostamos da ideia de rolar para fora no meio de um sonho.

Ela deu um riso rico e grave, mas não a acompanhei. Apenas me recostei e deixei o corpo tremer, liberando a tensão acumulada na subida.

— Meu nome é Mwabao Mawa. E devo contar quem sou. Você irá sem dúvida ouvir histórias a meu respeito. Correm rumores de que sou amante do rei, e não faço nada para desencorajá-los, uma vez que isso me dá um poderzinho. Também correm rumores de que sou assassina... e esses são ainda mais úteis. A verdade é, claro, que sou apenas uma anfitriã consumada e uma grande cantora. Talvez a maior que jamais viveu numa terra de cantores. Também sou vaidosa — disse, sorrindo. — Mas acredito que a verdadeira humildade consiste em reconhecer a verdade acerca de si mesmo.

Resmunguei, concordando, contente por desfrutar do calor de sua conversa e da segurança do piso. Ela continuou falando e cantou algumas canções. Quase não me lembro de nada da conversa. Recordo ainda menos detalhes das canções mas, apesar de não entender as letras e não detectar qualquer melodia em particular, as canções me transportaram para minha imaginação, e quase pude ver as coisas que ela cantava — apesar de não saber sobre o quê cantava. Ainda que acontecimentos terríveis tenham ocorrido desde então, e que eu próprio tenha silenciado a música de Mwabao, seria capaz de desistir de muita coisa para poder ouvir novamente aquelas canções.

Aquela noite ela acendeu uma tocha em frente à sua porta principal e me disse que apareceriam visitas. Mais tarde fiquei sabendo que uma tocha queria dizer que a pessoa desejava receber visitantes, um convite aberto a todos que pudessem ver o brilho na noite. Era uma medida do poder de Mwabao Mawa sobre as outras pessoas (ou, menos cinicamente, da devoção e deleite que tinham por ela) que, sempre que punha a tocha do lado de fora, era apenas questão de uma hora antes de sua casa estar cheia e ela precisar apagar a luz externa.

Os convidados eram homens, em sua maioria — o que também não era incomum em Nkumai, pois as mulheres raramente andavam à noite, tendo em geral a responsabilidade de cuidar das crianças, as quais não tinham o equilíbrio para caminhar com segurança durante a noite. A conversa era na maior parte inconsequente, se bem que, ouvindo com cuidado, eu lenha aprendido um pouco. Infelizmente a cortesia Nkumai forçava os convidados a passar tanto tempo conversando comigo

quanto entre si. Teria sido melhor, pensei na ocasião, se compartilhassem o costume Mueller de deixar o convidado ficar em silêncio até que desejasse participar da conversa. É claro que o costume Nkumai impede o convidado de descobrir muito; eu certamente fui impedido de descobrir qualquer coisa que julgava significativa naquela noite.

Eu descobri apenas que todos os convidados eram instruídos — cientistas de um tipo ou de outro. E senti, pelo modo como falavam e discutiam, que aqueles eram homens pouco preocupados com a ciência como Mueller a usava, como meios de se alcançar um fim. Em vez disso, a ciência era um fim em si própria.

— Boa noite, senhora — disse um homem pequeno e de voz suave. — Sou Professor, e estou ansioso por servi-la.

Um cumprimento padrão, mas afinal cedi à minha curiosidade e perguntei:

— Como o senhor pode ser chamado de Professor, e também outros três homens nesta sala, e também o guia que me trouxe aqui? Como podem se diferenciar um do outro?

Ele riu, com aquele riso superior que já me havia irritado e que logo descobri ser um costume nacional, e disse:

— Porque eu sou eu, e eles não.

— Mas e quando vocês falam *a respeito* um do outro?

— Bom — ele explicou pacientemente — espero que, quando os homens falem a meu respeito, me chamem de Professor Que Ensinou as Estrelas a Dançar, porque é isso que fiz. O homem que a trouxe aqui esta manhã é o Professor da Visão Verdadeira. Isso porque ele fez essa descoberta em particular.

— Visão Verdadeira?

— Você não compreenderia. Muito técnico. Mas quando alguém quer falar a nosso respeito, refere-se a nossa maior realização, e então todos que importam sabem a respeito de quem se está falando.

— E quanto a alguém que ainda não tenha feito uma grande descoberta?

Ele riu de novo.

— Quem gostaria de falar sobre uma pessoa dessas?

— Mas quando vocês falam de mulheres, todas elas têm nomes.

— Assim como os cães e as crianças pequenas — disse ele, tão alegremente que quase pude acreditar que não tencionava ser insultuoso. — Mas ninguém espera grandes realizações por parte das mulheres, pelo menos não enquanto estejam totalmente envolvidas com o trabalho de conceber, dar à luz e criar filhos. A senhora não acha que seria grosseiro falar de uma mulher referindo-se a seus maiores dons? Imagine chamar alguém de "Dançarina de Manta com Nádegas Enormes" ou "Cozinheira Que Sempre Queima o Jantar". — Riu de sua própria piada, e vários outros, que estavam vagamente escutando, sugeriram outros títulos. Achei que eram hilariantes, mas como mulher precisava fingir que os achava insultuosos, e, de fato, fiquei bastante aborrecido quando um deles sugeriu que eu poderia ser chamado de "Emissária com Seios Sardentos".

— Como vocês saberiam, para me chamar assim? — perguntei venenosamente. Eu estava chateado por descobrir como era fácil para mim ser venenoso; tudo que precisava era imitar a fala da Turd e levantar uma sobrancelha... o que eu era capaz de fazer desde a infância, para diversão de meus pais e terror das tropas sob meu comando.

— Não *sei* — respondeu um homem chamado Contemplador de Estrelas... o mesmo nome de dois outros na sala. — Mas gostaria de descobrir.

Isso era uma coisa para a qual eu não estava preparado. Com estupradores de estrada eu podia lidar, matando-os. Mas como uma mulher diz não a um homem em companhia educada sem ofender? Como filho de rei, eu não estava acostumado a ouvir mulheres dizerem não. Como amante de Saranna eu ultimamente não estava acostumado a pedir, de qualquer modo.

Felizmente não precisei responder.

— A dama de Bird não está aqui para descobrir o que há debaixo de sua túnica — disse Mwabao Mawa —, especialmente porque a maioria de nós sabe o pouco que ela esconde. — O riso foi alto, especialmente por parte do homem insultado, mas eles se afastaram de mim por um curto tempo, e fui deixada só por alguns momentos, para observar.

Havia, no meio de toda a conversa sobre ciência e fofocas da corte — mais da última que da primeira —, um padrão detectável que me

deixou curioso. Eu observava enquanto um homem de cada vez levava Mwabao para o lado para apenas um momento de conversa em tom baixo, sem que se pudesse escutar. E de um deles ouvi: "Ao meio dia", e ela concordou. Muito pouco para se generalizar, mas eu estava propenso a acreditar que marcavam um compromisso. Para quê? Eu podia pensar em vários propósitos óbvios. Ela podia ser uma prostituta; se bem que eu duvidasse, tanto pela falta de beleza quanto pelo óbvio respeito que aqueles homens tinham por sua inteligência, nunca a deixando tora das conversas ou ignorando uma observação que fizesse. Ou ela poderia ser realmente a amante do rei, caso em que poderia estar vendendo influência — se bem que, novamente, eu duvidasse, porque parecia muito improvável que uma emissária fosse acomodada com uma mulher que tivesse esse tipo de poder.

Uma terceira possibilidade era que ela estivesse, de algum modo, envolvida com uma rebelião ou um partido secreto, pelo menos. Isso não contradizia os fatos ou a lógica, e comecei a imaginar se haveria alguma coisa ali que pudesse ser explorada.

Mas não naquela noite. Eu me sentia exausto. Apesar de meu corpo estar há muito curado do esforço de subir até a casa de Mwa-bao Mawa — e, além disso, da surra dos soldados Nkumai apenas pouco tempo antes —, eu ainda estava emocionalmente desgastado. Precisava dormir. Cochilei por um instante e acordei a tempo de ver o último homem saindo.

— Dormi tanto assim? — perguntei sobressaltado.

— Apenas alguns instantes — disse Mwabao Mawa —, mas eles perceberam que era tarde e saíram. Para que você pudesse dormir.

Foi até um canto, mergulhou a mão em um barril, e bebeu.

Eu ia fazer o mesmo, mas quando pensei em água me veio uma percepção horrível. Na prisão tive a privacidade para eliminar dejetos, e enquanto viajava com Professor ele havia delicadamente me deixado cuidar dessas necessidades do outro lado da carruagem, proibindo qualquer um de olhar. Mas sozinho aqui nessa casa com outra... outra?... mulher, não haveria esse tipo de incômodo.

— Há algum cômodo especial para... — Para o quê, Fiquei imaginando. Haveria um modo delicado de falar? — Quero dizer, para que são usados os outros três cômodos de sua casa?

Ela virou-se para mim e sorriu levemente, mas havia algo mais do que sorriso nos olhos.

— Isso direi aos que tiverem uma razão prática para saber. Não funcionou. E pior, tive de olhar enquanto Mwabao Mawa tirava casualmente sua túnica e caminhava nua pelo cômodo em minha direção.

— Você não vai dormir? — perguntou.

— Vou — falei sem me preocupar em esconder como estava confuso. Seu corpo não era particularmente atraente, mas *era* a primeira vez que eu via uma mulher tão grande despida, e isso, combinado com sua negritude e minha longa privação, tornou-a exótica e intensamente excitante. O que tornou ainda mais urgente para mim imaginar um meio de não ficar despido, já que o recato era essencial à minha sobrevivência numa nação que me tomava por mulher.

— Então por que não tira a roupa? — perguntou, perplexa.

— Porque em meu país não nos despimos para dormir. Ela gargalhou.

— Quer dizer que usam roupas mesmo na frente de outras mulheres?

Fingi falar como se viesse de uma nação cujos costumes coincidissem exatamente com minhas necessidades presentes, se bem que, de fato, naquele momento ainda não conhecesse um lugar assim.

— O corpo é nossa maior posse — comentei — e a mais importante. Vocês usam todas as suas joias o tempo todo?

Ela balançou a cabeça, ainda divertida.

— Bom, pelo menos espero que você tire a roupa para deixar cair.

— Deixar cair?

Ela riu novamente (aquele desgraçado riso superior) e disse:

— Imagino que uma pessoa do chão tenha uma palavra diferente para isso, não é? Bom, você pode olhar a técnica. É mais fácil de mostrar do que explicar.

Segui-a até o canto do cômodo. Ela agarrou-se à coluna de madeira e girou para fora, através da cortina. Fiquei sem fôlego com o modo súbito como ela balançou-se sobre a vasta distância até o solo. Por um instante imaginei se havia saltado no espaço e voado para longe; mas lá estavam as mãos, ainda agarrando a coluna através das cortinas, e sua voz era calma enquanto dizia:

— Bom, abra a cortina, Lark. Você não pode aprender se não olhar.

Abri e olhei enquanto ela defecava sobre o espaço vazio. Depois ela girou de volta e caminhou até outro barril de água — *não* aquele do qual havia bebido — e lavou-se.

— Você precisa aprender rapidamente que barril é qual — disse com um sorriso. — E, também, jamais deixe cair quando estiver ventando, especialmente com vento e chuva. Não há ninguém exatamente embaixo de nós, mas há um monte de casas num ângulo abaixo da minha, e eles têm opiniões rígidas a respeito de fezes em seus telhados e urina na água que bebem. — Depois ela deitou-se numa pilha de almofadas no chão.

Enrolei minha túnica até que a saia ficasse bem curta, e depois agarrei com força a coluna e delicadamente passei na ponta dos pés através da cortina. Comecei a tremer quando olhei para baixo e vi como as poucas tochas ainda acesas pareciam estar longe, abaixo de mim. Mas curvei-me — ou melhor, agachei-me — ao inevitável, tentando fingir não estar onde estava.

Demorei muito para convencer meus esfíncteres de que deveriam relaxar, e não travar-se cheios de terror. Quando consegui terminar, voltei e caminhei, desajeitada, até o depósito de água. Por um momento difícil imaginei se estava indo para o barril errado.

— É esse — a voz de Mwabao Mawa veio das almofadas no chão.

Encolhi-me ao imaginar que ela estivera olhando, se bem que esperava não ter mostrado nada no rosto. Lavei-me e deitei em outra pilha de almofadas. Eram macias demais, e logo joguei-as para o lado e dormi no piso de madeira, mais confortável, se bem que alguma coisa intermediária teria sido melhor.

Antes de dormir, entretanto, Mwabao Mawa perguntou, sonolenta:

— Se vocês não se despem para dormir, e não se despem para deixar cair, ao menos se despem para fazer sexo?

Ao que respondi também cheio de sono:

— Isso direi aos que tiverem uma razão prática para saber. — Seu riso dessa vez mostrou que eu tinha uma amiga, e dormi pacificamente a noite inteira.

Acordei com um som. Numa construção em que não há apenas norte, sul, leste e oeste, mas também para cima e para baixo, eu não era capaz de dizer de onde o som vinha. Mas era, percebi, música.

Canto; e à voz, distante, juntou-se logo em seguida outra, mais próxima. As palavras não eram claras. Pode ser que não houvessem palavras de verdade. Mas me vi escutando, encantado com o som. Não havia harmonia, pelo menos nada que eu pudesse reconhecer. Em vez disso, cada voz parecia buscar seu próprio prazer, sem relação com a outra. Mas ainda assim havia alguma interação, num nível sutil — ou talvez meramente rítmico, e à medida que mais vozes se juntavam, a música tornava-se cheia e adorável.

Percebi um movimento, e voltei-me para ver Mwabao Mawi olhando para mim.

— Canção da Manhã — sussurrou. — Gosta?

Assenti. Ela assentiu de volta, fez um gesto para mim e caminhou até uma cortina. Puxou-a para o lado e ficou de pé na beira da plataforma, nua, enquanto a música continuava. Agarrei-me à coluna do canto e observei enquanto ela olhava.

Era o leste; o hino era para o sol iminente. Enquanto eu observava, Mwabao Mawa abriu a boca e começou a cantar. Não suavemente, como fizera no dia anterior, mas com a voz cheia, uma voz que soava entre as árvores, que parecia encontrar o mesmo acorde melodioso que fora originalmente afinado na floresta, e depois de um tempo percebi que havia baixado um silêncio, a não ser por sua música. E enquanto ela cantava uma série intrincada de notas rápidas, que pareciam não ter qualquer padrão mas que, não obstante, imprimiram-se indelevelmente em meus sonhos até hoje, o sol ergueu-se sobre um horizonte em algum lugar e, se bem que eu não pudesse vê-lo por causa das folhas acima de mim, soube pelo brilho súbito do teto verde que ele havia nascido.

Então todas as vozes ergueram-se novamente, cantando juntas por alguns momentos. E depois, como se obedecessem a um sinal, silêncio.

Fiquei de pé, apoiando-me na coluna. Ocorreu-me que um dia eu compartilhara da ilusão de Mueller de que as pessoas de pele negra serviam apenas para ser escravas. Uma coisa, ao menos, eu havia aprendido com minha embaixada aqui, e uma coisa levaria de volta: a lembrança de uma música diferente de todas jamais conhecidas nesse mundo. Fiquei ali, imóvel, até que Mwabao Mawa fechou as cortinas.

— Canção da Manhã — disse, sorrindo. — Foi uma noite boa demais, a de ontem, para não celebrar hoje.

Ela cozinhou o desjejum — carne de um pequeno pássaro e uma fruta cortada em fatias finas.

Perguntei. Ela disse que a fruta era das árvores em que os Nkumai viviam.

— Nós a comemos como as pessoas do chão comem pão ou batatas.

Tinha um sabor picante e estranho. Não gostei, mas era comestível. Como vocês pegam pássaros? — perguntei. — Usam falcões? Se você atirar num pássaro ele cairá para sempre até o chão.

Ela balançou a cabeça, esperando a boca ficar vazia para responder.

— Vou dizer a Professor para levá-la até onde estão as redes de pássaros.

— Professor? — perguntei.

Como se minha pergunta tivesse sido sua deixa, no momento seguinte ele estava de pé do lado de fora da casa, chamando suavemente:

— Da terra para o ar.

— E para o ninho, Professor — respondeu Mwabao Mawa. Ela saiu e foi até onde Professor esperava. Segui, relutante, dando o pequeno salto até o outro cômodo, e então, sem mesmo dizer até logo, segui Professor para fora da casa de Mwabao Mawa. Não me despedi, em primeiro lugar, porque não tinha ideia de como mulheres que mal se conheciam deviam fazê-lo, e depois porque ela já desaparecera atrás da cortina antes de eu finalmente decidir virar e dizer alguma coisa.

Subir era terrível, mas descer era infinitamente pior. Ao subir uma escada de corda você alcança uma plataforma primeiro com as mãos, erguendo-se até a segurança. Mas para descer você precisa se apoiar no estômago e estender os pés para baixo, procurando um degrau com a ponta dos pés, sabendo que se for longe demais não conseguirá puxar-se para cima.

Eu sabia que alcançar meu objetivo em Nkumai dependia de minha habilidade de ir de lugar a lugar, portanto recusei-me a deixar que o medo me dominasse. Se eu cair, caí, disse a mim mesmo. Então ignorei minha visão periférica e fui atrás de Professor.

Ele, por seu lado, não tentou se exhibir tanto quanto no dia anterior, de modo que a caminhada *foi* mais fácil. Descobri que manobras que

eram difíceis quando feitas devagar ficavam muito mais fáceis — e muito menos apavorantes — quando feitas rapidamente. Uma ponte de corda é bastante firme quando você corre rápido sobre ela — mas quando você anda timidamente, ela balança a cada passo.

Quando Professor pegou uma corda suspensa, com um nó na ponta, e balançou facilmente de uma plataforma para outra, sobre um abismo que ninguém em sã consciência jamais cruzaria, eu simplesmente ri, peguei a corda que ele me lançava, e cruzei o espaço tão rápido quanto ele. Ao chegar do outro lado fingi que havia saltado apenas um pequeno córrego e larguei a corda, caindo na plataforma sobre meus pés. Afinal de contas, não fora difícil, e eu disse isso.

— Claro que não. Fico feliz que você esteja aprendendo tão rápido.

Mas enquanto andávamos depressa por um galho inclinado, ocorreu-me perguntar:

— O que aconteceria se eu não tivesse alcançado a outra plataforma? Se eu tivesse errado a direção ou não tivesse balançado o suficiente?

Por um momento ele não respondeu. Depois disse:

— Teríamos mandado um garoto de cima, para balançar até trazer a corda de volta a uma plataforma ou outra.

— A corda suportaria duas pessoas?

— Não, mas nós não iríamos fazer isso de imediato. Tentei não pensar em mim balançando impotente sobre o nada enquanto dúzias de Nkumai esperavam pacientemente que eu largasse e me deixasse cair (se bem que essa palavra não tivesse mais o mesmo significado para mim), de modo que eles pudessem ter sua estrada funcionando novamente.

— Não se preocupe — disse Professor, afinal. — Muitos desses balanços têm uma corda-guia, para que possam ser puxados de volta.

Na hora acreditei, mas nunca vi um balanço com corda-guia. Talvez tenha sido em outra parte de Nkumai.

Nossa primeira parada foi no Departamento de Serviço Social.

— Quero ver o rei — falei depois de explicar quem eu era.

— Maravilhoso — disse o ancião Nkumai sentado numa almofada perto do canto da casa. — Fico feliz pela senhora.

Foi tudo, e aparentemente ele não pretendia dizer mais nada.

— Por que o senhor está tão feliz? — perguntei.

— Porque é bom que cada ser humano tenha um desejo não-realizado. Isso torna a vida muito comovente.

Fiquei aturdido. Nesse ponto, em Mueller, se eu estivesse na posição de Professor, levando um emissário a um departamento do governo, teria ordenado que um funcionário tão recalcitrante fosse estrangulado no ato. Mas Professor simplesmente ficou ali, rindo.

Obrigado pelo auxílio, amigo. Sentei em silêncio e perguntei se aquele era o lugar certo.

— Para o quê?

— Para obter a permissão para ver o rei.

— A senhora é persistente, não?

— Sou — respondi determinado a jogar segundo as regras dele, caso necessário, mas a vencer, independente de quais fossem essas regras.

A coisa foi assim por toda a manhã, até que o homem fez uma careta e disse:

— Estou com fome, e um homem tão pobre e mal pago quanto eu deve aproveitar qualquer oportunidade de pôr um pouquinho de comida na barriga.

A alusão era clara, e peguei um anel de ouro do bolso.

— Por acaso, senhor — falei — recebi isso de presente. Mas não posso ficar com ele quando um homem como o senhor poderia fazer um uso muito melhor.

— Eu não poderia aceitá-lo, mesmo sendo pobre e mal pago. Apesar disso, parte de meu trabalho é alimentar os ainda menos afortunados que eu, em nome do rei. De modo que aceitarei seu presente com o objetivo de passá-lo adiante para os pobres. — Depois desculpou-se e foi para outro cômodo almoçar.

— O que devemos fazer? — perguntei a Professor. — Vamos embora? Esperamos? Será que acabei de desperdiçar um suborno perfeitamente bom?

— Suborno? — perguntou, desconfiado. — Que suborno? O suborno é punido com a morte.

Suspirei. Quem poderia entender esse povo? O funcionário voltou para a sala, sorrindo.

— Oh, minha amiga. Cara senhora, acabo de pensar numa coisa. Apesar de não poder ajudá-la, conheço um homem que pode. Ele vive lá

longe, e vende colheres de pau. Pergunte pelo Escultor de Colheres Que Fez a Colher Através da Qual se Pode Ver a Luz.

Saimos, e Professor deu um tapinha no meu ombro.

— Muito bem. Você só levou um dia. Eu estava irritado.

— Se você sabia que esse Escultor de Colheres era quem eu precisava ver, por que me trouxe aqui?

— Porque — falou, sorrindo pacientemente — Escultor de Colheres não falará a ninguém que não tenha sido enviado por Funcionário Que Recebe Moeda Estrangeira.

Escultor de Colheres Que Fez a Colher Através da Qual se Pode Ver a Luz não tinha tempo para me ver naquele dia, mas insistiu que eu voltasse no dia seguinte. Enquanto eu seguia Professor através do labirinto de galhos, ele mostrou-me uma rede de pássaros sendo esticada entre as árvores.

— Mais ou menos numa semana estará completamente instalada, pronta para ser desenrolada. Parece grossa enquanto está enrolada, mas aberta entre as árvores a rede é tão fina que praticamente não pode ser vista. — Mostrou como as malhas eram grandes o suficiente para que a cabeça dos pássaros passassem, e suficientemente pequenas para que, a não ser que o pássaro puxasse a cabeça exatamente para trás, o que era impossível para a maioria deles, o pescoço quebrasse ou fosse estrangulado. — E no fim do dia puxamos a rede para cima e distribuimos a comida.

— Distribuem?

Então ouvi um sermão sobre como em Nkumai tudo pertencia a todos, e que o dinheiro não era usado porque ninguém jamais recebia pagamento.

Entretanto, aprendi rapidamente que, na verdade, todo mundo era pago. Eu poderia ir até Escultor de Colheres, por exemplo, pedir uma colher e ele concordaria de imediato, prometendo me entregar em uma semana. Mas no fim da semana ele teria esquecido, ou teria tanto trabalho que ainda não poderia ter iniciado o meu. Continuaría prometendo e me deixando de lado, até que eu lhe fizesse um favor de valor equivalente — um favor desinteressado.

O favor de Mwabao Mawa, seu meio de vida, era de vez em quando ficar de pé na beira da casa e cantar a canção da manhã, ou a canção da tarde, ou a canção dos pássaros, ou quem sabe o que mais. Era o

bastante. Ela nunca estava faminta, e frequentemente tinha tanta comida e tantas posses que abria mão de muitas coisas.

Os pobres eram os que não tinham nada de valor para dar. Os estúpidos, os sem talento. Os preguiçosos. Eles eram tolerados; eram alimentados — apenas. Não eram, entretanto, considerados de qualquer importância na vida. E todos tinham nomes.

Eu estava em Nkumai havia quase três semanas, tempo suficiente para que a vida começasse a parecer normal, quando final mente pude ver alguém com poder verdadeiro. Era Funcionário Que Alimenta Todos os Pobres, e Professor chegou mesmo a inclinar-se ligeiramente quando entramos em sua casa.

Mas a entrevista foi inútil. Futilidades, uma discussão sobre a consciência social dos Nkumai, perguntas sobre minha pátria. Eu havia inventado minha própria ideia a respeito de como era Bird, já que não tinha outro modo de responder às perguntas que tantos Nkumai me faziam sobre o país. Depois de toda a conversa vazia, ele me convidou para jantar dali a alguns dias.

— Quando eu acender duas tochas — disse. Saí insatisfeito.

Fiquei mais insatisfeito quando Professor riu e disse que parecia que minha subida através dos escalões do governo chegara ao fim.

— Que favor você vai oferecer a *ele*? — perguntou.

Não mostrei que ele admitia tacitamente que eu *estava* subornando os funcionários Nkumai, afinal de contas. Simplesmente sorri e mostrei-lhe um de meus preciosos anéis de ferro.

Ele apenas sorriu e abriu a túnica para revelar um pesado amuleto de ferro pendurado ao pescoço. A vista de tanto ferro usado com desperdício, mera decoração, fez minha pele comichar.

— Ferro? — disse. — Temos muito. Ferro valeria para Escultor de Colheres e Mestre dos Pássaros, mas para Funcionário Que Alimenta os Pobres?

— Que tipo de presente ele apreciaria?

— Quem sabe? — respondeu Professor. — Ninguém jamais deu a ele uma coisa que servisse. Mas deve se orgulhar, senhora. Você chegou a falar com ele... o que é mais do que a maioria dos emissários conseguiu.

— Que maravilha — falei.

Insisti com Professor que eu sabia o caminho de volta para a casa de Mwabao Mawa sem sua ajuda. Por fim, ele encolheu os ombros e deixou que eu fosse sozinho. Cobri o espaço rapidamente, e fiquei feliz por ver como fazia bem o percurso pelo topo das árvores. Cheguei inclusive, em alguns momentos, a subir alguns galhos sem marcas, por simples prazer; e apesar de ainda evitar olhar para baixo, passei a achar um desafio agradável conquistar um caminho difícil. Estava quase escuro quando cheguei à casa de Mwabao e chamei-a.

— Venha para o ninho — disse ela, sorrindo. Imediatamente serviu o jantar. — Ouvi falar que você foi ver Funcionário Que Alimenta Todos os Pobres.

— Algum dia você precisa me deixar fazer uma comida como as que temos em Bird — falei, mas ela riu. Então perguntei: — Por que você me aceitou, Mwabao Mawa, se não havia qualquer intenção de me deixar ver o rei?

— Rei? — perguntou ela, sorrindo. — Intenção? Ninguém tem intenção nenhuma. Eles perguntaram quem deixaria você viver junto, e como eu tenho comida suficiente para compartilhar, ofereci. E eles deixaram.

Eu estava com raiva dela, mesmo comendo sua comida.

— Como é que vocês Nkumai esperam negociar com o mundo, se recusam permitir aos emissários que vejam o rei?

Ela esticou a mão e apertou gentilmente minha bochecha, onde não aparecera nenhuma barba.

— Nós não recusamos nada, pequena Lark — e sorriu. — Não seja impaciente. Nós Nkumai fazemos as coisas do nosso jeito.

Afastei-me de sua mão, decidindo que era tempo de deixar alguém me ver com raiva.

— Vocês dizem que o suborno é proibido, no entanto abri caminho com suborno através de uma dúzia de entrevistas. Vocês todos me dizem que dividem tudo, que ninguém precisa comprar ou vender, no entanto tenho visto compras e vendas como se todos fossem mascates. E depois vocês dizem que não me recusam nada, mas tudo que encontrei foram impedimentos. — Fiquei de pé e me afastei raivosamente.

Ela não disse nada por um tempo, e eu não podia me virar e falar mais, sob pena de perder alguma coisa, perder o momento de impacto.

Era um impasse, até que ela começou a cantar numa voz de menininha, uma voz em nada parecida à que usava para as verdadeiras músicas:

O pássaro ladrão procura frutos mas só encontra abelhas E diz: — Sei comer e dormir, mas o que fazer com elas?

— A gente vai atrás delas — falei, ainda de costas — até achar o mel. — Então virei-me e disse: — Mas o que são as abelhas, Mwabao Mawa? A quem devo seguir, e onde está o mel?

Ela não respondeu, simplesmente levantou-se e caminhou para fora do cômodo — mas não para o da frente, onde eu estivera com Frequência. Em vez disso, foi para um dos proibidos cômodos do fundo, e como ela não disse nada, fui atrás.

Encontrei-me — após uma pequena corrida por um ramo com menos de um metro de grossura — num cômodo de cortinas brilhantes forrado de caixas de madeira. Mawa tinha aberto uma e estava esquadrinhando dentro.

— Aqui — disse, encontrando o que procurava. — Leia isto. — E entregou-me um livro.

Li naquela noite. Era uma história de Nkumai, e era a história mais estranha que eu já lera. Não era longa, e não havia narrativas de guerra, nem relatos de invasões ou conquistas. Havia, sim, uma lista de Cantores e a história de suas vidas, ou de Escultores e Dançarinos de Árvores, de Professores e Construtores de Casas. Era, de fato, uma lista de nomes e de seus relatos. Como Escultor Que Ensinou a Árvore a Colorir Sua Madeira ganhou seu nome. Como o Pesquisador Que Viu o Mar Frio e Trouxe-o de Volta Num Balde conseguiu o seu. E enquanto lia as breves histórias comecei a entender os Nkumai. Um povo pacífico que era sincero em sua crença na igualdade, a despeito de sua tendência a desprezar os que tinham pouco a oferecer. Um povo que era absolutamente unido a seu mundo de altas árvores e pássaros esvoaçantes.

E enquanto lia à luz de uma vela grossa, comecei a sentir contradições. O que poderia um povo desses ter desenvolvido para vender ao Embaixador? E o que fizera com que descessem das árvores e fossem à guerra, usando seu ferro para conquistar Drew e Allison e talvez mais, nesse momento?

Ao mesmo tempo comecei e pensar em outras contradições. Essa era a capital de Nkumai, e mesmo assim ninguém parecia consciente ou

mesmo interessado no fato de que uma guerra acabara de ser vencida. Não havia escravos de Allison ou Drew caminhando com cuidado entre as árvores. Não havia a riqueza súbita dos tributos e taxas. Não havia sequer o orgulho pelo feito, se bem que ninguém negasse quando eu mencionava suas vitórias.

— Ainda está lendo? — sussurrou Mwabao Mawa, na escuridão.

— Não. Pensando.

— Ah. Em quê? Em seu estranho, estranho país, Mwabao.

— Eu acho que ele é confortável. — Ela parecia divertida; a voz insinuava um sorriso.

— Vocês conquistaram um império maior que a maioria das outras nações, e ainda assim seu povo não é militarista, nem mesmo violento.

Ela soltou uma risada.

— Não-violento. Isso é bem certo. Você, entretanto, é violenta. Professor me contou que você matou dois homens que tentaram estuprá-la numa estrada em Allison.

Fiquei espantado. Então eles estavam retrazendo minhas viagens. Isso me deixou incomodado. Até onde iriam? Eu deveria ter dito que era de Stanley, do outro lado do mundo em relação a Nkumai — mas apenas Bird tinha mulheres como governantes. Então lembrei que um negro alto de Nkumai teria tanta dificuldade de passar através de Robles ou Jones para fazer investigações em Bird quanto eu de saltar da casa de Mwabao Mawa e aterrissar correndo.

— Sim — admiti. — Em Bird as mulheres são treinadas para matar com técnicas secretas, ou os homens não demorariam a ter poder sobre nós. Mas, Mwabao, por que os Nkumai foram à guerra?

Foi sua vez de ficar quieta por um momento, e depois disse simplesmente:

— Não sei. Ninguém me perguntou. Eu não iria.

— Onde encontram soldados, então?

— Entre os pobres, é claro. Eles não têm nada a oferecer que os outros queiram. Mas acho que a guerra lhes permitiu darem a única coisa que possuem. A vida. E a força. A guerra é fácil, afinal de contas. Mesmo um idiota pode ser soldado.

Lembrei-me dos empertigados e corajosos homens de Nkumai armados com ferro e decididos a abusar do populacho acovardado de Allison. Claro. O pior de Nkumai, os que costumavam ser desprezados

por todos, estavam afinal numa posição de poder. Não é de se espantar que abusassem.

— Mas não é isso que você quer saber — disse Mwabao Mawa.

— Hein?

— Você veio aqui por outra coisa.

— O quê? — perguntei, sentindo o medo doentio das crianças quando estão em vias de serem descobertas num esconde-esconde.

— Você veio descobrir onde conseguimos nosso ferro. A frase ficou suspensa no ar. Se eu dissesse sim, podia imaginar seu grito na escuridão da noite, e mil vozes ouvindo, e eu sendo jogado da plataforma no negror que levava ao chão. Mas, caso negasse, será que não estaria perdendo uma chance, talvez a única chance de descobrir o que desejava saber? Se Mwabao fosse mesmo uma rebelde, como eu suspeitara, poderia estar querendo dizer a verdade. Mas se estivesse trabalhando para o rei (seu amante?) poderia estar me levando para uma armadilha.

Seja ambíguo, meu pai sempre ensinava.

— Todo mundo sabe onde vocês conseguem o ferro — retruquei tranquilamente. — Do seu Embaixador, dos Vigilantes, como todo mundo.

Ela riu.

— Esperta, garota. Mas você tem um anel de ferro, e pensou que ele tivesse muito valor. — Será que ela sabia de *tudo* que eu dissera e fizera nessas duas semanas? — E se seu povo está conseguindo ferro, não importa que em pequena quantidade, vocês devem estar ansiosos para descobrir o que *nós* estamos vendendo ao Embaixador.

— Não fiz a ninguém nenhuma pergunta sobre esse assunto. Ela deu uma risadinha.

— Claro que não. É por isso que ainda está aqui.

— É claro que tenho curiosidade sobre muitas coisas. Mas estou aqui para ver o rei.

— O rei, o rei, o rei, lá vai você como todo mundo, sempre à caça de mentiras e sonhos vazios. Ferro. Quer saber o que fazemos para obter ferro. Por quê, para poder nos impedir? Ou para que possam fazer o mesmo e conseguir tanto ferro quanto nós?

— Nenhum dos dois, Mwabao Mawa, e talvez não devêssemos falar dessas coisas — falei apesar de estar certo de que ela prosseguiria, de

que estava ansiosa por prosseguir.

— Mas é aí que a coisa é tão idiota — falou, e ouvi uma garotinha travessa em sua voz. — Eles tomam todas essas precauções, mantêm você prisioneira comigo ou com Professor o dia inteiro, todo dia, e, de qualquer modo, é absolutamente impossível para você impedir-nos ou duplicar o que fazemos.

— Se é impossível, por que se preocupam?

Ela riu — uma risadinha, dessa vez, como de criança — e disse:

— Só para prevenir. Só para prevenir, Lady Lark. De repente levantou-se, apesar de já se ter despido para dormir, e saiu para o cômodo onde ficavam os baús de livros e outras coisas. Estava procurando outras coisas. Acompanhei-a, e cheguei exatamente em tempo de agarrar uma túnica preta que ela me atirava.

— Vou sair para que você possa se vestir — falou. Quando voltei para o cômodo de dormir ela estava esperando.

Impaciente, andando para um lado e para outro, cantarolando suavemente para si própria. Quando entrei veio até mim e pôs as mãos em minhas bochechas. Havia nelas alguma coisa quente e pegajosa, e ela riu quando olhou para mim.

— Agora você é negra! — sussurrou e começou a pintar minhas mãos e punhos, depois meus tornozelos e pés. Ao pintar meu pé, ela correu uma das mãos por dentro de minha perna, passou do joelho, e dei um passo atrás abruptamente, apavorado com a possibilidade de, brincando, ela encontrar fatos que não eram de brincadeira.

— Cuidado! — gritou ela. Olhei para trás e percebi que estava exatamente no limite da plataforma. Dei um passo à frente.

— Desculpe — falou. — Não vou ofender de novo seu recato! Só estava brincando, só brincando.

— O que está acontecendo? Por que você está fazendo isso?

— Eu posso andar de noite assim — disse ela, girando o corpo nu em minha frente — e ninguém enxerga de longe. Mas você, branca feito lírio e de cabelo tão claro, Lady Lark, você pode ser vista a seis árvores de distância. — Colocou um capuz preto, justo na minha cabeça, e me levou pela mão até a beirada da casa.

— Estou levando você, e se gostar do que vir, deve me fazer um favor em troca.

— Certo. Qual é o favor?

— Nada difícil — falou — nada difícil. — E saiu para a noite.
Fui atrás.

Era a primeira vez que eu tentava andar à noite, e subitamente meu velho pânico retornou. Agora eu estava apavorado demais para correr nos grossos galhos — e se eu desviasse ligeiramente do caminho? Como poderia enxergar para saltar nos balanços de corda? Como poderia esperar manter o equilíbrio?

Mas Mwabao Mawa guiava bem, e nos lugares difíceis me dava a mão.

— Não tente ver — ficava sussurrando. — Apenas me acompanhe. Estava certa. A luz, apenas a luz das estrelas e o brilho apagado de Discórdia, fazia mais mal do que bem, difusa entre as folhas. E quanto mais descíamos, mais escuro ficava.

Não houve balanços. Pelo que fiquei agradecido.

Afinal chegamos a um lugar onde ela me disse para parar. Parei, e ela perguntou:

— Bem?

— Bem o quê?

— Não sente o cheiro?

Eu não tinha pensado em cheirar. Respirei lentamente, abri a boca, e provei o ar com o nariz e a língua; e era delicioso. Era exótico.

Era um sonho de fazer amor com uma mulher que eu sempre desejara, mas que nunca havia esperado conseguir.

Era uma lembrança de guerra, com a luxúria do sangue e a alegria de sobreviver a um mar de espadas dançantes e machados de obsidiana.

Era a essência do descanso após uma longa jornada pelo mar, quando o perfume da terra dá as boas-vindas e o trigo acenando nas planícies parece outro mar, um mar em que se pode andar sem barco, onde se pode afogar e viver, e voltei-me para Mwabao Mawa sabendo, porque ela ria, que meus olhos estavam arregalados de espanto.

— O ar de Nkumai — disse ela.

— O que é?

— Muitas coisas combinadas. O ar que se eleva de um pântano venenoso abaixo de nós. A fragrância que desce das folhas. O cheiro de madeira velha. Os últimos vestígios de chuva. Sobra de luz do sol. Importa?

— E é isso que vocês vendem?

— Claro. Por que outro motivo eu traria você? Apenas o cheiro é muito mais forte de dia, quando nós o capturamos em garrafas.

— Perfumes — falei, e a coisa pareceu engraçada. — Perfumes de um pântano cheio de gases. Os vigilantes não podem sintetizá-lo?

— Ainda não conseguiram. Pelo menos continuam comprando. É engraçado, Lady Lark, que a humanidade possa viajar entre as estrelas mais rápido do que a luz, e que ainda não saibamos o que causa os cheiros. É claro que sabemos.

— Sabemos como coisas diferentes cheiram, mas ninguém sabe tudo que passa da substância para os nervos olfativos. — Não havia como argumentar, já que eu ainda nem sabia a diferença entre olfativo e occipital.

Outra coisa que ela dissera me deixou intrigado. Frisei o que ela disse sobre homens viajando mais rápido do que a luz.

— Qualquer criança de escola sabe que isso é impossível — falei.

— Nossos ancestrais foram trazidos a Traição em naves estelares que levaram centenas de anos de sono para chegarem.

— Assim como a humanidade estava engatinhando na época. Você acha que eles parariam de aprender, simplesmente porque nossos ancestrais foram embora? Em três mil anos de isolamento nós perdemos grandes coisas da humanidade.

— Mas... mais rápido do que a luz? Como poderiam ter feito isso?

Ela balançou a cabeça, um cinza esmaecido no cinza da noite, movendo-se lentamente.

— Falei por falar. Conversa sem importância. Vamos voltar. Retraçamos nossos passos. Estávamos na metade de uma escada

de corda quando uma voz acima de nós sussurrou fracamente na noite:

— Tem alguém na escada.

Mwabao Mawa, acima de mim, congelou, e eu fiz o mesmo. Então senti a escada sacudir levemente, e o pé dela desceu até meu rosto. Achei que deveríamos descer, e teria feito isso de imediato, mas seu pé virou e enganchou-se sob meu braço, interrompendo minha descida. Esperei enquanto ela descia pelo outro lado da escada até estarmos na mesma altura — seu pé no degrau abaixo do meu, de modo que seus lábios ficaram pouco abaixo de meu ouvido.

O som não seria audível a um metro de distância.

— Primeira plataforma. Lavar o rosto. Visitar Funcionário Que Alimenta Todos os Pobres. Duas tochas.

Então continuamos subindo e chegamos à primeira plataforma que por sorte, também, já que não era comum — tinha um barril de água. Lavei o rosto o mais silenciosamente possível, enquanto Mwabao Mawa continuava subindo e descendo os mesmos três metros de escada para que, se alguém estivesse observando a corda na noite, não soubesse que havíamos parado. Lavei o rosto o melhor possível, e também as mãos e pés. Depois coloquei o pé na escada, atrás dela.

— Não — sussurrou ela, e então ficamos ambos de pé na plataforma enquanto ela exigia, em silêncio, é claro, que eu lhe desse minha túnica.

— Não posso — sussurrei.

— Você está usando roupa de baixo, não é? — perguntou, e eu assenti. — Bom, eu não posso ser apanhada nua nos caminhos. Não posso.

Mas continuei recusando, até que finalmente ela disse:

— Então me dê suas roupas de baixo.

Concordei e meti as mãos por baixo das roupas para tirar as calças e o sutiã. As calças eram muito apertadas para os seus quadris, mas ela deu um jeito de enfiar-se nelas. O sutiã, entretanto, serviu perfeitamente mais uma triste prova do quanto meus peitos estavam grandes.

Ao mesmo tempo percebi, entretanto, uma coisa pior. Quando puxei o sutiã do ombro, por dentro da túnica, ele tinha agarrado em alguma coisa. O que significava que algo novo estava crescendo.

Um braço? Então eu tinha menos de uma semana antes de precisar cortá-lo, e não estava numa boa posição para alcançá-lo sozinho. Como poderia ir a um cirurgião Nkumai (*haveria* cirurgões Nkumai?) e pedir que removesse um braço extra?

Mas o alarme momentâneo tornou-se alívio quando lembrei que, obviamente, não precisava ficar aqui por mais uma semana, ou mesmo mais um dia. Eu tinha tudo de que precisava, tudo que esperava descobrir. Podia agora fazer um grande estardalhaço, abandonando Nkumai cheio de desgosto por não me terem permitido ver o rei; poderia voltar ao meu pai e dizer o que Nkumai vendia ao Embaixador.

Ar cheiroso.

Eu poderia ter gargalhado, mas estávamos subindo novamente a escada. E quando percebi o quanto estava perto de rir, ocorreu-me que baforadas de ar da floresta sobre pântanos venenosos poderiam ser perigosas. O autocontrole com o qual eu podia normalmente contar, os reflexos disciplinados que sempre haviam sido confiáveis, não funcionavam muito bem aqui, não essa noite.

Finalmente alcançamos a plataforma onde os guardas estavam de vigia. Parem — disse o sussurro cortante, e mãos agarraram meu punho e puxaram-me para a plataforma. Infelizmente eu não estava preparado para o movimento, e apenas por sorte consegui manter os pés na escada de corda. Fiquei suspenso sobre o abismo, os pés na escada e um braço suspenso no aperto firme de um guarda.

— Cuidado — disse Mwabao. — Cuidado, ela é do chão, pode cair.

— Quem são vocês?

— Mwabao Mawa e a Lady Lark, a emissária de Bird.

Um resmungo de reconhecimento e vi-me sendo puxado em direção à plataforma, até que minha canela bateu na beirada. Pisei com cautela na madeira, caindo sobre um joelho.

— O que estão fazendo, andando assim na escuridão? — a voz insistiu. Decidi deixar que Mwabao Mawa respondesse. Ela explicou que estava me levando para encontrar Funcionário Que Alimenta Todos os Pobres.

— Ninguém colocou tochas do lado de fora hoje — disse a voz.

— Ele sim.

— Agora?

— Duas tochas — insistiu ela. — Ele está esperando uma visita.

Sussurros, e depois esperamos enquanto pés silenciosos saíam apressadamente. Um guarda — ou dois, percebi, quando o padrão de respirações mudou — ficou conosco enquanto outro corria para checar. Não demorou muito antes que voltasse e dissesse:

— Duas tochas.

— Certo, então — disse a voz. — Vão. Mas no futuro, Mwabao Mawa, carregue uma tocha. Você é de confiança, mas não é infalível.

Mwabao murmurou agradecimentos, e fiz o mesmo, e retomamos o caminho.

Quando duas tochas brilharam na distância Mwabao Mawa disse adeus.

— O quê? — falei um tanto alto.

— Quieta — insistiu ela. — Funcionário não deve saber que eu trouxe você.

— Mas como eu chego até lá?

— Não consegue ver o caminho?

Eu não podia, então ela me levou mais perto, até que a fraca luz das tochas iluminou o resto do caminho. Fiquei feliz por Funcionário não ter a mesma tendência de Mwabao a perceber quem se aproximava. Senti-me suficientemente seguro seguindo o caminho escuro, enquanto Mwabao Mawa desaparecia na noite das árvores.

Cheguei à porta e falei, muito suavemente:

— Da terra para o ar.

— E para o ninho, entre — disse uma voz suave, e eu atravessei a cortina. Funcionário estava sentado, parecendo muito bem funcionário em sua túnica vermelha à luz bruxuleante de duas velas.

— A senhora veio, enfim.

— Sim — falei, e acrescentei sincero: — Não sou muito boa em andar no escuro.

— Fale baixo — disse ele —, as cortinas escondem pouco, e o ar da noite carrega os sons até longe.

Falamos baixo enquanto ele me perguntava por que eu desejava ver o rei e o que desejava alcançar. O que poderia dizer? Agora não preciso mais vê-lo, Funcionário, já consegui o que queria. Então respondi todas as suas perguntas, até que, afinal, ele suspirou profundamente e disse:

— Bem, Lady Lark, foi-me dito que, se passasse por meu escrutínio, eu não poderia impedi-la de chegar mais perto do rei.

Ontem eu estaria deliciado. Mas hoje — hoje eu queria apenas levar meu corpo deformado, com o novo braço que ele estava desenvolvendo, e sair de Nkumai.

— Muito obrigada. Funcionário.

— Obviamente a senhora não irá diretamente de mim até ele. Um guia virá para levá-la à autoridade que me deu instruções, e essa autoridade irá levá-la mais acima.

— Ao rei?

— Não sei exatamente a que altura está essa autoridade — disse Funcionário, sem rir. Fiquei imaginando como podiam governar assim.

Mas apareceu um garoto quando Funcionário estalou os dedos, e levou-me para fora por outro caminho. Segui-o vagarosamente, e dessa vez houve um balanço — mas o garoto acendeu uma tocha do outro lado, e consegui chegar, apesar de ter aterrissado desajeitadamente e torcido o tornozelo. A torção foi moderada, e curou-se, parando de doer em alguns minutos.

O garoto deixou-me numa casa que não tinha luz, e disse para eu não falar nada. De modo que esperei em frente à casa, até que finalmente ouvi um sussurro baixo:

— Entre — e entrei.

A casa estava absolutamente escura, mas novamente me fizeram perguntas, e novamente respondi, sem ter qualquer ideia de com quem estava falando e nem de onde, precisamente, ele estava. Mas depois de meia hora assim ele finalmente disse:

— Vou sair agora.

— E eu?—perguntei, idiotamente.

— Você fica. Outra pessoa virá.

— O rei?

— A pessoa próxima do rei — falou, ainda mais baixo, e saiu pela fenda entre as cortinas, por onde eu havia entrado.

Depois ouvi passos suaves vindo de outra direção, alguém entrou e sentou-se a meu lado. Bem perto. E então riu baixinho.

— Mwabao Mawa—falei incrédulo.

— Lady Lark—sussurrou ela de volta.

— Mas me disseram...

— Que você iria encontrar a pessoa mais próxima do rei.

— E é você?

Ela riu novamente.

— Então você é a amante do rei.

— De certo modo — retrucou. — Se ao menos houvesse um rei. Isso demorou um pouco para assentar.

— Não há rei?

— Não há um rei — respondeu —, mas posso falar em nome dos que governam como qualquer um. Melhor do que a maioria. Melhor do que alguns deles.

— Mas por que precisei passar por tudo isso? Por que precisei... subornar meu caminho até você? Eu estava com você o tempo todo!

— Fale baixo, a noite tem ouvidos. Sim, Lark, você estava comigo o tempo todo. Eu precisava saber se podia confiar. Que você não era uma espiã.

— Mas você mesma me mostrou o lugar. Me deixou sentir os cheiros.

— Também mostrei como era impossível nos impedir, ou duplicar o que fazemos. Perto do chão, Lark, o ar fede. E seu povo jamais poderia subir em nossas árvores, você sabe disso.

Concordei.

— Mas, de qualquer modo, por que me mostrou? É tão inútil.

— Não é inútil. O cheiro tem outros efeitos. Eu queria que você respirasse aquele ar.

E então senti sua mão tirando o capuz de meu cabelo. Ela gentilmente segurou uma madeixa.

— Você me deve um favor — falou, e subitamente senti minha morte se aproximando.

Sua respiração era quente em meu rosto, e sua mão acariciava meu pescoço quando finalmente pensei num modo de sair daquilo. Pelo menos um modo de adiar. Talvez o ar perfumado fosse suficiente para afrouxar os tabus sexuais do povo de Nkumai. Talvez tivesse sido uma dose suficiente para enfraquecer a inibição normal de uma mulher quanto a fazer amor com outra mulher, e meu corpo, há muito privado, reagiu à oferta de Mwabao Mawa como se fosse extremamente oportuna. Felizmente, minha inibição quanto a morrer era muito forte, e o ar não a enfraquecera nem um pouco. Eu sabia que deixar os coisas seguirem até a conclusão natural levaria à descoberta de meu estranho físico. Ocorreu-me que Mwabao Mawa não teria a mente tão aberta quanto a encontrar um homem em sua cama quanto esperaria que eu tivesse quanto a encontrar uma mulher na minha.

— Não posso — falei.

— Vai poder — disse, e sua mão fria deslizou para dentro de minha túnica. — Posso ajudá-la. Posso fingir ser um homem, se você quiser — e começou a murmurar uma canção suave, estranha. Quase de imediato aquela mão dentro da túnica tornou-se mais áspera, mais forte, e o rosto que beijava meu rosto pareceu áspero e barbado. Tudo isso

pareceu acontecer através de sua música. Como fez isso?, fiquei imaginando, enquanto outra parte de minha mente percebia com gratidão que seu fingimento de masculinidade provavelmente ajudaria a reprimir meu desejo.

Só que meus seios reagiram como os de qualquer mulher, e comecei a ficar com muito medo enquanto o ritmo da canção se intensificava, jogando-me mais profundamente num transe.

— Não devo — falei e me soltei, afastando-me. Ela veio atrás. Ou ele? A ilusão era poderosa. Eu só desejava ser capaz de fazer o mesmo e enganá-la, fazer com que pensasse que eu era uma mulher, independente de qualquer evidência que suas mãos e olhos e mente pudessem encontrar. Mas não podia. — Se você fizer isso, me mato em seguida.

— Bobagem — respondeu.

— Eu não fui purificada — tentei parecer em desespero. Não foi difícil.

— Bobagem.

— Caso eu não me mate, meu povo irá fazê-lo. Irá, caso percebam que isso aconteceu sem que eu tenha sido purificada antes.

— Como vão saber?

— Você acha que eu mentiria para meu povo? — Esperei que a rouquidão e o tremor em minha voz soassem como honra ferida, em vez do enorme terror que eu realmente sentia.

Talvez tenha conseguido, já que ela parou, ou melhor, fez uma pausa, e perguntou:

— O que é isso, essa purificação?

Inventei uma embrulhada de ritual religioso, meio roubado das práticas do povo de Ryan e meio produto de minha necessidade de solidão. Ela ouviu. Acreditou em mim. E então fiz outra jornada na escuridão, e vi-me sozinho no cômodo de Mwabao Mawa, aquele com os baús e caixas. Meu propósito ali, ela disse, era meditar.

Fiquei lá por uma manhã, uma tarde e uma noite.

Não tinha ideia do que fazer. Mwabao estava no outro cômodo, aquele que havíamos compartilhado por duas semanas, murmurando baixinho uma canção erótica — que me mantinha quase sempre excitado.

Brinquei com a ideia de cortar meus órgãos genitais, mas não podia ter certeza de quanto tempo demoraria a regeneração, e o ferimento curado da castração não seria tomado pela anatomia de uma mulher.

Pensei também em fugir, claro, mas sabia perfeitamente que a única rota de escape era através do cômodo onde Mwabao Mawa esperava alegre. Xinguei repetidamente — baixinho, claro —, imaginando por que tivera a sorte miserável de terminar prisioneiro num corpo de mulher, com uma lésbica como carcereira e centenas de metros de gravidade servindo como as barras de minha cela.

Finalmente percebi que minha única esperança, por menor que fosse, era escapar não como mulher, mas como homem. No dia seguinte, à noite, na escuridão, caso me pintasse de preto, poderia enganar os guardas. Caso não conseguisse e fosse apanhado, tudo que precisaria fazer era cair. Deixar-me cair, pensei ironicamente. E minha identidade como um Mueller estaria salva.

Passar por Mwabao? Simples. Bastaria matá-la.

Poderia fazê-lo? Não era tão simples. Eu gostava dela. Ela havia quebrado o protocolo diplomático, mas não me fizera qualquer mal. Além disso, era muito bem relacionada; sua falta seria sentida rapidamente.

Então não iria matá-la. Uma pancada na cabeça e alguns ossos quebrados seriam o bastante. Serviria para silenciá-la por tempo suficiente, ou pelo menos para imobilizá-la. Se bem que, para dizer a verdade, eu não tinha ideia da força que precisaria usar para deixar inconsciente uma pessoa normal sem matá-la, ou quantos ossos quebrar sem deixá-la aleijada para o resto da vida. Com os Mueller esse nunca era o problema. E eu nunca ouvira falar de um Mueller batendo num estrangeiro sem o objetivo de matar ou mutilar. Ainda assim, eu faria tudo para deixá-la inteira.

Tudo que restaria era esconder quem eu era. A pintura de minha pele poderia vir mais tarde, depois de eu terminar com Mwabao. Mas os outros preparativos serviriam para aumentar a surpresa.

Comecei a procurar em silêncio entre suas caixas, esperando encontrar uma faca. Com ela poderia cortar meus seios. Eles cresceriam de volta, claro, mas até a noite o tecido de cicatrização teria acabado de virar pele normal, e os seios ainda não teriam começado a crescer

perceptivelmente. Era o mais próximo de uma mudança de sexo que eu poderia esperar conseguir, pensei amargamente.

Não achei uma faca. Em vez disso, encontrei vários outros livros, e um momento de curiosidade levou-me a meia hora de concentração.

Era uma história de Traição. Eu havia lido nossa história do planeta, claro, mas essa era mais completa em alguns sentidos. Em alguns sentidos, muito importante, e comecei a perceber que fora quase completamente enganado. No entanto era tão óbvio!

O que a história de Mueller deixou de fora, e o que a história de Nkumai abordava, era o grupo como um todo. Não era o relato de apenas uma família, mas de todos os membros da conspiração que foram exilados nesse planeta sem metal como um exemplo horrível, ao resto da República, do que acontecia às pessoas que tentavam estabelecer um governo da elite intelectual. As questões, há muito tempo mortas, que tinham trazido as famílias para aqui pareceram-me sempre risíveis, e ainda parecem. Quem deveria governar quem? A resposta era sempre, eternamente: "eu". Quem quer que "eu" fosse, "eu" buscaria o poder.

Mas a história de Nkumai passava pela lista de nomes. Procurei um Mueller, e encontrei. Han Mueller, geneticista especializado no superdesenvolvimento da regeneração humana. Encontrei outros. Mas é claro que o que mais me interessava no momento era Nkumai. Ngago Nkumai, que adotara um nome pseudo-africano como um gesto de desafio, ficara conhecido com o desenvolvimento de interpretações físicas teóricas do universo. Criando novos modos de olhar o universo que permitiriam aos homens fazer coisas.

Tudo ficou claro ao mesmo tempo; cada parte era tão frágil que, separada, não podia provar nada, mas todos os eventos das semanas que eu passara em Nkumai juntavam-se tão bem que não podia duvidar de minha conclusão.

O ar cheiroso sobre o pântano não era nada, apenas um engodo, era o aparato usado por Mwabao Mawa para levar a garota loura, esguia e bonita de Bird para a cama. Mas outras coisas eram verdade. Não havia rei, por exemplo. Mwabao contara a verdade: um grupo governava esse lugar. Mas não era um grupo de políticos, mas um grupo cuja profissão era a mesma de seu fundador, Ngago Nkumai. Eram cientistas que criavam novos meios de olhar o universo — cientistas

que inventavam coisas como a Visão Verdadeira e Fazer as Estrelas Dançarem. Usavam Mwabao Mawa como seu elo de ligação com os funcionários do governo que havia em Nkumai. Quem usariam como ligação com o exército, com os guardas? Não importava. E por que todos os Nkumai comuns acreditavam que havia um rei? Indubitavelmente houvera — ou talvez ainda houvesse — uma figura de proa. Novamente, não importava.

O importante era que Nkumai não estava vendendo cheiros para o Embaixador. Estava vendendo física. Estava vendendo novos modos de olhar o universo. Estava vendendo, claro, viagem mais rápida do que a luz, como Mwabao Mawa deixara escapar calmamente e depois ocultara tão bem. E outras coisas. Coisas que valiam muito mais para os Vigilantes do que braços, pernas, corações e cabeças cortadas dos corpos dos regenerativos radicais.

Cada família, caso tivesse alguma esperança de criar algo para vender ao Embaixador, tentaria desenvolver o que seu fundador conhecia melhor: Mueller, a manipulação genética humana. Nkumai, física. Procurei Bird e ri. A Bird original fora uma rica socialite, uma mulher com poucos conhecimentos e habilidades comercializáveis, exceto sua capacidade de curvar os outros aos seus desejos. O matriarcado fora seu único legado. Na competição por ferro isso não lhes dava vantagem. No entanto, como todos os outros, ela havia passado à família aquilo em que era melhor.

Fechei o livro. Agora era ainda mais urgente escapar, porque essa descoberta em particular poderia ser a chave de uma vitória de Mueller sobre Nkumai. E eu poderia — estava certo disso — treinar um exército Mueller para lutar sobre as árvores. E poderíamos — eu tinha esperança de vencer e capturar algumas dessas mentes, ou pelo menos controlar seu Embaixador e impedir que o usassem. Afinal, a população básica de Nkumai era mal equipada para lutar, mas a população básica de Mueller era criada com faca, lança e arco. Poderíamos fazê-lo.

Precisávamos fazê-lo. Porque Nkumai estava conseguindo metal cada vez mais rápido, e quando obtivessem o suficiente teriam a tecnologia para construir uma nave e sair do planeta. Não uma nave de sono, mas uma nave que viajaria mais rápido do que a luz. Sairiam de Traição — e Mueller não tinha esperança disso. Então, assim que os Nkumai chegassem à República e assentassem velhas disputas,

voltariam com todo o metal que suas naves pudessem transportar, e nenhuma família poderia enfrentá-los. Eles governariam.

Eu precisava impedi-los.

Coloquei o livro de lado e procurei novamente uma faca. Estava procurando quando cinco guardas Nkumai entraram no cômodo.

—Nossos espiões acabam de voltar de Bird — disse um deles.

Matei dois e mutili outro. Não puderam me subjugar. Precisaram dar na minha cabeça uma pancada que mataria um homem comum. O dano foi tão grande que fiquei inconsciente por horas.

4 LANIK E LANIK.

ACORDEI DEITADO NUMA plataforma tão pequena que, com minha cabeça nela, meus pés pendiam para fora. Mais senti do que vi que ainda estava vestido. Era incrível que ainda não tivessem descoberto o segredo de meu corpo — certamente me haviam revistado em busca de armas — no entanto ainda guardava alguma esperança de que um sentimento de recato generoso tivesse preservado o segredo de Mueller.

Dois guardas Nkumai estavam nas proximidades. Quando viram que eu estava acordado, cruzaram rapidamente o caminho até mim, passando sobre galhos finos. Estávamos tão alto que a folhagem era espessa ao redor, e eu podia ver retalhos de céu. Os ramos eram tão delgados que minha plataforma balançava selvagememente enquanto os guardas andavam em minha direção.

Quando chegaram ao galho que passava sob minha plataforma, usaram ganchos para puxar duas cordas que pendiam de ramos ainda mais altos e mais finos. Nas extremidades das cordas estavam as algemas mais engenhosas que eu jamais vira. Em vez das de madeira, toscas, que apodreciam rapidamente, aquelas eram feitas de vidro preso com corda. Dois cilindros de vidro partidos ao meio foram colocados em meus punhos. Eles não chegavam a se encontrar dos dois lados. Depois a corda foi amarrada firmemente ao redor, presa no lugar por uma reentrância no vidro. Quando os guardas terminaram de amarrar as cordas, os cilindros de vidro juntaram-se apertados.

Como um gesto de despedida em nosso jogo sem palavras, os guardas sacudiram as algemas em meus braços. O guarda da direita puxou a alga para baixo, em direção ao meu cotovelo. O outro puxou sua alga para cima, em direção à minha mão. A dor foi aguda e imediata. Olhei para eles, surpreso. Sorriam cruelmente e foram embora.

Em torno de meu braço direito e de minha mão esquerda as algemas haviam cortado fundo a ponto de tirar sangue. O vidro fora afiado ou aparado até ficar com uma aresta aguda. Seria fácil sair daquelas algemas — se você estivesse disposto a perder metade da mão no processo, e mesmo que estivesse, isso tornaria a descida da árvore bastante difícil.

As algemas também haviam sido amarradas longe o bastante para que eu não pudesse bater uma contra a outra ou contra qualquer coisa, mesmo minha cabeça. Não havia como quebrá-las. Além disso, como estavam amarradas a galhos com grande flexibilidade, quando eu as puxava para baixo elas tinham uma tendência a voltar, cortando-me. Desse modo havia uma tensão constante que fazia qualquer movimento me cortar um pouco. Eu não podia deitar-me — nem ao menos me ajoelhar.

Eles não queriam que eu fosse embora, e não queriam que eu desfrutasse a estada. Eu já havia visitado anfitriões do tipo antes e visitei depois, mas nenhum foi tão detestável.

Olhei ao redor. Era o início da tarde — o sol ainda estava visível, baixo entre as folhas no oeste, brilhando sob nuvens que rolavam de noroeste. Devo ter ficado desmaiado por horas.

Minha plataforma apoiava-se num único ramo — mas ele estava conectado ou apoiado em muitos outros, criando uma rede entrelaçada. Balancei levemente na plataforma. Os guardas logo sentiram o movimento e olharam ao redor.

Havia outras plataformas nas proximidades, nenhuma ocupada. Mais longe achei que podia ver outra pessoa de pé, presa a algemas, mas não sabia com certeza. As folhas impediam que visse muito longe.

Começou a chover. Fiquei logo ensopado; e aqui, onde menos folhas e galhos podiam dissipar a tempestade, as gotas pesadas batiam selvagememente sobre mim. Pior, a chuva caía com tanta força que qualquer sopro de vento sacudia e fazia vibrar os galhos; parecia a

primeira vez em que eu andara numa ponte de cordas — piorque enjôo do mar. Durante a chuva, pude ver que os guardas se embolavam sob duas pequenas coberturas, sem vigiar ninguém.

Meu plano formou-se rápido e com facilidade, mas ele apenas me levaria para longe dessa área de prisão. Como eu chegaria vivo ao solo e dali, como atravessaria a floresta até a segurança (e onde ficava isso?) — eram perguntas arcanas demais para ser investigadas no momento.

— Lady Lark — disse uma voz distante que reconheci. Mwa-bao Mawa caminhava pela rede de pequenos galhos. Os guardas levantaram-se e acenaram com as cabeças enquanto ela se aproximava.

— Mwabao Mawa — falei. — Mudei de ideia. Prefiro continuar vivendo com você, depois de tudo.

Ela franziu os lábios, e depois disse:

— Recebemos o relato completo de nossos informantes. Os dois eram bastante traiçoeiros... mercenários de Allison... e tinham a noção equivocada de que continuaríamos a pagar mais e mais por cada pedacinho de informação que liberassem. Espero que você não tenha qualquer noção tão equivocada, Lark, ou quem quer que você seja. Não faremos barganhas, a não ser por sua vida.

Sorri, mas estou certo de que não parecia especialmente jovial.

— Lady Lark, você não é de Bird. Não apenas isso, mas as histórias absurdas que contou sobre a cultura da família eram tão distantes da verdade a ponto de implicar que jamais estive lá. Mas é óbvio pelo seu sotaque que você é da planície do Rio Rebelde. Também é evidente, pela moeda de ferro que usou, que é de uma família que usa dinheiro, e como o ferro não pode ter vindo de nós, deve ter vindo de alguma outra família que tem algo para vender ao Embaixador. Qual é ela?

Dei um sorriso mais largo.

— Muito bem — continuou ela. — Posso dar um palpite seguro de que você é de Mueller. Precisamente quem é saberei em uma semana, por espões mais confiáveis que os dois de Allison, que usamos antes. Passemos a coisas mais práticas. O que o seu povo está vendendo ao Embaixador?

— Ar — respondi — dos pântanos da foz do Rio Rebelde. Ela me olhou, ferozmente.

— Eu gostei verdadeiramente de você.

— E eu gostei verdadeiramente de você — respondi. — Meu sentimento, entretanto, terminou anteontem à noite, quando descobri como nossos gostos sexuais divergem. — Mentira total... ambos gostávamos de mulheres.

— Ainda gosto de você, Lark. Não sou sádica, você não está aqui por rancor. De modo que irá entender se eu não ficar para olhar.

Quando ela se foi os guardas vieram e me ergueram no alto. Pensei a princípio que iriam simplesmente me largar, deixando que as algemas fizessem o trabalho. Mas aparentemente não — se acidentalmente cortassem um pedaço de minha mão, as algemas não me segurariam mais. Em vez disso, enquanto eu estava no alto, falaram pela primeira vez e ordenaram que eu segurasse as cordas, que agora estavam frouxas o suficiente para que eu o fizesse.

Segurei as cordas enquanto eles levavam meus pés para a frente. Naquela posição, eu não poderia soltá-las sem cortar meus punhos nas algemas, e as cordas estavam presas em galhos que se inclinavam tanto que eu não conseguia apoio suficiente para chutar os guardas. Eles começaram a retalhar as solas de meus pés, num padrão deliciosamente cruzado, com mais de um centímetro de profundidade, chegando ao osso em vários pontos. Era agonizante, claro, mas eu passara por coisa pior nos treinamentos. Mas eu sabia o que era esperado de mim e gemi e gritei. Devo ter feito uma apresentação convincente, porque logo pararam de cortar, ergueram-me outra vez, mandaram que eu largasse as cordas e baixaram-me gentilmente.

Sobre meus pés, claro, e as algemas ainda me forçavam a ficar de pé. Pensei no que acontecia aos espiões nas masmorras de Mueller, e decidi que, naquele aspecto da civilização, Nkumai e Mueller estavam praticamente empatados. Mueller tinha uma tecnologia mais avançada para induzir a dor, mas Nkumai sabia como evocar o desespero.

Pensando naquilo, esqueci de gritar por um momento ou dois, mas quando lembrei que deveria estar sofrendo gemi muito. Eles foram embora.

Em meia hora os cortes simples nos meus pés haviam sumido, e a dor e a comichão da cura também desapareceram bem rápido. Entretanto, o problema de curar tão rápido era que meus pretensos algozes iriam certamente perceber, e não haveria mais necessidade de esconder o que Mueller vendia ao Embaixador.

Comecei a rezar por chuva. Ou pelo menos a desejá-la, pois meu panteão não incluía ninguém a cargo do tempo. Veio uma hora antes do anoitecer. As nuvens rolavam pele céu, bloqueando as estrelas e a luz de Discórdia. O vento chegou, sacudindo a plataforma. Era o meu sinal para começar; com os galhos já balançando, eles não perceberiam meus movimentos.

Comecei a forçar contra as algemas, para cortar parte de minhas mãos. O mais difícil era manter a pressão forte o suficiente na direção certa para que os dois dedos de fora, em cada mão, fossem decepados pelo vidro, e não os polegares. Eu precisava dos polegares para descer.

Houve um momento horripilante quando ambas as mãos libertaram-se ao mesmo tempo, exatamente quando um sopro de vento sacudiu a plataforma debaixo de mim. Caí de cara — mas a sorte estava do meu lado naquele dia; desabei no galho de suporte, em vez de no espaço vazio.

Fiquei ali por um momento, o sangue pingando de minhas mãos mutiladas, enquanto a chuva começava a cair com violência.

Apenas alguns minutos restavam antes da tempestade cessar. Entre as nuvens, a chuva e a escuridão da noite, eu não podia ver absolutamente nada. No entanto precisava me mexer, precisava sair da prisão antes que meus movimentos voltassem a ser detectáveis. A dor não era nada, mas subjugar meu medo de cair e de andar na escuridão era a coisa mais difícil que eu já precisara fazer na vida, com o maior risco pessoal. Mesmo agora, quando penso a respeito, imagino que tipo de loucura me levou a sequer fazer a tentativa. Mas eu ainda era jovem, e a vida não tinha o preço alto que tem agora.

A madeira estava escorregadia, e me arrastei, desci e cambaleei muito mais rápido do que era seguro. Tentei seguir na direção de onde os galhos ramificavam, sabendo que eventualmente encontraria um galho mais grosso e firme. Na maior parte do tempo mantive os olhos fechados, sentindo o caminho com as mãos, porque mesmo na escuridão absoluta, enquanto meus olhos estivessem abertos, minha mente continuava querendo ver, e tendia a entrar em pânico quando não conseguia.

Até que cheguei a uma plataforma, e por um momento tive medo de que estivesse ocupada. Não estava, e dali até encontrar madeira firme foi questão de moimentos. Ainda assim, não me levantei e corri. Eu não

tinha guia, e a madeira era lisa. Mas era um alívio não ser balançado para a frente e para trás, e continuei descendo, para dentro da escuridão.

A chuva parou. O vento parou. Assim que suspirei de alívio. O caminho por onde eu seguia tornou-se subitamente muito inclinado, perdi o apoio e caí. Por um momento pensei que fosse a morte; mas quase de imediato aterrissei numa plataforma.

Que droga! — disse uma voz irritada quando levantei. Eu ha via derrubado alguém.

— Que será que anda caindo do céu esses dias? — perguntou uma voz de mulher, divertida.

Duvido se acharam divertido quando os empurrei para o lado.

Eu não tinha tempo para sei gentil e persuasivo. Mas não os matei, Seus instintos e meus desejos coincidiram para que nenhum dos dois chegasse perto de cair da plataforma e, logo que os imobilizei, levei um instante à procura de algo que pudesse roubar. Tinha uma vaga ideia de fingir ser um ladrão, para desviar a caçada.

O homem tinha uma faca, que peguei, junto com um amuleto de ferro que a mulher usava no pescoço. Mesmo então eu tinha um pensamento vago de que poderia precisar de dinheiro quando fosse embora de Nkumai — como se tivesse uma esperança razoável de fazê-lo. Depois encontrei uma escada de corda que começava na plataforma, preendi a respiração e passei pelo lado, descendo em direção à escuridão.

Desci em silêncio, atento a qualquer ruído revelador que pudesse vir pelo ar dizendo que minha fuga fora descoberta, mas a noite estava silenciosa. Uma luz fraca começou a filtrar-se até onde eu estava enquanto as nuvens iam embora e Discórdia chegava mais alto no céu.

Ao passar por uma plataforma que se ligava a uma ponte de cordas, pensei em abandonar a escada. Mas decidi descer pelo menos mais um nível, colocando tanta distância entre mim e meus perseguidores quanto possível.

Foi uma má decisão. Mal passara pela plataforma quando a escada de corda começou a balançar com violência, como um pêndulo. Depois começou a subir. Haviam-me descoberto.

Meus reflexos nos caminhos das árvores ainda eram lentos. Levei um tempo para decidir passar para o outro lado da escada, o mesmo da

plataforma. Nesse momento eu já estava uns três metros acima dela, e subindo rápido. Não podia esperar até estar alinhado. Saltei para trás quando um palpite me disse para fazê-lo.

Caí de costas escorreguei no sentido do veio da madeira, enchendo minhas costas de farpas. O ímpeto era tão grande que escorreguei para fora da plataforma, no início inclinado da ponte de cordas.

Uma coisa é correr loucamente, descer um lado de uma ponte de cordas e subir do outro lado. Escorregar de costas, com a cabeça na frente, oferece muito menos controle. Abri as pernas, tentando parar engançando os pés nas cordas dos lados. Infelizmente minha perna direita se prendeu primeiro, jogando-me naquela direção. As cordas laterais impediram que eu caísse, mas o impacto teve força suficiente para virar a ponte inteira de lado, me jogando por cima.

Agarrei as cordas, balançando nauseado. A ponte ficara virtualmente de cabeça para baixo no ponto em que eu estava pendurado e a situação tornou-se pior quando os pisos de madeira saíram da posição. Um deles bateu em meu ombro e, com o reflexo, aquela mão se soltou. Fiquei seguro com a outra, e rapidamente voltei a me agarrar. Mas não podia ver um modo de ajeitar a posição da ponte — não era como um barco emborcado. Não havia água para me sustentar enquanto eu virava a ponte; de fato, o único modo de acertar a ponte era soltá-la. E isso não ajudaria nem um pouco.

Pensei em voltar, pendurado pelas mãos, à plataforma de onde eu viera, porque estava muito mais próxima que a do outro lado. Mas sabia que não demoraria antes de meus seguidores, indubitavelmente guardas, chegarem à plataforma — e, além disso, eles controlavam a única rota de escape a partir dela, a escada de corda.

Então comecei a ir, pendurado pelas mãos, para o outro lado da ponte. Agradei a meus polegares. Ainda que o sangramento dos dedos amputados tivesse parado, minhas mãos ainda estavam doloridas, e não muito fortes enquanto tentavam curar-se. Mas eu tinha força para me agarrar. A princípio, pelo menos. Depois de um tempo precisei passar um braço pelas cordas para suportar meu peso. Isso me retardou mais, mas ainda assim fiz um bom tempo.

Perto do fim, a posição das amarras principais forçou a ponte a um nível mais normal, a despeito do peso de meu corpo, e agradecidamente me ergui até o piso.

Então senti um balanço que não era causado por meu próprio movimento — alguém mais vinha pela ponte. Agora que ela estava novamente na posição certa eles viriam rápido, a não ser no ponto em que o piso caía. E, realmente, ouvi um grito de surpresa e senti um balanço súbito da ponte. Será que o homem caiu pelo buraco ou segurou-se a tempo? Não tinha como saber; mesmo na luz pálida não podia ver mais que dois metros à minha frente.

Dois metros eram o suficiente, entretanto, para ver que a plataforma aonde me dirigia estava ocupada. Entretanto eles não faziam parte da caçada — os dois homens olhavam para longe de mim. Eu não tinha tempo a perder, e não havia mais qualquer sentido — se é que houve em algum momento — em tentar mascarar o fato de que estava fugindo. A faca que eu roubara encontrou o coração de um homem quando ele se virou para me olhar, ao mesmo tempo em que o outro caía para sempre na noite, com um chute forte que dei na base de suas costas. Não fez qualquer som ao cair.

Ao puxar a faca do corpo do Nkumai, olhei ao redor em busca de outra rota de escape, e descobri que estava na forquilha entre um tronco e um galho, e não entre dois galhos. Não havia uma rampa para baixo: apenas a queda direta do tronco. O galho ia para cima, não na direção em que eu queria ir. A ponte ainda balançava com os passos de meus perseguidores. Se não tivessem sido retardados pelo piso que faltava, estariam certamente me alcançando naquele momento, acostumados como eram a andar no escuro.

Pensei em cortar a ponte de cordas, mas as amarras eram grossas demais, e não tentei.

Em vez disso, decidi subir pelo galho e esperar que ele levasse a uma rota que eu pudesse usar. Ia começar a subir quando percebi em que os dois Nkumai estavam trabalhando: uma rede de pássaros.

Tinham estado prendendo a extremidade. A rede enrolada pendia esticada para dentro da escuridão. Pelo menos um ponto estava seguro e isso podia ser suficiente.

Testei os nós. Eram apertados. Então deslizei, com os pés na frente, pelo rolo grosso da rede. Era áspero, e proporcionava apoio suficiente para que eu não caísse. Enquanto me arrastava para trás pela rede, cortei os barbantes que a mantinham enrolada.

Quando alcancei o segundo ponto de amarração, testei, e descobri com alívio que a rede estava presa no ponto seguinte. Pude ouvir, não muito longe, o som de passos alcançando a plataforma que eu acabara de deixar.

Cortando cada barbante enquanto passava, continuei para trás. Eu podia ver a rede se desdobrando, caindo aberta pela rota que eu acabara de passar. Será que meus perseguidores tentariam seguir meu caminho? Com ela aberta iriam achar muito difícil. Ou cortariam a rede? Isso não me prejudicaria: havia um ponto amarrado entre mim e eles. E isso tornaria a perseguição impossível.

Quase podia ouvi-los tentando decidir na escuridão e no silêncio da noite Nkumai.

Até onde a rede desceria? Até onde, afinal, eu tinha descido? De que me serviria desenrolar a rede se, assim que eu tivesse chegado ao fim, ainda restassem uns cem metros entre mim e o chão?

A rede era comprida, e quando cheguei ao sétimo ponto de amarração ocorreu-me que haveriam provavelmente guardas esperando na plataforma onde ela terminava, prontos para que eu caísse em suas mãos, de volta ao cativo. De modo que, laboriosamente, virei ao contrário na rede. Era mais difícil ir com a cabeça na frente, mas me senti mais seguro com relação a chances de surpresa. E foi uma coisa boa que fiz. Estava no nono ponto de apoio quando senti uma vibração na rede. Não poderia vir de trás de mim: eu teria sentido há muito tempo caso alguém estivesse me perseguindo pela rota em que eu viera. Não precisei de meu treinamento em lógica para concluir que alguém vinha pela frente.

Continuei cortando os nós dos barbantes enquanto ia para a frente. E no ponto seguinte decidi terminar minha jornada através da rede. Logo depois da amarração comecei a cortar a própria rede. Cada barbante era facilmente cortado, mesmo cinco ou seis ao mesmo tempo, mas havia centenas na rede enrolada. E eu estava tão envolvido que não vi meu inimigo até ele estar praticamente em cima.

Ele não estivera cortando os nós, é claro, de modo que a rede continuava enrolada atrás dele, enquanto que abaixo e atrás de mim ela caía, deixando-me num fio muito mais fino e portanto, menos estável. Eu estava a meio caminho — ou mais de cortar a rede, mas ele também

tinha uma faca, e decidi prudentemente que lutar tinha prioridade sobre cortar barbantes.

A batalha foi bastante desigual. Em boas condições a nível do solo ou mesmo numa plataforma - tenho certeza de que poderia tê-lo matado com facilidade. Mas numa rede, longe do chão, na escuridão apenas levemente aliviada pela luz baça e dissipada da lua, e enfraquecido pela perda de sangue e pela amputação ainda latejante de meus dedos, eu não estava em minha melhor forma. Pior ainda, a vantagem normal de um Mueller - o fato de não nos importarmos com alguns ferimentos mortais no processo da luta — não se aplicava no momento, pois qualquer fraqueza me forçaria a soltar a rede e despencar de tão alto que minhas chances de cura seriam bastante escassas.

Pior ainda, estava claro que ele não tentava me capturar com vida aparentemente pensavam que meu cadáver seria útil o suficiente, útil, mesmo que não pudesse ser interrogado. A breve luta teria terminado sumariamente, quando ele enfiou a faca nas minhas tripas, caso o topo da rede não estivesse ao alcance.

Ele passou a faca para a frente e para trás na minha barriga, e a dor foi forte o suficiente para que eu perdesse o fôlego. Nós podíamos absorver alguns cortes simples, mas não era parte do treinamento Mueller para batalhas ficar de pé enquanto o inimigo nos estripava como a um cervo caído. Desci a faca em seu braço e alcancei a carne, mas no momento seguinte sua mão estava de volta, a faca novamente tentando me estripar. Estava claro que a troca — seu braço por minhas entranhas — terminaria rapidamente, fazendo com que eu caísse. De modo que, em vez de atacá-lo agarrei-me ferozmente à rede mais acima, onde eu estivera cortando. A dor e o desespero me deram mais força, ou talvez o tempo tenha sido maior do que eu pensava, mas a rede logo se partiu, e meu inimigo soltou um grunhido de surpresa quando as duas metades se separaram, caindo para longe uma da outra. Ele desapareceu em silêncio na escuridão, deixando-me sozinho, balançando na rede solta.

Agora ela estava aberta em toda a extensão, e me agarrei nas malhas finas com os dedos das mãos e dos pés. O ar estava frio em meu abdome aberto. Algo quente e úmido roçava meu joelho, e percebi que parte do intestino havia caído.

Esconder meu sexo verdadeiro era o menos importante agora, e cortei a túnica preta nos ombros, liberando meus movimentos. Nu, e começando a ficar entorpecido com a dor, comecei a descer o que restava da rede.

Caí como uma aranha aleijada numa teia partida. Mas de uma vez um fio cedeu e precisei me agarrar de novo. A malha fina cortava meus dedos.

Depois de uma eternidade em descida meus pés ainda não haviam encontrado nada.

Cheguei ao fim da rede, e embaixo havia ar.

Quanto ar? Cinquenta centímetros? Ou duzentos metros?

Eu não tinha ideia da altura em que estivera quando comecei! Como a rede fora cortada, a parte de baixo, de onde eu agora pendia, estava mais baixa do que estaria em sua posição aberta normal. O chão poderia estar um passo abaixo de mim. Mas que escolha eu tinha? Fraco como estava, as tripas abertas e penduradas, sangue ainda jorrando de uma confusão impossível de ferimentos meio curados, eu não poderia subir de novo nem ficar pendurado por muito mais tempo. Minha única esperança de sobrevivência era largar a rede. Caso ela estivesse suficientemente baixa, eu poderia aterrissar com ossos intactos o bastante para que pudesse me arrastar na escuridão e encontrar algum esconderijo enquanto os ferimentos cicatrizavam. Se a rede estivesse muito alta, eles me encontrariam no chão, de manhã, quer eu pulasse ou tentasse ficar pendurado por mais tempo.

Enquanto estava pendurado ali, tentando tomar uma decisão, a rede começou a se desmanchar. Meu peso era demais para uma trama feita para ser invisível aos pássaros. Ouvi o rápido estalar dos fios por um momento, e depois, com os dedos ainda agarrando os fios da rede, despenquei no ar negro.

Caí por um longo segundo. Não podia sequer me preparar para rolar na hora do impacto, já que não conseguia ver o chão. Caí de costas, a respiração sugada para fora de mim no momento do impacto. E como não tinha largado a rede, fiquei embolado nela, metros e metros empilhados em cima e ao meu redor.

Estava vivo.

Por um momento, fiquei ali, atordoado, tentado pelo alívio convidativo da inconsciência. Mas recusei. O fato de ter vivido para

chegar à base da floresta de Nkumai fez com que me determinasse a tentar completar a fuga. Quanto tempo demoraria até que os Nkumai chegassem embaixo, vindo de escada? E uma vez lá embaixo, quanto demorariam para me encontrar? Não muito, decidi, e lutei para me libertar da rede.

Deixei nela parte do intestino, e a tripa ainda grudada em mim tentava escorrer para fora do corte a cada passo. Apenas uma das mãos sempre apertando a barriga manteve-a no lugar. Cambaleei numa direção que me levaria, esperava, ao mar. Eu perdera todo o senso consciente de direção; esperava que meu sentido de orientação inconsciente me guiasse.

Ainda que minha mente não funcionasse direito, recordo ter feito pelo menos algumas tentativas de esconder meus rastros. Encontrei um regato, e parando o suficiente para lavar a ferida, a água fria batendo nas entranhas como um porrete, segui corrente abaixo por um longo caminho. Os goles que eu bebia ocasionalmente pareciam me refrescar, até o momento nauseante em que chegavam à tripa rompida. Logo desisti de beber.

Eu estava muito atordoado para perceber o que significava quando o som do riacho ficou tão alto. Quando a cachoeira despencou na escuridão, eu caí espadanando no rio lá embaixo. Outra vez quase perdi a consciência, e poderia ter-me afogado, mas a correnteza era rápida e pude manter-me acordado e flutuando por tempo suficiente para alcançar a outra margem. No rio perdi a faca que conseguira segurar durante a queda. No momento não me preocupei, dormi do outro lado, à vista, na margem.

Acordei com o sol brilhando fracamente através das folhas no topo da floresta, e fiquei desperto o suficiente para me arrastar até alguns arbustos fechados, onde não poderia ser visto de cima.

Acordei novamente na escuridão, ofegando com sede, e apesar de lembrar da agonia do último gole que bebera, sabia que, para ter alguma esperança de cura, eu precisava de água no corpo. Arrastei-me dolorosamente até o rio, o intestino arrastando-se molemente atrás de mim, e bebi da água escura. Ela não se transformou em tortura em minhas tripas; aparentemente meu corpo Mueller estava conseguindo enfrentar aquele ferimento maciço, e havia fechado uma conexão, em algum ponto, que deixava a água passar. A conexão, entretanto, criara

um desvio, deixando de lado boa parte de meu antigo intestino. Ele ainda pendia e se arrastava na grama e na terra. Eu estava cansado demais para limpá-lo.

De novo à luz do dia, o sol me acordou. Dessa vez ouvi falas e gritos. Pés corriam do outro lado do rio. Os Nkumai, tão silenciosos e seguros nas altas árvores, não eram bons em interpretar rastros no chão, ou teriam de imediato descoberto o lugar onde eu me arrastara até o rio para beber água, na noite anterior. Fiquei quieto e imóvel na moita onde me escondera, e meus perseguidores logo passaram. Dormi novamente, e novamente naquela noite arrastei-me até a água e bebi. Parecia que o intestino pendurado estava maior e mais incômodo de arrastar do que antes, mas provavelmente parecia assim porque eu estava tão cansado, de modo que dormi outra vez.

A água não era pura. Comecei a vomitar cedo naquela manhã, e logo de início estava regurgitando sangue. Não abri os olhos, apenas me retorci agoniado e entrei em pânico, temendo que a febre me levasse ao delírio, e que o delírio atraísse meus possíveis assassinos. Não sei por quantos dias depois disso estive febril e inconsciente. Mas estava vagamente consciente de ter recuperado força bastante para caminhar, sempre num estupor, cambaleando pela floresta. Apenas a ignorância dos Nkumai me salvou — eu não estava suficientemente alerta para ter cuidado. Talvez eu andasse à noite. Talvez eles tivessem desistido da busca. Não sei. Mas desviei do rio para córregos mais limpos, e bebi água; as árvores eram um infinito borrão marrom; o sol era meramente um ponto brilhante no verde, de tempos em tempos; eu não sabia de nada do que acontecia.

E sonhei que, enquanto viajava, não estava sozinho. Sonhei que alguém viajava comigo, alguém a quem eu falava suavemente e explicava toda a sabedoria de meu cérebro febril. Sonhei que tinha uma criança em meus braços. Sonhei que era um pai, e diferentemente de *meu* pai eu não iria, de modo algum, deserdar meu filho mais importante por causa de algum crime além de seu controle. Sonhei, e então tentei um dia colocar a criança no chão para que eu pudesse beber.

Mas ela não largava meus braços. E gradualmente, enquanto lutava para pôr a criança de lado, percebi que os pássaros cantavam, o sol brilhava, o suor pingava de meu queixo, e eu não estava dormindo.

O menino estava choramingando.

O menino era real.

Lembrei então como o garoto havia chorado de fome. Lembrei agora como eu tinha delirantemente cantado para ele enquanto caminhava, como havíamos dormido aconchegados. Era tudo tão claro a não ser de onde ele viera.

Foi preciso pouca investigação para descobrir. Ele estava grudado a mim, na cintura, por uma ponte de carne. Tripa com tripa, e seu alimento deve ter sido o que quer que tenha podido retirar de meu corpo. Seus pés ficavam pendurados a trinta centímetros do chão quando eu ficava ereto; sua cabeça ficava apenas um pouquinho abaixo da minha. E quando olhei para seus olhos, percebi que eram meus.

Regenerativo radical. Eu podia curar qualquer coisa. E quando metade de minhas tripas foram arrancadas, conectadas ao corpo apenas por artérias e veias, meu corpo simplesmente não pôde decidir qual era o eu verdadeiro, que parte curar. Então curou as duas metades, e fiquei olhando nos olhos de minha perfeita duplicata que sorria timidamente para mim como uma criança estúpida, mas de temperamento doce.

Não, não como uma criança. Ele crescera rapidamente, e uma sombra esmaecida de pêlos ao redor das bochechas e dos lábios denunciavam a aproximação da adolescência. Era magro, esfomeado; as costelas nuas ressaltavam. Assim como as minhas. Meu corpo, incerto em relação a qual de nós salvar, havia atacado meu corpo para dar força ao dele, e agora lutava por um equilíbrio.

Eu não queria um equilíbrio.

Lembrei do monstruoso rad que eu vira arrastando-se em direção aos cochos nos laboratórios, e me imaginei lá, pronto para ser tosquiado. Mas eu criara não uma simples cabeça, e sim um corpo inteiro. E quando estivesse maduro para a colheita, e eles separassem os corpos, qual seria eu, e qual eles mandariam?

Nesse momento ainda não havia dúvida de qual de nós era o Lanik Mueller original. Eu tinha seios; tinha um pequenino braço crescendo de meu ombro, já com dedos que agarravam e se retorciam. Ele não crescera desde que eu escapara da prisão Nkumai; congratulei amargamente meu corpo por ter prioridades claras, curando o

ferimento da barriga antes de se preocupar com um braço extra. Bom trabalho.

Estaria o novo eu vivo? Seria humano? Inteligente? Não pensei em perguntar. Sabia apenas que não viveria com dois de mim.

Eu estava nu e não tinha faca. Mas a conexão entre nós ainda era feita apenas das finas dobras de tecido, rico de artérias, que o mantiveram vivo durante a gestação.

Aquilo. Que mantiveram *aquilo* vivo. Caso eu deixasse a criatura tornar-se *ele* em minha mente seria apenas um pequeno passo pensar nele como eu. E do jeito como estava eu quase não podia admitir pensar em *mim* como eu.

O cabelo da coisa crescera exatamente como o meu, os mesmos cachos e ondas, revoltos e emaranhados. Agarrei aquilo pelos cabelos, tentando empurrá-lo. É claro que não tinha como ir embora. Mas não podia ficar, também. Era eu, exatamente eu, como eu fora apenas alguns meses atrás, antes de meu corpo mudar, abrindo espaço para uma mulher que não deveria estar ali, uma mulher que os outros insistiam ser eu próprio.

Sem uma arma a operação de separação foi imunda e dolorosa. A criatura acordou quando cortei nossa conexão com uma pedra aguçada. Chorou, tentou débilmente me impedir. Mas ela não falava.

Ambos sangramos quando a pele se rompeu, quando rasguei nossa ligação, quando cavei minha liberdade do fardo de dar-me à luz.

Afinal, estávamos separados. Meu corpo estava fraco de tê-lo criado, mas com toda a força que eu tinha baixei a pedra sobre sua cabeça, e de novo, e de novo. A cabeça daquilo. Aquilo parou de chorar, e o crânio partido verteu cérebro. Eu estava soluçando de exaustão, de me ver morrer. Joguei a pedra longe e corri para a floresta.

Comi o que pude encontrar, tentando ganhar forças. Não vi mais sinais de meus perseguidores — deviam ter desistido da caçada havia muito. Mas isso não me ajudou a fugir. Caso me encontrassem novamente meu destino seria rápido. De onde eu estava, todas as direções levavam mais profundamente para o território Nkumai — todas menos uma. Pela posição do sol calculei mais ou menos o noroeste e fui naquela direção.

A viagem foi difícil, pois eu não tinha forças, mas pelo menos agora estava consciente. Fiz a jornada em etapas fáceis, cada dia um pouco

mais perto, seguindo de um córrego para um rio, do rio para, eventualmente, o mar.

Claro, havia uma cidade Nkumai na foz do rio, mas ficava nas árvores, a não ser por algumas construções junto a um cais tosco. Não eram um povo do mar, percebi; não se haviam adaptado como nós, Mueller. Lembrei-me da imensa frota que navegou através da Manga, indo de Mueller, carregando centenas de tropas que conquistaram Huntington em menos de um mês. De Nkumai nenhum navio partiria.

Mas poderiam vir navios de outras terras. E um desses era minha única esperança de sair de Nkumai, e de eventualmente informar ao Pai do que os Nkumai vendiam ao Embaixador.

Esperei até a noite, depois caminhei sob a cidade Nkumai até o mar. Fiquei na borda da floresta e caminhei uns dois quilômetros costa acima a partir do atracadouro. Dali podia vigiar os navios, e se ainda pudesse nadar como costumava, poderia chegar a bordo sem problemas.

Seguro em meu esconderijo, dormi.

Acordei no meio do dia, ofegante e suado. Tinha sonhado que eu... mas não era eu, era o ser-criança que eu matara na floresta... sonhei que eu viera me matar, e acordara quando as facas faiscaram, enquanto eu e meu reflexo de espelho golpeávamos fundo e encontrávamos os corações um do outro.

Lembrei vagamente de ter sido despertado do sonho por um grito, e imaginei se gritara no sono. Mas quando me arrastei para fora do esconderijo e olhei para o mar vi um navio passando perto da costa, e os gritos vinham dos homens que baixavam as velas.

O navio entrou no porto, e nos dois dias que ficou tentei calcular como poderia atrair a atenção dos marinheiros sem alertar os Nkumai da cidade.

Encontrei um tronco apodrecido e testei-o na água. Flutuava. Ainda que eu estivesse muito fraco para cobrir a distância, teria o tronco para me sustentar. A água estava fria em minha pele nua, mas quando vi o navio afastar-se do atracadouro e virar para o noroeste, em minha direção, atirei-me na água e, deitado no tronco como se já precisasse dele, remei desajeitadamente através da arrebentação para as ondas suaves de um mar calmo.

Alguém no barco gritou:

— Homem ao mar! Homem!

Ergui uma das mãos e acenei.

Em pouco tempo fui retirado da água, e sentei tremendo, debaixo de um cobertor, num pequeno bote que se encaminhava para o navio.

— Obrigado — falei.

Um dos remadores sorriu. Não um sorriso particularmente amável. E o homem do leme disse:

— Ótimo. Vou levá-lo ao capitão.

— De que país vocês são?

Pareciam relutantes em responder. Imaginei se haviam entendido.

— De que família? De que família vem seu navio? O homem do leme respondeu de má vontade:

— Singer.

O povo ilhéu, da grande Baía do Norte, que estivera fazendo conquistas em Wing quando deixei Mueller. O emissário de Wankier pedira tropas a meu pai, sabendo que sua nação seria a próxima, mas fora embora com nossa simpatia e pouco mais. Mas pelo menos aqueles marinheiros não eram Nkumai, e eram suficientemente humanitários para me retirar da água. Eu poderia viver.

O capitão pareceu pouco mais gentil que tripulação e, depois de eu ter sido levado a bordo, perdeu pouco tempo me entrevistando.

— Nação? — perguntou.

E como achei prudente não falar a verdade, disse:

— Allison. Acabei de escapar de um campo de prisioneiros Nkumai.

Ele assentiu reflexivamente, depois fez um gesto. Alguns marinheiros vieram e tiraram o cobertor de cima de mim.

— Meu Deus — disse o capitão — o que é que esses bastardos estão fazendo com os prisioneiros nos dias de hoje?

Não respondi. Deixe que ele pense o que quiser, pensei, desafiadoramente. Mas estava com medo.

— O que é isso? Homem ou mulher? O que é real?

— Ambos, agora — falei, sinceramente, e ele balançou a cabeça.

— Impossível. Isso torna as coisas muito difíceis. Como vamos saber que preço pedir por você?

Preço? E então recordei outra coisa que o emissário Wankier dissera. Que Singer tinha um negócio florescente. De carne humana.

— Pra diversão — disse outro oficial. — Ponha-o numa jaula e cobre dinheiro.

— Bom — disse o capitão. — E creio que o melhor mercado é Rogers. Eles têm circos. Joguem-no.

Mal a ordem fora dada e fui agarrado e levado a um alçapão. Abriram-no e me jogaram embaixo. Aterrissei com violência. O alçapão fechou-se acima de mim.

Não havia luz. O ar era pouco. Mas eu estava vivo. Não me ocorrera resistir. O que importava era que eu tinha valor para eles; apenas os mortos não têm esperança.

Mas Rogers estava no extremo sudoeste do continente. A viagem levaria meses. Seria tarde demais para eu levar a informação sobre os Nkumai para o meu pai? Não sabia. E não importava. Havia muito pouco que eu pudesse fazer a respeito até poder sair.

Será que perceberam o braço extra crescendo de meu ombro? Na luz brilhante do sol, talvez não; foram distraídos ao olhar para meus seios e órgãos genitais. Mas agora o braço se flexionava involuntariamente, fazendo cócegas nas minhas costas. Seria uma longa viagem.

5 MONSTRO

ERA DIFÍCIL ME DISTRAIR, trancado sozinho na escuridão mais profunda, completamente nu, com um espaço de cerca de dois metros quadrados de chão. O sono ocupava grande parte do meu tempo, claro, mas praticamente não proporcionava descanso — era impossível esticar todo o corpo ao mesmo tempo. Quando o barco navegava para o norte o frio se entranhava; quando ia novamente para o sul a cela virava uma sauna, com não apenas meu corpo, mas também as paredes pingando meu suor. O cheiro de sal estava sempre comigo.

Mas poderia ter sido pior. Apesar de não ver o sol por praticamente cinco meses, fui alimentado, e aprendi a apreciar os sabores sutis de carne com vermes e pão mofado. O balde era baixado a cada manhã, cheio de água; a cada tarde, cheio de comida. Quando esvaziava o balde, eu o enchia novamente, determinado a manter a cela tão limpa quando possível, sem ter condições de ver. Imagino que o lavassem na água do mar antes de colocar minha comida e bebida novamente. Mesmo o fazendeiro mais cruel cuida que seu gado não fique doente.

Havia sons. Meu único contato com outras pessoas vinha dos ruídos acima de mim, abaixo de mim: os gritos dos homens nos mastros, os estalos das velas no vento; as orações da manhã e da tarde quando a tripulação cantava e salmodiava fantasmagoricamente, e alguns homens choravam suas confissões ao capitão; os xingamentos, as discussões, as brincadeiras, as tentativas tateantes de sedução por

parte de homens que haviam estado por tanto tempo no mar que outros homens lhes pareciam belos. Cheguei a conhecer todos os seus nomes. Roos e Nariz Arrebitado tinham uma briga antiga que, para mim, parecia brincadeira de amigos, até que uma noite alguém estava com uma faca, e Roos morreu exatamente em cima do meu alçapão. O sangue pingou para dentro antes que lavassem o convés, e ouvi Nariz Arrebitado implorar piedade antes que o pendurassem pelos polegares e atirassem flechas em seus membros para que sangrasse até a morte. Engraçado: ele chorou e implorou até a primeira flecha. Então pareceu perceber que não podiam fazer mais nada por ele. Depois pareceu perceber que isso era exatamente tão ruim quanto a dor que viria: o fato de que não podiam fazer nada por ele. Começou a contar piadas e a zombar dos arqueiros, e logo antes de morrer contou uma história sentimental, sobre sua mãe, que deixou a maioria dos homens melancólicos, e alguns desavergonhadamente em lágrimas. Acho que foi então que o deixaram finalmente morrer, atirando-lhe uma flecha no coração. Um povo estranho, ao mesmo tempo cruel e gentil, forte e fraco, e tão rápido em mudar de um extremo a outro e que eu não poderia prever o que fariam.

Menos o capitão, uma ilha de força em meio a toda desordem. Era o pai num navio cheio de crianças, ouvindo pacientemente suas reclamações, mediando as brigas, perdando os pecados, ensinando as tarefas, e tomando por eles todas as decisões, a não ser as mais triviais. Eu ficava maravilhado, pois raramente o ouvia com raiva, e mesmo assim apenas momentaneamente, para causar efeito; jamais se abalava, jamais desmoronava. Eu sempre conhecia seus passos no convés. Ploc, ploc, ploc, num ritmo perfeito. Era como se até o convés escorregadio ficasse firme para ele, e ele não precisasse fazer concessões ao mar encrespado. Ele me lembrava meu pai, e eu desejava estar em casa.

Mas há um limite a quanta simpatia um escravo pode ter por seus donos. Depois de um tempo a escuridão me abateu, e eu me ressentia de ter de acordar, me ressentia de ter de dormir, e acima de tudo sonhava com a luz do sol. Eu era um cavaleiro, não um marinheiro. Minha ideia de viagem é com carne ondeando entre minhas pernas, ou meus pés batendo o chão debaixo de mim, e não balançando de um lado para o outro e para cima e para baixo e para a frente e para trás com os giros, corcoveios e guinadas de um barco no mar.

Entretanto, os efeitos de minha visita aos Nkumai não haviam terminado. O amplo esforço regenerativo que resultou na criação de meu duplo não terminou com a amputação. Em vez disso, meu corpo pareceu determinado a regenerar cada parte de mim. Dentro de poucas semanas de cativeiro o braço que brotara em meu ombro estava suficientemente comprido e desenvolvido para que eu pudesse coçar as costas com ele. Outros membros brotaram rapidamente, outros crescimentos tiveram início. E apesar de haver comida suficiente para sustentar o crescimento, eu não tinha chance de fazer exercícios; toda a energia que eu consumia tinha apenas uma saída. Crescimento.

O calor fora insuportável por dias e dias quando finalmente percebi que estava perdendo a cabeça. Vi-me deitado na grama à beira do Rio Cramer, olhando os pequenos barcos de pesca a deslizar corrente acima com o vento. Saranna estava a meu lado, o vestido caindo descuidadamente aberto (mas eu sabia que ela estava consciente de quanta excitação cada centímetro de exposição produzia), seu dedo fazendo cócegas insuportáveis enquanto eu fingia não sentir. Vi tudo isso, fazia isso, totalmente desperto, enrolado numa bola no chão de minha prisão tórrida.

Estava assim quando a quinta perna a crescer de meu quadril começou a coçar terrivelmente, surgindo para a vida. Aquela era a realidade. O suor pingando de meus seios. A escuridão. A destruição de meu corpo. A perda da liberdade.

É assim que os rads nas jaulas suportam a coisa, percebi. Vivem outra vida. Não estão se espojando na terra ou na grama, comendo em cochos — seus corpos estão perfeitos e inteiros novamente, e deitam-se às margens dos rios, preparando-se para fazer amor com alguém que, na realidade, não ousa lembrar que eles vivem.

Mas assim que percebi que aquela loucura era meu único meio de fuga, decidi não usá-la. Decidi, em vez disso, manter minha mente desperta na atual realidade, por mais insuportável que fosse.

Tenho boa memória. Não propriamente fenomenal — não posso recordar, uma a uma, páginas escritas — mas comecei a usar o tempo para relacionar tudo que aprendera lendo história no cômodo dos fundos de Mwabao Mawa.

Mueller — genética.

Nkumai — física.

Bird — alta sociedade.

Esses ficaram guardados facilmente na minha cabeça. Mas cada vez mais me forcei a voltar atrás, a deixar o transe da loucura me levar a algum lugar útil, até que recordei outros. Não todos, mas outros.

Schwartz, afastados de todo contato humano no deserto — ela fora uma geóloga. Desperdiçada nesse mundo sem metais duros.

Allison — teologia. Fez muito bem para eles.

Underwood — botânica. E agora nas altas montanhas. Que flores seus filhos cultivaram desesperançados?

Hanks — psicologia, tratamento dos loucos. De nenhuma ajuda para mim.

Anderson — o inútil líder da rebelião, cujo único dom era a política.

Drew — sonhos e suas interpretações.

Quem conseguira algo para exportar? Não sabia. Mas certamente na biblioteca de meu pai estavam os livros que contariam o que eu não conseguia lembrar; livros que preencheriam os vazios e que nos dariam indicações de que projetos estariam sendo secretamente trabalhados em outras Famílias. Algumas, claro, teriam sucumbido ao desespero, sem nada nesse mundo que pudesse ter valor para o Embaixador — os engenheiros, por exemplo, Cramer e Wizer. Foram fáceis de se conquistar, agora fazendeiros, tendo esquecido conhecimentos que jamais puderam ser postos em uso nesse mundo. E Ku Kuei, um filósofo cujas ideias obviamente não tinham ampla audiência na República —, não viveu para fundar uma família. Talvez em sua sabedoria tenha decidido que seu último ato de rebelião seria desaparecer, morrer, para que seus filhos não fossem prisioneiros para sempre em Traição.

Mas o ferro chegou pelo menos para Nkumai e Mueller. Física e genética. Eles com ideias, nós com produtos. Nossos produtos jamais se esgotariam; e as ideias deles? Não importava, não caso estivessem recebendo tanto ferro por cada ideia a ponto de nos ultrapassarem rapidamente.

Eu nunca chegaria a Mueller a tempo.

Por mais que resistisse, duvido que tenha mantido a loucura totalmente à distância. Porque recordo, como se fosse real, de uma criatura como eu, que veio e riu de mim em minha cela. Poderia ter sido Lanik como eu lembrava, nos espelhos no início da adolescência. Só que

o lado de sua cabeça estava esmagado e o cérebro ficava escorrendo. Ainda assim manteve uma conversa agradável e apenas no final tentou me matar. Estrangulei-o com quatro braços, dilacerei-o. Recordo claramente.

Também lembro de meu irmão, Dinte, visitando-me. Ele me cortou em pedacinhos, e cada um virou um pequenino Lanik, tão pequeno que Dinte se divertia muito esmagando-os com suas botas. Talvez eu tenha gritado na hora — Dinte desapareceu quando alguém bateu no alçapão acima de mim.

Ruva também veio, de boca cheia, mas se gabando para mim, enquanto mastigava, que finalmente tinha conseguido os testículos de meu pai, tinha-os arrancado e estava mastigando-os, e eu era o próximo. Trazia consigo um garotinho repugnante, com um arremedo do rosto de meu pai; com a idade de — quanto? Dez anos? — ainda balbuciava. Seu queixo molhado brilhava na luz. No entanto eu sabia que não podia ser real, porque jamais havia luz em minha cela, a não ser pelo brilho ofuscante, por um momento, quando o alçapão era erguido ou abaixado.

E uma velha das altas montanhas de Mueller ficou me trazendo flechas até que fiquei meio enterrado sob elas.

Recordo esses loucos devaneios com tanta clareza quanto recordo meu pai me ensinando como derrubar um homem de cima de um cavalo, ou lamentando por mim e enxugando o sangue do rosto enquanto contava meu destino. Em retrospecto, aprendi a distinguir quais de minhas memórias eram reais e quais não poderiam ter sido. Na época isso não era tão claro.

Um dia ouvi um som diferente. Não era incomum em sua intensidade, mas percebi que estava ouvindo novas vozes. O barco não havia entrado em nenhum porto. Nenhum navio aparecera ao lado. Obviamente, então, estavam deixando os escravos saírem das celas para o convés. Isso significava que estavam se aproximando de algum porto — músculos atrofiados deveriam agora acordar, para que os escravos fizessem boa figura nos mercados de Rogers e Dunn e Dark.

Mas naquele primeiro dia ninguém me deixou sair, e fiquei imaginando por quê.

No segundo dia, raciocinei que, como eu não seria vendido para o trabalho, não importava se eu parecesse forte. Eu seria uma

curiosidade. Fiquei imaginando, carrancudo, o que meus donos pensariam de mim agora. Um nariz novo estava crescendo ao lado e parcialmente ligado ao antigo. Do lado esquerdo de minha cabeça três orelhas projetavam-se de meu cabelo embaraçado. Meu corpo era uma mixórdia de braços e pernas que jamais haviam sido ensinados a andar ou agarrar. Antes eles pensavam que tinham uma curiosidade. Agora eu seria um circo de um homem só.

Acima de mim outros escravos andavam, podiam ver, podiam sentir o sol e o vento. E eu não podia.

Comecei a gritar. Minha voz estava desacostumada, e minha mente perdera o comando das palavras. Não fiz muito sentido, tenho certeza. Mas aos poucos aumentei o volume, e meu alçapão foi aberto.

— Quer um chute na bunda? — perguntou uma voz que eu conhecia bem demais, apesar de não ter ideia de a quem pertencesse.

— Chute na bunda quem vai dar sou eu! — gritei de volta. Minha voz não tinha o efeito que costumava ter nos campos de treinamento quando eu manobrava tropas de cavalaria sem a ajuda de um gritador. Mas serviu. Em vez de um chute veio outra voz.

— Escute, lixo, até agora você tem sido um escravo modelo. Não começa a fazer merda, a não ser no seu balde, se é que você sabe o que é bom!

— Me tire daqui!

— Nada de escravos no convés.

— Há dez escravos no convés agora!

— Eles são agricultores. Você não tem importância.

— Vou me matar.

— Nu? Na escuridão?

— Vou deitar de costas e morder a língua e me afogar no sangue!

— gritei, e por um momento estava falando a sério, apesar de saber perfeitamente que minha língua iria se curar desgraçadamente rápido. Devo ter parecido louco, no entanto, porque surgiu uma outra voz. Era o capitão.

Ele falou suavemente, e a ameaça em sua voz era clara:

— Só há um motivo pelo qual deixamos um escravo vir ao convés fora da hora. Para castigo.

— Então me castiguem! Mas que seja à luz do sol.

— O castigo em geral começa com a remoção da língua.

Gargalhei. E o que é que vocês fazem como bis?

— A gente termina cortando os seus bagos. — Ele falava sério.

Um eunuco rendia tanto dinheiro quanto um escravo reprodutor.

Mas isso era uma ameaça pequena para um homem que já tem três pares de testículos. Talvez a testosterona tenha me dado um enorme rasgo de coragem.

— Vocês podem fritá-los pro meu desjejum! Deixem-me sair!

Não era inteiramente coragem, claro. Eu sabia que meu principal valor para eles era como uma anomalia. Ninguém quer ver um aleijão mutilado por homens. Apenas mutilações da natureza, por favor. Não iriam me machucar. Enquanto isso, o pensamento de outro escravo no convés enquanto eu ficava preso num buraco era a provocação mais ultrajante que já sofrera em minha vida.

Ainda assim, fiquei surpreso quando cederam e baixaram as cordas. Segurei-as com quatro braços enquanto me puxavam.

Fiquei mais surpreso com a intensidade da reação deles, se bem que deveria ter esperado: haviam posto na cela um homem com grandes peitos, ou uma mulher com um pênis. Tiraram um monstro.

Eu não podia ver nada. A luz era ofuscante demais, e era muito difícil encontrar o equilíbrio em pernas que não haviam ficado de pé em meses. Algumas de minhas pernas jamais haviam suportado qualquer peso. Eu não podia andar — podia apenas arrastar-me de um lado para outro, lutando para conseguir equilíbrio.

Eles não estavam ajudando. Seus gritos eram ensurdecedores, e fiquei ouvindo a palavra *demônio* e outras cujo significado não podia adivinhar, só sabia que os marinheiros estavam terrivelmente apavorados. Comigo.

Eu sabia reconhecer uma oportunidade quando via.

Rugi. Eles responderam com um guincho uniforme, e dei alguns passos tateantes em direção ao grupo que gritava mais alto. Como resposta, recebi uma flecha num braço.

Sou um Mueller. A dor não é capaz de me parar, e quanto ao braço, eu tinha vários outros tão bons quanto aquele — dois, de fato, muito melhores, já que haviam ferido um que eu não usava muito. Continuei avançando. Agora, o terror transformara-se em espanto. Uma flecha não fora capaz de fazer com que o monstro parasse.

O capitão estava gritando. Ordens, creio. Fechei um pouco os olhos contra a luz, tentando ver. O oceano era um azul deslumbrante. O navio e todos dentro dele eram invisíveis, sombras que faiscavam até que precisei fechar novamente os olhos.

Ouvi algo se aproximando, senti as vibrações dos passos no convés. Virei-me desajeitadamente de encontro a um movimento brusco. Foi então que descobri que havia desenvolvido um coração extra a faca de madeira encontrou o antigo, e isso não me parou. Eu só sabia lutar sem armas com meus dois braços originais, mas em vez de deixar que os marinheiros percebessem o fato, coloquei os extras na ação. Eles fizeram com que eu hesitasse, mas apenas me retardaram por um momento, e nesse caso o atraso me beneficiou. Dilacerei meu atacante e joguei pedaços dele para os marinheiros que esperavam. Ouvi vômitos. Ouvi rezas. Ouvi a liberdade.

A voz do capitão novamente. Mas dessa vez conciliatória. Era enervante ouvi-lo humilde. Senti-me envergonhado, por um momento, por tê-lo enfraquecido.

— Senhor, quem quer que seja, lembre-se que salvamos sua vida do mar, quando o trouxemos a bordo.

Apenas olhei-o de lado e balancei os braços. Pude ver vagamente que ele deu um passo para trás. Tinham medo de mim. Tinham motivos para isso. O ferimento em meu coração já estava fechado. Ah, como os regenerativos radicais se divertem numa enrascada!

— Senhor — falou ele —, seja o deus que o senhor for, ou o deus a quem sirva, nós imploramos: diga o que quer, e nós daremos, se ao menos o senhor voltar para o mar.

Voltar para o mar estava fora de questão. Eu era um bom nadador com dois braços e duas pernas. Agora eu tinha mais lastro e um pouco menos de coordenação.

— Deixem-me em terra — falei — e estaremos quites.

Se eu estivesse pensando direito, ou se pudesse ver melhor, teria tentado tiranizá-los um pouco mais e chegar a costas mais amigáveis. Mas eu não podia ver, não enquanto estava na proa do escaler, com seis tripulantes petrificados, bobamente voltando à vida sempre que o mestre mandava remar, depois voltando a ser pedras, os olhos cravados em mim. Foi então que minha vista clareou mas estava de costas para a praia.

Tocamos o fundo, ergui-me desajeitadamente sobre a proa e saí patinhando na água. Apenas quando encontrei terra seca olhei para ver onde estava. Virei o mais rápido que pude, a tempo de ver o escaler já próximo do navio de escravos. Não poderia chamá-los de volta. Eu apenas tivera a esperteza de forçá-los a me ajudar a me matar.

Estava nu, numa praia com algumas centenas de metros. Atrás dela erguiam-se as ásperas e íngremes encostas de pedra e areia que eram chamadas pelos marinheiros Mueller de "Sandwash". Por trás delas ficava o pior deserto do mundo. Melhor render-se a um inimigo do que andar por terra aqui, onde não havia caminhos, onde os barcos jamais paravam, e onde o caminhar para o interior apenas o levaria mais profundamente para o desconhecido deserto de Schwartz. Nada vivia. Nem mesmo os arbustos raquíticos das terras devastadas à margem oeste da Manga. Nem mesmo um inseto. Nada.

Era de tarde. O sol estava quente. Minha pele, branca como as nuvens pelo longo confinamento, já estava queimando. Sem água, quanto tempo eu duraria?

Se ao menos tivesse mantido a boca fechada em minha cela fresca, à sombra, com água! Se ao menos tivesse falado coisas para aplacar o medo da tripulação!

Caminhei porque não havia outra coisa a fazer. Por causa das velhas histórias de rios imensos no centro de Schwartz, que afundavam no deserto antes de fugir para outras terras. Porque não queria meu esqueleto descoberto ali na praia, como se não tivesse coragem suficiente para tentar fazer *algo*.

Não havia vento.

Ao anoitecer, eu já estava sem fôlego, de tanta sede, excruciantemente cansado. Não tinha chegado ao topo da encosta; o mar parecia ridiculamente próximo. Com tantos membros, eu não era lá um grande alpinista. Não podia dormir, então forcei músculos que ainda não estavam prontos e não tinham vontade de levar-me mais longe na escuridão. A escuridão era bem-vinda, e o frio vinha do deserto, trazendo alívio após o calor do dia. Era verão, ou podia muito bem ter sido, mas a noite era mais fria do que eu pensara ser possível num lugar daqueles, e continuei me forçando mesmo querendo dormir, porque os movimentos me mantinham aquecido.

Quando o sol nasceu eu estava exausto. Mas tinha alcançado o topo, e pude olhar em frente e ver as infinitas dunas de areia, com montanhas distantes aqui e ali; pude olhar de volta e ver ao longe o oceano azul e brilhante. Nenhum barco à vista. E em terra não havia qualquer sombra — nenhum lugar onde eu pudesse descansar do calor do dia.

Então andei, arbitrariamente tomando uma montanha como objetivo, só para ter um. Parecia tão perto quanto qualquer outra, e tão impossível de ser alcançada. Eu morreria hoje, suspeitei; estava gordo por falta de exercício, fraco por falta de esperança.

À tarde eu meramente me concentrava em ir para a frente. Nenhum pensamento de vida ou morte. Apenas um passo. E mais um.

Aquela noite dormi na areia, sem insetos zumbindo ao redor de minha cabeça porque nenhum inseto era idiota o suficiente para tentar sobreviver onde eu estava.

Surpreendi a mim próprio. Acordei e caminhei. Meu ponto de morte estava mais distante do que eu pensava. Mas, certamente, não muito mais distante. Minha sombra ainda estava do lado da manhã quando encontrei um lugar onde a areia dava espaço a pedras e a um áspero afloramento de rocha. Eu estava muito pouco curioso para me preocupar se eram as faldas de uma montanha. Havia sombra. Quando me deitei à sombra, meu coração parou de bater; busquei a respiração e descobri que a morte não era afinal tão ruim, se pelo menos viesse rapidamente, se pelo menos não demorasse, se pelo menos eu não precisasse ficar ali por uma eternidade antes de estar livre para ir.

6 SCHWARTZ

Ele SE CURVOU sobre mim, e meus olhos não puderam focalizar. Mas era um homem, não um pesadelo com Dinte ou a Turd ou eu mesmo.

— Você gostaria de morrer? — perguntou com uma voz jovem, séria. Considerei as alternativas. Se viver significasse outro dia no deserto como os que eu já passara, a resposta seria sim. Mas essa pessoa, essa alucinação, quem quer que fosse, estava viva. Era possível viver naquele deserto.

— Não — falei.

Ele não fez nada. Apenas me olhou.

— Água — falei.

Ele assentiu. Forcei-me a me levantar, a apoiar-me em dois cotovelos enquanto ele dava um passo para longe de mim. Estaria indo buscar ajuda? Parou e acorrou-se sobre a rocha. Estava nu e não carregava nada consigo — nem mesmo uma garrafa de água. Certamente haveria água por perto. O que estaria esperando? Deveria ser óbvio que eu não podia pagar.

Ou será que ele considerava, por minha forma monstruosa, que eu não era humano? Eu precisava beber, ou morreria.

— Água — repeti. Ele não disse nada, sequer assentiu dessa vez. Apenas olhou para a areia. Pude sentir o coração batendo dentro de mim — vigoroso e bom. Era difícil acreditar que apenas pouco tempo

antes havia parado. De onde viera aquele garoto? Por que não arranjava água? Planejaria me ver morrendo, por puro prazer?

Olhei para o lugar na areia onde ele tinha os olhos fixos. Ela estava se mexendo.

Escorria para a esquerda e para a direita, e depois tombava em pequenos torrões, caindo, escorregando para dentro de alguma coisa, respingando suavemente, afundando, até que um círculo de cerca de um metro e meio estava cheio de água que redemoinhava devagar, água escura que me cegava com a luz refletida do sol.

Ele olhou para mim. Ergui-me desajeitadamente (cada músculo doendo, a não ser pelo coração jovem e forte) e me arrastei até a água. Estava parada, agora. Parada e fria, profunda e boa, e mergulhei a cabeça e bebi. Só busquei ar quando foi necessário.

Por fim, fiquei satisfeito. E me ergui e deixei-me cair na areia ao lado da água. Estava cansado demais para me espantar com água brotando da areia, ou com o fato de o garoto saber que isso aconteceria. Cansado demais para imaginar por que agora a água afundava na areia deixando uma mancha escura que logo se evaporou ao sol. Cansado demais para responder claramente quando o garoto olhou para meu corpo e perguntou:

— Por que você é assim? Tão estranho?

— Deus sabe que eu não queria ser — falei e dormi novamente. Dormi, dessa vez, não esperando a morte, mas esperando, de algum modo... pela coincidência de ter sido encontrado exatamente ao lado de uma fonte nesse deserto sem água... viver.

Quando acordei novamente, era noite, e eu havia esquecido o garoto por completo. Abri os olhos e vi seus amigos à luz da lua.

Estavam quietos, sentados em círculo ao meu redor, uma dúzia de homens escurecidos pelo sol e com cabelos clareados pelo sol, tão nus quanto o garoto estivera. Seus olhos estavam em mim, imóveis. Estavam vivos, assim como eu, e eu não tinha qualquer objeção.

Eu teria falado, teria pedido que me dessem abrigo, mas estava como num desvio. Percebia meu corpo de dentro para fora. Percebia que não havia nada a perceber. Algo estava terrivelmente errado.

Não. Algo estava terrivelmente certo.

Não havia um peso do meu lado esquerdo onde três pernas tentavam equilibrar duas. Não havia um arqueamento estranho em

minhas costas para compensar todos os membros que ficavam desajeitados debaixo de mim quando eu dormia. Não havia a aflição do ar sendo dolorosamente inspirado por um nariz extra. Por dentro, tudo que eu sentia eram dois braços, duas pernas, o sexo com o qual havia nascido, um rosto normal. Nem mesmo seios. Nem mesmo isso.

Ergui minha mão esquerda (apenas uma!) e toquei meu peito. Circundado apenas por músculos. Duro com músculos. Bati em meu peito, e meu braço estava vivo e forte.

O que era real? O que era sonho? Será que eu não estivera confinado numa cela dentro de um barco por vários meses? Teria sido aquilo, também, alucinação? Caso fosse, como viera parar aqui? Fiquei imaginando. Não podia acreditar que era, novamente, normal.

Foi então que me lembrei do garoto e da água que viera do deserto. Aquilo também fora um sonho, então. Coisas impossíveis aconteceram enquanto eu morria. Sonhos com água. Sonhos com um corpo normal. Aqueles eram os sonhos de um homem agonizante. O tempo expandia-se em meus últimos momentos de vida.

Só que meu coração estava batendo muito forte para ser ignorado. E eu me sentia tão cheio de vida quanto estivera antes de abandonar Mueller. Se isso era a morte, quero ter mais, pensei.

Perguntei:

— Vocês cortaram fora !

Não responderam por um momento. Depois um deles perguntou:

— Cortaram?

— Cortaram — falei. — Pra me tornar assim. Normal.

— Helmut disse que você queria tirá-los.

— Vão crescer de volta.

O homem que estava falando comigo pareceu perplexo:

— Acho que não. Consertamos isso.

Consertaram isso. Desfazendo o que cem gerações de Mueller haviam tentado curar e não conseguiram. Então era a isso que os Schwartz chegaram. À arrogância de selvagens.

Fiquei parado, num meio desdém. O que quer que tivessem feito, não deveria ter acontecido assim. Quando algo era cortado de um regenerativo radical, crescia de volta, não importando o quê. Regenerativos radicais faziam crescer de volta cada membro impossível e acrescentavam mais, até morrerem de massificação total e falta de

controle. No entanto, quando cortaram meus membros e meus seios e todos os outros extras, os ferimentos se curaram sem cicatrizes, normalmente. Meu corpo estava com sua forma apropriada, e quando o garoto havia olhado para a areia a água havia subido, e eu bebera. Será que sua aparente arrogância poderia, afinal, ser mera confiança? Se o que eu estava vendo e sentindo fosse real esse povo, esses Schwartz tinham algo valioso demais para se acreditar.

— Como vocês fizeram isso? — perguntei.

— De dentro para fora — respondeu o homem, radiante. — Só trabalhamos de dentro para fora. Você quer continuar sua caminhada agora?

Era uma pergunta absurda. Eu estivera morrendo de sede no deserto, um monstro impotente, e eles haviam salvo minha vida e curado minha deformidade. Agora esperavam que eu vagueasse pelas areias, como se estivesse cumprindo uma tarefa que sua intervenção retardara?

— Não — falei.

Ficaram sentados, em silêncio. O que estavam esperando? Em Mueller um homem não esperava um minuto antes de convidar um estranho — particularmente um que precisasse de ajuda — a abrigar-se em sua casa, a não ser que pensasse que o homem fosse um inimigo, caso em que atiraria uma flecha na primeira oportunidade. Mas essas pessoas... esperavam.

Povos diferentes, costumes diferentes.

— Posso ficar com vocês? — perguntei. Assentiram. Mas não disseram mais nada. Fiquei impaciente.

— Vão me levar para sua casa, então.

Olharam uns para os outros. Encolheram os ombros.

— O que você quer dizer? — perguntaram.

Xinguei em minha mente. Uma língua comum em todo o planeta, e eles não conseguiam entender uma palavra simples como *casa*.

— Casa — falei. — Onde vocês vivem. Olharam ao redor novamente, e o porta-voz disse:

— Estamos vivos agora. Nós não vamos a um lugar determinado para viver.

— Aonde vocês vão, para sair do sol?

— É noite — disse o homem, incrédulo. — Nós não estamos *no* sol.

A conversa não levava a lugar nenhum. Mas eu estava surpreso e grato por ser fisicamente capaz de enfrentar o desafio de conversar com eles. Eu viveria — estava inteiro, forte e falante novamente, isso era óbvio.

— Preciso ir com vocês. Não posso viver aqui no deserto sozinho.

Vários deles — os que pareciam mais velhos, mas quem poderia afirmar? — assentiram discretamente. É claro, pareciam dizer. Existe gente assim, não é?

— Sou um estranho ao deserto. Não sei como é que alguém sobrevive aqui. Talvez vocês possam me levar à borda do deserto. Até Sill, talvez, ou Wong.

Alguns deles riram.

— Ah, não — disse o porta-voz —, preferimos não. Mas você pode viver conosco, e ficar conosco, e aprender conosco, e ser um de nós.

Mas sem visitas às fronteiras? Ótimo, por enquanto. Ótimo até que eu soubesse como sobreviver nesse inferno onde eles pareciam estar tão confortáveis. Enquanto isso, eu estava encantado por viver com eles e aprender com eles — pois a alternativa era a morte.

— Sim — falei. — Serei um de vocês.

— Bom — disse o porta-voz. — Nós o examinamos. Você tem um bom cérebro.

Senti-me divertido e ligeiramente ofendido. Eu era o produto da melhor educação que a Família mais civilizada do ocidente poderia propiciar, e aqueles selvagens haviam examinado meu cérebro e decidido que era ele bom.

— Obrigado — murmurei. — E comida?

Encolheram novamente os ombros, confusos. Seria uma longa noite. Eu estava cansado demais para enfrentar aquilo. Tudo acabaria quando eu acordasse para a realidade de manhã. Ou quando terminasse de morrer. Então me deitei e dormi novamente.

Ainda estava vivo de manhã.

— Hoje vou ficar com você — disse o garoto que me encontrou.

— Disseram para eu dar o que você precisasse.

— Desjejum — falei.

— O que é isso?

— Comida. Estou com fome. Ele balançou a cabeça.

— Não. Não está. Eu me encontrava em vias de arrancar sua cabeça pela impertinência quando percebi que, a despeito de não ter comido nada havia dias, não sentia absolutamente fome. De modo que decidi não continuar com o assunto. O sol já estava quente, e mal amanhecera. Minha pele, que era fina e queimava facilmente no início de cada verão, já estava bronzeada e em condições de suportar a luz direta do sol. E outro dia chegara com meu corpo como deveria ser. Saltei de pé (algum dia eu já me sentira tão bem ao acordar?) e pulei da pedra onde dormira para a areia embaixo, berrando no máximo de minha voz. Não podia me controlar. Corri num círculo enorme, depois dei uma cambalhota desajeitada na areia, caindo esparramado de costas.

O garoto riu.

— Nome! — gritei. — Qual é o seu nome?

— Helmut — respondeu.

— E meu nome é Lanik! — gritei de volta.

Ele gargalhou, depois saltou para baixo e correu até mim. Parou a apenas um metro de distância, e estiquei a mão para fazê-lo tropeçar. Eu não estava acostumado a anteciparem meus ataques, mas Helmut saltou no ar exatamente a fração de centímetro necessária para que eu não conseguisse pegá-lo. Então ele pulou rapidamente por cima de mim, batendo com os dois pés em meus quadris antes que eu pudesse reagir.

— Você é um gafanhoto rápido, hein! — falei.

— Você é lento que nem uma pedra, hein! — respondeu, e saltei para cima dele. Dessa vez ele deixou que eu o agarrasse, e brigamos por uns quinze minutos, meu peso e força tornando impossível que ele me imobilizasse, sua velocidade levando-o para fora de meu alcance quando eu o agarrava num aperto a que ninguém fora capaz de resistir antes.

— Estamos empatados? — perguntou.

— Eu quero você no meu exército.

— O que é um exército?

No meu mundo, até então, era o mesmo que perguntar o que é o sol.

— O que há com vocês? — interroguei. — Vocês não sabem de comida, de desjejum, de exércitos...

— Nós não somos civilizados — retrucou. Depois faiscou um enorme sorriso e saiu correndo. Eu fizera esse tipo de coisa quando criança, forçando tutores, treinadores e professores a me caçar aonde eu fosse. Agora eu era o perseguidor, e saí correndo atrás dele, subindo morros pedregosos e escorregando pelas dunas de areia. O sol estava quente, e eu estava ensopado de suor quando finalmente corri em volta de uma rocha por onde ele havia passado apenas um momento antes, e ele saltou de cima sobre meus ombros.

— Upa, cavalo! Upa! — gritou.

Levantei as mãos e tirei-o das costas. Era mais leve do que seu tamanho poderia indicar.

— Cavalos — falei. — Vocês conhecem cavalos? Ele encolheu os ombros:

— Eu sei que os povos civilizados montam em cavalos. O que é um cavalo?

— O que é uma pedra? — respondi exasperado.

— Vida — respondeu.

— Que tipo de resposta é essa? Se há uma coisa morta, é uma pedra!

Seu rosto ensombreceu.

— Me disseram que você é uma criança, de modo que eu, que escolhi ser criança, deveria ensiná-lo. Mas você é estúpido demais para ser criança.

Não estou acostumado a ser chamado de estúpido. Mas nos últimos meses eu tivera grandes motivos para entender que não seria sempre tratado como o melhor soldado de Mueller, e segurei a língua. Além disso, ele dissera *escolhi*.

— Me ensine, então — falei.

— Nós começamos — falou, instantaneamente, como se só pudesse me ensinar quando eu pedisse — com as pedras. — Correu um dedo delicadamente pela face da rocha. — A pedra vive.

— É — respondi.

— Nós ficamos sobre sua pele. Por baixo ela se agita com sangue quente, como um homem. Aqui, na pele, ela é seca. Como um homem. Mas é gentil, fará o bem para um homem, se o homem simplesmente falar com ela.

Religião novamente. Exceto que... e aquilo ficou me importunando, por mais que eu tentasse tirar da cabeça... eles me haviam curado.

— Como é que vocês... é... falam com uma pedra?

— Nós a colocamos em nossa mente. E se ela souber que não somos assassinos de pedras, irá nos ajudar. Mostre-me.

— Mostrar o quê?

— Como vocês falam com uma pedra. Ele balançou a cabeça.

— Não posso mostrar, Lanik. Você precisa fazer sozinho.

Imaginei-me numa conversa animada com um pedregulho e me entreguei ao hospício, onde estivera havia tão pouco tempo. A realidade ainda estava fora do meu alcance, e fiquei imaginando se era eu que estava escutando errado, e não ele que falava bobagens.

— Não sei como.

— Sei disso — assentiu, solícito.

— O que acontece quando você fala com a pedra? — perguntei.

— Ela ouve. Ela responde.

— O que ela fala?

— Isso não pode ser dito com a boca.

Eu não estava chegando a lugar nenhum. Era como um jogo. Nada podia ser feito por mim até que eu pedisse, e mesmo então, se perguntasse do modo errado, não teria a resposta. Como a comida — somente quando pensei nela percebi que ainda não estava com fome.

— Escute, Helmut, que tipo de coisas a pedra faz? Ele sorriu.

— O que um homem pode precisar das pedras?

— Ferro — sugeri. Ele pareceu irritado.

— O ferro deste mundo está escondido muito abaixo da superfície, aonde os homens nunca podem ir.

— Um caminho por um penhasco alto — falei, esperando acalmá-lo, tirando seu pensamento de minha primeira sugestão. A rocha escarpada atrás de nós era formidável... fiquei imaginando, brevemente, como Helmut a escalara.

Agora ele estava olhando atentamente para o rochedo, como olhara a areia quando o encontrei pela primeira vez. Enquanto o observava, ouvi um ruído baixo e sussurrante. Olhei em volta, e a areia brotava de uma pequena cavidade na face do rochedo — num ponto em que antes não havia nenhuma cavidade. A areia parou de cair. Cheguei ao lugar e espanei o resto de areia. Coloquei os dedos dos pés na

cavidade e me ergui. Procurei em cima e não pude achar um ponto de apoio para a mão. Segure-se — disse o garoto.

Subitamente, começou a cair areia debaixo de meus dedos, formando um apoio para as mãos. Era como se uma centena de pequenas aranhas irrompessem da pedra, e tirei a mão fora, limpando a areia.

Helmut estalou a língua.

— Não. Você *deve* subir. Não rejeite o presente. — Estava sério. Então subi, novos apoios para os pés e as mãos aparecendo quando eu precisava, até chegar no topo.

Sentei-me, sem fôlego; não pela subida, mas pelo que poderia apenas ser mágica. Helmut ficou lá embaixo, olhando para mim. Eu não estava pronto para descer. Minhas mãos tremiam.

— Vem para cima! — gritei.

Ele não usou meus apoios. Em vez disso, foi até uma face onde o penhasco era liso e sem falhas, e engatinhou rapidamente para cima. Seus dedos dos pés tinham pouco contato com a pedra — apenas os joelhos e as mãos. Curvei-me sobre a beirada, olhando-o, e senti uma vertigem terrível. Como se a gravidade tivesse mudado de direção e ele estivesse ao nível do solo, enquanto eu me pendurava, incrivelmente, num rochedo.

— O que é esse lugar? — falei, ou melhor, sussurrei, quando ele chegou ao topo e sentou-se ao meu lado. — Que tipo de gente são vocês?

— Somos selvagens, e esse é o deserto.

— Não! — gritei. — Não fuja do assunto! Você sabe o que estou perguntando! Vocês fazem coisas que os seres humanos simplesmente não podem fazer!

— Nós não matamos — avisou.

— Isso não explica nada.

— Nós não matamos animais. Não matamos plantas. Não matamos pedras. Não matamos água. Deixamos todas as coisas viverem, e elas também nos deixam viver. Somos selvagens.

— Como se pode matar uma pedra?

— Cortando-a. — Ele pareceu estremecer.

— Uma pedra é uma coisa bastante dura — respondi, sentindo-me novamente superior. — Não sente dor, pelo menos é o que ouvi dizer.

— A pedra é uma coisa viva, da pele até o mais profundo coração. Aqui, na superfície, ela nos sustenta. Parte de sua pele ela descama e solta, como nós, em areia, cascalho e pedregulhos. Mas ainda é parte dela. Quando o homem corta a pedra, ela não cai onde deveria; eles pegam a pedra e fazem falsas montanhas, e aquela pedra está morta, não faz mais parte dela. Está perdida para ela até que, depois de séculos, possa quebrá-la novamente em areia. Ela podia matar vocês todos com um espirro — disse Helmut, irritado —, mas não mata. Porque respeita mesmo a vida maligna. Mesmo a vida *civilizada*.

Helmut não falava como uma criança.

— Mas ela é capaz de matar — disse Helmut —, se a necessidade for grande e o tempo for correto. Quando os homens civilizados de Sill decidiram que deveriam possuir mais uma parte desse deserto, vieram com um exército para nos matar. Muitas mulheres viviam lá, as pacíficas dormideiras, e os homens de Sill mataram-nas. Então reunimos um conselho, Lanik, e falamos com a pedra, e ela concordou conosco que era tempo de justiça.

Ele parou.

— E? — insisti.

— E ela os engoliu.

Imaginei os cavaleiros de Sill nas areias do deserto, subitamente vendo os grãos agitando-se e escorrendo embaixo deles, os cavalos afundando, o equilíbrio impossível, a areia fechando-se sobre suas cabeças enquanto gritavam, sufocavam, engoliam areia e eram engolidos pela areia até que seus ossos fossem lixados.

— Sill nunca mais mandou um exército para o deserto — disse Helmut. — Foi então que soubemos que éramos selvagens. Homens civilizados não dão valor às pedras acima dos homens. Mas por outro lado os selvagens não matam mulheres adormecidas, não é?

— Isso é verdade? — perguntei.

— Você subiu nesse rochedo?

Fiquei deitado de costas olhando o céu azul, onde nem uma nuvem passava.

— Como? Por que *vocês* sabem se comunicar com as pedras... — não pude terminar. Parecia estúpido.

— Você está com vergonha — disse ele.

— Sem dúvida nenhuma!

— Você é uma criança. Mas à pedra é mais fácil se falar. Ela é simples. E grande. Tão grande que você pode entendê-la com facilidade. Nossas crianças aprenderam isso primeiro. Aprenderam?

— Quando tínhamos filhos. Agora que ninguém morre, por que deveríamos aumentar nosso número? Não temos necessidade. E alguns de nós escolheram ser crianças para sempre, para que os mais velhos possam se divertir, e porque preferimos brincar a pensar em coisas profundas.

Se alguém me tivesse contado isso enquanto estava seguro no útero que era o castelo de Mueller, eu teria rido. Teria escarnecido. Teria contratado a pessoa como palhaço. Mas eu subira no penhasco. Bebera a água. Meu corpo fora curado.

— Ensine-me, Helmut. Quero falar com a pedra.

— O carbono é sutil. Gruda-se a todas as coisas, e constrói estranhas cadeias. É mais macio do que a pedra, mas pode criar pequenas vidas, enquanto a pedra pode apenas viver numa imensa bola que gira ao redor do sol. É difícil falar ao carbono. É preciso muitas vozes para ser ouvido por uma pedra tão sutil.

— Mas vocês falaram comigo?

— Nós encontramos o lugar que estava errado. Era nas suas cadeias mais longas, e ensinamos a elas como ficar de um modo diferente, para que apenas curassem o que tivesse sido perdido, e não o que ainda estivesse inteiro. Pensamos a princípio que você fosse como nós, que podia falar com o carbono, porque suas cadeias eram diferentes. Não tínhamos esse tipo de cura em nossos corpos... precisávamos curar cada arranhão, um por vez. Nós gostamos do que você fez, e nos mudamos uns aos outros, também, e agora todos curamos como você.

Tanto pior para o segredo de Mueller, pensei.

— Por que não fizeram isso antes?

— Nós não fazemos muitas coisas com as cadeias de carbono. Elas são sutis. Podem causar problemas. Fazemos apenas algumas poucas mudanças. Mas em pagamento pela mudança curativa que você nos ensinou, nós lhe demos a mudança de vida.

Já estava próximo de ficar escuro, e ainda estávamos empoleirados no pilar de rocha; o penhasco era nossa única saída para a areia embaixo.

— O que é a mudança de vida?

— Os homens civilizados matam porque precisam, para viver. Para conseguir energia, precisam assassinar plantas e animais. Com o morticínio tão comum, não têm absolutamente respeito pela vida. E o que vocês fazem?

— Nós somos selvagens. Tiramos nossa energia da mesma fonte que as plantas. — E apontou para onde o céu ainda estava iluminado pelo sol, que mergulhara abaixo das montanhas no oeste.

— Do sol — falei.

— Por isso você não está com fome.

Ele continuou falando, na escuridão, e entendi o que Schwartz havia alcançado. Uma geóloga, num paraíso geológico, e seus filhos depois dela, com um profundo respeito pelas pedras, e uma compreensão ainda mais profunda das pedras, até que despertaram, não a terra em si, mas aquela parte de suas mentes que poderiam entender as estruturas e mudá-las. A linguagem era mística, mas não era um mistério. Eles compreendiam até mesmo o ADN de um modo que os especialistas de Mueller não podiam captar.

No entanto, o preço de seu conhecimento era a selvageria. Não podiam usar ferramentas, nem fazer casas, nem ter linguagem escrita. Se todos morressem e os arqueólogos viessem a esse deserto, encontrariam apenas cadáveres, e maravilhar-se-iam de como animais com forma humana poderiam ser tão absolutamente não inteligentes.

— Como posso aprender a falar com a pedra? — perguntei. A voz de Helmut veio da escuridão:

— Você deve saltar desse penhasco para a escuridão. Ele falava sério. Mas aquilo era impossível.

— Serei morto.

— Isso já aconteceu — disse Helmut. Estaria se divertindo? Não podia ver seu rosto. — Mas você deve fazer isso logo. Discórdia nasce em alguns minutos.

— Por que me matar ajuda a falar com a pedra? — Tentei dizer como se fosse brincadeira.

Helmut estava sério demais.

— Você já matou, Lanik. Deve submeter-se a seu próprio julgamento para ver se estava inocente de qualquer maldade. Se a areia recebê-lo gentilmente, a pedra irá deixar-se conhecer por você.

— Mas... — parei porque não podia dizer que estava com medo. Por que deveria ter medo, quando não estava certo, mesmo então, se acreditava inteiramente naquilo?

Não. Eu sabia que estava com medo porque *realmente* acreditava, e não tinha certeza de ser inocente de qualquer maldade. Eu saboreara a perspectiva da guerra, e apesar de nunca ter matado em batalha quando estava em Mueller, havia matado um homem no barco de Singer, dois soldados de Mueller antes de entrar em Ku Kuei, dois soldados de Allison quando saí; certamente matara outros ao fugir de Nkumai. Aquelas mortes me foram forçadas, para me defender, mas não tinha eu saboreado o sentimento de poder e triunfo em seguida? Seria aquilo, de algum modo, diferente de gostar de matar? Além do mais, eu havia aprovado as estratégias de guerra de meu pai e sonhava ser o Mueller e ultrapassar suas conquistas. Não era aquilo o desejo de domínio ainda em meu coração? Eu era um homem realmente civilizado. Não podia acreditar que houvesse alguma chance de que a areia — como Helmut expressara — me *aceitasse*.

— Devo dizer — disse Helmut — que não há outro caminho para baixo dessa torre de rocha.

— E os apoios para as mãos?

— Já se foram. Ou você pula ou fica aqui para sempre. E precisa pular agora, na escuridão, antes de Discórdia nascer, ou seu pulo será certamente sua morte.

— Você não me dá muita escolha, não é, garotinho? — Eu estava com raiva... tinha sido preso numa armadilha.

— Sou um garoto em espírito, Lanik, mas já era velho quando o avô de seu pai aprendeu a não mijar na água de beber da família. E digo que acredito que, se você pular, a areia pode muito bem recebê-lo. Mas você precisa ter bastante confiança em si próprio para o salto. Se você sabe que é um assassino, pode muito bem ficar aqui em cima. Não vai morrer se ficar, você sabe. Não vai morrer de fome. Vai apenas ficar sozinho, para sempre.

Levantei-me. Sabia que a beira da torre estava apenas a alguns metros em qualquer direção. Mas não conseguia dar o passo.

— Lanik — sussurrou Helmut, e sua voz era novamente jovem e inocente. — Lanik, eu acredito que a areia vai segurar você.

Uma mão cálida e gentil segurou a parte de dentro de minha coxa enquanto eu ficava de pé, tremendo por causa do que precisava fazer.

— Eu acredito que a areia vai segurar você.

— Eu também.

— Então pule enquanto ainda está escuro.

Ele retirou a mão, eu caminhei rapidamente em direção à beirada e subitamente pisei no ar e não estava mais em Schwartz, estava em Nkumai. Dera um passo errado na escuridão e agora caía infinitamente entre as árvores silenciosas, e tudo o mais era um sonho, todos esses meses haviam sido um sonho, e eu caíra em Nkumai, estava morrendo e me recusava a gritar mas deixei o vento passar por mim e sacudir-me no ar enquanto meu estômago subia para a garganta e minha bexiga não se contraía; a morte era mil facas de terra lá embaixo que iriam me escavar e me quebrar quando as tocasse e então aterrissei no abraço macio da areia, que se partiu gentilmente e redemoinhou ao meu redor, caiu quente ao meu redor, e fechou-se sobre minha cabeça. Lá, no abraço da areia, senti o pulsante coração da terra, senti o ritmo das correntes ferventes de rocha debaixo de mim, e ouvi no lugar mais oculto de meus ouvidos uma estranha canção de éons de tormento e desejo, tentando achar um meio confortável de relaxar e dormir, enquanto continentes dançavam para a frente e para trás em minha pele, e oceanos congelavam e caíam. Enquanto ouvia a canção dessa imensa dança, ainda podia escutar as pequenas melodias de areia escorrendo, pedras tombando e terra assentando. Ouvi a agonia da pedra sendo cortada e rasgada em milhares de pontos da superfície de minha pele, e chorei pelos milhares de mortes de pedra e terra, de plantas que se agarravam debilmente à vida entre a pedra e o céu.

Exércitos trovejaram sobre minha pele, a morte em cada coração, com árvores mortas esculpidas para fazer ferramentas para se construir mais morte. Apenas as vozes dos homens são mais altas que as das árvores, e apesar de um milhão de hastes de trigo sussurrarem terrivelmente ao morrer, o urro de morte da mente de um homem é o grito mais forte que a terra pode escutar. Senti o sangue ensopar minha pele, e não chorei mais; queria morrer, ficar livre do grito incessante.

Gritei.

A areia entrava em meus ouvidos e escorria entre minhas pernas, e enquanto era pressionada contra minha face, separei-me do ser cujos

ouvidos haviam escutado por mim, e pedi (sem palavras, pois não há boca que possa dar forma àquela linguagem) que a areia me levantasse até a superfície.

Fui erguido pela areia quente e ela partiu-se acima de mim. Abri os braços e pernas sobre a superfície, e ela me sustentou. Eu caíra, parecia, do pináculo de rocha até o coração da terra, e agora aportava à superfície, flutuava na onda imóvel de areia. Sorri, e Helmut estava de pé ao lado, sorrindo.

— Ela cantou para você?

Confirmei.

— Ela achou que você estava limpo.

— Ou me limpou. — Tremi ao lembrar os gritos dos que morriam. Olhei para a torre de pedra de onde havia caído. Não tinha mais do que dois metros de altura. Meus olhos se arregalaram, e Helmut riu.

— Nós a levantamos para fazer o lugar do seu teste. Se não tivesse pulado sozinho nós a teríamos desmoronado e feito você cair.

— Boa gente, vocês — falei, mas estava pleno demais para ser amargo, e não me surpreendi quando Helmut ajoelhou, tocou meu peito e me abraçou. Chorou sobre minha pele, a água ficando em gotas que logo se evaporavam.

— Eu amo você — sussurrou —, e estou contente que tenha sido recebido.

— Eu também — falei, e dormimos. Sua pele fresca pressionada contra a minha como a areia havia pressionado, não para excitar ou satisfazer, mas para expressar; e enquanto dormimos sonhamos juntos, e aprendi a verdadeira voz de Helmut, e o amei.

Poderia ter ficado para sempre em Schwartz. Eu queria. Eles queriam. Aprendi rapidamente, e apesar de terem reparado os sinais mais óbvios de minha regeneração radical, meu corpo ainda estava determinado a ser incomum. Há uma parte do cérebro responsável pela função que permite aos Schwartz falar com as pedras; enquanto aprendia a usá-la, meu corpo a desenvolveu, fez com que crescesse. Meu crânio inchou ligeiramente para cima e atrás das orelhas para dar espaço, e o porta-voz finalmente me disse:

— Agora você está além de nós. Fiquei surpreso:

— Vocês fazem coisas que nem posso sonhar em fazer.

— Juntos — falou. — Sozinhos não somos tão fortes quanto você.

— Então tornem-se como eu sou.

— Há segredos nas cadeias de carbono que podem escapar até mesmo de nós.

Era isso. No entanto não me ocorreu, por semanas, que isso me dava uma vantagem que poderia me libertar. Pelo simples motivo que eu não queria me libertar deles. Quando falava com a rocha, aprendia muitas coisas que me traziam a mim mesmo. As guerras continuavam, e enquanto aprendia a suportar a agonia das muitas mortes, também aprendia a estudar as guerras e a ver onde as batalhas eram travadas. Quando falava à rocha, a pele da terra tornava-se minha pele, e eu aprendia a sentir de onde vinham os gritos. As batalhas a princípio aconteciam na planície entre Allison e as cabeceiras do Rio Rebelde. Depois moveram-se para o país montanhoso de Robles, e a noroeste, na confluência do Myron com o Rebelde, onde o Rio Rebelde deixa de ser chamado de Rasante e começa a ser chamado de Mueller. E depois a guerra estava em Wizer, uma terra que meu pai conquistara, e isso significava que os Nkumai tinham varrido tudo diante de si e estavam nas fronteiras de meu país.

Agora não importava que eu soubesse o segredo do ferro dos Nkumai. Não importava que meu pai me houvesse mandado embora e que meu irmão, Dinte, quisesse me matar. Eu não era mais um regenerativo radical, e era duas vezes melhor soldado que meu pai e um general muito melhor do que Dinte. Eu era necessário, caso minha família devesse permanecer.

A princípio, o pensamento de ir à guerra me era repugnante, mas a necessidade de minha família me arrebatava, e comecei a perguntar à pedra. Perguntei se uma vida podia ser mais importante que outra, e a pedra disse não. Perguntei se era certo acabar com uma vida caso, fazendo isso, outras pudessem ser salvas. A pedra disse sim. E perguntei se lealdade significava alguma coisa para as forças do universo, e a pedra chorou.

Lealdade? Que outra coisa senão lealdade fazia a pedra responder ao chamado dos Schwartz? A terra entendia o que era confiança, e perguntei se era bom para mim voltar e liderar minha família. E a pedra disse sim.

Essa conversa, entretanto, não foi o produto do sono de uma noite sob a areia. Foram necessários muitas noites e muitos sonhos, e os meses se passaram antes que eu soubesse que podia ir para casa; que devia ir para casa.

— Você não pode ir para casa — disse o porta-voz.

— A pedra falou comigo e disse que eu deveria ir.

— A pedra falou que ir seria bom para você. Bom para você. Bom para sua família. Mas não para nós.

— Bom para a terra. O sangue empapa a terra do mesmo modo, independente de quem empunha as ferramentas civilizadas — disse o porta-voz. — Se você for, será bom e será ruim. Não posso deixar que vá; você tomou tudo que tínhamos para ensinar, e agora irá usá-lo para destruir e matar em nome da lealdade.

— Juro que nunca usarei o que me ensinaram para matar.

— Se você matar, irá usar o que nós ensinamos.

— Nunca.

— Porque agora cada homem que morrer pelas suas mãos irá gritar em sua alma para sempre, Lanik.

Era uma coisa para me fazer pensar.

Quando os combates moveram-se para as terras baixas de Cramer, a menos de trezentos quilômetros de Mueller-sobre-o-Rio, a capital, não pude mais esperar. Helmut e eu estávamos brincando nos pináculos de um espinhaço de montanhas afiados como facas, fazendo acrobacias cem metros acima da areia, quando tirei a pedra de baixo dele e ele caiu.

A rocha sustentou-o numa saliência cem metros abaixo de mim e muito acima do deserto.

— Seu desgraçado! — gritou ele.

— Foi preciso! — gritei de volta. — Se você avisar o conselho, eles podem me impedir!

— Você disse que me amava!

Amava. Amo. Mas não disse nada. Ele tentou arrastar-se rocha acima. Mas proibi que a rocha o segurasse, e eu era mais forte. Ele tentou criar apoios para as mãos. Mas eu era mais forte. Tentou atirar-se da saliência para a areia embaixo, mas a rocha não o deixaria saltar porque eu determinei. E eu era mais forte.

O espinhaço apontava para noroeste, e fui para noroeste. Quando ele terminou, saltei para a areia e corri todo o dia e toda a noite, proibindo meu corpo de dormir. Fui do modo mais rápido que um Schwartz poderia viajar, e como nenhum era mais rápido do que eu, nenhum perseguidor poderia me alcançar.

Levou oito dias. Eu dormia enquanto corria, já que minha mente precisava dormir ainda que meu corpo não. Afinal, alcancei um lugar onde nuvens se alinhavam pelo céu e ocasionais tufo de capim brotavam de fendas nas pedras, e eu estava fora de Schwartz. Isso poderia ter sido um alívio, e eu estava bastante contente por ver grama em vez dos infinitos amarelos, cinzas e marrons do deserto, mas lamentei estar partindo, tanto que parei, me virei e quase corri de volta.

Lembrei do rosto de meu pai. Lembrei-o dizendo: — Lanik, eu gostaria, por Deus, que houvesse alguma coisa que eu pudesse fazer. — Ouvi sua voz se desculpar: — O corpo está arruinado. A mente ainda poderá me servir? Amará o homem ainda o seu pai?

Sim, seu bastardo faminto por terras, pensei. Você está em vias de enfrentar uma coisa para a qual não é páreo. E eu cheguei. Estou indo.

Fiz um giro e dirigi-me para o norte, entrando no país montanhoso de Sill.

A terra fora devastada pela guerra.

Campos queimados eram acentuados pelas carcaças de casas e pilhas de cinzas que um dia haviam sido cabanas. Caminhei por quilômetros de ruínas, no que deviam ter sido, na melhor das hipóteses, campos de cultivo marginais, tão próximos assim do deserto. A que propósito serviria tal destruição? Nenhum objetivo militar existia nas proximidades. Tudo que poderia ser obtido seria a fome do povo. A terra fora assassinada. Torturada.

No entanto eu conhecia o povo de Nkumai (tão bem quanto qualquer um poderia conhecê-los em suas intermináveis mentiras entrelaçadas), e tamanha destruição não estava em sua natureza, não no povo que ficava de pé na beirada de suas casas nas árvores e cantava a manhã. Mesmo sua burocracia interminável e confusa e a negação hipócrita de que compravam e vendiam por lucro — isso eram mais sintomas de boa intenção do que de corrupção profundamente assentada. Além disso, a avidez deixaria esses campos intactos. Apenas

um ódio vicioso e insensato podia fazer com que alguém quisesse destruir a terra, em vez de conquistá-la.

Mas quem poderia odiar mesmo o povo ingenuamente violento de Sill? Meu pai os deixara de lado, mesmo quando conquistou seus dois vizinhos, porque, a despeito de toda sua vida turbulenta nas vilas e das violências e pilhagens, eram, em última instância, inofensivos.

Quanto mais andava mais minha raiva crescia.

Afinal encontrei terra banhada por rios e irrigação, e ali havia pessoas trabalhando para reconstruir os canais. Novas casas estavam sendo erguidas, casas provisórias para proteger da chuva. Eu perdera a conta das estações — as chuvas estavam em vias de chegar.

Apenas então me ocorreu que eu estava nu, e a nudez era condenada nessa parte do mundo. A ideia de me vestir me parecia estranha eu estava sem roupas pelo menos havia um ano, desde que caíra da rede de pássaros em Nkumai. Mas como alguém consegue roupas quando não tem amigos ou dinheiro, e as pessoas ficam olhando e evitam-no quando o vêem chegando?

O problema foi resolvido para mim. Dormi, dessa vez tanto com o corpo quanto com a mente, na grama que crescia à margem do Rio Wong, e quando acordei três mulheres me olhavam. Movi-me devagar, para não assustá-las.

— Saudações — falei, e elas assentiram. Isso é que é conversa, pensei. — Não quero lhes fazer mal.

Elas assentiram novamente:

— Nós sabemos.

Acho que em minha condição despida não era segredo que eu não estava disposto a cometer estupro. Não podia pensar no que lhes dizer em seguida, a não ser o óbvio.

— Preciso de roupas. — Elas se entreolharam, confusas. — Não tenho dinheiro — falei — mas posso prometer que pago em um mês.

— Então você não é o homem nu — murmurou uma delas.

— Só existe um? — perguntei.

— Ele anda pelos campos vindo do deserto. Tem gente que diz que ele vai se vingar de nossos inimigos.

Então eu fora notado, e a notícia se espalhou. Não era estranho que essas pessoas tomassem o mistério e fizessem dele uma solução para seus problemas.

— Sou eu — falei. — Vim de Schwartz. Vou encontrar o exército que fez tudo isso.

— Você vai matar eles? — sussurrou a mais nova, que estava em gravidez adiantada.

— Vou fazer com que parem de matar — prometi, imaginando se seria realmente capaz. — Mas, enquanto isso, preciso de roupas. Devo me vestir.

Assentiram e foram embora. Não tinham pressa, e nos campos gentilmente ondulados logo estavam fora de vista. Mergulhei na água para esperar, e me diverti deitando no fundo do rio, olhando os peixes. Tudo estava devastado acima da superfície, mas na lenta corrente do Rio Wong os peixes jamais notaram.

Percebi que estava debaixo d'água havia muito tempo. Subi e comecei a respirar novamente. Nem bem havia posto a cabeça para fora quando uma mulher por perto gritou, e gritos de resposta trouxeram outras pessoas correndo. Novamente percebi que havia caído na armadilha de pensar e agir como um Schwartz. Precisava parar de fazer coisas que outras pessoas não podiam fazer.

— Ele estava lá embaixo esse tempo todo — a mulher dizia para as cerca de quarenta pessoas que se apinhavam ao seu redor, olhando frequentemente para mim, na água. — Ele estava lá embaixo o tempo todo, e eu fiquei aqui uma hora, uma hora inteira!

— Absurdo — falei. — Eu não podia ter ficado embaixo por mais do que quinze minutos.

Olharam-me com respeito e espanto (e não pouco medo) e a mulher grávida estendeu um punhado de roupas. Caminhei para fora da água e eles ficaram me olhando, como se esperassem algo inusitado. Quase ri ao lembrar o modo como os marinheiros no barco Singer reagiram à minha aparência antes dos Schwartz me curarem. Se pudessem me ver agora — na posse total do tipo de poder que apenas imaginavam que eu tivesse, antes! Ainda assim, o modo como aquelas pessoas me olhavam me fazia lembrar da vergonha com relação à nudez quando eu era jovem em Mueller. Vesti-me rapidamente, sem esperar que a pele e o cabelo secassem.

— Estamos honrados — disse um homem que parecia o líder, um velho. Percebi que não havia homens em idade de empunhar armas.

— Todos os seus filhos estão na guerra?

— Não há mais guerra — disse o líder.

A mulher grávida concordou, sobriamente:

— Para Sill, não há guerra.

— Não há mais Sill — disse o líder. — Somos Nkumai agora.

Olhei para eles, todos balançando as cabeças em concordância.

— É isso? Então que inimigo vocês querem que eu mate?

Ficaram em silêncio. Até que uma velha gritou irada, com lágrimas nos olhos:

— Nkumai! Mate os Nkumai! Pelo amor de Deus, se você tem algum poder... Outros começaram a gritar:

— Mate os Nkumai! Por nossos filhos, por nossas casas, por nossa terra, mate os demônios!

Eu podia ouvir a canção do ódio e da morte em seus corações, e concordei suavemente e caminhei.

— Qual é o seu nome? — gritou a mulher grávida atrás de mim.

Virei-me e gritei:

— Lanik Mueller.

Para minha surpresa os choros e gritos cessaram rapidamente. Alguns pareciam varados pelo terror. Alguns enrugaram o rosto, desgostosos, como se eu tivesse contado uma piada obscena. Outros rostos simplesmente congelaram, sem expressão. Então todos me abandonaram em silêncio e voltaram para suas casas. Apenas a velha me dirigiu uma espécie de mensagem. Cuspiu na terra.

Só podia ter sido o meu nome que os levara da amizade e esperança ao ódio e ao medo. Mas o que poderia significar meu nome num lugar daqueles? Em Mueller meu nome fora bastante conhecido, pois eu era o aparente herdeiro, mas como poderia ser familiar em Sill? Eu estivera fora por um ano, durante toda a guerra. Ponderei a questão enquanto me dirigia novamente para o norte, tendendo um pouquinho ao oeste, no caminho para Mueller-sobre-o-Rio. Poderia Dinte ter-me odiado tanto a ponto de espalhar histórias a meu respeito, como traidor? Ou teria me culpado de alguma atrocidade? Impossível acreditar que o Pai o deixasse fazer uma coisa dessas. Será que eu estivera fora havia tanto tempo que o Pai não fosse mais o Mueller? A coisa não fazia sentido para mim.

Havia lugares aqui e ali que os Nkumai haviam deixado de lado, pontos onde o verde era profundo e a colheita seria boa; o povo não

morreria de fome. Enquanto corria, entretanto, não vi ninguém. Teria a notícia se espalhado à minha frente? Estariam as pessoas evitando a jornada do Homem Nu? Ou seria do nome de Lanik Mueller que se esquivavam? Nenhuma das duas hipóteses parecia impossível. Por mais rápido que eu estivesse viajando, os boatos poderiam me ultrapassar; de que outro modo os sobreviventes de Sill teriam ouvido as histórias do Homem Nu, quando eu viajava o dia inteiro e a maior parte da noite? As histórias do Boato como um pássaro maligno que voa mais rápido do que o som devem ser verdadeiras.

Uma coisa boa era que eu não sentia fome. Enquanto passava por campos de trigo e canteiros de legumes minha boca lembrava o gosto e eu desejava a comida, mas não tinha necessidade e não parava. Além disso, se eu *tivesse* fome, ninguém estaria ali para dividir o alimento comigo, e eu ainda não estava pronto para ser um ladrão numa terra onde haveria muito pouco para se comer esse ano.

O Rio Sill estava dois dias atrás de mim quando finalmente vi outra pessoa. Ou pessoas. Senti o bater de cascos antes de vê-los. Vinham do norte, de Mueller. E quando apareceram, reconheci a bandeira do Exército do Leste. O comandante seria Mancik, meu padrinho.

Mas Mancik não estava com eles, apesar da bandeira do comandante estar; assim fiquei sabendo que morreria. Se tivesse uma faca, teria lamentado por ele, mas não tinha qualquer arma, e depois de alguns momentos tinha outras coisas na cabeça.

Eu não conhecia o comandante, nem conhecia os soldados que saltaram dos cavalos e me amarraram. Consenti em ser amarrado parcialmente porque estava confuso e parcialmente porque eles estavam em grande número. Há um limite para quantas partes do corpo mesmo um regenerativo radical reformado pode renovar. E eles pareciam dispostos a me fazer em pedaços.

— Ordenaram-me trazê-lo vivo à capital — disse o comandante.

— Então não vou atrapalhá-los. É para lá que estou indo. Isso, aparentemente, fez com que ficassem com raiva. Dois soldados me bateram ao mesmo tempo, e fiquei tonto por um momento.

— Sou Lanik Mueller — falei, cuspiendo as palavras — e não vou ser tratado assim!

O comandante me olhou, friamente.

— Sabemos quem você é, e depois do modo como tratou essa terra, qualquer modo como o tratarmos será melhor do que você merece. — Olhou por um momento, carrancudo, os campos devastados.

— Entre todos os traidores que jamais viveram, Lanik Mueller, deve existir um lugar especial no inferno reservado para você.

— Eu estive no inferno — falei. — É um lugar melhor do que esse.

— E se você queimasse como queimou esses campos? — gritou um soldado. Houve um murmúrio de concordância feroz.

— Não fiz isso — falei, perplexo por eles poderem pensar que eu fizera.

— Não fez! — gritou um homem. — Vi você agitando uma tocha, na frente de todas as suas tropas de tintos! Como eu poderia sequer protestar contra uma acusação tão absurda?

— Chega de conversa — disse o comandante. — Ele vai dizer que estava louco ou algum absurdo do tipo. Ninguém vai acreditar, ele terá a morte que um homem assim merece, mas não haverá glória para nós, por tê-lo encontrado. O estrago já está feito além de qualquer conserto, e matá-lo não vai desfazer nada.

Era uma coisa estranha para um comandante dizer, e mesmo assim teve um estranho efeito calmante sobre os homens. Eles não tinham nem um pouco da luxúria por batalhas que eu vira no exército em toda a minha vida. Mas as palavras do comandante haviam provocado uma coragem silenciosa e desesperada. Todos fizeram seu trabalho rapidamente, sem palavras. Jogaram-me sobre uma sela, amarraram meus pés nos estribos e deixaram que eu encontrasse o equilíbrio o melhor que pudesse com os braços amarrados sobre um cavalo galopante. Cavalgaram loucamente sobre os campos, como se esperassem (e estou certo de que esperavam) que meu cavalo caísse, me despedaçasse, me jogasse nas cinzas que um dia haviam sido grãos. Ou talvez não pensassem mais em mim, e meramente cavalgassem, máquinas de carne escarranchadas nesses cavalos que saltavam, vazias de pensamentos, vazias de tudo que não fosse o conhecimento da desolação.

Enquanto cavalgava, que mais eu podia fazer senão pensar? De algum modo eu fora acusado de toda essa devastação, e não apenas por estranhos, mas pelos homens de Mueller — os que um dia me haviam amado, se não por mim mesmo, por ser filho de meu pai. Isso não era

algo que as mentiras de Dinte poderiam conseguir, nem poderia Ruva ter persuadido ninguém a pensar assim a meu respeito, nem qualquer outro inimigo ciumento. O homem dissera ter-me visto. Ter-me *visto*, e apesar de eu saber que isso era impossível, não podia duvidar de sua honestidade. Não era apenas meu nome a ser odiado aqui, era o meu rosto.

Pensando em ódio, pensando em meu rosto, vi uma imagem de mim mesmo diante de meus olhos, e não era uma lembrança de meu rosto como eu o vira nos espelhos. Então soube da resposta, soube por que cada acusação que faziam contra mim poderia ser verdadeira e não-verdadeira ao mesmo tempo. Também soube que não importava o quão convincentemente contasse minha história, jamais acreditariam em mim. O ruído de pesadas botas de couro soou nas salas de pedra do palácio de meu pai. Fui empurrado brutalmente e jogado no chão. Eu já vira a cena antes, mas do outro ponto de vista, quando homens acusados de traição eram preparados para o julgamento. O julgamento era mera formalidade. A acusação era tão séria que jamais era levantada a não ser que a culpa fosse certa.

Mas meus pensamentos continuavam vagueando. Ao mesmo tempo em que marchavam comigo pelos corredores, e me prendiam na pequena cela enquanto o tribunal se reunia, fiquei olhando as pedras mortas das paredes, percebendo quanta morte esse lugar custara à terra. Se eu dissesse isso a alguém, seria tomado como loucura. Pedra viva? Mas falei em minha mente e cantei a canção da rocha, e senti a ressonância. Muito abaixo do castelo as pedras ouviam. Elas ouviriam, as pedras vivas saberiam, se meu sangue fosse derramado.

A punição por traição é arrastar e esquartejar o homem vivo. As mulheres são decapitadas antes. É medonho, mas eu sempre pensara nisso como uma ótima dissuasão.

Levantei do chão e fiquei de pé.

— Ajoelhe-se — gritou Harkint, o capitão da guarda (ele costumava andar comigo na garupa de seu cavalo pelas ruas da cidade).

Virei-me para ele e falei de forma fria e dramática, porque os julgamentos, como a maior parte da vida na corte, são teatrais, e eu não podia evitar representar o meu papel.

— Faço parte da realeza, Harkint, e fico de pé diante do trono.

Isso o silenciou, e agora a corte assentava no comércio estável do ódio e do medo.

Meu pai parecia velho. Era só por ele que eu voltara. Agora parecia cansado e doente no coração.

— Lanik Mueller, não há muito sentido num julgamento — falou.

— Você sabe e nós sabemos por que está aqui. Você é culpado, então acabemos com esse negócio sórdido.

Qualquer adiamento é uma promessa de vida; e mesmo sabendo que não havia uma chance de acreditarem em mim, eu precisava falar. Talvez se passassem muitos anos antes que minha inocência fosse provada, mas haveria alguns, então, que recordariam que eu dissera a verdade naquele dia.

— É meu direito ouvir as acusações contra mim.

— Se fôssemos ouvir a todas — disse meu pai —, eu não poderia impedir as pessoas presentes de matarem-no com as próprias mãos.

— Sejam breves, então, mas digam os meus crimes, já que eu não sei quais sejam.

O rosto de meu pai contraiu-se em desgosto pelo que ele pensou ser uma mentira covarde.

— Você envergonha a si próprio — falou. Mas olhou para o arauto, e o velho Swee gritou numa voz estridente:

— Os crimes de Lanik Mueller: liderar os exércitos Nkumai em batalhas contra os exércitos de Mueller. Destruir campos e casas de cidadãos de Mueller e as famílias dependentes. Trair o segredo da regeneração, de modo que nossos inimigos agora despedaçam os nossos soldados no campo, para que morram. Tramar para desfazer a sucessão e tirar o herdeiro por direito do trono. — Swee parecia com raiva, e a corte reunida gritava em ultraje a cada acusação que era lida.

— Não fiz nada disso — falei olhando meu pai nos olhos.

— Você foi visto por mil testemunhas — disse meu pai. Um soldado deu um passo à frente, irado — um plebeu, pois perdera os braços e nenhum dos dois crescera de volta.

— Eu vi você — gritou — quando cortou fora meus dois braços e mandou que eu viesse aqui dizer ao Mueller que você planejava beber seu sangue!

— Nunca fiz isso. Nunca disse isso. O Pai respondeu desdenhoso:

— Há outros que o conheciam e o viram liderando os exércitos Nkumai. Já ouvimos demais agora. Você é culpado, e o sentencio a...

— Não! — gritei. — Eu tenho o direito de falar!

— Um traidor não tem direitos! — gritou um soldado.

— Sou inocente!

— Se você é inocente — gritou meu pai —, toda prostituta em Mueller é uma virgem!

— Tenho o direito de ser ouvido, e vou falar!

Caíram em silêncio, então. Talvez porque minha voz ainda tivesse algum poder para comandar; ou mais provavelmente porque retiravam alguma pálida satisfação de me ver lutar em vão pela vida. Ainda assim, por mais inútil que fosse o esforço, tentei dar-lhes a única explicação que se encaixaria no que eles haviam visto, e no que eu sabia que tinha e não tinha feito. Metade do que disse era especulação, mas pelo que sabia na época, estava falando a verdade. Disse-lhes que havia ido a Nkumai, mas meu subterfúgio fora descoberto apenas momentos depois de ter encontrado o segredo do que vendiam pelo ferro. Contei sobre minha fuga, meu destripamento, e sobre o eco de mim mesmo que fora regenerado de minhas próprias entranhas. Descrevi minha prisão num barco Singer e que os Schwartz haviam me curado (não disse nada de como, ou do que havia aprendido sobre a rocha viva de nosso mundo), e como viera o mais rápido possível para avisar meu pai do perigo.

Quanto à pessoa que dizia ser eu e fazia os outros pensarem que era, eu podia apenas imaginar que fosse meu duplo, que ele não morrera, mas fora encontrado pelos Nkumai.

— Eu fui descuidado. Deveria ter destruído o corpo. Mas não estava pensando com clareza, então, e a maioria dos Mueller teria morrido daqueles ferimentos.

Deviam tê-lo treinado, especulei, e ele teria todas as minhas habilidades natas. Não era de se espantar que as pessoas pensassem que fosse Lanik Mueller — até o fundo dos genes, ele era.

Expliquei tudo em que pude pensar, e depois fiquei quieto.

Que efeito minha fala teria provocado? Muito pouco. A maioria das pessoas ainda era hostil, desacreditando abertamente, ansiosa por minha morte. Mas aqui e ali, especialmente entre os velhos, havia um

rosto pensativo. E quando olhei para meu pai soube (ou apenas queria saber?) que ele acreditava em mim.

Eu não era bobo. Sabia que, quer ele acreditasse em mim ou não, não tinha poder para me salvar. Não poderia me libertar, não naquele dia, não diante daquela audiência.

Eu praticamente não percebera Dinte e Ruva antes, mas agora ambos vieram conferenciar com meu pai. Espantou-me vê-los como aliados — Dinte não a odiava tanto quanto eu? Mas eram aliados, e é claro que perceberam a mudança na expressão do Pai, que me dizia de sua crença em minha história. Agora tentariam desfazer qualquer bem que meu discurso pudesse ter feito por mim. Ruva ficou sussurrando para o Pai, enquanto Dinte dava um passo à frente e falava alto, para que toda a corte ouvisse.

— Aparentemente você pensa que nós somos idiotas, Lanik. Jamais em toda a história da regeneração radical ninguém formou uma duplicata inteira de si mesmo.

— Nenhum rad jamais teve suas tripas arrancadas e arrastadas pelos campos, também. E depois você disse que os Schwartz o curaram. Selvagens do deserto, e podem fazer o que nenhum de nossos geneticistas consegue?

— Sei que é difícil de acreditar..

— Difícil é acreditar que você possa contar tudo isso de cara limpa, caro irmão. Ninguém jamais saiu vivo do deserto Schwartz. Ninguém jamais cometeu nenhum desses atos heroicos que você afirma ter feito. O que as pessoas *fizeram* foi ver você à frente do exército inimigo. Eu mesmo o vi, quando estava comandando o Exército do Sul em Cramer, e você acenou para mim e gritou uma obscenidade. Não finja que não se lembra.

— Difícilmente eu seria o primeiro a gritar uma obscenidade para você, Dinte — falei, e para minha surpresa houve algumas risadinhas na corte. Não o suficiente para sugerir que eu tinha amigos. Mas o suficiente para provar que Dinte tinha alguns inimigos.

Meu pai interrompeu:

— Dinte, você está sendo indigno. — Havia desprezo em sua voz. Mas havia alguma outra emoção quando falou comigo:

— Lanik Mueller, sua defesa é implausível e o testemunho de mil homens é inquestionável. Eu o sentencio a ser arrastado e esquartejado

vivo no campo de jogos perto do rio amanhã ao meio-dia e possa sua alma, caso tenha uma, apodrecer no inferno.

Levantou-se para sair. Será que eu queria tanto viver? A ponto de sacrificar toda a dignidade e gritar para ele:

— Pai! Se tudo isso fosse verdade, por que em nome de Deus eu teria me entregado a você?

Ele virou-se lentamente e olhou-me nos olhos:

— Porque mesmo o demônio dá alguma justiça a suas vítimas, quando estão além de qualquer ajuda.

Saiu da corte. Os soldados agarraram-me em seguida, e como eu fora sentenciado à morte, passaram a tarde e a noite me torturando. Como os Mueller se curam muito rápido, podemos suportar ofensas estranhas e não morrer. Sobre aquela noite não direi mais nada.

7 E N S E L

E u NÃO ESTAVA MAIS SANGRANDO, mas ainda sentia dor, e mais dolorosa era a lembrança do ódio dos soldados. Eu só conhecia alguns deles, mas esses sempre haviam sido gentis comigo, e alguns tinham sido meus amigos desde que eu era criança. Agora se deliciavam com minha dor, queriam que eu sofresse, e ainda assim era evidente que, para eles, nada por que eu passasse poderia igualar-se à punição que eu merecia. Sua repulsa me atormentava, mais ainda porque eu não merecia e não tinha esperança de provar minha inocência.

Então fiquei deitado na escuridão da cela de pedras mortas, onde afinal deixaram que eu descansasse até minha morte no dia seguinte. Meus ferimentos iam-se curando rapidamente, deixando-me exausto; mas logo eu estaria inteiro. O Pai me dera uma noite e uma manhã para viver antes de morrer. Determinei-me a usar o tempo, não me preparando para a morte, mas pensando num modo de escapar.

Admito que não estava pensando direito. Eu viera muito recentemente de Schwartz, e ainda me encontrava loucamente desdenhoso das preocupações naturais. Ninguém me alimentara desde que eu viera para Mueller, mas eu não tinha fome. Ninguém me oferecera água, mas eu não sentia sede. E já que podia ignorar a dor enquanto ela acalmava, o que haveria para me recordar que eu precisava agir rápido, agir de imediato, se quisesse salvar minha vida? Salvá-la para quê?

Meu objetivo em Schwartz fora o de vir avisar à minha família. O aviso chegara um pouco tarde, e agora, de qualquer modo, ninguém queria mensagens minhas. Pior, haviam-me trancado numa prisão de pedra morta, de modo que eu não podia sequer falar à rocha e afundar no solo para fugir.

Eu poderia me matar, claro, mas minha natural aversão a isso se acrescentava ao fato de que eu não suportaria ser culpado de somar mais essa dor à terra. A rocha suporta criminosos suficientes sem o grito de morte dos auto-assassinos.

Houve um som de passos leves do lado de fora de minha cela. A barra foi levantada e a porta, com dificuldade, abriu-se.

— Lanik — disse uma voz na escuridão. Conheci a voz imediatamente, não podia acreditar que a estava ouvindo. E logo em seguida Saranna estava me abraçando e chorando. — Lanik, eles chegaram a arrancar os seus olhos.

— Estão crescendo de volta — respondi. — É tão bom estar em casa.

— Ah, Lanik ficamos com tanto medo por você!

Ela falava comigo como se eu nunca tivesse estado longe, como se nada tivesse mudado. Suas mãos encaixavam-se exatamente nas minhas costas, em lugares onde um hábito ancestral dizia que mãos daquele tamanho se encaixavam. Segurou-me com uma pressão que eu sentira pela última vez ontem (sentira pela última vez um ano atrás) e sua respiração, a pele enquanto seu rosto roçava no meu, o perfume, até as madeixas selvagens de cabelo fazendo cócegas em meu nariz...

Agarrei-a com força porque por um momento ela levou para longe o pesadelo dos últimos dias e meses e anos, e eu era Lanik, o filho de Ensel Mueller, herdeiro do trono e um jovem feliz. Desgraçadamente feliz. Desgraçadamente.

— Por que você veio? — perguntei.

— Você tem amigos, Lanik. Alguns de nós acreditam em você.

— Então devem ser loucos. Não há nada acreditável em minha história.

— Conheci você por tempo suficiente para saber quando conta a verdade. Não quero você arrastado e esquartejado amanhã. Venha comigo.

—Você não acha que pode me tirar dessa prisão, acha? Posso com ajuda. — Segurou minha mão e guiou-me pelos corredores. Apertou-a uma vez quando chegamos aos degraus que subiam, duas quando os degraus começaram a descer.

Estávamos tão silenciosos quanto os pés podem ser, e eu, pelo menos, não respirava. Era mais fácil assim. Meus olhos estavam se curando; já tinham sua forma arredondada; mas demoraria para os nervos se formarem apropriadamente, para a visão ser totalmente restaurada. Era apavorante estar cego e ter de me movimentar, como naquela noite escura me arrastando entre os galhos escorregadios de Nkumai. Naquela noite eu nunca sabia o que havia adiante. Nem nessa noite — mas essa noite alguém segurava minha mão e mostrava o caminho. Essa noite eu confiava a minha vida, não aos meus instintos, mas a uma mulher que eu sempre vira como um tanto caprichosa. Leal, claro, e maravilhosamente exuberante ao fazer amor, mas não uma pessoa de quem se pudesse depender. Eu estava errado, obviamente. Não encontramos ninguém no caminho.

Paramos.

— O que estamos esperando?

— Quietos — disse ela, e eu fiquei quieto. Depois de alguns minutos pude ouvir um distante arrastar de pés. Um velho, deduzi pelo som. E em seguida ele estava perto e senti braços ao redor de mim e um abraço de ferro e lágrimas quentes em meu pescoço.

— Pai — sussurrei.

— Lanik, meu filho, meu filho — ele disse, e não tive mais medo.

— Você acredita em mim.

— Você é minha única esperança. — O desgraçado do velho sempre me via como *sua* esperança, como se ele tivesse prioridade em minha lealdade, mesmo sobre mim mesmo. Bem, ele tinha.

— Serão quatro esperanças muito menores amanhã — respondi.

Ele apenas me apertou mais forte.

— Há momentos em que um regente honesto precisa abdicar, e esse é o momento. Eles não vão cortá-lo. Eu sabia que você jamais me trairia, não permanentemente, de qualquer modo.

— Nem mesmo temporariamente — falei. — Mas agora vamos andando antes que alguém perceba que você está dando audiência aqui embaixo.

— Não podemos ir ainda — disse o Pai. — Precisamos esperar. Por quê?

— Mudança da guarda ao alvorecer. Espero que eles estejam distraídos.

— A guarda? Você está com medo da guarda? Não pode simplesmente me esconder e comandar que eles o deixem passar?

Saranna respondeu:

— Não é tão simples. Seu pai não comanda a guarda.

— Então quem, comanda? — sussurrei.

— Ruva — disse o Pai.

Ergui a voz:

— A Turd reina em seu palácio?

— Quietos. Sim, ela reina, ela e Dinte. Estavam tramando isso antes de você deixar o palácio, e assim que você se foi eles entraram em ação. Eu poderia tê-los bloqueado, suponho, mas não pude matar meu único herdeiro, como eu pensava, e então fui em frente, fingindo não perceber como minhas prerrogativas eram usurpadas, como os cargos de meus amigos tornavam-se sinecuras e o poder verdadeiro parecia juntar-se em mãos muito mais jovens.

— Minha mãe tentou avisar à corte — disse Saranna.

— Precisei assinar a sentença de morte dela.

— Por que assinou? — perguntei.

— Pelo mesmo motivo que me fez assinar a sua — disse meu pai.

— Ela escapou e está vivendo no exílio no norte. Em Brian, creio. Os agentes dela roubaram metade da fortuna da Família. Só parou quando Ruva descobriu o vazamento.

— Entendo — falei.

— Quando ouvimos dizer que você estava comandando os invasores Nkumai, fiquei radiante. Usei minha influência, a que ainda tinha, para colocar nossos comandantes mais estúpidos, inclusive Dinte, nas posições-chaves. Abri as portas ao inimigo. Pensando, claro, que você estava vindo libertar a mim e ao povo daquela imbecil que eu tive a infelicidade de desposar e da criança que sua mãe dizia também ser minha.

— Não era eu.

— Eu soube que não podia ser você quando ouvimos como os exércitos estavam destruindo tudo. Você é muito sensato para fazer

isso. Eu sabia que era uma fraude. Mas depois houve tantas testemunhas! — Ele suspirou. — Traí minha própria família, pensando que estava abrindo a porta para que meu filho me salvasse de minha mulher e de nossa cria monstruosa, Dinte. Agora o inimigo assola de Schmidt a Jones, e é apenas uma questão de tempo antes de cruzar o rio e tomar essa cidade. Certamente vão fazer isso logo. As chuvas vão tornar o rio impossível de se cruzar em mais algumas semanas. — Subitamente chorou de novo. — Sonhei com sua volta para casa, Lanik. Sonhei que você chegaria em triunfo e lideraria esse povo na batalha. *Você* poderia ter levado meu exército a derrotar os Nkumai. Eles deviam saber disso. É por isso que destruíram o amor do povo por você. Agora só podemos correr.

— Muito bem — falei. — Vamos começar a correr.

— A mudança da guarda — sussurrou Saranna.

— Não — falei. — Dinte e Ruva certamente estão vigiando vocês. Provavelmente me deixaram sem guardas para que vocês tentassem me ajudar e fossem mortos. É melhor voltarem para cima e fingirem que não têm nada a ver com isso.

— Não dessa vez — disse Saranna.

— Precisamos partir com você — disse o Pai. — As coisas estão intoleráveis aqui. Temos algumas centenas de homens leais que já mandei em missão para o norte. Estão nos esperando. Vão se reunir a nós.

— A vocês, quer dizer. Nenhuma viva alma irá se juntar a mim. Mas não vamos esperar a mudança da guarda.

— Então seremos apanhados. Cada portão é cuidadosamente vigiado.

Agora podia ver o brilho da tocha de Saranna. Minha visão estava retornando.

— Vou criar uma diversão. O portão de trás.

— É muito bem guardado.

— Sei. Levem-me até lá perto, mas me deixem fora de vista. Posso enxergar muito embaçado, e devo logo ter visão total, mas nesse meio tempo não posso me defender nem contra um mosquito. Assim que chegarmos, vocês dois estejam prontos para correr até o portão das águas. Encontro vocês lá.

— Cego?

— Conheço o caminho de olhos fechados. E na hora ninguém vai estar procurando por mim.

— Que tipo de diversão *você* pode criar? — perguntou o Pai cheio de dúvidas.

Em resposta, abri a camisa e mostrei meu peito. Vocês se recordam do que crescia aqui quando me mandaram embora, Pai?

Ele recordava.

— Nunca mais vai crescer de novo. Os Schwartz me curaram, como contei. Se puderam lidar com *isso* , não acha que podem ter-me ensinado outras coisas também?

A mão de Saranna escorregou pelo meu peito, como no sonho que eu vivera por cem noites no barco Singer.

— Vamos — falei.

Guiaram-me escadas acima e por rampas e corredores que nos levariam ao portão de trás. Deixaram-me na janela sobre a porta do palácio de onde, se eu pudesse ver, teria esquadrinhado o pátio antes do portão nos muros do palácio. Como estava eu podia enxergar formas, fracamente; apesar das tochas serem apenas faíscas de luz, eu podia ver as chamas dançarem.

Havia tanta pedra morta ao redor que me senti tolhido, mas logo descobri a voz da rocha. Boa parte era nova; a terra, diferentemente da areia, tem muita vida em si. Era uma barreira, e não um canal. Mas enfim encontrei a voz da rocha viva. Expliquei meu objetivo, pedi ajuda, e a rocha concordou.

Não pude realmente ver a coisa acontecer. Pude apenas ouvir o triturar de pedras mortas enquanto a terra se erguia debaixo e jogava-as ao chão. Houve gritos quando os homens do portão de trás correram para a brecha no muro. A terra continuou se erguendo, e alguns foram jogados ao chão. Outros idiotamente correram muito para perto de onde os muros dançavam, onde grandes blocos de pedra deslocavam-se de seu lugar e desmoronavam na terra.

Desci da janela e caminhei no outro sentido, em direção ao portão das águas.

Saranna, o Pai e quatro soldados segurando sete cavalos esperavam ao abrigo de um muro.

— O que *você* fez? — perguntou o Pai, espantado. — Foi como um terremoto.

— *Foi um terremoto* — falei. — Só um pequenininho. Os grandes exigem um comitê. — Andei rapidamente para o portão. Na luz que se juntava antes do alvorecer pude enxergar novamente, se bem que as coisas continuassem embaçadas, e percebi com alívio que o portão estava desguarnecido: os soldados haviam corrido até a brecha no muro. Desguarnecido, e nós passamos, o Pai e Saranna primeiro, e depois os soldados. E foi por isso que fiquei por último e ainda desarmado quando Dinte emergiu das sombras.

Vi o brilho de uma tocha refletida em aço.

— Como somos desiguais — falei. — Um sinal de sua coragem.

— Eu não queria ter dúvidas sobre o resultado.

— Então deveria ter escolhido um alvo diferente — respondi. Era uma coisa simples fazer suor e óleo brotar das suas mãos de modo que a empunhadura ficasse escorregadia. Ele tremeu; não podia segurar a espada; ela escorregou de suas mãos, e ele ficou olhando-a no chão, com horror nos olhos. Tentou pegá-la de volta. Ela escorregou novamente de seus dedos. Esfregou as palmas freneticamente na túnica, deixando manchas escuras. Será que pensava que podia enxugar as mãos tão facilmente? Tentou outra vez pegar a espada, dessa vez com as duas mãos. Segurou-a com cuidado, e depois tentou me golpear; arranquei-a facilmente de suas mãos. E dessa vez fui eu que a peguei.

Teria sido pura justiça se o matasse, mas ele estava gritando por socorro e era o filho de meu pai, então meramente cortei-lhe a garganta de orelha a orelha e deixei-o em silêncio, sangrando no chão. Ele iria regenerar e se recobrar, como eu, do mesmo ferimento, havia mais de um ano. Mas pelo menos saberia que da próxima vez em que viesse atrás de mim precisaria trazer alguns amigos.

Passei pelo portão, ainda segurando a espada, e montei o cavalo que seguravam para mim. Não disse nada sobre o motivo de meu atraso. Se o Pai ouviu a voz de Dinte, se adivinhou o que aconteceu dentro do portão, não disse nada a respeito.

Cavalgamos para o norte o dia inteiro, e à noite chegamos a um posto militar que antigamente guardava a fronteira norte de Mueller, quando Epton era poderoso e Mueller uma pacífica família rural com algumas práticas estranhas de reprodução. O posto estava arruinado, mas uma contagem rápida me fez estimar trezentos ou mais cavalos, o que significava haver pelo menos a mesma quantidade de homens.

— Tem certeza de que eles são amigos? — perguntei.
— Se não forem, não temos muita esperança — respondeu o Pai.
— De qualquer modo, seria melhor que você ficasse com essa espada, e não eu. Estendi-a para ele. Ele olhou e assentiu.
— De Dinte.
— Ele vai se recuperar.
— Pior — disse Saranna, carrancuda.
— Talvez ele nos faça um favor e morra sozinho — falei. Mas estava certo de que ele poderia se recuperar daquele ferimento.

Logo estávamos nos portões do posto e os soldados deixaram-nos entrar e aclamaram o Pai, e ele explicou (muito toscamente) que um impostor e não eu liderava os Nkumai. Não sei quantos acreditaram. Mas eram homens corajosos e leais ao Pai; a maioria aclamou, e ninguém protestou.

— Vocês são corajosos — falou ele — corajosos e valorosos, mas trezentos homens não são o bastante. — Ordenou-lhes que voltassem às suas casas e trouxessem quantos homens leais pudessem encontrar. Sensatamente insistiu para que não mencionassem que eu estava com ele. Deixem que venham ao encontro do rei, não de alguém que a maior parte pensaria ser um traidor.

Enquanto os trezentos soldados saíam para trazer-nos um exército, trocamos de cavalos pela quinta vez naquele dia e fomos para o norte, escuridão adentro.

— Vocês deviam estar planejando isso há meses — falei.
— Não estávamos planejando *você* — disse o Pai — mas sabíamos que não demoraria até que eu tivesse uma crise com meu querido filho mais novo, e precisaria estar livre para convocar as tropas leais. Planejamos para as contingências.

Discórdia já se pusera pela segunda vez naquela noite quando finalmente paramos numa fazenda longe da estrada. A casa ficava às margens do Rio Doce. O vento vinha frio das montanhas ao leste, que levavam a Ku Kuei. O fogo na lareira estava quente e impetuoso, e o hospedeiro forçou-nos a tomar sopa antes de nos deixar ir para a cama.

Os guarda-costas dormiram no térreo. E quando o hospedeiro mostrou meu quarto Saranna já estava em minha cama, esperando por mim.

— Sei que você está cansado — falou. — Mas já faz um ano.

Enquanto ela me despia, olhei pela janela para os morros suaves, cobertos de trigo, ao leste, onde o sol nascia vindo de Ku Kuei; e senti a brisa brincando sobre meu corpo enquanto Saranna me fazia cócegas (nada esquecido, nem mesmo agora), e eu cheirava a exalação dos músculos dos cavalos em minhas roupas e a caiação ainda fresca que o hospedeiro usara uma semana antes, e era bom estar em casa.

Depois de três semanas estava claro que nossa rebelião não seria notável. Tínhamos oito mil soldados, leais até o fundo e alguns dos melhores guerreiros do reino. Mas o tesouro do Pai alimentou-os e armou-os em vão: chegaram boatos, logo verificados, e soubemos que nossa causa estava perdida. Dinte assinara um tratado com os Nkumai. Agora havia 120 mil homens contra nosso pequeno exército. O Pai e eu podíamos ter melhores generais, mas há limites para o que um general pode fazer.

O que mais nos feriu, entretanto, foi o fato de que os Nkumai, aparentemente, a partir do dia em que eu fora capturado, haviam guardado sua duplicata Lanik e começaram a declarar publicamente que eu realmente estivera com eles, mas fora capturado por forças Mueller e era agora um desertor com o exército de meu pai. E assim que começaram a espalhar a história terminaram com a política de terra arrasada, afirmando que a destruição fora inteiramente minha ideia, e que estavam felizes por poder parar.

Isso não colaborou nada para me tornar popular e minha história de um gêmeo mais acreditável, e as tropas não estavam exatamente afluindo à minha bandeira. Tentamos esconder o fato de que eu estava com o Pai, mas algumas histórias não podem ser mantidas em segredo.

Então lá estávamos com oito mil homens, um tesouro inteiro, e nenhuma escolha a não ser fugir. Claro que os Nkumai e o querido Dinte escolheram aquele momento para unir forças ao norte do Rio Mueller e dirigir-se diretamente a nós.

— Morreremos heroicamente — disse Harkint, que ainda não confiava em mim.

— Prefiro viver — falei.

— Nós conhecemos suas preferências — respondeu ele, friamente.

— Prefiro que todos continuemos vivos. Porque não vai demorar muito, com Dinte no comando, para que o povo comece a exigir a volta do Pai.

— Não demoraria *agora*, se você não estivesse conosco — disse outro soldado, e um murmúrio de concordância veio dos outros reunidos na grande sala da casa. O Pai olhou-o carrancudo, mas o soldado estava certo. Eu era o principal comprometimento do Pai. Bastaria me perder e ele poderia levantar mais do que um exército. Talvez mais dez, quinze, mil. Ainda assim, não o bastante.

— Eu tenho um plano — falei. — E ele vai funcionar.

Na manhã seguinte seguimos o Rio Doce. Não fizemos segredo de nossa direção e viajamos a passo lento. O rio seguia para sudoeste, e qualquer um com meio cérebro poderia adivinhar que estávamos indo para Mueller-sobre-o-Mar, o grande porto no delta do Rio Rebelde, onde a água doce era jogada nas águas salgadas da Manga. Estrategicamente era um ponto vital, e a frota, caso pudssemos alcançá-la primeiro, nos levaria a Huntington, onde as tropas ainda seriam leais ao Pai e, não tendo visto a devastação, poderiam não me odiar tanto. Ali poderíamos esperar e preparar uma invasão.

Isso significava, claro, que Dinte e os Nkumai iriam competir conosco para chegar primeiro à frota. Eu não tinha objeção. Afinal de contas, mesmo se chegássemos a Huntington em segurança estaríamos permanentemente no exílio; com os Nkumai tendo tanto o nosso ferro quanto o deles, não haveria como resistir-lhes. De modo que, quando chegamos ao ponto em que teríamos de abandonar o rio independente de para onde fôssemos, ordenei que nosso exército marchasse em ritmo dobrado, não para sudoeste em direção a Mueller-sobre-o-Mar, mas para sudeste, para a Grande Curva do Rio Mueller, onde estaríamos livres para ir para o leste, juntando forças entre as populações recém-conquistadas e não muito dóceis de Bird, Jones, Robles e Hunter. Não era o plano mais sensato nem o mais seguro do mundo, mas era o melhor em que eu podia pensar no momento.

Não nos preocupamos em galopar: fomos no ritmo mais rápido que as carroças podiam desenvolver, o que ainda era melhor — com cada carroça não muito carregada — do que o exército Nkumai de extrepadores de árvores podia fazer a pé. Eu só podia esperar que o inimigo tivesse ido bastante para o oeste, na direção errada, de modo que pudssemos chegar à curva antes deles. Caso conseguíssemos nunca nos alcançariam em direção ao leste, e viveríamos para lutar outro dia.

Caso nos alcançassem, eu ainda tinha outro plano, mas esse era para quando não tivéssemos nada a perder.

Enquanto viajávamos para o sudoeste havia pouca coisa para eu fazer. O Pai conhecia seus homens e ninguém estava disposto a receber ordens de mim. Em vez disso eu pensava, e o assunto que vinha com mais frequência à minha mente era o impostor, o Lanik verdadeiro demais, que agora estava posto de lado.

Era uma especulação interessante, como fora a sua vida. Sua criação fora muito ruim para mim — mas para ele os primeiros lampejos de consciência começaram com alguém que tinha exatamente a sua aparência tentando esmagar seu cérebro com uma pedra. E, depois, por que coisas teriam os Nkumai feito com que passasse, acreditando que ele era eu, antes de finalmente perceberem o que estava acontecendo? Se eu fora assombrado por ele antes, em sonhos, agora ele assombrava minhas horas despertas enquanto eu imaginava o ódio que lhe haviam ensinado. Você é um monstro para os homens de Mueller, devem ter-lhe dito. Irão matá-lo se chegarem a saber quem é. Mas se trabalhar conosco, iremos instalá-lo no trono e você poderá mostrar que é uma pessoa a quem se deve olhar com medo, se não com respeito.

Será que ele realmente liderava os exércitos? Talvez. Teriam minhas memórias sido transferidas para ele junto com meu corpo? Em caso afirmativo, ele seria uma ameaça para mim em qualquer campo de batalha, já que saberia de meus movimentos antes que eu os fizesse. Certamente manteriam-no com eles com esse objetivo, caso não houvesse outro.

Independente do papel que tivesse representado antes, ele fora novamente traído, jogado sem cerimônia para fora de um posto importante. Talvez já o tivessem matado, pensei. Ou talvez estivesse sentindo-se tão desesperançado quanto eu, sabendo que não havia ninguém mais odiado que ele em todo o Oeste, e ainda assim não merecendo esse ódio.

Pensei em Mwabao Mawa e desejei estrangulá-la.

Nada de assassinato, disse para mim mesmo. Nada de matar. Ouvi a canção da terra, e ela é maior que o ódio.

Nesses momentos eu cavalgava para longe do exército, vários quilômetros à frente, deitava no chão e falava com a rocha viva. Como

temia ser incapaz de me controlar, deixava que a rocha me controlasse, me restaurasse, me trouxesse paz.

— Eles libertaram os Cramer e estão fazendo os Mueller de escravos — contou aterrorizado um soldado que se juntou ao nosso exército. A reação foi elétrica: muitos de nossos soldados tinham famílias em Mueller Ocidental, onde os Cramer poderiam estar criando confusão sem ninguém para defender nosso povo. Não fiquei surpreso por nosso número começar a diminuir enquanto soldados sumiam em direção ao sudoeste. Fiquei ainda menos surpreso quando a maioria de nossos batedores deixava de voltar. Mas precisávamos tentar manter o exército unido: insisti para que o Pai parasse de pedir voluntários para missões de exploração.

Estávamos apenas a trinta quilômetros da Grande Curva quando a informação mais importante de todas veio de alguém que jamais esperávamos ver de novo.

Homarnoch — sussurrou o Pai quando viu o homem guiando loucamente uma carroça pela estrada por onde acabávamos de vir. — Homarnoch! Aqui! — gritou, e o velho médico logo estava ao nosso lado. Ordenamos um descanso; os soldados pararam na estrada.

Inútil — disse Homarnoch. — Matei uma parelha de cavalos vindo avisar vocês. Os Nkumai não caíram no seu engodo. Apenas mandaram Dinte e suas forças para Mueller-sobre-o-Mar, e quando vocês viraram para sudeste o resto deles estava o tempo todo à frente de vocês. Já estão na Grande Curva há dias.

O Pai chamou seus comandantes e deu-lhes ordens para deixar os homens preparados para uma marcha bem mais acelerada. Vamos lutar com eles e vencer — insistiu Harkint.

Vamos fugir e sobreviver — respondeu o Pai, e Harkint saiu enraivecido.

Enquanto os preparativos continuavam, Homarnoch contou como e por que tinha vindo.

— Eles iam tomar tudo: todo o nosso trabalho de milhares de anos. Eu não permitiria. Não para aqueles macacos que vivem em árvores.

Não me incomodei em contar que aqueles macacos que viviam em árvores haviam dado ao resto do universo a viagem mais rápida do que a luz.

Então envenenei os rads — disse Homarnoch. O Pai estava chocado:

Matou-os!

— Eles valem cinco toneladas de ferro, Ensel, e eu não podia deixar os tintos ficarem com elas. Então envenenei-os. Nem mesmo as unhas vão valer um grama de ferro. Eu não disse nada, mas lembrei um tempo em que tinha cinco pernas, um nariz extra e ainda acreditava ser um homem.

— Também peguei a biblioteca. Os relatos essenciais. A teoria. Está tudo na carroça. E queimei o resto. Com os homens de Dinte dominando a cidade, ninguém sequer pensou em me segurar.

— Um golpe de mestre — disse o Pai. Homarnoch iluminou-se de orgulho.

— Ter os livros conosco não responde à pergunta verdadeira — falei. — O que faremos agora?

— Harkint quer atacar — disse o Pai com um sorriso forçado.

— Harkint é um asno heróico — respondi. — Mas posso ver por que ele quer isso. Não há nenhum outro lugar para onde ir. Os homens de Dinte estão entre nós e o mar, e não há nada ao norte a não ser Epsom. E lá não vão se dispor a provocar Nkumai deixando-nos entrar.

— Dinte não é páreo para nós.

— Ele nos supera em número, de cinco para um. Com uma desigualdade dessas eles não precisam de um comandante competente.

Ficamos sentados em silêncio. Homarnoch murmurou alguma coisa sobre precisar verificar os cavalos. E depois Harkint voltou. As tropas estavam prontas.

— E o que quero saber é: nós vamos para a batalha ou vamos fugir?

— Fugir — disse o Pai. — A questão é para onde. Harkint bufou.

— Nunca pensei que chegaria o dia em que o Mueller seria um covarde. Segui-o através de tudo que deu errado, incluindo o abrigo desse bastardo Classe A — querendo dizer eu. — Mas que eu me dane se enfiar o rabo entre as pernas e fugir de uma luta. E há outros que pensam igual a mim.

Se ele tivesse algum senso teatral, teria saído como uma tempestade naquele momento. Mas não tinha. Então o Pai respondeu:

— Passe pelas tropas então, Harkint, e pergunte quem quer ir com você. Mas lhes diga que o Mueller está se retirando, e peça a todos os homens que venham com ele. Diga-lhes isso, e leve os que desejarem ir com você.

Harkint assentiu e retirou-se. Comecei a rabiscar um tosco mapa de Mueller e dos territórios ao redor. O sul e o oeste estão fora de questão — disse o Pai. — Todo mundo em Mueller deseja matar *você*, e todo mundo em Helper, Cramer e Wizer deseja *me* matar.

— E o norte é impossível — respondi —, porque Epson é muito fraco para nos proteger, e muito forte para que os forcemos a nos receber.

— E não podemos alcançar o leste porque o exército Nkumai está no meio do caminho.

— Que situação desesperada! — disse Homarnoch com ar casual, olhando um maço de papéis enquanto voltava e ficava a alguns metros de distância. — Não temos esperança. Vamos nos jogar no rio e morrer afogados.

Era hora de eu apresentar meu plano final e desesperado:

— Há uma direção em que ainda não pensamos. O Pai não era lento.

— Ku Kuei. Mas há lendas demais sobre a floresta, Lanik. Os homens não quererão ir.

— Eu atravessei a floresta. Não apenas pelas bordas. Cruzei-a.

— E eles vão segui-lo a qualquer lugar. Ri.

— Mesmo se pudéssemos levá-los até lá, Lanik, o que faríamos? Nkumai governa o leste, e os exércitos Singer estão arruinando o extremo norte. O que faremos em Ku Kuei?

— Sobreviveremos. Dinte não pode durar para sempre.

— Você fala sério sobre irmos para lá, não é?

Pude ver que ele estava com medo de Ku Kuei, como todo mundo. E eu não estivera? E não haviam ocorrido coisas estranhas nas árvores, o tempo parecendo não se mover, meu corpo cansando-se além de qualquer expectativa? Ainda assim, era nossa única esperança.

— Há lendas sobre Schwartz, também — falei. — No entanto entrei e saí de lá, vivo.

— Você acha que ainda há uma família Ku Kuei? Você acha que eles podem ter algo de valor para oferecer?

— A floresta é estranha e perigosa, até mesmo enlouquecedora. Não encontrei ninguém lá, Pai, e não espero encontrar ninguém para nos ajudar dessa vez. Mas mesmo uma leve esperança é melhor que esperança nenhuma.

O Pai deu uma risadinha. Lanik, acho que uma esperança louca assim é o seu modo de mostrar desespero.

O fato de estar se divertindo significava que ele amolecia. Forcei mais:

— Será que Dinte nos seguiria para dentro de Ku Kuei?

— Dinte? Ele acredita em todas as lendas. Ele fecha suas janelas à noite. Ele não atravessa água sob um céu nublado. Canta quando a sombra do cavalo de outro homem toca nele. É um idiota.

— Os Nkumai não são idiotas — falei —, e também não entram em Ku Kuei. As florestas são o habitat nativo deles. Ku Kuei apavora todo mundo a ponto de congelar a meleca. De modo que se pudermos controlar o pânico, estaremos seguros.

Mais soldados do que esperávamos escolheram acompanhar Harkint à batalha. Formamos o resto imediatamente em duas colunas e começamos a marchar para o nordeste. Não foi uma retirada agradável. Alguns soldados diziam ser uma ofensa os homens de Harkint abandonarem o Mueller. Os homens de Harkint, em resposta, chamavam os outros de covardes. A marcha foi melancólica enquanto tomávamos nosso caminho: apenas aproximadamente cinco mil homens, com desertores pingando o tempo todo. Eu não podia condená-los, mas forçava os que eu pegava a voltar à fila. Eles não se importavam. Sabiam que iriam embora em uma hora, mais ou menos, quando nenhum oficial estivesse vigiando.

Chegamos à encruzilhada onde a fuga para o norte significaria seguir o caminho principal à esquerda, enquanto a estrada menor para o leste podia apenas levar-nos a Ku Kuei. O discurso do Pai foi impressionante. Mas perdemos dois mil homens ali, exatamente quando chegou a notícia de que as forças de Harkint haviam sido massacradas poucas horas depois de nossa saída. Os Nkumai estavam logo atrás de nós, e haviam descansado durante dias enquanto nos esperavam na Grande Curva: estavam fortes, e nós não.

Seguimos desesperançados o caminho estreito que subia pelas ásperas montanhas do leste. Agora havia poucas deserções; nessas

montanhas, a melhor fonte de comida eram nossas carroças, e os desertores teriam pouca esperança de fugir com o inimigo tão perto, atrás. Além disso, os homens que ainda estavam conosco eram o núcleo dos que apoiavam o Pai. Do tipo que, pensávamos, morreria antes de abandoná-lo.

— Estou remoendo uma ideia — disse-me o Pai enquanto comandávamos a coluna pela estrada serpenteante. — Minha ideia é arranjar um ponto favorável aqui e descer lutando.

— É uma ideia estúpida — falei procurando ser jovial. O Pai sorriu. Mas era um sorriso amargo.

— Estou percebendo, quanto mais perto chegamos de Ku Kuei, que sou um pouco supersticioso, também. Tem certeza de que você passou por lá em segurança?

— Eu estou aqui, não estou?

— Você está aqui, mas o que isso prova? Lanik, meu filho, sou um velho que só fala bobagens, mas se não me engano você derrubou um muro de meu palácio sem usar sequer uma pedra ou uma catapulta.

— Aprendi algumas coisas em Schwartz.

— Lanik, não duvido. Mas você não entende que o que é possível para você pode não ser para qualquer outra pessoa? *Você* pode estar seguro em Ku Kuei, mas o que o faz estar certo de que o resto de nós irá viver?

— Tudo que eu aprendi, aprendi em Schwartz. Eu era um garoto comum quando entrei em Ku Kuei, e saí cansado, mas não modificado.

Ele suspirou.

— O que vamos fazer em Ku Kuei?

— Sobreviver. — Que outros planos ele esperava que eu tivesse?

A estrada desviou para o norte, e à distância, no leste, podíamos ver as árvores de Ku Kuei começarem. Não havia um caminho que levasse até a floresta: não era a direção comum para os viajantes seguirem. Então peguei o que parecia uma rota razoável e segui pelo campo.

As tropas não me acompanharam.

Não que tenham dito qualquer coisa, ou se rebelado. As alas da frente simplesmente ficaram sobre os cavalos, olhando-me, sem falar, sem se mover.

Então o Pai deixou a estrada e veio atrás de mim, seu cavalo a passo lento, e um ou dois outros também vieram. Mas enquanto o Pai veio até juntar-se a mim, os outros seguraram as rédeas e pararam a alguns metros da estrada.

O Pai virou-se e encarou-os.

— Não vou ordenar que nenhum homem venha — falou. — Mas é para lá que o Mueller está indo, e todos os verdadeiros homens do Mueller irão com ele. Fiquem comigo e viverão enquanto eu viver. Não sei se apenas o pequeno discurso do Pai seria o suficiente para persuadi-los. Muito mais convincente foi a chuva de flechas que voou em direção à nossa coluna. A pontaria não era boa — a distância muito grande para precisão. Mas a mensagem era clara: os Nkumai nos haviam flanqueado, e toda a extensão de nossa coluna estaria logo exposta às flechas inimigas. O Pai gritou:

— A mim, Mueller! — E depois sussurrou alto para mim: — Guie, droga!

Parti a um meio galope totalmente insensato sobre um chão irregular; meu cavalo e eu tivemos sorte, mas outros não, e muitos cavalos cuspiram seus cavaleiros antes de alcançarem o abrigo da floresta.

As árvores eram altas, mas os galhos eram frequentemente baixos, e estava difícil achar um caminho limpo. Precisei desmontar, e isso significou que nossas forças também teriam que parar à margem da floresta, expondo-se aos arqueiros Nkumai enquanto esperavam que os da frente se movessem sob as árvores. Perdemos mais de duzentos homens ali; mas quando eu os tinha levado por duas horas floresta adentro os da retaguarda passaram a notícia de que os perseguidores Nkumai haviam-se retirado.

A urgência da fuga terminara, mas não podíamos parar ali. As árvores eram tão densas que não podia nascer qualquer forragem decente para os cavalos. Decidi levar os homens para as margens do lago estreito onde eu parara pela primeira vez. Lá os bosques abriam-se em campinas que poderiam manter os animais por alguns dias, ao menos.

Nossa passagem pela floresta foi silenciosa. Eu não olhava para trás, para os homens — isso os tornaria mais nervosos ao saberem como eu estava nervoso por eles. Fiquei esperando que nossa força se

esvaísse enquanto o tempo parecesse não passar, como me acontecera antes. Dessa vez, entretanto, nada estava acontecendo com nossa resistência, mas o próprio silêncio da floresta, a despeito do ruído dos cascos dos cavalos e das botas dos soldados, era enervante. Era como se os sons fossem engolidos no silêncio, como se um pouco de nós fosse roubado pela árvores e não nos fosse refletido de volta. Passamos uma noite dura na floresta. O chão era bastante macio, e havia comida suficiente nos alforjes, mas pela manhã centenas de homens haviam desaparecido. Tinham ido embora durante a noite ou no início da manhã, mas tinham ido. Sabíamos que haviam meramente desertado (e boa parte dos que ficaram estavam, sem dúvida, desejando ter ido, também), mas o sentimento de que homens podiam simplesmente desvanecer na noite foi de pouco auxílio para promover a calma.

Vivemos do que tínhamos nos alforjes, e levamos mais dias do que eu achava possível até que enfim encontramos o lago. Eu não tinha alcançado esse lugar — exausto, sim — apenas em um dia de corrida? A luz do sol jorrava e pássaros margeavam a água e os cavalos pastavam livremente na campina e pensei que havíamos chegado à segurança. Contei os homens. Menos de mil. E com isso esperávamos voltar ao poder em Mueller.

Os homens banhavam-se no lago, jogando água uns nos outros como crianças. Riam alto. Agora estavam seguros, e não tinham qualquer necessidade urgente, nem homens nem cavalos. O Pai e eu decidimos deixar Homarnoch encarregado de nossas tropas pacíficas e felizes, e fomos em busca de um lugar onde acampar, construir cabanas e plantar grãos. Por dentro havia a leve esperança de que no processo pudéssemos encontrar os Ku Kuei, se é que tal povo continuava ali.

Saranna agarrou-se comigo e disse que eu não devia ir. Mas o Pai e eu a deixamos assim mesmo, e fomos em busca pela floresta. No momento pareceu uma atitude sensata.

8 KU KUEI

PODERIA TER SIDO um feriado num dos bosques do Rio Doce. O Pai andando rápido (ele não está velho, absolutamente, pensei) e eu seguindo um pouco atrás, observando enquanto suas mãos se erguiam para tocar folhas e galhos, baixavam-se para arrancar grama ou flores, abriam-se em gestos amplos enquanto ele falava. Um dia eu pensara que esses gestos eram exagero, exibição — ou pior, um modo de atacar, de buscar o controle sobre mim e todos ao redor, de impor nossa submissão. No entanto isso acontecera quando eu era criança. Agora eu via que os acenos, golpes e socos de seus braços eram sinal de exuberância. Seu corpo não era grande o bastante, não se movia com rapidez suficiente para conter toda a sua vida e alegria.

Irônico, então, que eu só percebesse isso agora, quando sua alegria estava tão deslocada. Deveria ser contagiosa, mas para mim parecia forçada. Agora, em vez de querer rir, me movimentar e gritar com ele, eu queria chorar por ele. Teria chorado, sim, só que isso o envergonharia. Havia coisas pelas quais se podia chorar, como filhos há muito perdidos voltando para casa, mas pelas perdas um Mueller não chora. Nem mesmo lamenta a perda de um reino. Meu pai ainda estava vivo, mas eu já chorava por ele, porque seu eu verdadeiro era o Mueller, o regente, o homem tão grande que apenas um reino poderia contê-lo; e agora ali estava, confinado ao espaço de seu corpo, seu reino uma estranha floresta e alguns homens que amavam a lembrança de como ele fora, e por isso continuavam a servir esse encolhido remanescente.

Ensel o Mueller estava morto. Mas Ensel Mueller insistia em continuar vivo, em carregar consigo uma grandeza mesmo na derrota.

Eu havia sempre esperado herdar o reino. Subir a seu lugar quando ele morresse; *tornar-me* ele. Pensava ser capaz disso. Mas agora, seguindo- o pela floresta, percebi que mesmo que pudesse ter-me tornado o Mueller, as coisas seriam diferentes, mas eu ainda não era grande o suficiente para assumir o *seu* posto, porque quando ele morresse iria deixar tantos lugares vazios, lugares que eu mal sabia existirem, papéis que eu jamais seria suficientemente grande para representar.

Sáímos sem demora do lago, sem que nada de especial acontecesse. Eu estava começando a imaginar se o que eu sentira antes, quando tinha passado através de Ku Kuei, louco de cansaço, não era apenas ilusão. Mas então começou de novo, exatamente como da outra vez. Nós andamos e andamos, e o sol continuava alto no céu, praticamente não parecendo se mover; o Pai ficou com fome e comemos; o sol não se movera; andamos até ficar cansados, o sol se movera apenas um pouquinho, e enfim havíamos caminhado até ficarmos completamente exaustos e não podermos caminhar mais, e devia ser meio-dia.

— Isso é ridículo — disse o Pai, cansado, quando deitamos na grama.

— Eu acho consolador — falei. — Agora sei que não estava louco quando isso aconteceu antes.

— Ou talvez estejamos os dois.

— Isso é exatamente o que me aconteceu quando vim aqui antes.

— O quê, você ficou cansado e desistiu depois de apenas uma manhã de caminhada?

— Isso foi o que eu pensei, só que agora não estou certo. — Eu havia aprendido algumas coisas sobre o mundo desde a outra vez em que passara por Ku Kuei. Os observadores de estrelas nos topos das árvores podiam imaginar meios do homem voar mais rápido do que a luz entre as estrelas. Os selvagens nus no deserto podiam transformar rocha em areia. Será que estávamos cansando cedo? Ou estaria o sol mais lento em sua viagem? — Nós podemos ver que, não importa o quanto fiquemos cansados, o tempo não passou, então pensamos que devemos estar cansando cedo. Mas pense: não parece que estamos

viajando para sempre? Talvez nossos corpos estejam bem, e é o próprio tempo que ficou mais lento.

— Lanik, estou cansado demais até para entender você, quanto mais para pensar no que disse.

— Descanse, então.

O Pai desembainhou sua espada e deitou-se sobre o lado esquerdo, de modo que sua mão direita, que ele usava para segurar a espada, estivesse livre para entrar em ação no momento em que ele acordasse. Dormiu num instante.

Também me deitei na grama sob as árvores, mas não dormi. Em vez disso, ouvi a rocha. Ouvi através da barreira de solo vivo e das vozes de milhões de árvores, e ouvi:

Não a voz da rocha, mas um sussurro baixo, suave, quase impensável, e não pude entender. Parecia falar de sono, ou poderia ter sido minha própria mente? Tentei ouvir os gritos dos mortos (se bem que em geral eu os evitava) e dessa vez ouvi, não o embate de vozes gritando juntas em agonia, mas chamados distintos e baixos. Torturados, mas lentos. Torturados e cheios de ódio e medo, mas infinitamente atrasados e separados e distintos, e contra seu ritmo meu coração ia rápido, correndo, em pânico, e ainda assim eu estava descansando e meu coração batia normalmente.

Deixei-me afundar no solo, que abriu caminho apenas relutantemente até eu chegar ao fundo, apoiado contra a rocha. Pedras escorregaram para fora, sob minhas costas; raízes profundas deslizaram para me deixar passar; e então a rocha rígida abriu caminho e me recebeu gentilmente e ouvi:

Nada incomum, absolutamente. A voz da rocha estava igual, e o que eu ouvira junto à superfície havia desaparecido.

Eu estava confuso. Não tinha meramente imaginado o que ouvira antes, e no entanto agora, perto da rocha, tudo era como havia sido em Schwartz, algumas semanas antes.

Subi novamente, ouvindo por todo o caminho, e gradualmente a canção da terra mudou, pareceu ralentar, pareceu separar-se em vozes distintas. A terra, também, pareceu preguiçosa em partir-se e deixar que eu passasse. Mas enfim eu estava na superfície, os braços abertos, flutuando como sempre no que só poderia parecer para mim um mar ligeiramente mais denso que o normal.

O Pai estava de pé, olhando-me, uma expressão incrível no rosto. Meu Deus, o que aconteceu com você?

— Só estava descansando — respondi porque não havia muito a dizer.

— Você tinha ido embora, e depois surgiu do fundo da terra, como os mortos voltando do túmulo.

— Eu esqueci de boiar — falei. — Não se preocupe com isso. Eu precisava descobrir uma coisa. Eu... Pai, em Schwartz aprendi a fazer algumas coisas. Coisas que jamais poderiam ser exportadas através de um Embaixador, porque são um modo de... pensar, e de falar com... coisas que as outras pessoas jamais pensam em falar.

— Estou com medo de você, Lanik. Você não é... você não é mais humano.

Eu sabia o que ele queria dizer, mas ainda doía ouvi-lo.

— Essa questão foi decidida quando brotaram seios em mim e Homarnoch me declarou um rad.

— Aquilo foi...

— Diferente — falei terminando sua frase. — Porque naquela época eu era menos do que humano, e agora o senhor pensa que eu sou mais. Mas nenhum dos dois é verdade, Pai. Eu fui humano o tempo todo, dos dois modos. Isso é apenas uma coisa que pode acontecer a um humano, uma coisa que um ser humano pode fazer. Não um deus, não um demônio. Um humano.

— Como você sabe?

— Porque sou humano, e posso fazer isso.

— Você desapareceu por aproximadamente uma hora, parecia. Parecia para sempre, Lanik. Como você respirou?

— Prendi a respiração muito firme. Pai, esqueça o que me viu fazer. Deixe que eu diga o que eu *descobri*. Há alguma coisa com o solo, aqui. Alguma coisa que ralenta as coisas, ou que faz com que pareça assim. Como se... não sei. Como se houvesse uma bolha, envolvendo-nos e envolvendo a terra e as árvores ao nosso redor em uma esfera, e dentro dessa bolha o tempo anda mais devagar. Ou não, não é isso. É como se o tempo andasse mais *rápido* para nós. Nós andamos mais longe, caminhamos o equivalente a um dia inteiro, e no entanto, para o mundo lá fora, apenas alguns minutos se passaram. Enquanto estamos dentro,

todo o resto do mundo parece andar mais devagar, mas não anda. Ele é o mesmo de sempre.

— Se nós realmente andamos tanto quanto parece, é uma bolha enorme. A não ser que ela nos siga.

— Por que isso não aconteceu com o exército?

— Talvez tivéssemos muito *momento*, ou algo do tipo. Não sei. Mas olhe o sol. — Ele estava apenas um pouco além do zénite.

— E já andamos por um dia inteiro.

— Estou descansado agora — disse o Pai. — Senti como se eu tivesse dado um cochilo longo, acordei e você tinha desaparecido, nem uma pegada nem nada, simplesmente tinha desaparecido. Não ousei ir embora, com medo de perdê-lo novamente. Esperei, parecia que para sempre.

— Eu saí por alguns minutos, foi só. Mas passei aqueles minutos fora da bolha.

— Não sei nada de bolhas, mas estou descansado agora. Então continuamos.

Pelo sol era apenas o meio da tarde; pelos meus cálculos eu andara o equivalente a dois dias desde a manhã, quando encontramos outro lago. Era o lago cuja margem sul eu acompanhara em minha jornada anterior. Agora estávamos na margem oeste, e a outra margem estava tão próxima que podíamos vê-la facilmente. Se é que era a outra margem. Como ela parecia desaparecer ao norte e ao sul, podíamos estar olhando um ilha ou uma península.

Eu não dormira junto com o Pai, mas seu descanso não lhe fez muito bem. Ele cambaleava como um bêbado, e eu estava tão cansado que cada passo era um esforço separado, um triunfo de vontade.

— Não sei quanto ao senhor — falei —, mas esse é o meu limite. É aqui que eu paro.

Dormimos quase antes de deitarmos.

Acordei na escuridão. Em minha primeira jornada eu nunca vira a noite em Ku Kuei, e na noite anterior, com o exército, eu tivera outras coisas em mente. Agora olhava o céu. Tanto Discórdia quanto Liberdade haviam nascido, e nessa época do ano estavam próximas uma da outra. Fiquei ali deitado, ainda cansado de sono, deixando minha mente vagar, quando me ocorreu que Discórdia já devia ter ultrapassado Liberdade.

No entanto, praticamente não havia um movimento detectável.

Poderiam os Ku Kuei ter desenvolvido um meio de ralentar o sol e as luas? Não, ou teríamos visto tais coisas de Mueller, também. O que estava acontecendo não era real, era uma ilusão, um fenômeno local. Nenhuma mudança na terra ou no céu. Poderia ser apenas uma mudança em nós. Um mudança que não ocorrera quando o exército estava conosco; uma mudança que acontecia apenas quando estávamos sós.

— Pela primeira vez Discórdia aprendeu seu lugar — disse o Pai. Então ele também estava acordado.

— O senhor percebeu, também.

— Odeio esse lugar, Lanik — suspirou. — Um mendigo ama qualquer tostão. Mas estou começando a pensar que estaria mais feliz com Harkint.

— Até certo ponto, provavelmente estaria.

— Que ponto?

— Até que eles cortassem sua cabeça e ela não crescesse de novo.

— Esse é um problema com os Mueller — disse o Pai. — Nós nunca pensamos que a morte é permanente. Ouvei uma vez falar de um homem que não podia pensar numa vingança contra seu inimigo, e ele queria *demais* a vingança. Então desafiou o homem para um combate e venceu-o, e enquanto o inimigo estava caído no chão, fraco pela perda de sangue, cortou seu braço e costurou-o virado para trás. Ele gostou tanto do efeito que fez o mesmo com o outro braço do homem, e com as pernas, também, na altura dos quadris, de modo que as nádegas do homem ficaram na mesma direção que seu rosto. E, claro, ele tinha um rabo. Foi uma vingança perfeita. Quando tudo ficou curado seu inimigo passou o resto da vida olhando-se cagar, e nunca sabia se estava dormindo com uma garota bonita ou feia.

Ri. Era o tipo de história contada à beira das enormes fogueiras em Mueller-sobre-o-Rio no inverno. O tipo de história que os homens agora não tinham espírito para contar, mesmo que tivessem vontade.

— Eu nunca vou voltar, não é, Lanik? — disse o Pai.

E pelo modo como disse eu soube que ele não queria a verdade.

— É claro que vai — falei. — É apenas uma questão de tempo antes que os Nkumai desabem sob seu próprio peso. Há um limite para quanta terra uma Família pode absorver.

— Não, não há. Eu poderia ter conquistado todo mundo.

— Não sem mim, não poderia — falei tão beligerante que ele riu.

Era o mesmo riso que eu ouvira quando criança. Pensei na vez em que o desafiei para um combate singular quando ele ordenou que eu fosse para o quarto por minha impertinência. Ele rira, até que desembainhei a espada e exigi ser enfrentado com honra. Ele teve que praticamente cortar fora minha mão direita antes de eu me submeter.

— Eu nunca deveria ter tentado... — falou. Tentado o quê?, imaginei, até que ele terminou a frase: — ...fazer qualquer coisa sem você.

Eu não disse nada. Ele fora forçado a me mandar embora, mais ou menos um ano atrás; desde então eu havia agido com muito pouca escolha. Um ano atrás? Foi ontem. Foi para sempre. Na escuridão me senti como se jamais tivesse estado em outro lugar que não fosse ali, observando as estrelas.

O Pai também olhava as estrelas.

— Será que nós vamos alcançá-las?

— Se tivermos os braços suficientemente longos.

— E o que iremos encontrar, se chegarmos lá? — o Pai parecia vagamente triste, como se tivesse acabado de perceber que jamais reencontraria algo que perdera por descuido havia muito tempo.

— Se nós de Mueller conseguíssemos ferro suficiente e de algum modo construíssemos uma nave estelar e fôssemos para as estrelas, o que encontraríamos? Depois de três mil anos, será que eles nos receberiam de braços abertos?

— Os Embaixadores ainda funcionam. Eles nos mandam ferro. Sabem que estamos aqui.

— Se eles quisessem nos deixar sair desse planeta, teriam vindo há anos e nos levado. Quaisquer pecados que tenham sido cometidos, foram pagos mil vezes antes de eu nascer, Lanik. Eu me rebelei contra a República? Que ameaça eu sou para eles? Eles têm armas que fariam um homem enfrentar todos os exércitos Nkumai e vencê-los. Enquanto eu sou um velho espadachim que um dia venceu dezessete disputas de arco e flecha num único dia. Eu usaria todas as minhas medalhas e certamente eles se curvariam. — Riu desanimado, e o riso se retorceu num suspiro.

— Quando você corta os braços deles, não crescem de volta — falei. — De modo que realmente temos uma vantagem.

— Nós somos monstruosidades.

— Estou com frio — falei, mas as nuvens continuavam congeladas em seus lugares junto ao horizonte, e não soprava nenhum vento. Sem vento — falei. — Eles ralentaram completamente. Olhe, Pai. Naquele espaço aberto, vê como a grama está inclinada? Como se um vento soprasse. No entanto ela permanece assim.

O Pai não pareceu se dar conta.

— Pai, talvez nós devêssemos continuar a andar.

— Para onde?

— Para encontrar os Ku Kuei.

— Sair como Andrew Apwiter, então, tentando encontrar a terceira lua, uma lua de ferro que nos salvaria do inferno. Não *há* Ku Kuei. A família morreu há anos.

— Não, Pai. Isso não é uma ocorrência natural, essa bolha de tempo. Ela nos segue a todo lugar. Já que não somos nós que estamos fazendo, isso deve estar sendo feito *conosco*, o que significa que alguém está fazendo isso, e eu pretendo encontrá-los.

— Então talvez haja alguns Ku Kuei. Se tivéssemos de encontrá-los, isso já deveria ter acontecido.

— Eles não podem viver sem dar algum sinal, Pai. Sem viver em algum *lugar*.

— E será que nós temos anos suficientes em nossas vidas para procurar cada metro da floresta, esperando que algum Ku Kuei despenque, ou esperando encontrar um tufo de cabelos num galho baixo? Eles podem fazer coisas estranhas conosco, e mesmo assim nós nunca chegamos a vê-los. Eu chamo isso de mágica. Desisto e chamo de mágica e os mágicos não têm necessidade de nós e não têm ajuda para nós e devo voltar para meu povo e morrer. Pelo menos assim eles vão se lembrar de mim como o rei que lutou até a morte, e não como o Mueller que fugiu para a floresta e foi comido pelas árvores de Ku Kuei.

— Pai...

— Quero dormir de novo. Só quero dormir. — Ele rolou para o lado, virando-me as costas.

Fiquei ali, olhando as estrelas e imaginando que tipo de povo seriam os Ku Kuei. Nesse mundo, podiam ser qualquer coisa, pensei. Quando criança, crescendo em Mueller, eu não pensava que nada a nosso respeito fosse estranho. Cada criança aprendia suas lições com a

ameaça de isolamento ou desmembramento caso falhasse, já que a dor não fazia diferença nem mesmo para nossas crianças. Cada corte numa criança se curava um momento depois que ela levasse um tombo. Eu pensava que isso era normal. Mas agora penso diferente. Um povo das árvores que responde às questões do universo, um povo do deserto cujas mentes alteram a forma das pedras. Em Traição, a estranheza era normalidade, e os que realmente *eram* comuns estavam condenados a ser esquecidos e superados.

Nós viemos a vocês, falei em minha mente aos Ku Kuei, viemos a vocês porque não havia outro lugar para onde ir, e esperamos piedade dos que não precisam temer a justiça.

Ninguém respondeu aos meus pensamentos. Ninguém ouvira.

O quanto terei de gritar antes que vocês me percebam?, pensei. O que preciso fazer para chamar sua atenção, mesmo por um momento, qualquer que seja o tamanho dos momentos aqui?

O lago refletia a luz da lua. Perto de nós a água cintilava um pouco, mas a cintilação desvanecia e, além, o lago estava imóvel, as ondas congeladas no meio da queda. E fiquei sabendo como podia fazer com que eles nos percebessem.

Afinal de contas, mudanças com a água foram a primeira coisa que eu tinha visto em Schwartz, quando a água empoçou para que eu pudesse beber e depois se dissipou quando eu terminei. Novamente fiquei imóvel e falei em minha voz silenciosa, chamei a terra embaixo de mim.

A terra sentiu minha grande necessidade, talvez, ou talvez meus poderes fossem maiores do que eu pensava. Mas as rochas responderam, a terra abaixo do lago afrouxou, escorreu, e o lago afundou depressa. Quando terminei ficou apenas água suficiente para conter os peixes, um grupo espalhado de poços rasos e pântanos, e o lago se fora.

— Senhor — disse uma voz atrás de mim.

— Como vieram rápido! — respondi sem me virar.

— O senhor roubou nosso lago.

— Peguei emprestado.

— Devolva.

— Preciso da ajuda de vocês.

— Você veio de Schwartz.

— Ninguém sai vivo de Schwartz — falei.

— Nós saímos vivos de todo lugar que escolhemos visitar — disse a voz. — Mas ninguém sabe que nós estivemos lá. — Deu uma risadinha.

— Sou de Mueller — insisti.

— Se você pode fazer um lago afundar na terra, você vem de Schwartz. O que mais aprendeu lá? Em Schwartz eles não matam. Mas nós não somos Schwartz, e estamos dispostos a matar.

— Então matem-me, e digam adeus a um lago.

— Nós não devemos nada a você.

— Vão dever, quando eu devolver o lago. Silêncio. Virei-me.

Não havia ninguém.

— São uns desgraçados furtivos, não é? — murmurei.

— O quê? — perguntou o Pai, acordando. — O que aconteceu com o lago?

— Eu estava com sede — respondi. Não gostei do medo em seus olhos quando me olhou. — Tivemos um visitante. Ele falou conosco.

— Onde ele está?

— Foi arranjar mais gente para nos expulsar, imagino. Enquanto isso, veja Discórdia e Liberdade.

O Pai olhou, e viu o que eu tinha visto: Discórdia movia-se sobre a face de Liberdade, e as folhas nas árvores sussurravam ao vento.

— Bom — falou —, eu devia dormir com mais frequência.

Esperamos na margem do que fora o lago. Mas não esperamos muito. Discórdia estava apenas um dedo depois de Liberdade quando quatro homens chegaram trovejando sob os arbustos e ficaram de pé, irados, ao nosso redor.

— Que droga! — gritou um deles.

— Quer nadar? — perguntei.

— Que direito vocês têm de nos atacar desse jeito? Que mal fizemos a vocês?

— Além de brincar com nosso senso de tempo? Olharam uns para os outros, consternados.

— Vocês me enganaram em minha primeira viagem. Mas da segunda vez dei um jeitinho.

— Por que vocês estão aqui?

Então o Pai e eu contamos, e eles escutaram com rostos inescrutáveis. Eram todos de peles negras, altos e gordos, mas havia força sob a gordura. Não mostraram qualquer expressão enquanto ouviam nossa história.

Quando terminamos, eles estudaram nossos rostos por um tempo até que finalmente o mais alto e mais gordo, que obviamente estava no comando — será que escolhiam os líderes a quilo? pensei —, disse: E?

— E precisamos de sua ajuda.

— E daí? Há algum motivo para ajudarmos?

O Pai estava perplexo.

Nós precisamos. Estamos condenados, a não ser que vocês nos ajudem.

— Isso é evidente. Mas que diferença faz para nós?

— Nós somos companheiros humanos! — começou o Pai, mas foi sensato o bastante para saber quando desistir. De qualquer modo, eles acharam a ideia divertida.

— Tenho um bom motivo pelo qual vocês devem nos ajudar — falei. — Se não ajudarem, não têm um lago. Os mosquitos se reproduzem bem rápido em pântanos como esses.

— Então eu prometo tudo que vocês quiserem, e você reenche o lago — disse o líder. — Tudo que preciso depois fazer é matá-lo e lá se vai nosso acordo. Mais ainda, ficamos com o lago. Então por que não encher o lago e ir embora, pro lugar de onde vieram? Nós não os incomodamos, vocês não nos incomodam.

Eu estava irritado. Então removi o solo de baixo de seus pés fazendo com que deslizesse para o lado. Eles caíram pesadamente. Tentaram levantar-se de novo (e eram mais rápidos do que eu pensava que sua gordura permitiria), mas o solo continuou dançando debaixo de seus pés, até que enfim desistiram e se esparramaram no chão e gritaram para que eu parasse.

— Só por um momento — falei.

— Se você pode fazer isso — disse o líder, levantando-se e espanando as roupas —, dificilmente precisa de nossa ajuda. Por tudo que falei, você sabe, não temos armas. Não precisamos delas. Não matamos ninguém há anos. Não que tenhamos qualquer objeção moral, de modo que não pensem que estão livres de problemas.

— Seria adorável — falei — se pudéssemos fazer a terra engolir nossos inimigos. Mas as rochas não brincam de assassinato em massa, de modo que só posso fazer certas coisas. Demonstrações. Drenagem de lagos. Dar rasteiras. Nada de prático contra um inimigo. Mas não precisamos de vocês para lutar nossas batalhas. O que precisamos é de tempo.

Eles riram incontrolavelmente. Gargalharam. Rugiram até as lágrimas rolaem pelas bochechas. Um palhaço poderia se aposentar em cinco anos trabalhando aqui, de tão fácil que eles se divertiam. Finalmente o líder disse:

— Por que não disseram logo? Se é tempo que vocês querem, nós temos muito. — O que os jogou novamente em espasmos de risos.

O Pai parecia desconfortável.

— Será que somos o único povo sadio no mundo?

— Talvez eles pensem que somos carrancudos.

— Nós podemos lhes dar tempo — disse o líder. — Trabalhamos com o tempo há anos. Não podemos ir para o futuro ou para o passado, claro, já que o tempo é unidimensional — (claro, pensei, todo mundo sabe disso). — Mas podemos mudar nossa velocidade em relação ao fluxo geral do tempo. E podemos estender essa mudança a nossas imediações. É preciso um de nós para cada cinco pessoas que queremos mudar. Quantos vocês têm?

— Menos de mil — disse o Pai.

— Como é específico! — respondeu o líder, torcendo a boca como se estivesse em vias de deslanchar outra barragem de riso. — Você está certo até o último decimal, não é? Isso iria requerer menos de duzentos de nós, não é? Mas até menos, claro, se vocês se amontoarem, se vocês compartilharem o tempo uns dos outros. De modo que talvez possamos fazê-lo com apenas uns cinquenta.

— Fazer o quê? — perguntou o Pai, cheio de suspeitas.

— Não sei — disse o líder, sorrindo escancarado. — Dar-lhes tempo, claro. Quanto tempo até que todos os seus inimigos estejam mortos? Cinquenta anos? Se trabalharmos duro isso significa que vocês precisariam ficar numa pequena área por, digamos, cinco dias. É muito? Fica mais difícil quanto mais rápido fizermos o tempo passar para vocês, mas se precisarem de um esforço supremo, podemos dar-lhes cem anos em uma semana.

— Cem anos de quê?

— De tempo! — Ele estava ficando impaciente conosco. — Vocês ficam aqui pelo que parece uma semana, enquanto que fora da nossa floresta se passaram cem anos. Vocês saem e todos os seus inimigos se foram, ninguém está procurando vocês, vocês estão seguros. Ou será que eu estou errado? Os seus inimigos vivem por um tempo excepcionalmente longo?

O Pai virou-se para mim.

— Eles podem fazer isso?

— Depois desse último ano — falei —, acredito em tudo. Eles fizeram com que nós pensássemos que a lua havia parado.

O líder encolheu os ombros.

— Isso não foi nada. Era uma criança que estava fazendo. Deixe que arranjemos voluntários para ajudá-los, e enquanto estivermos fora, você reenche o lago.

Balancei a cabeça.

— Quando vocês voltarem, eu encho o lago.

— Eu dou minha palavra.

— Você também disse que não se incomodaria em me matar depois da palavra dada.

Ele riu novamente.

— E talvez ainda não me incomode. Quem sabe? É um mundo muito incerto, você precisa se acostumar. — Então, abruptamente, ele e seus amigos desapareceram. Não se viraram e foram embora, simplesmente não estavam mais lá. Agora, entretanto, eu podia adivinhar: o tempo era subitamente mais veloz para eles, de modo que podiam partir mais rápido do que nossos olhos podiam registrar sua passagem.

— Estou velho — disse o pai —, não posso enfrentar isso.

— Nem eu — falei. — Mas se isso significa que podemos sobreviver, digo que devemos fazer uma tentativa.

Só havia trinta deles, afinal, mas o líder assegurou que provavelmente eram o bastante. E partimos com o lago restaurado à sua beleza original atrás de nós.

— Talvez nós não matemos vocês — disse o líder quando o lago estava cheio, mas depois gargalhou num rugido e me deu um abraço

apertado. — Gosto de você! — gritou. Todos os outros riram. Eu não entendi a piada. — Tempo rápido.

Mas para minha surpresa ninguém correu. Então percebi que eles queriam dizer que seu tempo passaria rapidamente, enquanto o tempo exterior labutava no ritmo normal. Era o início da manhã quando chegamos ao lugar onde o exército estava acampado, mas havíamos parado e dormido duas vezes no caminho, e no total nossa expedição tomara cinco dias de nosso tempo, enquanto que para o exército teriam passado apenas 24 horas, mais ou menos. Dessa vez o Pai e eu percebemos como devíamos ter-nos forçado, antes. Os Ku Kuei não eram preguiçosos, e estávamos bastante cansados cada vez que parávamos para descansar; o Pai e eu havíamos feito a mesma jornada com apenas dois períodos de sono.

Foi uma boa jornada, feita em menos de 24 horas desde que deixamos o exército, se ao menos o exército estivesse lá quando chegamos de volta.

A um quilômetro de distância ficou claro que algo estava errado. Estávamos seguindo pela margem do lago comprido, e podíamos ver longe nas campinas. Mas apesar da fumaça ainda subir das fogueiras, não havia os grandes grupos de cavalos. Nenhum cavalo. Nada.

A não ser cadáveres, é claro. Não muitos, mas em número suficiente para tornar clara a história. Homarnoch, que havia insistido em trazer sua carroça para a floresta, por maior que fosse o trambolho, estava morto em frente aos restos carbonizados do veículo. Mesmo um Mueller não pode regenerar queimaduras por todo o corpo — mas, para se assegurar, haviam cortado sua cabeça após a morte. Os outros cadáveres receberam tratamento semelhante.

Tudo isso verificamos em apenas alguns momentos. Procurei Saranna, chamando seu nome. No entanto esperava que ela não estivesse lá — melhor imaginá-la viva entre os desertores do que morta, aqui. Continuei chamando, e logo os Ku Kuei juntaram-se na busca por vivos entre os mortos. Foi o líder que me chamou:

— Bebedor-de-Lago! — gritou. — Tem alguém vivo! Fui em sua direção.

— É uma mulher! — gritou, e corri mais rápido.

O Pai estava ajoelhando ao lado dela. Seus braços e pernas haviam sido cortados fora, e a laringe fora cortada. O corpo estava regenerando,

mas não muito rápido. Ela não era uma rad. Ainda não podia falar.

O líder Ku Kuei ficou exigindo saber por que ela se curava tão rapidamente e por que não sangrara até a morte, até que o Pai lhe disse para fechar a boca gorda por um minuto. Nós a alimentamos, e ela me olhou de um jeito que partiu meu coração; os cotos de seus braços se estenderam em minha direção. Abracei-a. Os Ku Kuei, perplexos, observavam.

— Acho que isso significa que vocês não vão precisar de nós — disse o líder, depois de um tempo.

— Mais do que nunca — falei, ao mesmo tempo em que o Pai.

— Exatamente.

— Agora, em qual dos dois eu acredito? — perguntou ele.

— Em mim — insisti. — Nós não precisamos de trinta homens para nosso exército. Mas agora não temos para onde ir. Nós três. Meu pai, Ensel Mueller. Saranna, minha... esposa. E meu nome é Lanik Mueller.

— Nós cumprimos nossa parte na barganha — disse o Ku Kuei.

— Estamos livres de vocês. Devemos levá-los à borda da floresta?

Eu estava com pouca paciência. Movi o chão debaixo dele. Ele caiu pesadamente de costas e xingou.

— Você tem os instintos de um tirano — falou irritado. — Que seus filhos sejam todos porcos-espinhos! Que sua bexiga fique cheia de pedras! Que seu pai descubra que foi estéril a vida inteira!

Ele parecia tão sério, tão intenso que eu não pude segurar o riso. E quando comecei a rir, o líder abriu um sorriso.

— Você é dos meus! — gritou.

Não era preciso muito para se dar bem com os Ku Kuei.

Carregaram Saranna de volta, espantosamente cuidadosos para pessoas tão grandes, desproporcionais; mas pararam para descansar com mais frequência do que eu e o Pai precisávamos, e enquanto o Pai comia de bom grado os imensos biscoitos que eles sempre nos ofereciam, eu não me incomodei em comer. Em vez disso, ficava com Saranna e a alimentava. Estávamos viajando havia horas em nosso segundo dia depois de abandonar o acampamento quando Saranna finalmente falou.

— Acho — começou ela, rouca — que minha voz irá voltar.

— Ah, não! — gritou um dos Ku Kuei. — Basta uma mulher falar e o silêncio é banido da floresta! — A observação provocou gargalhadas estrondosas, e vários Ku Kuei ficaram caídos no chão, incapazes de sentar porque o riso ou a comida tornava impossível permanecer eretos.

— Saranna — falei, e ela sorriu.

— Vocês não ficaram longe muito tempo, Lanik.

— Tempo demais, parece.

— Me deixaram viva para dizer a você o que eles pensavam.

— Essa foi a única coisa boa em um mês.

— Eles estavam certos de que você tinha saído para matar o Mueller. Sabiam que você estava planejando trazer os terrores de Ku Kuei para destruí-los. Eles o odiavam. E por isso foram embora.

— Matando no caminho.

— Homarnoch proibiu-os e ameaçou matar o primeiro homem que fosse embora. Havia muitos querendo ser o primeiro, e Homarnoch não matou ninguém. Alguns dos homens tentaram defendê-lo. Eles morreram, também.

— E você.

— Eles foram rápidos. Queria ter certeza de que eu não poderia viajar com facilidade. Achavam que eu impediria você e os monstros de perseguirem-nos.

Olhei para os trinta exóticos Ku Kuei, sentados como pequenas montanhas ou roncando sobre a grama.

— Monstros — falei, e Saranna riu, mas o riso logo se transformou em lágrimas, a voz soluçando repetidamente.

— É tão bom ter uma voz para chorar — murmurou quando as lágrimas cessaram.

— Como estão os seus pés?

— Melhor. Mas os ossos não estão duros. Amanhã vou poder andar um pouco.

Desenrolei a bandagem que os Ku Kuei haviam improvisando ao redor de suas pernas.

— Mentirosa. Você ainda não está nem na metade da canela.

— Ah — respondeu ela. — Pensei que podia sentir meus dedos.

— São os nervos regenerando. Nunca perdeu uma perna antes?

— Meus amigos não faziam brincadeiras desse tipo. E eu sempre me comportei na escola — sorriu ela.

— Certo, vamos indo, upa upa, depressa, não temos muito tempo!

— gritou o líder, e os outros riram alto enquanto partíamos novamente. Em silêncio desejei matar o próximo homem que risse.

A cidade dos Ku Kuei ficava no meio do lago, na ilha que havíamos visto da margem. Se é que você pode chamar aquilo de cidade. Não havia construções, nenhuma estrutura de nenhum tipo. Apenas floresta, e grama que era muito pisada em alguns lugares.

O notável eram as pessoas. As crianças, piedosamente, eram magras, mas os adultos me faziam suspeitar de que quilo por quilo, os Ku Kuei eram mais de metade da massa humana de Traição. A impressão que tive — e nunca tive qualquer motivo para mudá-la — era a de uma incrível preguiça. Ninguém parecia fazer nada que pudesse evitar.

— Venha caçar conosco — diziam-me vários, e uma vez eu fui. Eles se punham em tempo rápido, andavam até a presa e matavam-na enquanto ela estava imóvel, ainda em tempo normal. Quando sugeri que isso não era esportivo, me olharam estranhamente.

— Quando você quer disputar uma corrida você corta fora os pés? — perguntou-me um deles. E outro disse:

— Se eu cortar meus pés, isso quer dizer que eu nunca precisarei competir em outra corrida? — Paroxismos de riso. Então voltei para a cidade.

Apesar de toda a sua preguiça, de sua determinação em se divertir com tudo, e de sua absoluta falta de propensão a levar qualquer coisa a sério, cheguei a amar os Ku Kuei. Não como tinha amado os Schwartz, já que também os admirava; amava os Ku Kuei como imensos brinquedos auto impulsionados. E eles, por algum motivo estranho, também me amavam. Talvez porque tivesse descoberto um modo novo de dar uma rasteira.

— Qual é o seu nome? — perguntei ao homem que tinha liderado nosso pretenso grupo de resgate.

— O que é que você acha, Bebedor-de-Lago?

— Como é que eu vou saber? E meu nome é Lanik Mueller. Ele deu uma risadinha.

— Isso não é um nome. Você bebeu o lago, você é Bebedor-de-Lago.

— Você é o único que me chama assim.

— Sou o único que chama você de qualquer coisa. — E como vai Cotoco?

Quando descobri que ele estava falando de Saranna, saí de perto. Ele não podia compreender por que eu estava com raiva. Pensava que o nome era apropriado.

Acho que os meses que passei em Ku Kuei foram uma espécie de idílio, como o tempo em Schwartz. Mas em Schwartz eu ainda estava exuberante com relação ao futuro. Em Ku Kuei meu futuro estava atrás de mim. E o Pai estava tentando morrer.

Percebi isso no segundo dia de nossas lições com Homem-Que-Sabe-de-Tudo. Saranna e eu estávamos deitados na grama, os olhos fechados, prestando toda a atenção enquanto o professor falava em tom suave, cantava ocasionalmente, e tentava ajudar-nos a sentir seu fluxo de tempo enquanto nos envolvia. Não sei o que me despertou do transe (e despertei contra a vontade, tenho certeza, já que Homem-Que-Sabe-de-Tudo tem o fluxo de tempo mais gentil que eu já compartilhei), mas olhei para o Pai e seus olhos estavam abertos, olhando direto para o céu, e o rastro de uma lágrima corria de um olho para o cabelo.

Na hora tirei a preocupação da cabeça. Certamente o Pai tinha muita coisa com que se sentir mal; não havia motivo para tentar forçá-lo a imitar um prazer que não sentia.

Mas por causa do Pai achei progressivamente mais difícil me envolver no clima de tudo-está-ótimo que resolutamente agarrava os Ku Kuei. Resolutamente agarrava? Essa era a minha atitude. Apesar de me sentir relaxado às vezes, me sentir amado, me sentir *bem*, eu nunca estava completamente em paz. Principalmente por causa de minhas preocupações com o Pai. Mas parcialmente, porque durante todo o meu crescimento, eu jamais tivera lições sobre como relaxar e não me preocupar. Eu acabara de sobreviver a um ano muito difícil, e seus efeitos demoravam a se esvaír. Além disso, é impossível ser despreocupado depois de ter ouvido a música da terra.

— Você é muito sério — disse Homem-Que-Caiu-de-Bunda (o nome que terminei por dar ao líder em quem eu passara várias rasteiras. Ele adorou o nome e vários de seus amigos adotaram-no). —

Homem- Que-Sabe-de-Tudo diz que você não está fazendo muito progresso. Você precisa aprender a rir.

— Eu sei rir.

— Você sabe fazer sons idiotas com uma barriga retesada. Ninguém pode rir com a barriga retesada. E você é magro demais. Isso é um sinal de preocupação, Bebedor-de-Lago. Estou dizendo isso porque acho que você quer aprender mudança de tempo. Você está tentando muito. — Pela primeira vez Homem-Que-Caiu-de-Bunda parecia mortalmente sério, muito preocupado. A expressão era tão estranha a seu rosto que tive de rir, e ele riu de volta, pensando ter conseguido alguma coisa. Mas não conseguiu nada.

Porque o Pai não estava prestando atenção. Mesmo na tranquila Ku Kuei, é preciso prestar atenção para se sobreviver, e o Pai não se importava. Ele caía bastante, uma vez caiu de um morro relativamente alto. Terminou com dois braços quebrados. Eles se curaram em alguns dias, mas num momento em que estava deitado sob uma árvore durante uma tempestade, enquanto eu praticava controle de tempo elementar ralentando nós dois um pouco (muito pouco), de modo que os pingos caíssem com menos força aparente, ele de súbito segurou minha mão muito apertado, o que certamente fez seus braços doerem mais, e disse:

— Lanik, você tem o poder dos Schwartz. Você pode me transformar?

— Em quê? — perguntei, tentando manter o clima leve porque um clima leve estava se entranhando em mim.

— Retire minhas características Mueller. Retire a regeneração. Eu estava perplexo.

— Se fizesse isso. Pai, aquela queda poderia tê-lo matado. E esses braços levariam meses para se curar.

Ele olhou para longe, os olhos cheios de lágrimas, e percebi que a queda do morro poderia não ter sido realmente um acidente. Isso me preocupou. O Pai tivera revesses antes, mas esse, sem dúvida o pior de todos, estava oprimindo-o demais.

Saranna me causava outro tipo de preocupação. Começou quando a encontrei fazendo amor com Matador-de-Insetos, que tinha esse nome porque se sacudia demais durante o sexo. Ela ria enquanto ele espojava as pernas, e continuou rindo até quando me olhou.

Sexo entre as árvores era uma visão bastante comum em Ku Kuei, e eu não tinha qualquer ilusão de estar confinando meu relacionamento amoroso a Saranna por causa de qualquer superpreocupação com fidelidade. Simplesmente achava as mulheres Ku Kuei muito gordas. Fiquei com um pouco de ciúme, tenho certeza, mas acima disso estava minha percepção de que Saranna não parecia diferente de qualquer outra mulher em Ku Kuei: divertida, desligada, fácil.

Foi Saranna quem me pedira para levá-la comigo quando saí de Mueller pela primeira vez; Saranna quem se golpeou profundamente quando recusei que continuasse sendo minha amante depois que descobri ser um rad. E ela estivera intensamente apaixonada por mim desde o momento em que eu voltara. E agora...

— Saranna é uma boa aluna — disse Homem-Que-Sabe-de-Tudo.

— Eu sei — respondi. — Posso sentir o fluxo de tempo dela quase tão bem quanto sinto o seu.

— Você está infeliz — disse meu professor.

— Imagino que sim.

— Será que está com ciúme porque é o pior estudante que já tive enquanto que Saranna é tão boa quanto nossas crianças mais bem-dotadas?

Encolhi os ombros. Isso certamente fazia parte.

— Talvez eu esteja mais preocupado porque ela parece se importar menos com as coisas que me importam.

Homem-Que-Sabe-de-Tudo riu.

— Você se preocupa com *tudo*! Como é que alguém pode se preocupar tanto!

— Meu pai se preocupa ainda mais.

— Pelo contrário, Barriga-Tesa, seu pai se preocupa tão pouco quanto nós. Só que ele tende ao desespero, enquanto nós somos cheios de esperança.

— Estou perdendo Saranna.

— Isso é bom. Ninguém deve ser dono de ninguém. — E ele seguiu explicando por que meu senso de tempo não era bom e que eu precisava *relaxar* antes de ficar rígido e duro como uma árvore.

Eu não estava preocupado o tempo inteiro, claro. Isso seria impossível em Ku Kuei. Se não houvessem os jogos no lago ou as loucas expedições através da floresta, haveria coisas suficientes para envolver

uma pessoa simplesmente andando pela cidade, parando para degustar os fluxos de tempo enquanto as pessoas viviam em seu próprio ritmo.

Por exemplo, Homem-Que-Caiu-de-Bunda estava constantemente num fluxo de tempo muito rápido. Eu era tão inepto em alterar tempo que quase automaticamente me juntava ao fluxo de qualquer pessoa por perto; em contraste, até os Ku Kuei de habilidades comuns podiam manter-se em seu próprio fluxo mesmo ficando junto de outra pessoa. Quando eu estava com Homem-Que-Caiu-de-Bunda, o resto do mundo parecia totalmente parado. Andávamos e falávamos, e o sol jamais se movia no céu e as pessoas por quem passávamos estavam congeladas ou (se tivessem um fluxo de tempo rápido) moviam-se vagarosamente. Ninguém se movia tão rápido quanto Homem-Que-Caiu-de-Bunda.

— Meu amigo — falei um dia, enfim, quando senti que ele era meu amigo. — Você corre pela vida tão rápido. Por que a pressa?

— Não estou com pressa. Nunca ando rápido.

— Eu estou aqui há um mês, mais ou menos... Ele interrompeu com uma risadinha.

— Não sei como você sabe a conta dos dias, como se eles significassem alguma coisa!

— E você ficou mais velho nesse tempo.

Ele tocou os cabelos.

— Grisalhos, hein?

— Grisalhos. E rugas.

— Rugas de riso! — falou triunfante, como se isso respondesse tudo.

Essa atitude deslocada estava crescendo em Saranna — mas de um modo diferente. Ela ralentava. Não foi uma decisão súbita: "hoje vou ficar lenta", foi gradual. Mas depois dela ter dominado as mudanças de tempo comecei a perceber que quando estava com ela, preso em seu fluxo, tudo ao nosso redor se movia rápido. Insuportavelmente rápido, os Ku Kuei que passavam por nós dançavam loucamente, correndo para fora do campo de visão, tagarelando por um instante e indo embora. Quando Saranna e eu falávamos, ela ficava olhando sobre meus ombros, de um lado para o outro, vendo as pessoas correrem. De vez em quando sorria, uma expressão sem relação com nossa conversa, e quando eu me virava a cena que a tinha divertido já se fora.

Quando uma vez encontrei-a no início da manhã, e depois de uma pequena conversa descobri que já era quase noite, perguntei por que ela ralentava tanto.

— Por que eles são tão engraçados, correndo desse jeito. Isso seria motivo suficiente para a garota superficial por quem eu tinha me apaixonado a princípio, mas agora não era mais. Insisti. Ela empacou.

— Você é muito sério, Lanik. Mas eu amo você. Fizemos amor, e foi bom como sempre, e sua paixão por mim ainda era quente, não como os casos risonhos e divertidos que ela tinha com os Ku Kuei. Eu sabia que ainda era importante para ela, mas não o suficiente para persuadi-la a não fazer o mundo apostar corrida sem tomar parte.

Tornou-se uma notoriedade. Os Ku Kuei continuaram a chamá-la de Cotoco, agora por outro motivo: para a maioria deles ela era tão imóvel e morta quanto uma árvore cortada. Não mudava o fluxo de tempo para ninguém, de modo que eu, o camaleão que trocava de tempo com qualquer amigo, era quem tinha mais facilidade de falar com ela. A maior parte do tempo ela estava de pé, impossivelmente congelada no meio de um passo, e algumas vezes eu ficava à distância, olhando durante horas até que ela completasse um passo e jogasse o peso para o outro pé.

Uma vez, durante três dias, a cada momento em que eu a via ela estava fazendo amor com Homem-Que-Sabe-de-Tudo. As carícias e as penetrações eram tão lentas, o movimento tão infinitesimal, como se eles fossem estrelas distantes, e parecia que eu jamais a conhecera, ou pior, que era meramente uma estátua pornográfica sob uma árvore na ilha de Ku Kuei.

Tanto Saranna quanto o Pai estavam descobrindo seu próprio modo de fugir da vida. Ao passo que eu era incapaz de escapar.

No dia em que o Pai morreu, ele veio até mim e deitou-se a meu lado sob uma árvore enquanto caía uma garoa fina.

— Não brinque com o tempo hoje — disse o Pai. — Você sempre se concentra tanto que acho que não está me ouvindo.

Então fiquei ali e o Pai pôs o braço ao meu redor e puxou-me para perto, como fazia nas manobras quando eu era criança. Estava dizendo eu amo você. Estava dizendo adeus.

— Eu fui um construtor — disse, escrevendo seu epitáfio em minha mente —, mas minhas construções desmoronaram, Lanik. Eu

sobrevivi a todas as minhas obras.

— A não ser eu.

— Você foi moldado por forças maiores do que as que posso juntar.

É uma vergonha quando o arquiteto vive para ver o templo cair.

Ninguém construía templos em Mueller havia séculos.

— Eu fui um bom rei? — perguntou o Pai.

— Foi — respondi.

— Não — disse ele. — Guerras e assassinatos, conquista e poder, tudo tão importante por tantos anos, e depois tudo desfeito. Não desfeito pelas inexoráveis forças da natureza. Desfeito porque homens que vivem em árvores venceram o jogo e conseguiram o prêmio mais rápido do que nós, jogaram-nos ao chão. Acaso. E também foi acaso quando conseguimos ferro do Embaixador, de modo que, afinal de contas, eu não fui um construtor de impérios, não é? Simplesmente usei o ferro para matar pessoas.

— O senhor foi um bom governante para seu povo — falei, porque ele precisava ouvi-lo e porque, na escala relativa pela qual devem ser medidos os monarcas, isso era verdade.

— Eles jogam conosco. Uma dose de ferro aqui, uma ali, e ficam olhando o que isso provoca no tabuleiro. Eu era um peão, Lanik, e pensava ser o rei. Ele me agarrou com força, grudou-se comigo, sussurrou selvagememente em meu ouvido:

— Eu não vou rir! — E para prová-lo chorou, e eu também.

Afogou-se naquele dia. O corpo foi encontrado flutuando entre os altos juncos no lado raso da ilha, para onde a corrente o havia levado. Havia pulado de um penhasco na parte rasa do lago e quebrado o pescoço; o corpo não pôde se regenerar suficientemente rápido para impedir que se afogasse enquanto estava no fundo. A dor que senti ainda volta algumas vezes em agudas lembranças, mas me recusei a lamentar. Ele havia vencido a regeneração, e eu estava bastante orgulhoso de sua engenhosidade. O suicídio estava além da maioria dos Mueller havia anos, a não ser que fossem loucos e pudessem deitar-se entre chamas. O Pai não estava louco, tenho certeza.

Com a morte do Pai, algumas coisas ficaram melhores. Ele não me preocupava mais, e quando pude finalmente esquecer o sentimento de vazio, de perda, quando parei de me virar procurando alguém que me

custava um momento perceber que não estava ali, melhorei como aluno.

— Você ainda é terrível — Homem-Que-Sabe-de-Tudo me disse —, mas ao menos pode controlar seu próprio fluxo de tempo. — E era verdade. Eu podia andar a um metro de alguém num fluxo diferente e não ser modificado. Isso me deu uma medida da liberdade que eu não tivera antes nesse lugar, e comecei a mudar meu fluxo para uma taxa muito rápida quando era hora de dormir, de modo que minhas nove horas tomavam apenas alguns minutos e para os outros eu parecia estar acordado o tempo inteiro. Eu via todas as horas de todos os dias e, como um Ku Kuei, achava que todas me divertiam.

Mas não estava feliz.

Ninguém estava feliz, percebi um dia. Divertido, sim. Mas diversão é a reação das pessoas muito entediadas quando nada mais os alegra. Os Ku Kuei tinham todo o tempo do mundo. Mas não sabiam o que fazer com ele.

Eu vivera com os Ku Kuei por meio ano de tempo real (as estações, no todo, não eram afetadas por seu jogo) quando ouvi falar que Homem-Que-Caiu-de-Bunda estava morrendo. "Muito velho", disse a mulher que me contou. Então fui até ele, e encontrei-o, ainda em seu tempo rápido, correndo loucamente em direção à morte enquanto ficava deitado na grama sob o sol. Acelerei até o seu tempo, coisa que poucos Ku Kuei estavam dispostos a fazer, particularmente porque não havia nada divertido com relação à morte. Segurei suas mãos enquanto ele respirava com dificuldade.

Seu corpo havia emagrecido, se bem que ainda fosse gordo. A pele murchava e pendia.

— Eu posso curá-lo — falei.

— Não se incomode.

— Tenho certeza. Posso renová-lo. Aprendi em Schwartz.

— E para quê? — perguntou ele. — Não corri todo esse tempo só para ser trapaceado agora. — E deu um risinho.

— Está rindo de quê? — perguntei.

— Da vida. E de você. Ah, Barriga-Tesa. Meu Bebedor-de-Lago. Me beba até que eu seque.

Ocorreu-me que eu era a única pessoa em Ku Kuei que lamentaria por ele. A morte era ignorada ali, como havia sido quando meu pai

morreu. Homem-Que-Caiu-de-Bunda tinha muitos amigos. Onde estavam? Encontrando novos amigos que não tinham corrido pela vida nem acabado antes dos outros.

— Não fazia sentido para mim — falou. — Mas faz algum sentido para você. Nós dizemos que somos felizes porque temos esperança, mas é mentira. Nós não temos esperança. Você é a única pessoa que conheci na vida que tinha esperança, Bebedor-de-Lago. Então vá embora daqui. Isso é um cemitério, vá embora e salve o mundo. Você pode, você sabe. Ou, se você não puder, ninguém pode.

Percebi, surpreso, que ele não estava rindo.

— Você acredita nisso, não é? — perguntei.

— Gosto de você, Bebedor-de-Lago — respondeu ele e morreu em seguida. Sobrou bastante de seu fluxo de tempo, de modo que ele se decompôs quase totalmente em alguns minutos de tempo real, e portanto ninguém moveu seu corpo do lugar. O cadáver simplesmente desmoronou e dissolveu-se na terra.

Também afundei na terra, deixando que ela se fechasse sobre mim e ouvindo novamente a sua música. A guerra terminara; os gritos dos mortos eram isolados, agora, constantes mas isolados no espaço, todas as mortes no padrão aleatório da paz. No entanto eu não acreditava que o mundo estivesse em paz. O mundo nunca estivera em paz.

Salvar o mundo? De quê? Eu não tinha ilusões. Não podia sequer salvar a mim mesmo.

Podia, entretanto, saborear o mundo, e aqui em Ku Kuei o gosto era tênue e doce. Com Homem-Que-Caiu-de-Bunda morto, e o Pai morto, e Saranna congelada no tempo, e Homem-Que-Sabe-de-Tudo convencido de que eu jamais aprenderia um controle de tempo melhor do que eu tinha agora, ocorreu-me que era tempo de ir.

— Não vá — disse Saranna quando lhe contei.

— Eu quero, e vou — falei.

— Preciso de você. — Seu olhar estava amedrontado. Então fiquei um pouco mais. Fiquei com ela em seu fluxo de tempo por mais um dia, mais uma noite e mais um dia de tempo real, fizemos amor e dissemos muitas coisas gentis que, mais tarde, criariam boas lembranças, e suavizariam a dor da partida. Uma das coisas ditas foi "sinto muito", e outra foi "perdôo você", se bem que não tenho mais certeza de quem teve o remorso purgado desse jeito. Duvido que tenha sido eu.

Quando saí ela não chorou, nem eu, apesar de ambos querermos, acho.

— Volte — disse ela.

— Certo.

— Volte logo. Volte enquanto ainda é jovem bastante para me querer. Porque vou ficar jovem para sempre.

Não para sempre, Saranna, pensei mas não disse. Jovem apenas até o planeta ficar velho e ser engolido por uma estrela. Então você estará velha, e as chamas irão fazer murchar o que o tempo não pôde. E como você escolheu se esconder do tempo, as chamas irão queimá-la infinitamente antes de você morrer.

Pensei que quando saísse jamais iria vê-la de novo, e assim, quando deixei seu fluxo de tempo, olhei para trás e memorizei-a, uma lágrima acabando de deixar um dos olhos, um sorriso de amor no rosto, os braços esticados num adeus — ou talvez esticados para me agarrar e trazer-me de volta. Ela estava insuportavelmente linda. A menina bonita perdera sua terra, sua família, todos os seus amores, e isso feriu-a em sua feminilidade. Fugi imaginando se eu tinha idade suficiente para amá-la verdadeiramente.

Então fui embora, sem dar adeus a mais ninguém porque minha partida não teria divertido ninguém em particular. Fui pela floresta com meu fluxo de tempo deslizando naturalmente junto com o tempo real, de modo que à noite fiquei cansado e dormi, e acordei de manhã com o sol. A normalidade era refrescante, para variar.

Estava há um dia da cidade quando senti um fluxo de tempo mais rápido nas proximidades. Encontrei três Ku Kuei, garotas ainda adolescentemente magras. Atormentavam um estranho que se aventurara pela floresta. Qualquer que fosse a direção em que ele viajava, estava agora indo para o sul, seguindo o Rio da Floresta, que corria para Jones. Urna das garotas deixou as outras e explicou que estavam com o pobre-diabo havia dias. Ele estava quase louco de preocupação porque parecia não ter caminhado mais de uma hora pelo sol antes de precisar dormir.

— Esse é um que nunca vai voltar a Ku Kuei — disse ela, rindo.

— Nunca se sabe — falei. — Alguém fez isso comigo na primeira vez, e eu voltei.

— Ah, você é Barriga-Tesa. Você é diferente. — E então começou a se despir, sinal claro de que um Ku Kuei espera fazer amor, e fiz com que ela gargalhasse quando falei que não queria: — É o que dizem, mas eu não acreditava! Só aquela grotta branca de Mueller, certo? Cotoco, certo?

— Saranna — falei. Isso fez com que ela risse ainda mais; deixei-a e voltei para o tempo real, para que elas fossem rapidamente para longe de mim. Era verdade, entretanto. Ao chegar à puberdade, havia passado horas incontáveis planejando dormir com toda garota que eu encontrasse e que estivesse disposta. E havia poucas que não estivessem dispostas a dormir com o herdeiro do Mueller. No entanto, quase sem estar consciente da decisão, de algum modo escolhi dormir apenas com Saranna. Quando havia decidido isso? E por quê?

A fidelidade me pegara de surpresa. Fiquei imaginando quanto tempo duraria essa fase.

Quando você caminha sem medo, a floresta de Ku Kuei é muito bonita. Mas eu fora criado para fazendas e cavalgadas. Quando o Rio da Floresta saiu das árvores para as altas colinas de Jones, um declive de terras que levava à grande planície do Rio Rebelde, fiquei sentado por uma hora no topo de um morro, olhando os campos, as árvores e a terra aberta. Dali podia ver fumaça subindo de fogões nas proximidades; havia velas no Rio Rebelde, mais ao sul; mas na amplidão das terras os homens faziam pouca diferença, afinal de contas. Senti-me filosófico por alguns minutos, e então percebi que um dos pomares nas proximidades estava cheio de maçãs. Eu não tinha fome. Mas não comia havia tanto tempo que meus dentes pareciam formigando só com o pensamento de mastigar. Então desci o morro, esqueci a filosofia e voltei à corrida humana.

Ninguém estava particularmente satisfeito em me ver.

9 JONES

A CIDADE TINHA UM NOME, mas nunca fiquei sabendo. Apenas outro dos vilarejos grudados na grande estrada entre Nkumai e Mueller. Um dia ela fora um dos caminhos que permitiam Jones comerciar com Bird, Robles com Sloan, mas o império Nkumai o transformara numa estrada ampla, cheia de tráfego. As pessoas do local diziam que, se você ficasse ao lado da estrada, grupos de viajantes passariam a cada cinco ou dez minutos o dia inteiro. Não vi motivo para duvidar.

Fazia apenas um ano desde que o Pai e eu desaparecemos na floresta de Ku Kuei; já éramos lenda. Ouvi histórias dizendo que eu o assassinara, ou que ele tinha me executado, ou que tínhamos nos matado num terrível duelo; também ouvi a profecia de que o Pai voltaria um dia e uniria todas as nações da planície ocidental numa grande rebelião contra os Nkumai. É claro que não disse nada do mergulho do Pai no lago Ku Kuei, apesar do que não conseguia deixar de imaginar se ele teria escolhido a morte, caso soubesse da grande reverência que o povo da planície tinha por seu nome.

Isso era irônico, também, já que um dia eles o haviam temido, antes de saberem como Nkumai era um senhor muito mais duro do que Mueller. Era mesmo? Eu não tinha como comparar. Nós em Mueller não tínhamos qualquer programa piedoso com relação aos conquistados, quando saíamos à conquista. Certamente o povo teria gemido sob os calcanhares de Muller do mesmo modo como reclamava da opressão de Nkumai.

As conversas sobre rebelião, de qualquer modo, eram matéria de sonho. Supostamente Dinte reinava em Mueller, mas sabia-se que a independência de Mueller era apenas aparência. No papel, Mueller era ainda maior e mais forte do que fora sob o meu pai, mas todos sabiam que o "rei" Nkumai governava em Mueller tanto quanto em Nkumai. Por mais desagradáveis que fossem os Nkumai, toda a planície do Rio Rebelde, de Schmidt no oeste às Montanhas das Estrelas no leste, estava em paz. Em paz porque fora conquistada, certo, mas a paz traz segurança, e a segurança traz confiança, e a confiança traz prosperidade. O povo reclamava, mas estava bastante contente.

Quanto ao rei de Nkumai? Ouvi muito sobre esse rei, mas sabia a verdade, assim como outros que tinham razão para saber. Como o estalajadeiro da cidade, um homem que antigamente fora Duque da Margem da Floresta, mas cometeu o equívoco de reter parte dos imensos impostos de conquista que os soldados Nkumai vinham coletar. Depois de retirarem suas terras e seu título, entretanto, ele ainda tinha dinheiro suficiente para comprar e suprir a estalagem, de modo que talvez não tenha sido afinal de contas um equívoco — agora que não era da nobreza, ele fora deixado em paz.

— E agora trabalho aqui todo dia, e ganho a vida muito bem, mas, garoto, estou contando porque você nunca vai saber: não há nada como correr com um cão de caça atrás de um bando de *cossies* às margens da floresta.

— Não duvido — falei, particularmente porque eu caçara muitas *cossies*, também. Nós, cavaleiros na reserva, compensávamos com lembranças o que havíamos perdido em posição.

— Mas o rei diz: chega de caçadas, e então comemos carne de vaca e de carneiro misturada com esterco de cavalo e dizemos que é guisado.

— O rei deve ser obedecido — falei. Naqueles dias, nunca era demais elogiar o rei. Não há ninguém aqui, a não ser nós, leais defensores de Nkumai.

— O rei deve ser fodido — disse o estalajadeiro. Gostei dele imediatamente. Se houvessem outros fregueses no momento, claro, ele teria certamente sido mais circunspecto. Mas podia perceber, pela minha fala, suponho, que eu era educado, o que significava que eu, também, fora derrubado de uma posição elevada. — O rei de Nkumai é

tão comum, hoje em dia, como naves estelares. Ri. Então ele também sabia.

— Todo mundo sabe que o poder verdadeiro por trás do trono é Mwabao Mawa — falou.

O nome trouxe enchentes de lembranças, terminando numa noite escura quando ela tentou fazer amor com uma doce jovem em sua casa na árvore. Estranhamente, a lembrança me excitou, e pensei, cheio de desejos, no que poderia ter acontecido caso tivéssemos feito amor. Ela iria se surpreender.

— E o que eu sei mas nem todo mundo sabe é que os cientistas são o poder por trás de Mwabao Mawa — falou ele.

Sorri. Como os Nkumai foram tão descuidados a ponto de deixar o segredo vaziar? Mas novamente fingi não saber.

— Cientistas? Eles são apenas sonhadores.

— Você acha? Você acha que porque caí nesses tempos duros não tenho defensores e amigos em altas posições? O mesmo é verdade em Mueller. Os geneticistas estão dirigindo as coisas por lá. Dinte só está lá para impedir os que amam o sangue real de se rebelarem. É um dia triste esse em que os que nasceram para governar estão dirigindo estalagens, enquanto que os autointitulados sábios deixam de ver coisas para as quais não foram talhados.

Depois foi para o cômodo de trás, e não voltou até eu terminar de beber a cerveja fraca. Eu não precisava, mas de vez em quando era bom beber. E depois era bom mijar. Gente que faz essas coisas todo dia nunca imagina quanto prazer elas envolvem. De modo que bebi, e depois levantei-me para ir embora.

— Não vá ainda — gritou ele e voltou para o salão. — Sente-se de novo, e me dê a sua palavra de que não vai contar a ninguém o que eu lhe disse agora.

Sorri, e ele bobamente tomou isso como uma concordância. Sorriu de volta.

— Eu soube em um minuto que você não era um rapaz comum. Não é só o seu cabelo branco, se bem que isso certamente o coloca em Mueller ou Schmidt. Você tem um certo ar. Mesmo estando só, agora, você já soube como é comandar homens.

Não disse nada, apenas olhei-o. Eu não fizera qualquer tentativa de esconder minhas maneiras, de modo que não estava terrivelmente

impressionado por ele ter percebido tudo isso.

Ele deu um pequeno sorriso e baixou a voz:

— Meu nome é Bill Underjones. Entenda isso, e saiba que não sou apenas um sonhador. — *Under-jones* fazia-o apenas um degrau abaixo da realeza. — Existem os que continuam se opondo a esses tintos. Não somos muitos, mas somos espertos, e estamos estocando ferro velho de Mueller ao sul daqui, em Huss. É um país atrasado, mas é o melhor lugar para se esconder. Vou lhe contar quem você deve procurar lá, e ele vai ficar feliz por recebê-lo. Não importa quem você é, basta olhar e ele vai querê-lo. Seu nome é...

— Não me diga o nome dele — falei. — Não quero saber.

— Não venha me dizer que você não odeia esses tintos tanto quanto eu!

— Talvez mais — falei. — Mas eu cedo facilmente sob tortura. Eu entregaria todos os seus segredos.

Ele me olhou de soslaio:

— Não acredito em você.

— Peça que tente acreditar.

— Quem é você?

— Lanik Mueller.

Ele pareceu sobressaltado por um instante, depois gargalhou. Eu usava de vez em quando meu próprio nome — sempre provocava essa reação.

— Você podia afirmar que era o próprio diabo. Não, Lanik Mueller foi engolido. Que piadista. O pai dele matou-o. Podia afirmar ser o diabo!

Podia mesmo. Ele ainda estava rindo quando saí para a rua.

A estalagem dava para a estrada principal, e quando desci da calçada de madeira uma criança mendiga passou correndo, esbarrando em mim. Fiquei chateado, e olhei enquanto o garoto corria até colidir de cabeça num homem de aparência muito importante, com roupas cujo preço teria alimentado e vestido uma família mendiga por um mês ou mais. O homem estivera falando com vários jovens, e quando o menino chocou-se ele deu-lhe um chute violento na perna. O garoto caiu no chão, e o homem xingou-o aos gritos.

Foi idiota de minha parte, mas aquele parecia ser o momento de suprema injustiça entre todos os milhões de injustiças que eu já vira e

perpetrara na vida. *Dessa vez*, decidi, eu faria alguma coisa.

Então passei para tempo rápido, e as pessoas na rua ralentaram até praticamente parar. Abri caminho cuidadosamente através da multidão até parar em frente ao homem que chutara a criança. Seu pé direito estava descendo para o chão enquanto ele caminhava, ainda em animada discussão com seus jovens amigos. Era uma coisa simples fazer o solo da estrada afundar um décimetro diretamente sob seu pé, e formar ali uma poça de lama que se estendesse por dois metros à frente. Com as mãos peguei uma das grandes pedras usadas para calçar rodas de carroças e coloquei de modo que atrapalhasse seu pé esquerdo.

Então caminhei até o estábulo onde meu cavalo estava sendo alimentado e tratado, e encostei-me na porta. Senti-me um tanto idiota por ter ido a tais extremos só para fazer uma coisa tão pequena. Foi mais um desejo de travessura, acho, do que qualquer princípio moral, que inspirou o ato.

Entretanto, agora que estava em tempo rápido entre a multidão, parei um momento para relaxar. Em tempo rápido eu não precisava me preocupar, no caso encontrar alguém que me reconhecesse de verdade, em vez de gente que não sabia de nada e que ria quando eu mencionava meu nome. Em lugar disso podia inspecionar a multidão, à vontade.

Como eu já estava sendo infantil, cheguei a brincar com a ideia de remexer em bolsos, não porque precisasse de dinheiro, mas porque era possível fazê-lo sem ser apanhado. Há algo relativo a você saber que não vai ser apanhado, que pode tentar o homem mais honesto, e nunca afirmei ser espantosamente honesto.

Examinei a multidão para ver quem poderia ser o alvo apropriado. Um pouco além, na estrada, vinha chegando uma grande carroça — um coche Nkumai, e a julgar pelo enorme contingente de soldados Nkumai a cavalo, ele continha alguém importante. Era um dia quente; a carruagem estava aberta; o ocupante solitário era um homem de meia-idade, atarracado e completamente careca. Para minha surpresa, era branco. Logo supus que fosse um Mueller voltando de uma visita a Nkumai. Mas os Nkumai não dão escoltas montadas a estrangeiros. Ou esse homem merecia uma honra incomum (nesse caso, por que eu não o conhecia?) ou os Nkumai estavam deixando estrangeiros assumirem altos postos em seu governo.

Pensar nele tirou da minha mente a ideia de remexer bolsos. Deslizei de volta para o tempo real, virando-me para examinar o resultado de minha travessura. Exatamente como eu planejava, o estranho cheio de auto importância tropeçou no sulco que eu tinha feito e caiu de cara na lama. O tombo foi formidável, e ele se levantou cuspidando e xingando enquanto todas as pessoas em volta riam. Nem mesmo seu bando de admiradores conseguia esconder a diversão enquanto o ajudava solícitamente a levantar. E apesar da pequenez do gesto, senti uma certa satisfação, particularmente quando vi gargalhando o garoto que o homem chutara.

O momento passou. Pessoas iam para os lados da estrada, deixando a tropa e a carruagem Nkumai passar. Olhei a carruagem e fiquei chocado em ver, não o homem de meia-idade, mas Mwabao Mawa.

Ela parecia apenas um pouco mais velha — haviam-se passado meramente dois anos e meio — e posava muito importante. Pensei brevemente por que não a havia percebido antes na carruagem, e para onde teria ido o homem careca. Mas no momento aquele pensamento foi posto de lado, parcialmente porque ele não admitia qualquer explicação pronta, mas principalmente porque fiquei recordando os dias em casa de Mwabao Mawa. Agora me parecia impossível que um dia eu tivesse tido seios e passado por mulher. *Sido* mulher, melhor dizendo. E por um momento toquei involuntariamente meu peito esperando encontrar maciez e, naquele momento, fiquei surpreso ao descobrir que ela se fora.

Olhei para baixo, percebi o velho hábito no qual havia caído, xinguei-me de idiota, e depois olhei para cima para ver Mwabao Mawa me olhando, a princípio com pouco interesse, e depois, enquanto a carruagem ia em frente, com reconhecimento e surpresa e, sim, medo. O medo era gratificante, mas o reconhecimento poderia ser desastroso.

Ela virou-se para dar instruções ao cocheiro. Usei aquele momento para entrar no estábulo e sumir de vista. Também voltei para tempo rápido — precisava pensar, depressa. Não havia como levar meu cavalo em tempo rápido, já que Homem-Que-Sabe-de-Tudo, a despeito de todos os esforços, não pôde me ensinar a estender a bolha de controle de tempo além de mim. Em tempo rápido eu podia ser mais veloz em

relação ao resto do mundo do que um cavalo poderia me levar em pleno galope.

Fui até meu cavalo, uma besta enorme e estúpida, com todos os instintos de um porco, mas com um preço que dava para eu pagar, e tirei os alforjes, separando o máximo que eu podia carregar e levando tudo que pudesse dar uma pista de minha identidade. Havia muito pouca coisa do tipo — eu nunca fora de usar lenços bordados ou couro brasonado. Então, carregando os alforjes, saí por uma porta traseira que dava para o curral.

Quando Mwabao Mawa não me encontrasse rapidamente, iria esquecer a busca e imaginar que tinha visto apenas alguém parecido comigo. Eu não achava que tivesse sido tão marcante a ponto de alguém se lembrar de mim, a não ser, talvez, o estalajadeiro, e ele tinha razões pessoais para não cooperar com os Nkumai.

Joguei os fardos por cima da cerca do curral, saltei em seguida e caminhei por uma rua lateral. Precisaria ficar em tempo rápido por vários dias. O que me irritava, porque em tempo rápido, claro, eu envelhecia mais depressa em relação ao mundo real. Eu não terminaria como Homem-Que-Caiu-de-Bunda, mas me ressentia por perder dias ou semanas de minha vida. Quantos anos eu tinha agora, afinal? Eu ganhara dias e semanas enquanto estivera com Saranna em tempo lento; perdera muito mais dias e semanas em tempo rápido entre os Ku Kuei. Será que estava perto da minha idade de dezoito anos, pelo calendário? Dificilmente, ainda que meu corpo parecesse ser jovem e forte assim. Eu passara por muita coisa, pensei, para ter as lembranças de um homem de meia-idade. Enquanto caminhava pelas estradas secundárias e seguia a caminho de Robles, no sul, decidi que tempo rápido não tinha importância. Eu não tinha nenhum desejo especial de viver para ficar velho.

Ainda assim, não tinha intenção de deixar os Nkumai me agarrarem e descobrirem quem eu era.

A pior coisa com relação a tempo rápido era a solidão. Ninguém está mais seguro do que o homem que se move tão rápido a ponto de não ser visto. Mas é um pouco difícil conversar com alguém que sequer vai perceber que você está ali, a não ser que você fique no mesmo lugar por meia hora.

Cruzei o Rio de Janeiro em direção a Cummings, antes de voltar para o tempo real. Não importava o quanto Mwabao Mawa estivesse alarmada, não mandaria tropas a mais de mil quilômetros para procurar alguém que ela vira apenas a alguns metros naquele mesmo dia.

Por que eu fora para o sul? Não tinha nenhum objetivo especial em mente. A não ser pelo fato de que eu vivera numa dúzia de cidades sob controle Nkumai, em Jones e Bird, durante os últimos seis meses, e queria chegar a um lugar onde o iluminado império dos físicos não governasse. Não queria me juntar a nenhum agrupamento rebelde em Huss, de modo que fui para o sudeste, sobre o passo da Silva.

Ali descobri que não havia como fugir dos comitês imperiais. Algumas dúzias de cientistas, em Gill, governavam de Tellerman até Britton, e ninguém estava livre.

Eu podia ter desistido e ido direto para Schwartz. Ou, caso meu desespero fosse ainda mais profundo, podia ter voltado a Mueiler e enfrentado Dinte. Mas não estava cansado a ponto de me aposentar do mundo, e não tinha paixão por uma morte dramática, de modo que reservei Schwartz e Mueiler para o futuro. Em vez disso, vagueei de da Silva para Wood, de Wood para Hanks, de Hanks, pelo mar, para Holt, e finalmente para Britton, onde encontrei meu verdadeiro lar, meu verdadeiro povo, e aprendi o que precisava fazer para mantê-lo.

10 BRITTON

O DISTRITO DE HUMPING era uma região agreste à beira do mar calmo. No tempo bom os penhascos íngremes e as rochas amontoadas da costa eram encontradas não por ondas estrondeantes, mas por marolas que lambiam a pedra gentilmente como os cães envelhecidos acolhem seus donos. Parecia que as pedras brotavam da terra, nos morros inclinados e nos vales estreitos de Humping. Um rio procurava caminho para o mar, e encontrava-o numa queda de treze metros; ovelhas pareciam nervosas ao pegar um caminho seguro para as pastagens ainda não tosquiadas; e aqui, poucos milhares de Humpers pastoreavam suas ovelhas e arrancavam legumes do chão pedregoso e viviam uma vida tão independente quanto podem viver seres humanos quando ainda precisam de companhia humana e ainda precisam comer.

Eu não precisava comer, mas a companhia humana era boa: os Humpers não faziam perguntas e não davam respostas. Era difícil encontrar uma cidade nessa parte mais isolada de Britton, já que o povo tendia a se congregar em grupos familiares de duas ou três casas simples de barro com coberturas de palha. Nunca encontrei um ajuntamento de mais de vinte famílias a menos de um quilômetro uma da outra.

O isolamento era forçado pela natureza, uma vez que a terra seca não podia sustentar muitos; apenas a uniformidade da vontade fazia o povo pensar que não era pobre. A despeito das distâncias, entretanto, eles se agarravam ferozmente à companhia uns dos outros, indo sem

qualquer palavra ajudar a família cuja casa fosse devastada pela tempestade, anonimamente deixando o jovem carneiro entre o rebanho cujo reprodutor morrera no dia anterior, e ocasionalmente reunindo-se na casa de um deles para uma noite de histórias longas e terríveis ou de canções de solidão e desejo silencioso.

Também tive outra impressão, sutil mas forte: quando cheguei a Humping, como acontecera em muitos outros lugares no ano que se passara, senti-me imediatamente confortável. Ou se não confortável, pelo menos disposto a suportar os desconfortos porque eles se ajustavam nos lugares desajeitados do meu coração.

O povo me olhava com suspeita, claro, pois eu vinha de trás dos morros do oeste, onde as pessoas mais civilizadas em sítios mais amenos demonstravam apenas desprezo pelos Humpers, usando o nome como zombaria para crianças de raciocínio lento. Mas eu vivi naqueles morros durante uma semana, sem falar com ninguém, até que por fim minha solidão tocou um acorde simpático. Estava de pé na crista de um morro íngreme, olhando enquanto um pastor, bem mais embaixo, tentava fazer suas ovelhas subirem uma rampa até a passagem para um vale de pastagens novas. O homem não tinha cães, o que era incomum, e as ovelhas ficavam se desviando para a esquerda ou a direita, em vez de subir. Quando ele finalmente parou e sentou-se numa pedra para olhar seu rebanho vitorioso procurando forragem num vale já excessivamente pastado, desci o morro e fiquei a alguns metros, olhando as ovelhas. Não falei porque não tinha nada a dizer; a oferta estava intrínseca em minha presença.

O pastor aceitou. Levantou-se e começou a espicaçar os animais e a proferir os gritos baixos, guturais, que as ovelhas podem ouvir claramente mas que são inaudíveis a uma boa distância. Elas começaram a se mover, mas dessa vez, quando se desviavam para a esquerda, lá estava eu, gritando para que voltassem; quando desviavam para a direita, lá estava o pastor, murmurando. Finalmente desistiram e bambolearam rampa acima e sobre a passagem, correndo morro abaixo para pastar na grama espessa.

Fiquei com o pastor por todo o resto da tarde, a maior parte do tempo do lado oposto do vale, mas vigiando suas ovelhas, e mandando de volta as poucas que se desgarravam em minha direção.

Ele parecia não me perceber, e não disse nada, de modo que imaginei se, por má sorte, eu teria tropeçado num Humper que não podia falar, mas quando o sol chegou perto do horizonte ele se levantou e começou a guiar o rebanho numa rota bem mais fácil para casa. Não fui atrás, mas quando ele chegou no topo de uma subida, depois de tornar claro que não precisava de minha ajuda nessa jornada, virou-se e me olhou por um momento, depois acenou. Era para eu ir para casa com ele.

Segui-o por vários quilômetros antes de chegarmos a um agrupamento de três casas baixas cobertas de palha. Pareciam pequenos montes, os telhados da cor de grama amarelecida pelo verão, mas por dentro eram aquecidas contra a noite fria. O vento do mar soprava pesado do norte, mesmo durante as noites de verão, e a corrente profunda que corria pelo Mar de Humping era gelada. Apesar de Britton estar tão ao sul quanto Wong, que sufocava no verão, nenhuma noite em Humping era quente, e os invernos, apesar de em geral sem neve, matariam qualquer idiota que fosse apanhado do lado de fora após o pôr-do-sol. A não ser, claro, alguém como eu, que podia afundar na terra quando desejasse; ou que podia com igual facilidade retirar calor do ar ao meu redor, independente do frio que fizesse. Entretanto, eles não poderiam ter sabido disso; para eles eu era um homem solitário, convidando a morte a cada noite que passasse em campo aberto.

Isso pode ter feito parte do motivo pelo qual o pastor me convidou para sua casa. Os Humpings sabiam (pois notícias de todo tipo viajam rapidamente em lugares solitários assim) que ninguém tinha me recebido; eu passara noite após noite nos morros, e no entanto ainda estava vivo. Isso me tornou, de algum modo, sagrado e poderoso, e eles estavam assustados comigo; no entanto, quando provei que minhas intenções eram boas ao ajudar o pastor com seu rebanho, fui aceito, não como um deles, mas como alguém com quem se disporiam a compartilhar suas pequenas casas e suas minúsculas despensas.

O jantar era guisado, e como a mulher não sabia que eu vinha, a panela tinha uma porção insuficiente. Como eu não precisava absolutamente de comida, peguei a menor porção possível — apenas para aceitar a hospitalidade, mas não mais. E depois da panela ter sido

passada ao redor e raspada pela esposa do pastor em seu próprio prato, ele me olhou.

Para quê? Será que esse povo rezava? Ou haveria algum costume que era preciso seguir quando ofereciam comida? Eu não sabia, de modo que sorri e disse:

— Meu nome é Bebedor-de-Lago, e o bem que puder fazer a vocês, farei sempre.

O pastor assentiu gravemente, e virou-se para sua esposa. Ela pousou as mãos na mesa, fechou os olhos, e cantou:

Sol no grão, Assando o pão, A carne corto Do que está morto. O bem fazemos Assim vivemos.

Então, reverentemente, as três crianças, nenhuma com mais de cinco anos, olharam enquanto a mãe pegou de seu prato uma colher cheia e deu-a ao esposo, que solenemente mastigou o pedaço de carne e engoliu. Depois ele pegou guisado de seu prato e me deu, e também comi. Eu não tinha certeza de como agir em seguida, mas o ritual fazia sentido, de modo que peguei comida de meu prato e dei a cada uma das crianças, que ficaram olhando arregaladas e surpresas, mas comeram.

O pastor me olhou com lágrimas nos olhos, e disse:

— Você é bem-vindo aqui para sempre.

Então atacamos e o guisado desapareceu em minutos.

Arrumaram um lugar para mim na cama maior, um estrado cheio de palha e forrado com cobertores. Eu sabia que era a cama dos pais, e de fato eles estavam se preparando para dormir no chão de terra batida. Eu dormira no chão durante muitas manobras de campo em Mueller, muito antes da terra me ensinar outro tipo de acolhida em Schwartz; não precisava de conforto ao dormir. Ignorei a oferta e me enrolei no chão junto à porta. Uma corrente de frio passava por baixo, mas o corpo treinado em Schwartz enfrentou isso com facilidade, e os pais, admirados, foram para a cama de palha.

De manhã eu já era da família, e as crianças conversavam à vontade em minha presença.

— Glain — disse o pastor, e depois, olhando para sua esposa:

— Vran. — A partir daí, apesar da conversa nunca ser luxuriante, o que precisava ser dito podia ser revelado.

Seus cães haviam morrido na mesma semana, aproximadamente um mês atrás, e desde então ele perdera cerca de uma dúzia de ovelhas

que se desgarraram ao acaso e ele não pôde perseguir. A princípio pastoreei com ele enquanto o homem treinava um filhote da ninhada de um vizinho; mais tarde passei a ficar em casa e a cuidar da horta de legumes enquanto sua esposa esteve doente porque o quarto filho estava chegando.

A princípio me perturbava tirar tantas pedras vivas do solo e colocá-las em pilhas mortas; eu estava havia tanto tempo sem matar nada, que me incomodava saber que aquelas plantas cresceriam apenas para ser mortas. A noite perguntei à terra, e recebi apenas indiferença. Os bilhões de mortes simultâneas de plantas criavam um som poderoso, mas aquele tipo de morte era necessário para a vida. Pela primeira vez percebi que, apesar de toda a sua genialidade, a obsessão dos Schwartz em evitar a morte era tão improdutiva, afinal de contas, quanto o modo egoísta como os Ku Kuei usavam seu poder sobre o tempo. Os Schwartz mantinham-se ainda mais puros do que a terra exigia, e fazendo isso impediam todos os outros seres humanos de se tornarem puros.

O que fazia a rocha agonizar era o grito da morte desnecessária ou impiedosa. Ouvi todos os sons, e todos doíam, mas decidi que no mundo fora de Schwartz a morte era o caminho natural; mesmo matar, enquanto fosse feito por necessidade, fazia parte da natureza. Eu comera plantas e animais mortos em toda a minha vida, e ainda assim a areia me aceitara quando saltei do pináculo. Então, independente do que os Schwartz diziam, eu soube que não havia assassinato no cultivo da terra, e trabalhei duro e fiz o bem para Glain e Vran.

De vez em quando as outras famílias de pastores vinham fazer visitas, e eventualmente superavam sua timidez em minha presença. Fiquei sabendo que a história de minhas noites na montanha e meu hábito de dormir na parte mais fria do chão eram sabidos por todos, e apesar de me chamarem de Bebedor-de-Lago em minha presença, ouvi referências ao Homem-do-Vento, uma criatura lendária que vem para matar ou curar, trazida pelo vento frio e levada, eventualmente, pelo mar.

No entanto, como não estavam acostumados a ter pessoas de prestígio e poder entre eles, não sabiam como me prestar homenagem, a não ser tratando-me como se tratavam uns aos outros. Num lugar onde todos sentem igual carência, a única recompensa é a confiança, e

foi o que recebi. Aprendi a lidar com as ovelhas, a tosquiar lã com lâminas de vidro sem cortar a pele, a ajudar nos partos, a saber quando as ovelhas estavam nervosas e quando estavam doentes. Aprendi sobre a terra, também, não do jeito pessoal que aprendera em Schwartz e Ku Kuei, mas como uma aliada relutante na guerra contra a fome. Apesar de eu próprio nunca sentir fome, conhecia o rosto das crianças quando estavam famintas, e trabalhava duro.

Vran entrou em trabalho de parto uma semana antes do tempo; aconteceu quando eu estava sozinho com ela e as crianças. Logo tornou-se claro que a criança não nasceria facilmente. Ela estava dentro de casa gritando, enquanto as crianças ficavam comigo do lado de fora. As mães Humping têm os filhos sem ajuda, sós — era proibido aos homens entrar na casa enquanto elas davam à luz. Mas, deixando as crianças sentadas perto da horta, apavoradas, deitei na terra e ouvi os gritos de Vran do modo como a terra os ouvia, e soube que a morte estava próxima.

Há tempos para tabus e tempos para esquecê-los, e no final de um grito particularmente terrível que assinalava novo patamar de dor, levantei-me e entrei na casa.

Vran estava acorada nua na palha de sua cama, os cobertores removidos. Suas mãos estavam enterradas na dura parede de turfa, agarrando o barro e as raízes em agonia. Olhou para mim com olhos aterrorizados, e vi o sangue saindo numa corrente contínua, correndo para dentro da palha.

Fui até ela e coloquei-a numa posição deitada e, como fizera com ovelhas, toquei para ver como o bebê se posicionava. Uma mão e um pé estavam no canal de parto.

Com uma ovelha seria simplesmente questão de empurrar e puxar. Numa mulher, esse tipo de tratamento poderia causar a morte. Mas a falta de tratamento também mataria, de modo que forcei a criança numa posição diferente, partindo sua coluna no processo, e puxei-a para fora. Em algum ponto da operação Vran desmaiou.

O trabalho a nível genético estava além de mim, mas curar feridas e fraturas fora tarefa bastante simples em Schwartz. Não foi para mim uma grande façanha restaurar Vran e o menino, e quando o sol se punha Glain chegou em casa para encontrar sua esposa e filho em boas

condições. Melhores condições, de fato, do que Vran costumava ficar após um parto.

Não sei o que ela lhe disse — ela dormira durante o pior da coisa. Mas a história se espalhou, e começaram a me trazer animais doentes e crianças machucadas, e as mulheres pediam o meu conselho. Eu não tinha conselhos para dar. Caso houvesse um problema, precisava vê-lo. Fiquei desconfortável com o espanto reverente que me demonstravam, mas isso era melhor do que deixar que sofressem uma dor que eu pudesse impedir. Assim, a história do Homem-do-Vento passou de lenda a realidade.

Era inevitável, suponho, que, mesmo sendo os Humpers de boca fechada como eram com relação aos estrangeiros, a história eventualmente escapasse. Um dia eu estava plantando na horta para minha segunda primavera em Humping quando um homem chegou a cavalo. A simples posse de um animal daqueles tornava-o importante; quando se identificou como criado de Lorde Barton, Vran imediatamente correu para fora da casa, me chamou e insistiu que eu fosse rapidamente.

— É um homem da casa do penhasco — falou cheia de medo.

Fui.

— Meu senhor deseja vê-lo — disse o homem montado.

— Quando o plantio estiver terminado — falei.

— Lorde Barton não está acostumado a esperar.

— Então ele deveria se regozijar, pois hoje irá aprender algo de novo. — Voltei para a horta. Logo depois o criado foi embora.

Foi difícil me concentrar na horta naquela tarde. Por aproximadamente dois anos eu vivera em Humping, e apesar da alegria ali ser limitada, também o era a tristeza. Eu encontrara um lugar onde meus talentos eram úteis e onde eu era aceito. Ninguém me via como inimigo; eu tinha centenas de pessoas boas com quem podia contar como amigos.

Mas será que eu poderia me dar ao luxo de encontrar esse tal Barton? Senti minha boa vida em Humping escorrendo para longe; eu não poderia me dar ao luxo de não encontrá-lo. Caso resistisse, isso apenas causaria problemas para os Humpers, particularmente Glain e Vran. Caso fosse, poderia haver problemas para mim. Quase certamente

haveria problemas. A única alternativa era escapar em tempo rápido e encontrar outro lugar para viver.

Eu não queria encontrar outro lugar para viver.

E, de fato, enquanto empurrava a estaca de madeira na terra e jogava as sementes, percebi que estava ao mesmo tempo excitado e perturbado com a perspectiva de mudança. Dois anos, e o que eu fizera? Salvava vidas, tornara algumas pessoas mais felizes, chegara a amar muitas, havia dado minha vida a uma terra áspera. Tudo isso eram modos legítimos de gastar o tempo. Mas eu fora criado para ser o herdeiro do Mueller, e isso ou um impulso nascido comigo, como filho de meu pai, insistia em que eu fizesse alguma coisa que sacudisse o mundo, ou então admitisse que minha existência não tinha importância.

Dois dias depois o plantio estava terminado, e, como se estivesse olhando de longe, o criado veio naquela tarde, dessa vez guiando um segundo cavalo.

— Você monta? — perguntou o homem, mais humilde dessa vez.

Não falei nada, mas montei o cavalo.

As crianças juntaram-se em silêncio na frente da casa. Vran me olhava sem expressão. Ergui uma das mãos em adeus. E Vran, violando todos os costumes que eu vira entre os Humpers, explodiu em lágrimas na minha frente e correu para a casa. Apavorou-me ver o quanto um povo tão independente podia apoiar-se em alguém que oferecia um mínimo de poder aliado à gentileza.

O criado não seguiu nenhuma estrada — só havia uma estrada nas Montanhas Humping, que levava da casa do Lorde, à beira-mar, até a cidade de Hesswatch, cem quilômetros ou mais, ao sul. Nossa jornada terminaria onde a estrada começava. O criado, ao contrário, parecia encontrar seu caminho cavalgando para o leste, em direção ao mar, e depois acompanhando a costa a uma distância respeitosa, até que a casa do penhasco ficou visível num verdadeiro pináculo que se erguia consideravelmente acima dos morros de Humping.

O céu escureceu com nuvens, e as chuvas chegaram enquanto nos aproximávamos, o vento soprando rápido, e o mar, em geral tão plácido, subitamente formando enormes ondas que vinham do norte quebrar os rostos na costa rochosa. O vento nos açoitava e os cavalos estavam incontroláveis, de modo que desmontamos e caminhamos. O criado

parecia inseguro. Não era um Humper, e procurou caminho terra adentro, para longe do mar, que parecia intimidante para qualquer um que visse as ondas apenas quando o vento estava alto. Infelizmente ele não se encaminhou para a estrada, mas conseguiu terminar numa ravina, e na escuridão parecia impossível distinguir o norte do sul.

Ele me encarou, os olhos ainda confiantes, mas a pergunta era clara: o que podemos fazer, agora que estamos perdidos? Então guiei meu cavalo para fora da ravina e encontrei abrigo sob um penhasco inclinado, onde o vento norte, na pior das hipóteses, deixaria que apenas alguns borrifos nos alcançassem. Então amarrei os cavalos juntos e o criado me ajudou a livrá-los dos arreios.

— Eu vigio primeiro — falei, ele assentiu agradecido e enrolou-se para dormir, parecendo alto e magro na capa vermelha-escura na qual se havia envolvido.

Entretanto eu estava mais exausto do que pensava, e decidi dormir um pouco em tempo rápido, de modo que pudesse ficar acordado pela maior parte da noite real.

Dormi facilmente, e acordei depois de longo tempo, sentindo-me restaurado. Fiquei por um momento deitado em tempo rápido, vendo como os pingos vinham-se arrastando do céu para escorrer pelas costas dos cavalos, até finalmente cair e quebrar-se instantaneamente em poças e salpicos. Ao passar para tempo real, dei uma olhada para o criado e fiquei espantado por vê-lo muito menor e usando uma capa azul esfarrapada que mal cobria seus joelhos.

A ilusão passou imediatamente. Eu estava em tempo real, e ele aparentava como sempre. Ri de mim mesmo por ter deixado minha visão ser enganada pela escuridão e pelo sono, e vigiei por todo o resto da noite, tirando outro cochilo curto enquanto as nuvens clareavam logo antes do alvorecer. Os cavalos agitavam-se ocasionalmente, mas em geral eram dóceis, e nos pusemos a caminho praticamente assim que o sol nasceu.

A casa do penhasco erguia-se sobre um amontoado de pedras que se destacava do promontório, e de perto era ainda mais dramática do que sua altura fazia parecer à distância. Devia ter sido construída aos poucos e em pedaços no curso dos séculos; não havia um estilo arquitetônico claro, apesar de algumas das construções mais antigas parecerem ter sido projetadas para defesa. Agora o lugar parecia antigo

e esquecido, e o mar ainda alto jogava salpicos ao nível dos andares mais baixos, parecendo dizer que era apenas questão de tempo antes de reivindicar a casa.

O criado me levou ao estábulo, onde um único empregado pôs os cavalos nas divisões e ignorou-nos enquanto saíamos. Dentro da casa os cômodos eram frios, e não passamos por ninguém. Era evidente que o lugar fora projetado para grandes companhias; o vazio fazia a friagem penetrar ainda mais.

Mas as maneiras de Lorde Barton não eram frias, e quando aparecemos sem ser anunciados à porta de um amplo estúdio, fui golpeado pelo contraste. *Naquele* cômodo ardia uma imensa lareira; *Naquele* cômodo as paredes não eram de pedra, e sim forradas de livros que se erguiam estonteantes até o teto a dez metros do chão. Escadas eram posicionadas estrategicamente e seus degraus estavam bastante gastos, implicando que os livros eram lidos com frequência, apesar disso as escadas também davam à sala a aparência de um prédio ainda em construção.

Barton, um homem idoso com um sorriso que frequentemente dominava o rosto, me recebeu com um aperto de mão e puxou-me para a sala.

— Obrigado, Dul — disse ao criado, e ficamos a sós.

— Ouvi falar de você — disse Barton. — Ouvi falar de você e queria encontrá-lo há algum tempo, algum tempo. Sente-se, por favor, eu trouxe a mobília mais macia aqui para cima, onde vivo. Está gasta e velha, mas eu estou também, e tudo se encaixa à perfeição quando se considera que sou o remanescente deteriorado de uma linhagem decadente. Só tenho um filho. — Isso divertiu-o, e ele riu.

Eu não ri. Olhei os títulos nas lombadas dos livros. Os hábitos dos Humpers não desaparecem da noite para o dia e, quando não tinha nada de importante a dizer, ficava difícil dizer alguma coisa.

Barton me olhava penetrante.

— Você não é o que parece.

Aquilo me divertiu e despertou minha velha maneira de falar:

— Tantas pessoas disseram isso que estou começando a pensar que é precisamente *assim* que eu pareço. O que é que pareço ser e o senhor descobriu que não sou?

— Uma língua afiada, mesmo quando fala a um Lorde, e um homem que se recusa a vir, quando ordenado, até que o plantio esteja feito. Você parece um rebelde, obstinado e silencioso. Mas o povo diz que é o Homem-do-Vento, e você salva mães na hora do parto e cura ovelhas estropiadas e ajuda as crianças simplórias a encontrar suas mentes. Milagre, não? Não respondi, arrependendo-me de minha explosão de linguagem Mueller. Já chegava daquilo. Eu não queria mais.

— Mas o motivo pelo qual pedi para vê-lo tem pouco a ver com isso — disse Barton. — As lendas vêm e vão entre esse povo supersticioso, e não chamo todo curandeiro de passagem para falar comigo. O que me intrigou foi o cabelo branco como lã, como dizem os Humpers, e um homem que busca a dureza. Um homem que parece jovem nos anos, mas velho como eu na experiência. O que é feito de Lanik Mueller?

A última pergunta era tão ridícula, tão deslocada — tão perigosa que não pude esconder minha surpresa. Barton riu, obviamente sentindo-se muito esperto.

— Truques e armadilhas. Perpetro-os mesmo com os sábios. Há recompensas, você sabe, em parecer um velho bobo. Lanik Mueller sempre me fascinou. Já faz o que, quatro anos, desde que ele e o caro velho Ensel Mueller desapareceram na floresta de Ku Kuei, para nunca serem vistos novamente. Bom, não dou muito crédito a lendas. Elas sempre parecem ter um fundamento perfeitamente natural. E não creio que as pessoas que vão a Ku Kuei necessariamente morram. Você crê?

Encolhi os ombros.

— Acho que eles voltam — disse Barton. — Acho que Lanik Mueller, o flagelo da planície do Rio Rebelde, acho que ele vive.

Olhou para mim atentamente.

— Encontrei-o, garoto, quando você tinha onze anos.

Isso forçou-me a olhá-lo novamente. Teria eu visto antes aquele homem velho e magro?

— Eu era um viajante nos velhos tempos. E um pouco historiador. Recolhia histórias e genealogias aonde fosse, tentando descobrir o que aconteceu ao mundo nos dias depois da República estabelecer nossos ancestrais e suas famílias nesse mundo paradisíaco como punição por seus pecados. E quando encontrei-o, pensei: aqui está um garoto que

fará algo importante. Dizem que você incendiou e saqueou e estuprou e matou tudo em seu caminho.

Balancei a cabeça, tentando decidir se admitia a verdade do que ele estava dizendo, ou se fingia não saber nada sobre Lanik Mueller, além do que qualquer outro homem pudesse saber. Irônico que ninguém me reconhecesse na planície do Rio Rebelde, onde meu duplo tornara meu rosto bem conhecido, enquanto que aqui, no canto mais obscuro do mundo, eu fora reconhecido.

— Mas o que mais me intrigou foi algo que tem uma relação muito próxima com minha casa, Lanik Mueller. Soube que seu irmão mais jovem, Dinte, agora reina onde você teria reinado.

— Uma figura de proa, graças a Deus, já que o bastardo não seria capaz de governar um formigueiro com qualquer eficiência — falei, admitindo o que ele obviamente sabia.

— O filho de sua mãe?

— Por incrível que pareça, sim. Nunca vi o senhor, Lorde Barton.

— Eu era mais novo na época. — Ele se levantou da cadeira e foi até uma escada, subiu nela lentamente, e alcançou um livro que deveria pesar cinco quilos. Quando voltou para o chão, deu-me. — Trouxe isso de seu pai, que estava relutante em se separar dele. Mas ele tinha outra cópia, e quando expliquei como a genealogia era importante para mim, ele se convenceu de que eu era um idiota trôpego. Deixou que eu comprasse o livro, se bem que me cobrou cinco vezes o que pensava que valia.

Esse era o meu pai.

Abri o livro. Era uma genealogia e história de Mueller, escrita como uma espécie de crônica na letra de um relator. Não reconheci a letra no final do livro, mas o relato e a genealogia terminavam quando eu tinha onze anos. Era divertido ver o que o relator pensava que valia a pena ser relatado. Eu devia ter sido o deleite de alguém — cada esperteza que eu dissera como infante estava ali.

A expectativa do silêncio de Barton era pressão suficiente para que eu folheasse direto até o fim.

— Genuíno? — perguntou ele.

— Claro — falei. — Se duvida, por que o adquiriu?

— De modo nenhum. Só queria sua opinião antes de apontar uma omissão, uma coisa simples mas muito importante que foi deixada de

fora do livro. Tão óbvia que você não perceberia a falta.

Esperei.

— Seu irmão — falou. — Dinte.

Claro que Dinte era mencionado. Tantas das minhas memórias de infância estavam ligadas a ele. Mas voltei atrás para ver o tempo em que Dinte nascera, e não havia qualquer menção. Nem havia qualquer referência a ele em toda a duração do relato.

— Bom, talvez o relator não gostasse de Dinte mais do que eu — falei.

— O relator não se encontrou com Dinte.

— Na época ele levava uma vida abrigada no palácio.

— Lanik Mueller, quero que você pense numa coisa antiga. Uma coisa desagradável, de preferência. Quero que você a visualize na mente.

Sorri.

— Ninguém leva mais a psicologia a sério.

— Não é psicologia. É sobrevivência.

Então pensei na vez em que mentira sobre quem tinha aleijado Rurik, o cavalo que ganhei depois de aprender a montar como um adulto. Eu o havia feito saltar estupidamente, e ele se machucou, e depois andei com o animal de volta para casa e disse a meu pai que o garoto do estábulo o aleijara, e que percebi assim que saí do estábulo. O garoto perdeu o emprego e ganhou uma surra em troca, particularmente por ter "mentido" e dito que o cavalo estava saudável quando eu o retirei. Lembrei a expressão no rosto do garoto quando meu pai fez com que eu o acusasse cara a cara. Lembrei-me claramente de como me senti envergonhado.

— Vejo em seu rosto que você pensou numa coisa importante. Você se lembra claramente?

— Claramente.

— Agora pense em sua lembrança mais clara com relação a Dinte, do tempo em que você tinha, digamos, sete ou oito anos, e ambos aprendiam com tutores. Vocês tinham o mesmo tutor?

— Yenwi.

— Mas ele realmente tinha o mesmo tutor? Encolhi os ombros.

— Pense numa lembrança de infância de Dinte.

Fácil. Até eu tentar. Mas todas as minhas lembranças de Dinte eram do tempo em que eu era mais velho. Quando tinha doze, treze, quatorze e quinze anos. Simplesmente não conseguia me lembrar de Dinte antes disso, apesar de permanecer a convicção inabalável de que ele estava *lá*.

— Só porque não consigo recordar os detalhes — comecei, e então vi que Barton estava rindo.

— Minhas próprias palavras — disse ele. — Só porque não consigo recordar detalhes. Mas você está tão certo! Não tem a menor dúvida.

— Claro que não. Se eu pudesse fazer o bastardozinho desaparecer, tê-lo-ia feito há anos, acredite.

— Então deixe-me contar uma história. Sente-se na cadeira, Lanik Mueller, porque é uma história longa, e por ser velho irei indubitavelmente me prender a detalhes que seria melhor ficarem de fora. Tente ficar acordado. Roncos me deixam fora de mim. — Então começou a contar a história de seu filho, Percy. Quando mencionou o nome do rapaz, reconheci de imediato.

— Percy Barton? Lorde Percy de Gill?

— Esse mesmo. Você está interrompendo.

— Mas ele é o governante (ou talvez devamos dizer, a figura de proa) da chamada Aliança do Leste. E é seu filho?

— Nascido e criado neste castelo, mas não vou terminar se não conseguir começar, Mueller.

Deixei que ele começasse.

— É minha queda pelas viagens, você vê. Fiz uma jornada, não muitos anos atrás, uma das últimas antes das viagens se tornarem fora de questão por causa de minha saúde. Para Lardner. Você deve conhecer Lardner: uma terra fria que faz Humping parecer um paraíso, mas tem os melhores médicos do mundo. Se eu estivesse doente, iria querer um doutor de Lardner. Enquanto estava lá, encontrei por acaso um médico que eu conhecera quando era jovem, recém-casado e mal me reconhecendo como um lorde... lorde de mais do que tenho agora, também, posso lhe assegurar. Não apenas de Humping, mas de toda a península do leste. Suponho que isso não tenha importância agora. Esse médico, Twis Stanly, era um especialista dos bons: mulheres e problemas das mulheres, mas era também um excelente arqueiro; nós curvávamos os arcos juntos e passamos o melhor dos tempos em caçadas e passeios nas Montanhas Dorsais. Bons amigos, mas lembrei

que ele havia tratado de minha esposa, um mês depois de estarmos casados, de uma infecção muito estranha. Isso foi, claro, algum tempo antes de Percy nascer.

Parou por um momento, parecendo inseguro de como dizer o que vinha em seguida.

— Ele perguntou, claro, por minha esposa, e tive que informar-lhe, muito tristemente, que ela havia morrido apenas dois ou três anos antes, numa idade madura, mas não velha. Tinha mais de cinquenta, e me espantou que tivesse sido havia cerca de trinta e cinco anos que Twis e eu havíamos trazido dois cervos do mesmo rebanho, cada um usando uma única flecha, praticamente em uníssono. Mencionei o fato, e depois comentei que meu filho, Percy, praticamente não tinha noção de que seu pai fora um dia hábil com o arco.

"Rimos um bocado daquilo e das fraquezas da juventude, e então ele disse: 'Bom, Barton, então você casou de novo?'

"A pergunta parecia estranha. 'Claro que não', falei. 'O que o fez pensar nisso?' 'Então você adotou o garoto?' 'Seu filho?', perguntou ele, e eu neguei: 'Um filho da minha carne, nascido menos de dois anos depois do casamento.'

"Ele ficou um pouco pálido, como nós velhos somos propensos a ficar, tirou um caderno de anotações de suas intermináveis prateleiras de relatos diários, procurou uma anotação especial, e fez com que eu a lesse. Estava relatada a histerectomia que ele fizera em minha esposa um mês depois de nosso casamento.

"Pode imaginar o choque que isso foi para mim? Eu estava certo de que ele se enganara, mas ele era um homem metódico, você sabe, e não pude abalar sua certeza. Havia tirado tudo: útero, ovários, e ela quase morreu no processo, mas seria isso ou um câncer que destruiria sua vida em um ano. De modo que foi condenada a não ter filhos, em troca da vida.

"Foi um choque. Insisti que podia me lembrar do nascimento da criança, mas quando tentei recordar as circunstâncias, não pude lembrar de nada. Nem do dia, nem do lugar, nem se eu assistira ou se ficara de fora, nem mesmo como celebrara o nascimento de um herdeiro, nada. Nada. Como você, quando não pôde lembrar nada a respeito de seu irmão, agora mesmo.

Eu poderia duvidar de muitos homens, mas nesse caso não podia sondar um motivo para que Barton mentisse. E agora o livro de genealogia pesava mais em meu colo, e fiquei lutando, ao mesmo tempo em que escutava, para tentar lembrar alguma coisa, algo de Dinte, de nossa infância juntos. Um vazio.

— Essa não é minha história inteira, Lanik Mueller. Eu vim para casa. E no caminho, de alguma forma, esqueci a conversa inteira. Esqueci! *Assim*, e a coisa simplesmente escapou de minha mente. Não foi senão quando saí de Britton em minha última jornada, dessa vez numa visita a Goldstein por causa do calor do inverno.

Enquanto estava lá, recebi uma carta de Twis. Ele perguntava porque eu não respondia às suas cartas. Ah! Eu não sabia se havia recebido nenhuma. Mas em sua carta ele dizia o suficiente para refrescar minha memória. Fiquei chocado com o lapsos, horrorizado por ter esquecido. E então percebi uma coisa. Não era a velhice, Lanik Mueller, que me fazia esquecer. Alguém estava fazendo alguma coisa com minha mente. Quando eu estava em casa, alguma coisa *fazia* com que eu esquecesse.

"Vim para casa, só que dessa vez eu pensava, decididamente, constantemente, em como meu filho era uma fraude, um total charlatão. Eu nunca tivera uma batalha dessas na vida. Quanto mais perto de casa chegava, quanto mais locais familiares eu via, mais sentia que Percy sempre fizera parte de mim, parte de minha casa. Tudo que me era familiar e caro estava em minha mente ligado a Percy, mesmo que eu não tivesse qualquer lembrança específica dele em tal lugar. Apertei a carta de Twis contra o peito, e segui relendo-a a intervalos de poucos minutos por todo o caminho. Cheguei a ler a carta sem ter ideia do que dizia. Quanto mais perto chegava de Britton, mas difícil se tornava. Nunca sofri tanta angústia em minha mente. Mas continuava dizendo: 'não tenho filho. Percy é uma fraude', e não me importava em imaginar como alguém pode chegar a um homem sem filhos e passar-se por seu filho. É suficiente dizer que consegui. Cheguei aqui com a mente e a memória intactas. E, observe, nessa mesma mesa estavam quatro cartas de Twis, abertas e obviamente lidas, que eu não tinha absolutamente qualquer lembrança de ter recebido. Agora podia lê-las, e cada uma delas se referia ao tema de Percy ser uma impossibilidade.

"Nas outras cartas, Twis me contava comentários de amigos que tinham vindo de Lardner para ficar com ele em seus dias em Britton, amigos que me haviam encontrado. Lembrava-me bem deles. Todos tinham lembranças do fato de que eu não tinha filhos e de que minha esposa e eu sabíamos perfeitamente que não tínhamos esperanças de ter filhos. Ele citava minha própria piada, dizendo que pelo menos agora minha esposa não tinha nenhum dia no mês em que pudesse fugir de seus deveres na cama. Lembrei tudo de uma vez, enquanto lia o relato de Twis. Lembrei-me de ter dito aquilo. Era como se algo arrebatasse dentro de mim. Lembrei-me de tudo. Eu não tinha filho. Até os quarenta anos, mais ou menos, e então, subitamente, tinha um rapaz de dezenove anos, ansioso por governar, arrebatado para aproveitar as oportunidades. Tomei-o governador de minha posse mais ao norte, e isso era tudo que ele queria. Em cinco anos era, incrivelmente, lorde de toda Britton. Oito anos atrás ergueu-se dali para a cabeça da aliança e transformou-a numa ditadura.

Balancei a cabeça.

— Não uma ditadura, Barton. Uma figura de proa para um comitê de cientistas. Os autoproclamados sábios também governam em Nkumai e Mueller.

— É sempre inteligente, quando se procura figuras de proa, estar certo de quem manipula quem — disse Barton com um travo que tornou claro que me achava pouco inteligente ao sustentar aquela opinião.

"Você não compreende o que estou dizendo? Dinte e Percy são iguais. Crianças que apareceram de lugar nenhum, mas ninguém questiona, ninguém duvida deles na própria família, em seu próprio país, e agora ambos foram elevados à mais alta posição de autoridade em países muito poderosos, e todos estão convencidos de que são meras figuras de proa.

Realmente soava esquisito.

— Devo ajudá-lo a se convencer — disse. — Quando uma vez falei com você sobre como era ser o herdeiro do trono, você disse, muito francamente (seu pai era orgulhoso de sua franqueza, pelo que me recordo). Você disse (e na época você era um menino): "Lorde Barton, só posso me sentir confortável como herdeiro porque o pai não tem outros filhos. Se tivesse um irmão, precisaria ter mais cuidado com meu

comportamento, porque então, caso se livrassem de mim, haveria um reserva." Lembro as palavras porque seu pai me fez recitá-las a cinco ou seis pessoas durante minha visita, como evidência de sua precocidade. Você se lembra disso?

Eu lembrava. Lembrava as palavras. Lembrava o momento. Lembrava até o velho Barton, mais novo então, claro; ele se divertiu muito e batia na coxa, gargalhando, repetindo fragmentos do comentário. Eu me sentira muito impressionado comigo mesmo por ter arrancado o riso de um homem daqueles.

Lembrei, e naquele momento soube que Barton estava certo. Eu não tinha irmão. Eu era filho único.

E lembrei outra coisa. Lembrei-me de Mwabao Mawa. Não em Nkumai, mas viajando em Jones numa carruagem aberta.

O criado que me trouxera à casa no penhasco surgiu com bebida num cântaro.

Eu vira um homem branco de meia-idade naquela carruagem. E um momento depois, saindo do tempo rápido, vira Mwabao Mawa na carruagem, precisamente no mesmo lugar. Ela me viu; eu fugi; e no entanto, o tempo todo a partir de então, eu jamais me perguntara por que o homem teria abandonado o veículo no meio das ruas de Jones para deixar que Mwabao Mawa entrasse. Onde teria estado Mwabao Mawa até então? Para onde teria ido o homem?

A coisa encaixava-se no padrão. Uma figura de proa aparentemente sem poder, comandada por um comitê de cientistas. Mas quando vista de um ponto diferente, talvez a própria pessoa que governava.

O criado pôs bebida primeiro para mim, por instância de Barton, e agora levava outra para ele.

Eu estivera em tempo rápido quando vi o homem branco e careca. Depois, em tempo real, eu vira Mwabao. Qual era a diferença, então? Em tempo rápido eu via a realidade? Em tempo real eu era enganado como todo mundo?

O criado curvou-se sobre Barton, e me lembrei de ter tido um vislumbre, naquela mesma manhã, quando saía de tempo rápido, de uma capa azul num homem mais baixo transformando-se numa capa vermelha no criado magro que agora se curvava sobre Barton, que agora olhava enquanto Barton levava a bebida aos lábios.

— Não — falei com Barton. — Não beba isso!

Barton pareceu surpreso por um instante, enquanto o criado ficava de pé, olhando-me com o rosto vazio. Então, subitamente, o criado enrugou a testa e Barton ficou de pé, e correu agilmente para a porta. Fiquei espantado. Eu fora enganado. Fora ralentado. Passaram-se vários momentos preciosos antes de eu olhar novamente para o criado caído esparramado no chão e perceber que não era absolutamente o criado. Era Barton.

Como eu podia ter visto o criado tombar e Barton sair, e estar errado? Eles jamais haviam trocado de lugares, não que eu visse. No entanto ali estava Barton, a cabeça praticamente separada do corpo, presa no lugar apenas pela coluna vertebral. Aquilo devia ter sido feito num único e violento golpe com uma lâmina afiada. Mas quando isso aconteceu? Por que eu não tinha visto?

Uma lâmina de ferro. Não havia tempo para especulação, claro. Ajoelhei junto de Barton e pressionei a cabeça contra o pescoço e fiz o tipo de coisa que fizera com tantos Humpers e seus animais. Conectei vasos sanguíneos, curei músculos dilacerados, liguei a pele sem nenhuma emenda, tornei o corpo saudável e inteiro. Então, como já estava com a mão na massa, como me preocupava com o homem e como era mais fácil fazer algo que eu *sabia* fazer do que pensar no que fazer em seguida, encontrei inclusive seu reumatismo, sua debilidade, sua doença dos pulmões e seu coração moribundo e consertei-os, renovei-os, tornei-o mais saudável do que fora em muitos anos.

Ele estava consciente, olhando para mim.

— Homem-do-Vento — falou sorrindo. — As histórias são verdadeiras.

— O criado era um deles — falei, apesar de não ter ideia, claro, de *quem* eles eram; a não ser que, de alguma forma, chegaram ao ponto de dominar o mundo.

— Isso eu adivinhei enquanto a lâmina passava pela minha garganta. Caro Dul. Como é que eles podem executar esse disfarce, Lanik? Lembro-me claramente de acreditar que Dul nasceu nessa casa, filho de minha governanta. Nunca me ocorreu questionar a lembrança. Ele ouviu nossa conversa, claro. Suponho que quisesse nos envenenar. Você me avisou para não beber. Diga, como é que adivinhou?

Eu não tinha tempo nem inclinação para contar sobre Ku Kuei e a manipulação do tempo.

— Só adivinhei — falei. — O senhor me fez ficar alerta. Ele me olhou dubitativo, depois provavelmente decidiu que se eu quisesse contar a verdade já teria contado. Levantou-se. De fato, ergueu-se tão de súbito que se espantou e praticamente perdeu o equilíbrio para a frente.

— Quando você cura alguém, não faz pela metade, não é? Sinto-me como se tivesse trinta anos.

— Uma vergonha. Eu queria que o senhor se sentisse com vinte.

— Não quis brincar, Lanik, o que você é? Não importa. Não importa. O importante é: o que é Dul, o que é Percy, o que é Dinte? Duvido que encontremos Dul, de qualquer forma. Mesmo se o caçarmos, ele provavelmente parecerá ser uma velha e depois irá enfiar uma faca em nossas costas enquanto nós passarmos.

— Nós? — perguntei. Eu estava esperando para ver se você confirmava minha teoria antes de agir — disse Barton. — Eu ainda tinha... no fundo de minha mente, eu ainda tinha medo de estar ficando louco e ter inventado tudo. Mas agora, claro, sei que estou certo, e você também. E já que estou em pleno vigor da juventude, é tempo de confrontar Percy e matar o bastardo.

Matar?

— Você não parece do tipo — falei.

— Talvez não. Mas há um tipo de fúria que um homem sente quando é enganado naquilo em que mais confia. Isso não se compara com qualquer outro tipo de raiva. Ele me fez de idiota, e não com relação a uma coisa pequena, mas com relação ao meu próprio eu, à minha esposa, à minha esperança de ter uma família. Tornou-se meu herdeiro, usou-me como um trampolim para o poder, e tudo isso fingindo, iludindo-me para que eu pensasse que era meu filho. Estou com muita raiva, Lanik Mueller.

— Ele também vai pensar que o senhor está morto, assim que Dul voltar para junto dele. Será útil desenganá-lo tão cedo?

Com isso Barton parou.

— Além disso, Barton, que bem vai fazer matar um deles? Nós já temos evidência de quatro: Dinte, seu filho Percy, Dul, e a mulher em Nkumai, Mwabao Mawa.

— Então agora você tem certeza sobre ela, também?

— Uma vez vi uma coisa que não entendi, até agora. Quatro, mas certamente há outros prontos para substituí-los. Se queremos resolver o problema, precisamos descobrir de onde eles vêm.

— Importa? — perguntou.

— Não importa?

Ele sorriu.

— Sim, importa. Ocorre-me que eles trilharam um longo caminho para dominar o planeta inteiro. E tanto Nkumai quanto Mueller têm ferro, não é?

— E agora essas pessoas, quem quer que sejam e qualquer que seja seu objetivo, agora elas controlam a fonte desse ferro.

Barton balançou a cabeça e sorriu amargo.

— Por milhares de anos todas as famílias competiram criminosamente por algo para vender para Fora do Mundo, através dos Embaixadores, querendo ser os primeiros a construir uma nave estelar e sair daqui. Agora eles serão os primeiros, não importa quem vença. Agora eles controlam tudo. E ninguém, a não ser nós, sequer percebe que eles estão fazendo isso.

— Não é um tipo de trapaça normal — observei.

— Você aceita tudo isso tão calmamente!

— Estou acostumado a ver coisas estranhas nesse mundo. Estou indo para Gill, Barton, mas insisto em que o senhor fique aqui. Aqui, pelo menos, estará seguro. E creio que tenho um modo de reconhecê-los, fácil e seguramente. Reconhecê-los e evitar suas ilusões.

Ele não perguntou como eu podia fazê-lo, creio que porque o modo como falei tornou claro que eu não responderia. Ah, pensei em contar, mas não havia necessidade de que outra pessoa, nem mesmo um bom homem como Barton, soubesse do que eu podia fazer. Ainda não. Não até que eu descobrisse o que fazer a respeito.

Ele prometeu ficar na casa do penhasco, apesar de não estar feliz com a ideia. Desci para o estábulo, selei um cavalo — o melhor que Barton possuía — e parti para Gill. É uma medida de minha estupidez o fato de que não andei em tempo rápido. Ali, com Barton, eu voltara a meu papel mais antigo, como o nobre herdeiro de Mueller; eu falara como um lorde, e agora, sem pensar, montei um cavalo para poder viajar como tal. Tamanho é o poder que um hábito antigo, há muito em desuso, pode ter. Eu deixara de ser herdeiro de Mueller há anos, mas o

papel ainda estava entranhado em mim, pronto para vir à tona e controlar meus atos. Isso praticamente me matou.

Enquanto estava sobre o cavalo, seguindo rápida mas não freneticamente estrada abaixo em direção à civilização e eventualmente em direção a Gill, vi um Humper guiando seu rebanho para o norte, em direção à parte menos civilizada, e portanto mais convidativa, de Humping. Parecia incrível que apenas no dia anterior eu terminara o plantio para Glain e Vran; que pensava seriamente em passar o resto da vida ali entre os Humpers. A lembrança, velha de apenas um dia, era como uma dor terrível, uma percepção de que eu não estava, afinal de contas, preparado para a bondade, a paz e a felicidade, mas, em vez disso, ainda tinha um sentimento de missão. Se há um propósito a cumprir, irei cumpri-lo, pensei amargamente (e inclusive com certo orgulho, mesmo que até agora todos os meus propósitos houvessem dado em nada), e dessa vez — dessa vez, como em tempo rápido os ilusionistas se revelavam a mim, eu não era apenas uma pessoa que podia impedi-los, eu era a *única* pessoa fora de Ku Kuei que sequer podia encontrá-los. E, apáticos como eram os Ku Kuei, não havia qualquer chance de ser ajudado por eles quando chegasse a hora de destruir os ilusionistas.

Destruí-los. Será que eu, tão casualmente, já planejava assassinato? Mas isso é guerra, insisti comigo mesmo, e então me perguntei quem a havia declarado e por que eu pensava estar do lado certo. Não precisava perguntar à terra sobre isso, pensei. Dessa vez não era questão de comer legumes. Eu pensava em matar homens, matar a sangue-frio, matar por uma causa nobre mas, de qualquer modo, matar.

A causa era realmente nobre? Será que estava agindo pela independência de Mueller? Independência de quê? Talvez aqueles ilusionistas estivessem de fato fazendo alguma coisa valiosa por nosso miserável planeta. Eles estavam terminando com os derramamentos de sangue, não estavam? Terminando com a competição entre famílias, unificando o planeta para alcançar um objetivo comum.

Não. Errado. Não estavam acabando com a competição. Estavam vencendo através de fraude, e isso era diferente. Tocava-me como uma coisa desleal.

Afinal de contas, é o único modo pelo qual qualquer pessoa decide o que é certo e o que é errado: como lhe parece. Para mim, isso estava

errado. As mentes de outros homens estavam resolvendo os problemas do universo. O sangue e os genes de outros homens foram dados para conseguir o ferro que Mueller tirara do Embaixador. E aquelas mentes e aquele sangue estavam sendo roubados, sem que ninguém soubesse que o crime sequer estava acontecendo.

Lembrei-me de quando era um regenerativo radical. Lembrei-me de estar à janela, observando as jaulas, imaginando-me entre os monstros de muitas pernas e braços, alimentados em cochos, a quem era negado o menor fragmento de humanidade. Era cruel, se bem que Deus sabe de que outro modo os rads poderiam ter sido tratados. No entanto, mesmo aquela crueldade poderia ter sido suportável, pelo menos parcialmente, porque os rads sabiam que estavam fazendo aquilo por Mueller. Fazendo aquilo para assegurar que suas famílias, e que as descendências de suas famílias, seriam os que comerciariam com Fora do Mundo, fariam as naves estelares e viajariam para o espaço e seriam livres. Se essa esperança ajudara a manter sua sanidade, era uma coisa terrível transformá-la numa mentira, e permitir que seu sofrimento, solidão e perda de humanidade fossem usados por uma raça de estranhos que se insinuavam nas famílias...

Eu odiava Dinte. Eu o desprezara antes, mas agora odiava. Visualizei-me entrando no palácio em Mueller-sobre-o-Rio, indo até ele, passando para tempo rápido e vendo o homem que era realmente Dinte, o homem que fingia ser meu irmão, o homem que destruíra meu pai e roubara minha herança; e quando o visse, eu podia me visualizar matando-o, e a imagem me deu prazer.

(Eu podia recordar a terra gemendo com os gritos dos homens agonizantes, mas afastei a lembrança. Não queria aquela lembrança. Não hoje. Eu tinha sangue a derramar antes de estar novamente pronto para aquela lembrança.)

Mas, primeiro, Percy Barton, "filho" de Lorde Barton. Eu precisava descobrir de onde ele viera e quem era seu povo, e então destruiria a todos. Caso *pudessem* ser destruídos. Será que haveria algum meio de dar fim a pessoas que podiam parecer ser o que não eram, que podiam trocar de lugar com um homem diante de seus olhos sem que você jamais percebesse, que podiam fingir ser seu irmão por anos, sem nunca dar uma pista?

Como faziam isso? Como eu poderia lutar contra isso?

Enquanto descia dos morros de Humping, senti uma tristeza terrível, porque sabia estar abandonando meu lar mais verdadeiro para destruir minha paz interior e causar agonia à terra. Recordei o porta-voz dos Schwartz dizendo: "Cada homem que morrer em suas mãos irá gritar em sua alma para sempre."

Quase voltei. Quase voltei para Glain e Vran. Quase.

Em vez disso, cavaleguei por doze dias até chegar a Gill, capital da Família de Gill, e também capital do império chamado Aliança do Leste. Em meus dias de viagem não deduzi mais nada nem fiquei sabendo de nada que não soubesse antes. Eu não tomara sequer precauções elementares, sequer tive o bom senso de chegar em tempo rápido, e foi por isso que me prenderam em Gill e me mataram.

11 GILL

(O criado de Lorde Barton, Dul, tinha chegado a Gill antes de mim. Isso era previsível. O que eu esquecera é que, se Dul tinha ouvido o suficiente de nossa conversa para querer nos envenenar, também ouvira o suficiente para saber que eu era Lanik Mueller.

Acreditariam nele? Suspeitariam que Lanik Mueller havia sobrevivido, que havia emergido de Ku Kuei depois de dois anos? Talvez duvidassem a princípio, mas assim que a notícia chegasse a Mwabao Mawa não haveria mais dúvida. Ela se lembraria de ter-me visto em Jones há um ano, e eles teriam certeza.

No momento, entretanto, essa era uma questão acadêmica. Quem quer que eu fosse, Lanik Mueller ou Bebedor-de-Lago ou Homem-do-Vento, eu descobrira a existência dos ilusionistas e precisava ser destruído. Eles tinham minha descrição, e quando cheguei aos portões de Gill, os soldados me pararam, arrancaram-me do cavalo e seguraram-me enquanto o capitão me comparava com uma nota escrita que ele teve alguma dificuldade em ler.

— É ele — disse finalmente, mas havia alguma dúvida em sua voz.

— Você está errado — falei — eu só pareço com ele, quem quer que seja.

Mas o capitão encolheu os ombros:

— Se aparecer outro que se encaixe na descrição, nós matamos também. — Os soldados me puseram numa carroça, de olhos vendados, e levaram-me pelas ruas.

Fiquei preocupado. Se eles acreditavam que eu era Lanik Mueller, e se soubessem — como os ilusionistas certamente sabiam — que os Mueller regeneravam, iriam me matar sem qualquer dúvida. Eu poderia realmente morrer de decapitação ou queimadura. Isso estaria acima de minha capacidade de me salvar, de modo que precisava fugir antes da execução; e os únicos métodos de fuga de que eu dispunha eram demonstrativos demais de minhas habilidades, certamente provocariam um verdadeiro alarma entre os ilusionistas.

Tive sorte. Dul, quem quer que ele fosse, não era inteligente ou bem-informado o bastante para deduzir que, se eu era realmente Lanik Mueller, não poderiam matar-me de modo comum. As execuções em Gill eram feitas por pelotões de arqueiros. Flechas são coisas que um Mueller enfrenta com facilidade, a não ser que haja muitas ao mesmo tempo, e para um rad como eu, eles não *tinham* flechas suficientes para me destruir acima de minha capacidade de cura.

Os soldados eram muito práticos. Em Mueller, qualquer pessoa — estrangeiro, escravo, cidadão — tem o direito a uma audiência. Em Gill, aparentemente, os estrangeiros eram dispensados dessa formalidade. Fui preso, carregado numa carroça pelas ruas (as pessoas aparentemente se livravam de frutas e legumes podres atirando-os como presentes de despedida na carroça do carrasco), tirado da cidade através de um portão traseiro, arrancado da carroça, e colocado em frente a um grande monte de feno, para que os erros não resultassem em flechas perdidas ou danificadas.

Os arqueiros pareciam aborrecidos e talvez um pouco irritados. Será que aquele era seu dia de folga? Alinharam-se ao acaso, escolhendo flechas. Havia uma dúzia de arqueiros, e todos pareciam competentes. O capitão da guarda, que me acompanhara ao local de execução, ergueu o braço. Não houve preliminares, nem últimas palavras, nem última refeição (um desperdício de comida, claro), nem anúncio de quais deveriam ser minhas culpas. Quando baixou o braço, as flechas partiram num voo elogiavelmente uniforme e acurado. Todas terminaram em meu peito, e apesar de duas terem sido barradas por costelas, as outras penetraram, quatro cravando-se em meu coração e o resto fazendo estrago em meus pulmões.

Doeu. Eu sabia que não precisava respirar, sabia que meu cérebro podia continuar vivo por muito mais tempo, com pouco oxigênio, do

que o da maioria das pessoas; e apesar das flechas terem interrompido as batidas de meu coração, enquanto estivessem em meu corpo também estancariam parcialmente o fluxo de sangue. Ainda assim, os ferimentos eram tão sérios, a dor tão súbita e drástica, que meu corpo decidiu que estava morrendo, e desmaiou.

Eles não correram para arrancar as flechas, infelizmente, e meu corpo ainda não podia começar a se curar; e não seria político, decidi, esticar o braço e arrancar eu mesmo as flechas. Então passei para tempo lento — um tempo meio lento que me tornou duro para eles, e que fazia com que o manuseio de meu corpo provocasse esfoladuras dolorosas, mas nada que um corpo Mueller não pudesse curar. Imaginei que provavelmente se livrariam do corpo dentro de uns quinze minutos — não mostravam qualquer tendência a ficar esperando — e isso levaria cerca de cinco ou seis minutos de tempo subjetivo, deixando-me alguns segundos para remover as flechas e me curar antes de meu corpo começar a sofrer por falta de sangue. Eu podia viver algum tempo sem respirar, mas o sangue precisava fluir.

Eles se apressaram, e por um terrível momento, enquanto me carregavam perto de uma fornalha, fiquei com medo de que praticassem cremação, caso em que todas as apostas estariam perdidas. Ao invés, jogaram-me em um buraco no solo e arrancaram as flechas de meu peito, dilacerando os pontos onde meu coração havia começado a se curar em volta das pontas das flechas, mas permitindo que ele, enfim, começasse a sarar apropriadamente. Assim que pararam de jogar terra, voltei para tempo real, forcei a terra o bastante para poder remover as flechas, e fiquei ali, sarando por algum tempo. Assim que estava novamente com saúde razoável, voltei para tempo lento — não havia sentido em tentar suportar horas enterrado num túmulo se você pode evitá-lo — e só saí quando supus que já fosse noite.

Praticamente amanhecia. Despertei a terra a meu redor e ela me ergueu gentilmente até a superfície. Abri os braços e a terra assumiu sua firmeza debaixo de mim. Olhei ao redor para ver se estava sendo observado. Não estava.

O cemitério, assim como o local de execuções, ficava perto do extremo sul da cidade, fora dos muros. O mar estava próximo, e o lixo que se acumulava na praia, misturado com o número normal de caranguejos desajeitados que não conseguiam lembrar de que lado

estava a água, tornou o lugar inesquecível para meu nariz, se não para meus outros sentidos.

Recusei ser estúpido do mesmo modo duas vezes. Dessa vez entraria na cidade mais sutilmente.

Passei para tempo rápido e abri caminho entre as choupanas amontoadas ao redor dos muros até encontrar o que chamei de "portão do lixo" e entrei. Eu só vi o lado sórdido de Gill. Nos anos desde então vi muitas cidades, mas a lama fétida de Gill é a rainha de todas. Sua posição no istmo entre a Barreira de Terra e o Mar Cortado rendeu a Gill o papel de maior Família mercante do Leste. No entanto a riqueza não se mostrava na cidade — as pessoas ricas mudavam-se para o leste, nas montanhas, construindo mansões de madeira ou pedra de dar inveja aos príncipes de outras Famílias.

Em Gill, a pobreza e o comércio faziam uma divisão incômoda da cidade. Depósitos, manufaturas e casas de comércio abriam caminho para cortiços, prostíbulos e salões de jogos. À noite a alegria era algo de se ver; no início da manhã a cidade parecia cansada. E ainda um pouco bêbada.

Havia cadáveres nas ruas que levavam ao portão do lixo. Passei por uma carroça cheia de mortos, parada no meio do caminho. Alguns homens parecendo pouco mais saudáveis que sua carga erguiam cansados outra peça de carne humana para cima da carroça, na viagem para o cemitério. Há poucos lugares onde a vida não é barata, mas aquele era o primeiro lugar que eu encontrara onde mesmo os pobres (em especial os pobres, que são frequentemente mais gentis com seus mortos do que os ricos) tinham tão pouca consideração para com os mortos a ponto deles serem jogados como lixo nas ruas.

O palácio do governador de Gill, agora quartel-general da Aliança do Leste, erguia-se no distrito de armazéns como um tumor entre verrugas: não havia qualquer tentativa de beleza, apenas um grande bloco de pedra cinza chocando entre estruturas menores e, de certa forma, mais convidativas, que estocavam tecidos, carne-seca e couro.

Conseguir entrar seria difícil. As portas estavam todas fechadas, com guardas de pé, encostados. Não haveria modo sutil de entrar, nem mesmo em tempo rápido — não pelas portas. Atrai muita atenção derrubar um guarda. E a força de minha passagem, em tempo rápido, poderia muito bem matá-lo. Eu precisaria esperar até mais tarde,

quando as pessoas estivessem entrando e saindo. Então, por conta da nostalgia (e provavelmente com um plano inconsciente para uma vingança mesquinha) procurei o portão onde fora preso no dia anterior. Enquanto andava pelas ruas fui ficando mais e mais deprimido. Perguntei-me se Gill era mesmo excepcionalmente abjeta, ou se todas as cidades, mesmo Mueller-sobre-o-Rio, eram tão ruins para os que não tinham dinheiro. A região agreste e montanhosa de Humping era mais gentil para com seus moradores do que esse deserto artificial de pedra e sujeira.

Vi à distância, enquanto me aproximava do portão, que a carroça do carrasco já estava no trabalho. Que dia cheio ela tinha pela frente! Brinquei com a ideia de quebrar um eixo, mas decidi que não valia o tempo nem o esforço. Em vez disso, fui até o portão, praticamente sem olhar para a carroça nem para o prisioneiro encapuzado, e encontrei aquilo que procurava. O capitão que havia tão silenciosamente me levado para a morte no dia anterior se encontrava numa sala de guarda cuja porta estava trancada. Destranquei-a e entrei. Colocando-me diretamente na frente do capitão, que estava só, voltei para o tempo real. Eu vira muitas vezes o efeito em Ku Kuei — de seu ponto de vista, eu simplesmente me materializara no ar.

— Bom dia — falei.

— Meu Deus! — ele respondeu.

— Ah, a primeira pergunta foi respondida. Você pode falar. Foi muito irritante não ter sido sequer cumprimentado ontem, antes de você me levar e me matar. Seu olhar aterrorizado era delicioso. — Não sou um homem vingativo, mas de vez em quando essas coisas fazem maravilhas à alma. Não vou incomodá-lo por muito tempo. Só estou fiscalizando esse negócio de assassinatos que vocês têm aqui. Por exemplo, quem decide quem vai morrer?

— P... Percy. O rei. Não é minha culpa. Eu não decido nada...

— Isso não importa, não sou eu quem faz os julgamentos. Quantas pessoas por dia vocês levam dos portões da cidade direto para os cemitérios?

— Não muitas. Honestamente. Você ontem. Lorde Barton hoje, e não me lembro de ninguém há meses antes disso. E em geral elas são presas quando saem, e não quando chegam. Tentei não parecer chocado. Barton! Ele havia ignorado todos os meus conselhos e vindo.

— Você lida com isso de um modo muito eficiente — falei.

— Obrigado — ele respondeu.

— O que acontece com você se algo sair errado?

— Nada sai errado.

— Mas se sair?

— Vou ter encrenca. — Ele estava começando a agir um pouquinho mais confiante comigo, e suspeitei que em algum momento esticaria uma das mãos para ver se eu era sólido ou se era um espírito.

— Então você está encrencado — falei. — Porque Barton não vai morrer. E se você conseguir matá-lo, eu voltarei dentro de uma hora. Não importa a encrenca que vai arranjar se ele não morrer, apenas lembre-se de que vai ser menor do que a que você vai ter, se realmente matá-lo. Agora, tenha uma manhã maravilhosa. — Passei para tempo rápido, parando antes de sair para virar um tinteiro em cima de sua cabeça.

Corri pelas ruas num fervor, e logo encontrei a carroça do carrasco. Se tivesse olhado cuidadosamente antes, teria reconhecido a roupa de Barton — ele estava vestido como estivera naquele dia na casa do penhasco. Subi na carroça e ralentei até o tempo normal o suficiente para dizer:

— Não se preocupe, Barton, estou com você.

Depois voltei para tempo rápido e desci da carroça. O cocheiro não me havia notado, e se algum passante me viu, iria apenas piscar e imaginar se o álcool de ontem à noite ainda estava em seu sangue.

Cheguei ao local de execução e esperei escondido entre os feixes de palha. Demorou meia hora para a carroça chegar, e então a rotina do dia anterior foi repetida: os arqueiros se alinharam muito ao acaso, e seu líder — não o capitão do portão — ergueu o braço. Passei para tempo rápido e caminhei até o espaço entre Barton e os arqueiros. Fiquei andando para a frente e para trás (eu me tornava visível quando ficava muito tempo no mesmo lugar) até que o braço do líder baixou e as flechas foram atiradas. Então recolhi as flechas no meio do voo, tirei gentilmente o capuz da cabeça de Barton, e cravei as flechas, através do capuz, na palha diretamente atrás do peito de Barton. Então voltei para meu ponto de observação e olhei.

Levou um segundo de tempo real antes dos arqueiros perceberem que o capuz de Barton fora retirado e que nenhuma flecha estava

cravada em seu peito. Então, irritado, o líder dos arqueiros mandou que fossem coletar suas flechas, furioso por terem errado. Quando descobriram as flechas cravadas na palha através do capuz, entretanto, mesmo o líder ficou um pouco menos seguro de si. Não havia qualquer meio natural que fizesse as flechas terminarem diretamente atrás dele.

Barton estava sorrindo.

— Não sei que tipo de truques você está fazendo — o líder disse furioso (apesar de haver medo em sua voz) — mas é melhor parar com isso.

Barton encolheu os ombros e o líder formou seus arqueiros para uma segunda tentativa. Voltei para tempo rápido. Para acabar rapidamente com aquilo, peguei as flechas no meio do voo e dessa vez cravei-as no pulso de cada arqueiro. Para garantir, peguei mais algumas flechas do carcás de um deles e empalei a mão do líder, prendendo-a firmemente em sua coxa, e prendi do mesmo modo três homens que, ali perto, olhavam preguiçosamente a execução. Então voltei para meu posto de observação e para o tempo real.

Um uivo de dor vindo de uma dúzia de gargantas me disse que o trabalho fora bem-feito. Os arqueiros soltaram os arcos, agarrando as flechas em seus pulsos. A dor não era tão terrível quanto o choque. Não é todo dia que você atira uma flecha e ela volta contra sua mão.

A presença de espírito de Barton foi impressionante. Disse cheio de arrogância:

— Este foi o segundo aviso. Não haverá um terceiro.

— O que está acontecendo? — gritou o líder.

— Vocês não me conhecem? Sou o pai do imperador. Sou Lorde Barton de Britton. E é um crime os plebeus derramarem sangue real.

— Desculpe! — gritou o líder. Vários arqueiros falaram o mesmo. A maior parte estava muito preocupada em estancar o sangramento.

— Se vocês estão arrependidos, voltem para os quartéis e não me causem mais problemas hoje.

Eles estavam arrependidos. Voltaram para os quartéis e não lhe causaram mais problemas naquele dia. E assim que se foram, ele me procurou ao redor e encontrou-me encostado num monte de palha, rindo. Aproximou-se parecendo um tanto contrariado. Você não precisava esperar até o último minuto, precisava?

— Eu lhe disse para não se preocupar.

— Tente não se preocupar com uma dúzia de flechas apontadas pro seu coração.

Desculpei-me profusamente, explicando que eu desejava espalhar um pouco de medo do sobrenatural entre o povo de Gill. Ele concordou afinal em deixar o assunto de lado, já que eu *realmente* o salvara, e já que ele *realmente* não levava em consideração minha ordem para que ficasse em Humping. Saímos do local de execução, dirigindo-nos à cidade.

— A única coisa que eles não vão esperar que nós façamos — falou — é entrar na cidade depois de terem tentado nos matar. — Depois riu. — *Foi* engraçado. Eu não gostaria de ser o soldado que tiver de relatar isso ao meu caro filho Percy. O que você é, afinal?

— O Homem-do-Vento — respondi.

— Não sei o que está acontecendo no mundo. Tudo parecia tão razoável e científico até que descobri que meu filho era uma fraude com a habilidade de esconder de mim minhas próprias memórias. E agora aparece você. O capitão do portão me disse que você foi executado e enterrado ontem.

— Ele falou com você? Para mim ele não disse uma palavra — falei.

— Não mude de assunto, jovem. Estou acusando-o de violar as leis da natureza.

— As virtudes da natureza estão intactas. Eu apenas conheço algumas leis diferentes.

Nesse momento estávamos no portão do lixo. Os guardas não eram muito inteligentes e, sem qualquer surpresa para nós, não fora dado nenhum alarme. Entretanto, parecíamos dignos de nota, no mínimo pelo contraste: Barton em roupas caras e eu vestido como um Humper, bastante caipira. Precisava tirar Barton das ruas enquanto prosseguia em meu intento original de fazer uma visita a Percy. Então levei-o a um bordel que vira em minha primeira caminhada.

O gerente era um velho rabugento que parecia bastante aborrecido por ser importunado de manhã.

— Não abrimos até a tarde — falou. — O final da tarde. Barton tinha dinheiro — um bocado de dinheiro. Fiquei surpreso pelos executores não o terem tirado. Talvez planejassem esperar até que ele fosse um cadáver, para que não soubesse que estava sendo roubado. Era um toque de delicadeza que eu não suspeitara que os soldados

tivessem. O dinheiro, espalhado na mesa, serviu para abrir a casa um pouco mais cedo do que o normal.

— Serviço completo? — o gerente perguntou.

— Apenas cama e silêncio — falei, mas Barton me olhou feroz.

— Sinto-me como um sujeito de dezenove anos, e você espera que eu durma o dia inteiro num lugar desses? Eu quero sua menina mais nova que não tenha nenhuma doença ruim. — Depois caiu em si e disse: — Mas é claro que ela deve ser maior de idade.

O gerente olhou como se estivesse tentando deduzir o que ele queria dizer.

— Acima de quatorze — falei tentando ajudar.

— Dezesseis! — disse Barton horrorizado. — Eles realmente as oferecem mais novas do que isso?

O gerente girou os olhos para o céu e guiou Barton. Assim que saíram, passei para tempo rápido e voltei ao palácio.

Quando cheguei havia uma mulher acabando de passar pela porta. O espaço era apertado, mas me espremi por trás sem esbarrar nela — isso a esfolaria dolorosamente. Entrei no palácio. Segui pelo caminho que tinha maior número de guardas impedindo a passagem e logo me encontrei numa impressionante sala do trono. Então caminhei até um canto escondido e examinei as pessoas reunidas. Tentei olhar cuidadosamente cada rosto na sala, de modo que se algum deles mudasse eu saberia. E depois passei para tempo real.

A velha sentada no trono tornou-se um homem jovem, notavelmente parecido com Barton. A maior parte dos oficiais ao seu redor permaneceu sem mudanças, mas reconheci Dul no meio da multidão. Ele tinha sido um jovem miúdo numa túnica simples marrom. Alguns outros rostos também mudaram. Fiquei passando de tempo real para tempo rápido várias vezes, para ter certeza de que havia identificado todos. Eram oito.

Eu viera plenamente decidido a matá-los depois de descobrir de onde vinham. Agora imaginava como conseguiria qualquer dos dois intentos. Não podia falar com eles em tempo rápido, o que significaria me expor aos perigos de um confronto em tempo real. E como poderia matá-los sem atrair a atenção de todos os outros ilusionistas? Avisados a meu respeito, poderiam se defender.

Pelo menos sabia que podia identificá-los passando de tempo real para tempo rápido e de volta. Mas matá-los em tempo rápido... não seria fácil. Bom, é claro que seria fácil cometer o ato em si. Mas, para mim, enfiar uma faca no coração de uma pessoa desprevenida seria muito diferente dos truques insignificantes que eu fizera em tempo rápido até então. Eu fora treinado para as batalhas; tinha lutado e matado antes. Mas meu inimigo sempre teve uma chance de defender a vida. Eu não tinha estômago para atacar quando uma pessoa estava absolutamente impotente.

Os Ku Kuei matavam animais batendo em suas cabeças em tempo rápido. E eu os condenara por isso. Mas estavam certos: você não corta os pés quando vai começar uma corrida. Se eles não pretendessem dominar o mundo eu não teria que usar minhas vantagens adquiridas para matar os ilusionistas. Não havia esperança de fazer um tratado com eles: já haviam provado sua determinação em tomar o poder a qualquer custo. A justiça não seria ofendida por suas mortes. E se o único modo de matá-los fosse rastejar como um covarde...

Era uma linha de pensamento improdutiva e, de qualquer modo, Dul estava se afastando da multidão na sala do trono. Esperei até ver para que porta ele se dirigia, então passei para tempo rápido e cruzei a porta na frente dele. Não tinha assassinato em mente, apenas informação. Quando ele passou pela porta eu, em tempo real, me adiantei e agarrei-o pelo braço.

— Dul — falei — que prazer encontrá-lo!

Ele parou e me olhou, o rosto registrando apenas um pouco de surpresa.

— Pensei que você estava em Britton — falou, e então, apesar de poder ver suas duas mãos dos lados do corpo, senti uma faca cravando-se em meu peito. Meu pobre coração precisaria regenerar de novo, pensei. Também percebi que haveria dificuldades em lidar com os ilusionistas cara a cara. Quando um homem pode matá-lo sem que você o veja movendo as mãos, ele coloca alguns problemas incomuns numa luta.

Tempo rápido, claro, e eu o vi acabando de tirar a mão da faca cravada em meu peito. Arranquei a faca, dei um passo para o lado e esperei em tempo rápido enquanto meu coração se curava o bastante para me deixar ir em frente. Era uma ferida limpa, mas eu não ousava

me esforçar muito — havia limites ao que meu coração podia suportar sem se rebelar e insistir que eu passasse algumas horas na cama. Finalmente, entretanto, pude continuar. Levantei-me e voltei para Dul, que havia recolhido a mão; seu rosto estava começando a registrar surpresa por eu ter desaparecido. Peguei a faca e, para convencê-lo de que estava falando a sério sobre a necessidade de cooperação, enfiei a lâmina (ferro de manufatura Mueller!) fundo em seu braço. Então voltei para tempo real, vendo-o transformar-se, no último momento, do jovem que eu javia golpeado, no alto e taciturno criado Dul. Entretanto a fleuma não durou muito. Ele pareceu espantado, agarrou o braço, e naquele momento a ilusão tremulou, desvaneceu; ele se transformou de um jeito e do outro diante de meus olhos, até que finalmente resolveu ficar como ele mesmo, o jovem miúdo.

Saltou para cima de mim, jogando-me ao chão. A faca já estava fora de seu ombro, dirigindo-se para minha garganta. Bloqueei-a, e lutei pelo controle dela. Ele era forte e jovem — eu era mais jovem e muito mais forte. Além disso ele não era hábil no uso da faca. Provavelmente nunca tivera que usá-la numa situação em que o inimigo pudesse vê-la chegando.

Eu o tinha preso no chão e estava exigindo que me contasse de onde vinha, antes que o matasse, quando ouvi um som vindo da porta. Olhei e não vi ninguém, mas a porta ainda estava aberta. Se os ilusionistas podiam fazer tudo que eu já os vira fazer, podiam provavelmente me fazer pensar que não via ninguém: eu tinha certeza de haver mais alguém na sala. Um interrogatório seria impossível com uma audiência de ilusionistas, e agora eles estavam avisados. Eu tivera uma chance, não muito boa, de descobrir de onde vinham. E perdera.

Passei para tempo rápido e levantei-me de onde meu ex-oponente estava no chão. Não um, mas três ilusionistas já se dirigiam para onde eu estivera, as facas posicionadas. Foi uma coisa sem pé nem cabeça, mas peguei as facas de suas mãos e trouxe-as comigo para a sala do trono, onde a velha que fingia ser Percy Berton estava sentada com ar aborrecido. Coloquei-as em seu colo, as lâminas apontadas em sua direção, e depois saí do palácio. A mensagem seria clara: ela poderia ter sido morta. Mas era apenas uma mensagem, apenas um "poderia ter sido", e eu não sabia o que fazer em seguida.

Matar todos? Sem sentido, um total desperdício, se eu não ficasse sabendo de onde vinham. Seriam apenas substituídos por outros ilusionistas, e a trama dificilmente seria frustrada, apenas um pouco retardada. Do modo como as coisas estavam eu tinha algum tempo para planejar meu próximo movimento, pelo menos em tempo rápido — levaria pelo menos uma semana antes que os cavaleiros pudessem ir de Gill até outra capital de qualquer tamanho, e em uma semana em tempo rápido eu podia fazer um monte de coisas.

Saí do palácio. Eles dificilmente teriam algum relato largado em algum canto dizendo: "os impostores neste palácio vêm da seguinte Família". Eu teria que usar apenas a razão para determinar sua pátria. E quando se tratava de raciocinar, eu aprendera a respeitar Lorde Barton.

— Você não ficou longe por tempo suficiente — ele falou depois de eu mandar a garota para fora do quarto. — Está abusando de nossa amizade.

— Preciso de seu conselho.

— E eu preciso de solidão. De solidão a dois. Dá para perceber que eu estava em vias de realizar uma coisa que eu não conseguia há trinta anos? Duas vezes sem parar. Duas vezes em dez minutos.

— Haverá outras oportunidades. Escute, Barton, eu fui ao palácio. Encontrei o seu filho. Ele é uma mulher, tem a sua idade ou mais, e está cercada de companheiros ilusionistas, inclusive seu ex-criado. Mas não consegui nada com eles. De fato, estão um pouco alarmados. Sabem que eu sei a respeito deles; tiveram um gostinho do que eu posso fazer. Dentro de uma semana terão condições de notificar os outros, e eu não vou poder continuar à frente deles. Compreende a situação?

— Você meteu os pés pelas mãos.

— Tive uma oportunidade e perdi. Então, já que você foi estúpido o suficiente para vir aqui depois de prometer que ficava em Humping...

— Humping — ele disse pensativo.

— Você pode muito bem ser útil. Eu preciso saber de onde eles vêm. Preciso saber qual é o seu país. Porque a não ser que nós ataquemos lá, primeiro e duramente, nunca iremos barrá-los.

Ele começou a pensar imediatamente.

— Bom, Lanik, é claro que nós não podemos tirar números de um chapéu e esperar encontrá-los. Há oitenta famílias. Pode ser qualquer uma. Há meios de diminuir as probabilidades. Eu tenho uma teoria, boa,

eu acho, sobre o que as Famílias estão fazendo. Em Nkumai encontrei uma história de classificações; ela listava as coisas em que os fundadores das Famílias eram especializados. Nkumai, por exemplo, foi fundada por um físico. Seu produto de exportação é teoria física e astronômica. Em Mueller exportamos o produto de pesquisa genética... o primeiro Mueller era um geneticista. Está entendendo?

— Qual é a constância disso?

— Não visitei muitos países nem fui informado de quais são seus produtos de exportação. Mas isso é verdadeiro para Ku Kuei e Schwartz.

— Um filósofo e uma geóloga. Devo ter aparentado o meu espanto.

— Não sei por que essa informação deveria surpreendê-lo. Britton foi fundado por um historiador. Não é um campo muito provável de se transformar num produto de exportação, mas somos fanáticos por manter registros. A lista dos oitenta traidores originais, de Anderson até Wynn, é memorizada por toda criança na escola, junto com pequenas biografias que incluem suas ocupações. Nós somos muito meticulosos. Posso também recitar minha genealogia, do próprio Britton até eu. Não fiz isso até agora porque você não pediu.

— E nunca vou pedir. Você é um homem de ferro, Barton.

— A questão é: que ocupação poderia possivelmente ter levado os membros de uma família a se tornarem ilusionistas? Os psicólogos seriam os mais óbvios, não é? Quem era psicólogo? Drew, claro, mas eles vivem em suas choupanas no norte e sonham em matar os pais e em dormir com as mães.

— Isso poderia ser uma ilusão — falei.

— Apenas no ano passado eles atacaram Arven, sobre as montanhas, e foram humilantemente derrotados. Será que isso soa como os nossos inimigos?

Encolhi os ombros. Como poderíamos dizer qualquer coisa sobre os ilusionistas?

— Além disso, eles não fazem segredo daquilo em que vêm trabalhando há séculos. Em algum ponto da história as pessoas que estamos procurando se tornaram dissimuladas. Você não acha? Outro psicólogo, o único outro, foi Hanks. Não sei nada sobre eles a não ser que se rebelaram contra a Aliança do Leste há dois anos, e meu amado filho foi com um exército e queimou o país inteiro até o chão. As

histórias dizem que apenas uma em cada três pessoas sobreviveu, cruzando as fronteiras e vivendo de caridade em Leishman, Parker e Underwood. Não há caridade em Gill. Mais uma vez, esse não parece o local provável para a pátria dos ilusionistas. Mais uma vez, ele estava certo.

— Nenhum outro psicólogo?

— Não.

— Que outras profissões, então?

— Talvez eles sejam uma exceção à sua teoria, Lanik. Talvez tenham criado algo novo.

— Repasse a lista. Precisamos tentar achar a melhor probabilidade.

Repassamos a lista. Foi tedioso, mas ele escreveu-a numa letra maravilhosa que me fez ter mais respeito ainda por sua educação, apesar de eu praticamente não conseguir ler. Nossas conjecturas eram amplas, Telerman havia sido ator, mas a Família era conhecida por ter pretensões literárias. O Embaixador recusara cada livro, peça e poema que eles ofereceram em três mil anos. Sua persistência era notável. Não houvera nenhum mágico ou ilusionista entre o grupo originalmente exilado aqui, claro — essa era uma profissão muito grosseira, já que a rebelião fora uma revolta da elite contra a exploradora ditadura das massas. Com poucas exceções, os exilados em Traição eram a nata da nata, os principais intelectos da República. O que significava que, exceto pelos psicólogos e alguns outros na periferia, provavelmente implicados por dar dinheiro para a revolta, a maioria dos rebeldes era especialista em algum tipo de ciência.

Depois de passarmos mais de uma hora exaurindo, pelo que pensávamos, todas as possibilidades, a resposta se tornou subitamente tão óbvia que eu não podia acreditar que não a tivéssemos percebido até então.

— Anderson — falei.

— Nós nem ao menos *sabemos* o que ele fazia — disse Barton.

— Como profissão, não. Mesmo assim ele foi o cabeça da revolta, não foi?

— "Dos traidores, o mais sujo" — Barton recitou.

— Líder dos intelectuais, e ainda assim ele mesmo não era um intelectual. Sim. Um dos fatos inescrutáveis da história.

— Um político — falei. — Um demagogo que se elegeu para o Conselho da República, e ao mesmo tempo o homem que conseguiu dominar as melhores mentes da República. Não será uma contradição?

Barton sorriu.

— Você encontrou alguma coisa aí. É claro que ele não tinha nenhuma habilidade como a dos nossos inimigos atuais. Mas podia fazer com que as pessoas pensassem que ele era o que ele queria que pensassem. E exceto pelo fato de serem melhores, não é isso que os ilusionistas estão fazendo agora?

Recostei-me na cadeira.

— Então você pelo menos admite que é plausível?

— Plausível. Não provável. Mas nenhuma das outras hipóteses é sequer plausível, pelo que posso ver. O que torna Anderson a melhor aposta, pelo menos para a primeira tentativa.

Levantei-me e fui até a porta.

— Não está sendo um pouco grosseiro? Não vai me convidar para ir junto?

— Só vou estar fora uns dois dias — falei.

— Leva pelo menos uma semana de cavalgada sobre terreno ruim, em Israel, para se chegar à costa, e depois é preciso arranjar um barco para atravessar o pior trecho de água do mundo, o Mar Trepidante; a não ser que você seja idiota o suficiente para tentar o Funil. É uma ausência de pelo menos quinze dias. E você provavelmente vai matar dois cavalos para fazer isso nessa rapidez.

— Não vou demorar tanto. Confie em mim. Eu já falhei com você?

— Só quando mandou a jovem para fora do quarto. Não se preocupe. Não vou tentar segui-lo. Se você diz dois dias, eu espero dois dias, ou até mais. Um homem que pode fazer flechas mudarem de direção no meio do voo pode voar até as luas, se quiser.

Eu pensava em outra coisa.

— Talvez você devesse esperar em outro lugar.

— Absurdo. É mais arriscado sair para a rua. Além disso, tenho negócios a terminar. Preciso estabelecer meu próprio recorde. Três vezes em uma hora. Mande-a de volta para cá.

Mandei-a de volta quando saí.

Era exasperante o fato de eu chegar mais rápido quando caminhava em tempo rápido do quando cavalgava em tempo real —

tudo porque não aprendera como expandir minha bolha de tempo em Ku Kuei. Levei nove longos dias de caminhada para chegar à costa de Israel no tempo rápido mais rápido que eu já tentara após sair de Ku Kuei. Houvera um tempo, em minha vida, em que a solidão e o exercício eram revigorantes. Agora eu estava cansado de ficar só, e ainda mais cansado de caminhar de um lugar para o outro, vendo as pessoas como estátuas nos campos, tão inconscientes de estarem sendo subvertidas pelos ilusionistas. Eu estava indo salvá-las, e elas sequer sabiam que precisavam ser salvas.

Estava morto de cansaço quando cheguei ao promontório de Israel, acima do Funil — a garganta estreita entre Anderson e o continente. As ondas do mar estavam congeladas, claro, no meio de sua corrida furiosa para o norte em direção ao Mar Trepidante, ligeiramente mais baixo. As cristas das ondas chegavam quase ao nível do promontório onde eu estava, como montanhas erguendo-se de um cataclisma da terra.

Havia poucas coisas que eu não fizera em tempo rápido, mas nadar em um mar de tempo real era uma delas. Em Ku Kuei, quando eu nadava em tempo rápido, estava sempre com alguém cujo fluxo de tempo era forte o bastante para carregar uma porção do lago, além de mim.

Entrei cautelosamente na água. O ar não me causava qualquer resistência em tempo rápido, mas a água era pegajosa e sustentava meu peso muito mais do que em tempo real. De fato, minha passagem pelo Funil não foi propriamente uma natação. Eu, de certa forma, me arrastava, subindo pela encosta das ondas como se fosse um morro enlameado após uma chuvarada. Depois escorregava facilmente pelo outro lado. Depois de um tempo aquilo tornou-se divertido, apesar de exaustivo. Ainda era de tarde quando cheguei ao outro lado e me arrastei para fora do mar para a costa rochosa da ilha de Anderson.

Fora do alcance das ondas gigantescas, olhei ao redor. A terra era coberta de capim, salpicada de pedregulhos, e ovelhas pastavam aqui e ali — era uma terra calma. Mas também quente, seca e desabrigada.

O capim não era espesso, e cada ovelha que se movia tinha ao redor uma pequena nuvem de poeira, que de meu ponto de vista parecia estar suspensa no ar. Caminhei pela crista do morro que levava à costa rochosa, imaginando como poderia descobrir se esse era mesmo o lar dos ilusionistas. Eu não podia chegar até alguém e dizer: "Boa

tarde, é daqui que vêm os bastardos que estão tentando dominar o mundo?" Eu precisava de um motivo plausível para estar ali. Lembrando o mar que eu acabara de atravessar, um naufrágio parecia uma possibilidade admissível. Tudo que eu precisava era me assegurar de sair da água convenientemente perto da casa de algum pastor. Dali em diante esperava poder reagir de acordo com o momento.

Quando cheguei a uma casa apenas a alguns metros do início do litoral rochoso, desci apressadamente das pedras para o mar. Reconhecendo como as ondas eram altas e como deveriam ser violentas em tempo real, prudentemente subi para a crista da onda mais perto da costa. E depois voltei para tempo real.

Deveria ter ficado numa pedra e deixado os salpicos me molharem.

12 ANDERSON

ONDA NÃO ESPEROU NADA. Fui imediatamente arremessado cheio de náuseas na direção das rochas da costa, enquanto vinha outra onda e me golpeava por cima. Encontrei a rocha com um horrível estalar de ossos e depois fui erguido de novo para ser novamente golpeado para baixo.

A dor em minha perna esquerda, partida, era dilacerante, me distraía, e meu corpo se recusava a me deixar usá-la para nadar. Pela primeira vez em muito tempo eu enfrentava uma força da natureza com a qual não podia lidar, e temi pela vida. Meu pai morrera quebrando a coluna na água. Enquanto afundava rapidamente pela segunda vez em direção às rochas, a ânsia de sobrevivência me dominou e eu espadanei pela água em direção à costa e me agarrei numa pedra. Mas a onda que bateu em mim me soltou e arrastou-me novamente.

Na terceira vez consegui me agarrar e me arrastar para longe das ondas. Eu ainda ficava encharcado com os respingos toda vez que uma onda chegava à costa — o que parecia acontecer a cada um ou dois segundos — mas estava relativamente seguro. Esperei por vários minutos que minha perna começasse a se curar o suficiente para eu conseguir, se necessário, andar. Quando fiquei satisfeito por ela poder suportar meu peso, comecei a gritar.

— Socorro! — berrei. Foi inútil: eu não poderia ser ouvido acima do estrondo das ondas. Precisava chegar mais perto da cabana e mais longe do mar. Subi praticamente correndo entre as rochas. Foi então

que a vi, uma garota que não podia ter mais de vinte anos, vestida com uma roupa simples que não chegava até os joelhos. Era lindíssima, e a brisa suave agitava seus cabelos negros. Dificilmente aquele seria um momento para me sentir apaixonado, mas fiquei imediatamente atraído por ela. Seriamente atraído por uma mulher pela primeira vez desde que deixara Saranna em Ku Kuei.

Gritei de novo e ela desceu delicadamente entre as pedras até me alcançar. Sorriu; sorri de volta, mas deixei que a dor que ainda sentia se mostrasse claramente em meu rosto. Tropecei várias vezes — o que não era difícil de conseguir — à medida que ela me ajudava a subir até o platô. Enquanto ela me levava até sua casa eu inventei uma história exagerada sobre ter sido apanhado na corrente que entra no Funil, meu pai e eu num barco de pesca; contei como eu estava certo de que ele se afogara, já que o mastro, ao se quebrar, o havia golpeado na cabeça. Ela, por sua vez, me contou como o mar arrancara seu velho pai das rochas há menos de três anos, e como estava lutando para criar um punhado de ovelhas e manter sua independência.

— Certamente você não carece de ofertas de casamento — falei.

— Não — ela respondeu timidamente. — Mas estou esperando.

— O quê?

— O homem certo, claro — falou em tom de brincadeira, e depois me guiou até sua cabana.

À distância, quando vira sua casa pela primeira vez, não tinha percebido as flores crescendo ao redor das paredes. Faziam um agradável contraste nessa terra desolada, e descobri que estava gostando dela. Ela me ofereceu comida, mostrando um guisado frio que poderia esquentar num instante.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa a terra começou a tremer e fui jogado no chão. Eu conhecia o suficiente sobre terremotos para saber que dentro de casa não era um bom lugar para se ficar durante um deles — arrastei-me de quatro para a porta e fiquei olhando enquanto a terra se erguia visivelmente e uma fenda se abria no chão a menos de dez metros de distância. Era larga, e a terra roncava enquanto ela abria e fechava novamente.

Então o terremoto acabou. Levantei-me, envergonhado, e espanei a sujeira das roupas. Elas ainda estavam úmidas do mar — e com lama grudada. Lembrei de mancar, se bem que, agora, minha perna estivesse

praticamente curada. Sinto muito — disse ela, e percebi que parecia mais envergonhada do que apavorada com o terremoto. — O tempo aqui é tão inconveniente, entre a terra, o céu e o mar. — Como se para provar seu ponto de vista, o céu, que há um momento estivera sem nuvens, começou subitamente a derramar água enquanto as nuvens rolavam de um horizonte ao outro.

As flores ficaram rapidamente encharcadas — mas pareciam continuar um tanto eretas.

— Suas roupas — ela disse. — Posso lavar essa lama, se você quiser tirá-las. E o sal do mar, também.

Confiei em que meu rubor fosse convincente — *eu* estava convencido, de qualquer modo. Ela parecia tão inocente que era impossível não ficar com vergonha.

— Não estou usando nada por baixo — admiti.

— Então vá para o cômodo de trás, eu tenho dois cômodos, e me passe as roupas pela cortina.

Não precisei que me apressassem. Tirei as calças e a camisa, lembranças de Glain, Vran e Humping, e estendi para ela, depois fiquei deitado na cama, surpreendentemente macia — um luxo como os de Mueller, aqui numa região pastoril! Afundei na cama, nu, esparramado, para me secar e relaxar. Era bom, depois de um mês de viagem sem descanso e de algumas horas exaustivas no mar.

Dormi.

Não estou certo do que me acordou. Eu não poderia ter dormido muito — o céu virtualmente não mudara, ainda escuro por causa das nuvens, mas não por causa da noite. O cheiro do guisado se espalhava forte pela casa. Então a porta se abriu.

Ela estava na porta, nua. Seu corpo era jovem; lembrava-me dolorosamente o de Saranna, quando éramos adolescentes, antes de eu deixar Mueller tantos anos atrás. Eu ainda era um adolescente, não era? Mas parecia ter sido há muito tempo para que eu acreditasse. Eu queria a garota. Ou talvez quisesse minha juventude de novo. Qualquer que fosse a minha motivação, por sua nudez, por seu sorriso, estava claro que ela desejava que eu a desejasse.

Queria que eu a quisesse. Seria aquela a mulher tímida que me fez corar?

Alguma coisa não se encaixava. Muitas coisas não se encaixavam. Enquanto ela entrava no quarto e se ajoelhava na cama, percebi como era terrivelmente improvável que uma criatura daquelas pudesse viver sem ser molestada em tal isolamento, tão perto da costa. Percebi como era esquisito que as nuvens de chuva tivessem aparecido de lugar nenhum, que ela não tivesse se importado com um terremoto que praticamente derrubara sua casa, e que, doce e tímida como era, estivesse agora ajoelhada enganchando meu corpo, os braços cruzados sobre os seios.

Passsei para tempo rápido. A faca estava a apenas um palmo de minha garganta. A jovem nua era agora um velho abjeto e horroroso, com talvez a expressão mais viciosa e cheia de ódio que eu jamais vira num rosto humano. Seus olhos eram fundos e aquosos, o rosto era descarnado de fome. Não tive dúvidas do que ele queria. Seu corpo esquelético implorava por carne. Comparado a ele, eu era gordo.

A cama em que eu estava também não era macia — era uma tábua, e tão dura e rígida que ele praticamente não balançou quando deslizei desajeitado, saindo de baixo de suas pernas. Fiquei ali por um momento, imaginando o que fazer. A porta da cozinha ainda estava aberta. Saí e descobri que a panela, longe de estar cheia de guisado frio, encontrava-se empoeirada por falta de uso. Nada do acabamento interno que fizera o local parecer íntimo e convidativo era real — tudo desaparecera abrindo caminho para paredes rústicas de barro, um chão de terra e imundície em toda parte.

A sujeira, de fato, era indescritível. Era como se, já que o homem podia viver numa ilusão, não se importasse em tornar seu ambiente real ao menos tolerável. Será que suas ilusões realmente o enganavam? Talvez. No entanto, pensei, ele já havia colocado minhas roupas, e não pude encontrar qualquer traço das suas. Será que antes estivera nu? A pobreza era aterradora. Eu jamais vira um ser humano viver em tal selvageria fora de Schwartz, e lá a pobreza tinha dignidade, já que os Schwartz estavam na verdade vestidos de luz do sol e de ar.

Do lado de fora, até as flores revelaram-se espinheiros e capim seco empoeirado. A cabana era inclinada, praticamente desmoronando. Não havia qualquer traço de fenda na terra, e a chuva, como o terremoto, fora uma ilusão.

Não havia dúvida, então, que Anderson era o lugar que eu procurava. E não havia dúvida de que minha decisão fora correta. Se houvesse um oposto ao que o mundo deveria ser, era Anderson: tudo parecia lindo, mas era na verdade vicioso, esqualido e criminoso. Voltei para a casa, para o minúsculo alpendre que, na ilusão, era um quarto, e tirei a faca da mão do velho. Então passei para tempo real. Ele transformou-se novamente na garota, mas ela subitamente puxou a mão e segurou-a com a outra, por causa da dor quando arranquei a faca tão rapidamente. Ela olhou para onde eu estava, e seu rosto registrou o choque. Chutei-a direto na virilha, e subitamente ela era um velho caído no chão, contorcendo-se.

— Quem é você — ele gritou. — Você é o sonho de quem?

— Seu — falei.

Recuperando-se um pouco da dor ele disse de um jeito obsceno:

— Consigo sonhos melhores quando durmo. Pensei que você era real, do jeito que o terremoto apavorou você.

Agachei-me segurando a faca de madeira e apertei sua garganta com a ponta. Então, subitamente, havia mãos agarrando minha garganta por trás. Xinguei-me de idiota e passei para tempo rápido. O homem desapareceu do chão em minha frente e agora estava grudado em minhas costas, tentando me estrangular. Soltei-me de seu aperto, e depois fui para trás dele. Assim que voltei para tempo real, agarrei-o e empurrei-o para fora do quarto, para a cozinha. Ele gritava o tempo todo: eu quebrara seus dedos ao arrancá-lo de meu pescoço em tempo rápido.

Mas as ilusões se estendiam até mesmo ao sentido do tato, e subitamente ele estava novamente atrás de mim, dessa vez com a faca, dessa vez me golpeando pelas costas, nos rins. Eu já estava cansado de sentir dor, e ao invés de tentar lutar, corri para fora da casa. Um terremoto começou imediatamente. Custou uma tremenda força de vontade, mas andei direto por cima de uma fenda que se arreganhava à minha frente. Era chão firme. Então, deitei na terra a algumas dezenas de metros de distância e, o mais rápido que pude, forcei um terremoto que engoliu a casa num gigantesco desmoronamento.

Eu estava deitado na superfície da terra, e ela se sacudia debaixo de mim. Mas não foi o terremoto que me varreu como um ancinho passando através de solo fino. Foi o grito da morte. Não o grito de um

homem morto em batalha por uma arma, não o grito de incontáveis homens e mulheres e crianças levados por doenças ou fome ou enchentes. Era o grito de alguém assassinado pela própria terra, involuntariamente, e o grito era amplificado mil vezes até me preencher e eu também gritar.

Gritei, até que minha voz não mais cabia em meus ouvidos. A dor não era física. Quando terminou, não houve dor residual nos músculos ou tensão não liberada. A dor acontecia naquela parte de mim que estivera em comunhão com a terra, e enquanto ela me dilacerava eu imaginei, brevemente, se morreria daquilo.

Não morri. Mas quando meu grito caiu no silêncio e eu vi que a terra se fechara novamente, sem deixar qualquer traço da casa e de suas flores tristes e inexistentes, quis chamá-la de volta, chamar de volta o velho odioso, deixar que sua vida continuasse mesmo que seu eu não pudesse viver. Ele merecia morrer, só que nada merece a morte, e eu poderia ter ficado louco naquele momento, precisando que a casa, o homem e a vida retornassem e sabendo que ela tinha que ser destruída. Só que, por algum motivo, pensei em meu pai inchado à beira da água do lago; pensei nos milhares de soldados e civis na planície do Rio Rebelde, mortos ou desabrigados enquanto os Nkumai, liderados por um ilusionista Anderson, assolavam e violentavam abrindo caminho pela terra. Pensei nos milhões de mortes que eles causaram e ainda iriam causar, nos bilhões de vidas que eles oprimiriam na miséria, e esse equilíbrio, esse sentimento de ser absolutamente correta a destruição de Anderson, preservou minha sanidade e permitiu que eu me levantasse da terra e, fraco, andasse cansado até as rochas que levavam ao mar.

Mas os problemas não seriam resolvidos tão facilmente. Eu ouvira o grito da terra ao ser forçada à cumplicidade numa morte — numa única morte. Aquilo rasgaria para sempre a estrutura de minha alma. Eu nunca acreditara que tivesse uma alma até aquele momento, quando ela desnudou uma dor mais profunda do que qualquer parte de mim poderia suportar.

Lamentei por todo o caminho através da água; em todo o caminho em tempo rápido de volta a Gill. Parei apenas uma vez, para substituir a roupa que fora engolida em Anderson. Tive cuidado em roubar roupa de uma casa com a aparência de seus donos poderem suportar a perda.

Aquelas longas caminhadas em tempo rápido não me deixavam nada a não ser pensar, e meus pensamentos não eram confortáveis. Daquela vez, pela primeira vez, eu podia ansiar o alívio de falar a alguém para quem não precisaria mentir, alguém que poderia entender o que eu fizera, que poderia não me condenar por isso. Afinal cheguei ao bordel, subi as escadas e encontrei o corpo de Lorde Barton cortado em dezenas de pedacinhos, já apodrecendo no calor da janela virada para o sul.

13 TRAIÇÃO

NÃO SEI COMO o ENCONTRARAM, mas não deve ter sido difícil. A integridade do gerente era no mínimo suspeita; histórias de nossa estranha chegada no meio do dia podem ter circulado através dos canais simbióticos entre criminosos e polícia até alcançar a atenção de alguém que soubesse do miraculoso salvamento de Barton dos arqueiros. A mutilação de seu corpo fora perpetrada provavelmente porque, tendo-me visto de novo depois de parecer completamente morto, os ilusionistas e seus desavisados assistentes queriam ter certeza de não haver chance de erro. E deixaram-no no bordel para se certificarem de que eu o encontrasse.

Eu ainda estava em tempo rápido enquanto verificava a destruição de meu amigo. Tinham sido para mim dez "dias" desde que deixara Anderson, dezenove "dias" desde que deixara Barton. Em tempo real, entretanto, era o início da noite do dia após eu ter saído. Eu não conseguia evitar o pensamento de que podia ter salvado Barton voltando um pouco mais rápido, ou não o abandonando tão cedo. Mas enquanto lamentava por ele, percebi que a culpa que sentia era uma coisa trivial comparada à dor do grito da terra em Anderson. A terra não me considerava responsável pela morte de Barton, e depois dos ilusionistas terem acrescentado o assassinato de Lorde Barton à sua lista de crimes, eu não conseguia me sentir culpado pela morte daquele homem hediondo em Anderson. De modo que pude espantar a culpa e lembrar apenas que eu amava o homem, que ele era bom, e que eu

precisava impedir que outros como ele morressem nas mãos dos ilusionistas.

Com Barton morto, eu não tinha motivo para retardar o próximo estágio de minha jornada; tinha todos os motivos para apressá-la. Nenhum dos ilusionistas deveria escapar. Não importava como, Traição estaria livre deles antes de eu morrer. Qualquer dúvida sobre a legitimidade das mortes que eu pretendia provocar se fora. Eu estava além de qualquer pensamento, e pretendia apenas ir adiante com a decisão que tomara tão relutantemente, estava até cruelmente feliz em cumpri-la.

Havia uma questão de prioridades. Antes de agir contra os Anderson que controlavam as outras Famílias, eu precisava me certificar de que sua ilha natal fosse despovoada. Nenhuma substituição, nenhum exército irado, enganador e irresistível vindo de Anderson deveria poder resgatar os soberanos. E a população de Anderson poderia montar a um milhão; certamente não era menor do que cem mil. Seria um trabalho longo e cansativo em tempo rápido, armado apenas com minha faca de ferro e forçado a ir de pessoa a pessoa. Levaria minha vida inteira antes de chegar à metade. A destruição deles requeria um cataclisma a que não pudessem resistir, que os matasse de uma vez. Não era algo que eu soubesse como fazer.

Eu precisava de ajuda, e só havia um lugar onde encontrá-la. Mas será que poderia persuadir o povo de Schwartz a matar, mesmo que esse morticínio salvasse outras vidas — e, talvez, mais importante — que fizesse milhões de vidas mais dignas de serem vividas? Havia pouco espaço para julgamentos de valores no pensamento dos Schwartz, eu sabia muito bem. Vida era vida. Assassinato era assassinato. E eu, que os deixara ainda inocente, estava voltando com sangue nas mãos, pedindo que me ajudassem a matar.

Durante semanas eu vivera absolutamente só, em tempo rápido, sem comer nem beber, sem falar nem ouvir outra voz humana, a não ser a da garota linda de Anderson. No entanto não tinha tempo a perder. Então, por outros trinta dias atravessei todo o sul do continente, de Wood a Huss. As árvores abriram espaço a pastagens luxuriantes. As pastagens cederam espaço a arbustos que podiam viver com pouca chuva. E finalmente os arbustos cederam espaço às areias infinitas e às rochas partidas pelo sol.

Parei, em tempo rápido, perto do último arbusto que pude ver, e ali deslizei para tempo real. Eu não podia encontrar os Schwartz. Eles deveriam me encontrar. E me encontrariam, eu sabia.

Por um instante brinquei com a ideia de voltar. Meu encontro com eles não seria feliz. Certamente eles não podiam me matar, mas quando vivi com eles aprendi o tipo de amor que davam. Eu dependera dele. Agora ele não estaria lá.

Eu caminhara pelo deserto durante metade do dia quando o primeiro Schwartz começou a andar paralelo a mim, visível de vez em quando a algumas dunas de distância, ou na crista de outra pilha de rochas. À tarde havia três outros, e no início da noite, quando parei à sombra de um afloramento de rochas, havia aproximadamente uma centena ao meu redor, mais do que eu jamais vira de uma só vez enquanto vivera entre eles.

Estavam silenciosos, todos me olhando. Eu não comia, claro, mas sentei-me diante deles e em minha mente procurei a areia, encontrei a água muito embaixo e trouxe-a à superfície. Ela brilhou na luz refletida das rochas que ainda recebiam o sol. Inclinei-me para beber. A água recolheu-se, afundou para longe de mim. Eles me haviam julgado, exatamente como eu temia.

— Preciso de sua ajuda.

— Você não conseguirá nada de Schwartz — disse um velho.

— O mundo precisa da ajuda de vocês.

— A terra precisa apenas de vida. — E alguém murmurou: — Assassino.

— Eu não disse a terra! — respondi, cortante. — Disse o mundo. Os homens. Vocês sabem o que são os homens: são os que ainda precisam de comer para viver, que ainda se preocupam com a morte.

— Que ainda temem os assassinos — disse o velho. — Nós ouvimos os ecos do grito, Lanik Mueller. Você executou o ato, de modo que apenas você ouviu claramente, mas nós sabemos o que você fez. Nós lhe ensinamos, e você usou o ensinamento para matar. Você forçou a própria terra a ser sua espada. Se um dia tivéssemos vontade de matar, você seria aquele cuja morte procuraríamos. Será que posso ser mais claro? Deixe-nos. Você não conseguirá nada de Schwartz.

— Helmut? — perguntei, reconhecendo-o, apesar de não saber como.

— Sim — respondeu o velho.

— Pensei que você queria ficar jovem para sempre. Um amigo me traiu, e eu envelheci.

Então ele me virou as costas, e os outros fizeram o mesmo. No entanto, nenhum foi embora.

Então chegou a escuridão, rapidamente, como acontece no deserto assim que o sol se põe. Mas logo Discórdia passou pelo céu, jogando pouca luz mas pelo menos proporcionando um ponto de referência para que a vertigem da escuridão total não me dominasse. O silêncio permaneceu intocado, entretanto, até que não pude mais suportá-lo. As lembranças dos meses que passei entre os Schwartz eram muito agudas. Eu fora um deles, e agora eles me odiavam; eu tinha uma tarefa a cumprir, e agora iria fracassar; havia pessoas com as quais me preocupava, e elas não seriam libertadas. Tirei minhas roupas, deitei na areia e chorei.

Chorei por mim mesmo, que havia traído a confiança da rocha e matado. Chorei por Barton, cuja força e coragem em confiar num estranho lhe custara a vida, ainda que ele tivesse aberto a possibilidade de salvar o mundo. Chorei pelos milhares de pessoas pelas quais passara em minha jornada até aqui, nenhuma sequer suspeitando de que seu destino estava de passagem, que seu futuro brevemente estaria na balança.

E chorei porque sabia que no fim tudo seria fútil. Mesmo quando os Anderson tivessem desaparecido, qual seria a liberdade de qualquer pessoa em Traição? Os Mueller iriam novamente fazer espadas de ferro e atacar seus vizinhos; os Nkumai iriam novamente descer das árvores e assolar os que lutavam com madeira e vidro. Matar os Anderson apenas provocaria uma enchente de sangue na terra. Por menos livre que fosse o mundo, as pessoas não sabiam da verdade, e estavam em paz.

Quem era eu para pensar que essa paz fosse pior do que a guerra?

O inimigo real não eram os Anderson. O inimigo real era o ferro. Não o ferro para naves estelares para fugir de Traição e voltar ao resto da raça humana. Era o ferro para tirar sangue dos soldados e fazer com que morressem — era isso que nos estava destruindo. Porque, afinal, que chance qualquer um tinha? Caso tivesse alguma coisa, qualquer coisa que pudesse vender aos Embaixadores em troca de ferro, uma

Família adquiria vantagem sobre todas as outras. Além disso ela precisaria proteger sua independência derrubando todas as outras Famílias que pudessem desenvolver, ou que tivessem desenvolvido, algo que os Embaixadores comprassem.

Enquanto estava deitado na areia, a cabeça pousada nos braços, percebi que matar os Anderson não serviria para nada, a não ser que eu também destruísse os Embaixadores. Enquanto o ferro morto pudesse ser mandado de outros mundos para derramar sangue nesse, as mortes continuariam.

— Vocês me ensinaram — falei — que há ferro na terra.

Não responderam, não tinham se virado sequer quando chorei, supondo, provavelmente, que eu chorava as lágrimas dos culpados e dos condenados.

— Por que nenhuma parte desse ferro está na superfície?

Nenhuma resposta.

— Havia algum ferro na superfície, não havia? Foi por isso que os primeiros Schwartz vieram para aqui, não foi? O levantamento geológico mostrou que não havia depósitos de ferro facilmente acessíveis. Mas havia ferro *aqui*, não havia?

Helmut falou:

— Ninguém achará ferro em Schwartz.

— Mas ele *estava* aqui, não estava? Estava aqui, e vocês sabiam, ou seus ancestrais sabiam, o que o ferro poderia fazer, não é? Eles sabiam que o ferro mataria. Eles sabiam que, na luta pela supremacia, tanto sangue seria derramado que qualquer vitória seria sem sentido. Não é?!

Helmut virou-se para mim, com uma expressão estranha e retorcida no rosto.

— Ninguém jamais saiu de Schwartz acreditando nisso.

— Vocês tinham o ferro! E decidiram não usá-lo! Não é?! Helmut ficou parado, cheio de ira.

— Você não sabe de nada? Não viu as montanhas? Por que você pensa que nós nunca deixamos chover aqui? Caso deixássemos a chuva cair em Schwartz a ferrugem nas rochas seria visível a quilômetros de distância! Não teríamos paz, nem aqui nem em lugar nenhum do mundo! Nós mantivemos o ferro escondido, e você *não* vai trazer o mundo aqui para tirá-lo, levá-lo e matar com ele.

Agora havia outros me olhando, e também pareciam irados.

— Vocês não compreendem. Eu não quero contar isso a ninguém. Quero terminar o trabalho que seus pais iniciaram. Vocês vivem aqui em Schwartz protegendo a humanidade do ferro, mas lá fora o ferro está derramando sangue assim mesmo. Não sabem disso? É claro que sabemos — disse Helmut. — Mas não temos o poder de mudar o coração dos homens. Não somos responsáveis. Não é nossa culpa.

— Suas mãos estão limpas, não é? Aqui, onde o sol mantém tudo puro. Mas vocês não são puros! Porque, se podem parar com o sofrimento e as mortes, e não param, então vocês *são* culpados. É *sua* culpa.

— Nós não matamos ninguém. Não deixamos que eles nos matem. Não temos nada a ver com eles.

Entretanto eu tinha o fio de uma argumentação, e segui-o.

— Se vocês me ajudarem, posso fazer com que o ferro pare de chegar aqui. Posso interromper completamente o fluxo de ferro da República, e posso acabar com o medo e a competição que vêm causando essas guerras. Mas não posso fazer isso sem sua ajuda.

— Você é um assassino.

— Vocês também!

Os olhos de Helmut se arregalaram.

Insisti no ponto:

— Em Hanks, centenas de milhares de pessoas morreram na ponta de espadas ou de fome quando a terra foi devastada pelos exércitos de Gill. Na planície do Rio Rebelde, centenas de milhares morreram quando os exércitos Nkumai destruíram cada ser vivo em seu caminho. Algum exército já tinha feito esse tipo de coisa antes? Algum dia?

— O som foi terrível — Helmut falou fracamente.

— O motivo dessa guerra ter sido travada foi o ferro. Foi porque tanto Nkumai quanto Mueller estavam conseguindo ferro, e parecia inevitável que uma delas se tornasse suprema entre as Famílias. Mas havia outra Família, uma cujo produto jamais poderia ser exportado. O Embaixador jamais lhes daria ferro. Mas o que eles *podiam* fazer, o que eles *fizeram* foi sair e pegar o ferro que as outras Famílias conseguiam.

— O que nos importa o que acontece com Mueller e Nkumai? — Helmut disse desdenhoso.

— Absolutamente nada. Mas vocês deveriam se importar com o que acontece com a humanidade, pelo bem da rocha, se não for por

qualquer outro motivo. A Família de que falo é Anderson, e o seu poder é a mentira. Não apenas o de dizer a alguém algo que não é verdadeiro, mas de fazer com que acreditem nisso, contra a vontade, de fazer com que tenham tanta certeza de que a mentira é verdade que jamais ocorre questioná-la.

Contei-lhes sobre Dinte, sobre Mwabao Mawa, sobre Percy Barton. Helmut pareceu enfim preocupado.

— São essas pessoas que mataram tantos?

— São.

— E o que você quer fazer? Matar todos eles?

Minha pausa foi resposta suficiente. O olhar de Helmut tornou-se cheio de repugnância.

— E você quer que nós ajudemos. Você nunca foi meu amigo, não se acredita que nós faríamos isso.

— Ouça-me! — gritei, como se o volume pudesse fazer com que ele abrisse a mente. — Os Anderson são irresistíveis. Nenhum homem pode lutar com eles. Eles vieram sutilmente dessa vez, insinuando-se nos governos e comandando pessoas que não sabiam que estavam sendo comandadas por eles. Mas se forem mobilizados, podem sair de sua ilha com força total, e nenhum exército poderá resistir, porque virão aparentando ser monstros terríveis; ou virão invisíveis durante a noite; ou lutarão abertamente e, no entanto, quando um homem atacar, seu inimigo não estará mais onde parecia estar, e cada soldado será morto antes de sequer poder fazer qualquer coisa com a espada.

— Eu sei o que é a guerra — Helmut disse desdenhoso — e rejeito-a.

— É claro que rejeita. Quem pode matar vocês! Vocês nunca vão morrer. Mas lá fora há milhões de pessoas que podem morrer, e quando alguém chega a eles com uma espada na mão e diz: "Obedeça-me ou mato você, sua esposa e seus filhos", o que é que ele faz? Ele obedece. Mesmo se for um herói, ele obedece, porque sabe que qualquer um que tenha o poder de matar e estiver disposto a usá-lo irá derrotar todos os inimigos, a não ser que eles estejam igualmente dispostos a matar. O poder de roubar vidas é o poder definitivo nesse mundo, e diante desse poder todos os outros homens são fracos.

— Nós não somos fracos.

— Vocês não são homens. Os homens são mortais. Vocês podem rir de um soldado e levantar uma parede de rocha que o manterá do lado de fora para sempre. Vocês podem ficar sobre essa rocha e olhar enquanto ele, seus filhos e netos envelhecem e morrem, e jamais entenderão por que eles estão constantemente amedrontados. Estão amedrontados porque a chuva pode não vir, e se a colheita for ruim irão morrer de fome; porque enchentes ou terremotos podem arrancar suas vidas sem aviso; mas acima de tudo porque, à noite, outro homem pode vir, levantar uma espada e extirpá-los completamente do mundo. Eles têm medo da morte! Vocês podem ao menos imaginar o que isso significa?

— Nós também tememos a morte — disse Helmut.

— Não, Helmut, vocês se ressentem contra a morte. Vocês lamentam a morte. Mas com relação a sua própria vida, vocês sabem perfeitamente que ninguém pode ameaçá-la. A morte é uma coisa que acontece com as outras pessoas.

— E por causa disso você quer que nós matemos? Quer que façamos a mesma coisa?

— Não, não quero. Quero que me ajudem a impedir que qualquer pessoa nesse planeta tenha o poder de ser invencível. Quero destruir os Embaixadores de modo que nenhuma Família jamais possa erguer armas de ferro contra armas de madeira. E quero destruir os Anderson porque eles, como o ferro, matam desenfreadamente e não podem ser barrados.

— Como é que nós seríamos diferentes deles, matando gente de cujas ações não gostamos?

— Não sei! Talvez haja uma fita métrica em algum lugar no universo, onde os atos dos homens são julgados, e os que matam outros homens em nome do poder serão julgados mais duramente do que os que matam homens famintos de poder, em nome da liberdade. Mas se não há lugar no universo onde um homem resista aos ladrões da liberdade e ainda seja chamado de bom, então não creio que haja qualquer bem ou mal no universo, e se isso for verdade nada significa nada, e não faz diferença se você mata ou não; mas isso não pode ser verdade, não pode ser assim, faz diferença, chega um momento em que é preciso tirar vidas para... ouçam-me... para...

Mas não havia como convencê-los. Agora eu via. Eles me olhavam impassivelmente, e desesperei.

— Certo. Não posso obrigá-los. Ninguém pode forçá-los a fazer nada. — Comecei a insultá-los amargamente: — Vocês guardam a liberdade como um prêmio, e está em suas mãos ajudar os outros a ser livres, mas são egoístas demais para estenderem as mãos e dar a eles também a liberdade. Guardem sua liberdade, guardem sua imortalidade, mas espero que em algum momento vocês descubram para quê estão vivendo para sempre. Que nobre propósito pensam alcançar. Porque aqui vocês não são bons para ninguém, nem para vocês mesmos.

Virei-me e fui embora, de volta pelo caminho por onde viera, em direção a Huss e à civilização e à desesperança. Caminhei por horas, e então percebi que havia alguém perto, atrás de mim. Era Helmut, e ele parecia diferente. Custei um momento a perceber por que, mas era porque seu cabelo não estava mais branco de velhice.

— Lanik — ele disse, e sua voz era mais jovem. — Lanik, preciso falar com você.

— Para quê? — perguntei, não ousando acreditar que minhas palavras pudessem afinal ter tido qualquer efeito sobre ele.

— Porque você me ama. Ouvindo-o falar daquele jeito, percebi que também amo você. A despeito de tudo.

Então parei e sentei na areia, e ele fez o mesmo.

— Lanik, você precisa entender uma coisa. Nós não somos surdos aos outros homens. Nós ouvimos você. Nós compreendemos. E *queremos* alcançar o objetivo que você apontou. *Queremos* destruir os Embaixadores. Nós odiamos os Anderson, seus crimes e suas mentiras tanto quanto você: nada é pior para nós do que os que matam, não por raiva, dor, vingança ou porque acreditam que é seu dever, mas pelo lucro. Você entende? Nós odiamos o que você odeia. E desejamos que seja destruído.

"Mas, Lanik, nós *não podemos fazer isso*. Você acha que nosso ódio em relação a matar era apenas uma opinião, apenas uma emoção, apenas um desejo de que não haja mais sofrimento? Nós *não podemos* matar. É simples. Nós sofremos até agora com a canção da morte entre as rochas. Mas você ouviu o grito da terra quando fez a terra matar aquele homem em Anderson. Você *ouviu*. Como foi?

Respondi honestamente:

— Foi a pior coisa do mundo.

— Bom, Lanik, você tem mais habilidade com a terra do que qualquer um de nós. Nós lhe dissemos isso há anos, antes de você ir embora. De modo que você ouviu aquele grito mais claramente do que qualquer um de nós jamais poderia ouvi-lo.

"Mas se fôssemos destruir Anderson, teríamos que fazer a ilha afundar no mar e na terra, tirá-la completamente da superfície, e você sabe tão bem quanto eu que não há um de nós, sozinho, que possa fazer isso. Assenti.

— Eu esperava que o conselho...

— Esse é o problema, Lanik. O conselho é um coletivo de indivíduos. Fracos, como eu. Juntos, podemos retorcer e virar a terra de maneiras que você não pode imaginar. Poderíamos afundar Anderson no mar em instantes. Poderíamos construir uma barreira de montanhas de um lado ao outro do mundo em uma hora. Poderíamos, se fosse necessário, pegar esse planeta inteiro e tirá-lo de sua órbita até ficar mais frio ou mais quente, mais longe ou mais perto do sol.

"Mas se matássemos todo mundo em Anderson afundando a ilha no mar, o grito que você ouviu vindo de um homem seria amplificado centenas ou milhares de vezes. Pode compreender isso? E aquelas centenas de milhares de gritos seriam suportados por apenas trezentos ou quatrocentos de nós. Cada um teria que suportar um grito centenas de vezes mais terrível do que o que você ouviu. E pior, como somos o conselho, nós teríamos penetrado mais profundamente no coração da terra do que você jamais poderia penetrar, no entanto, ainda seríamos indivíduos, e lá, onde a voz da rocha é mais alta, seríamos individualmente menos aptos a resistir. O grito penetraria mais profundamente em nós, e nos afogariamos nele tão certamente quanto o mar afogaria a população de Anderson.

"Você compreende, Lanik? Fazer isso nos destruiria. E quem controlaria a ira da terra, depois? Quem absorveria o ódio das rochas? Quem resfriaria aquelas chamas? Ninguém. Nós destruiríamos a terra porque não poderíamos mais conter sua ira. É por isso que não podemos concordar com seu propósito.

Eu não sabia disso. Eu não havia compreendido o preço que eles teriam de pagar.

— Vou fazer o melhor possível sem a ajuda de vocês. Levantei-me para sair. Helmut levantou-se, também, e depois de olhar em seus olhos por um momento, virei-me.

— Lanik — disse ele.

— Sim — respondi.

— Eles pediram-me que lhe dissesse o modo.

— O modo de quê?

— O modo de fazer o que você quer fazer. Estudei-o, incerto do que ele pretendia dizer.

— Você disse que é impossível. Ele balançou a cabeça, e apareceram lágrimas em seus olhos.

— Eu disse que era impossível para nós. Mas há outro modo. Eu não queria dizer a você, Lanik, com medo de que você aceitasse, porque isso o destruiria e eu o amo e não quero que seja destruído.

— Se há um modo, Helmut, eu farei, mesmo que morra. Deus sabe que qualquer alternativa significa morte de um jeito ou de outro. De qualquer modo, eu nunca planejei viver para sempre.

Enquanto dizia essas palavras fiquei pensando se realmente queria dizer aquilo, se eu realmente escolheria morrer, ou se, pelo contrário, preferiria encontrar um local para viver, um lugar calmo como Humping, ou uma floresta escondida como Ku Kuei, ou mesmo aqui nesse deserto com o belo e estranho povo de Schwartz. Eu poderia me esconder, e poderia viver, então por que escolheria a morte?

Helmut pôs em palavras as minhas dúvidas:

— Você tem tão pouco amor por sua vida? E ao responder-lhe, respondi a mim mesmo.

— Helmut, você não sabe, nunca estive só como eu já estive, mas em minha solidão descobri uma coisa. Descobri que estou passando pelo mundo invisivelmente. Mesmo quando as pessoas me veem ou falam comigo é como se eu não existisse, como se eu não tivesse o direito de existir. Eu trilho suas terras e elas não me veem. Eu ajo, ajo, ajo e nada faz qualquer diferença no mundo. Mas elas *me* tocam. Há uma família nos morros da parte mais pobre de Britton, e eles precisavam de mim, e essa simples necessidade se tornou a coisa mais importante em minha vida. Há uma mulher congelada no tempo à beira de um lago em Ku Kuei, e ela precisava de mim, mas fomos separados e se eu pudesse fazer alguma coisa para arrancá-la da morte eterna à

qual se consagrou, eu faria. Um homem que não era velho o bastante para morrer matou-se em Ku Kuei, e quando morreu eu percebi que metade de mim era ele, e aquela metade morreu com ele, e a outra metade jamais vai parar de lamentar. Eu farei o que for necessário, Helmut, para que ninguém mais prefira morrer a viver nesse mundo. Farei o que for necessário.

Em outros momentos e em outros dias, tanto antes como depois, eu não poderia ter dito aquelas palavras. Heróis e vítimas são produto de como se sentem quando surge a oportunidade ou quando as circunstâncias são as piores, e se eu não tivesse caminhado três mil quilômetros solitários apenas para encontrar a recusa e o desespero, não sei se teria dito tão facilmente: "farei o que for necessário". Mas disse, e queria realmente dizer aquilo, e Helmut me abraçou e explicou:

— Quando agimos juntos, não precisamos ir todos para dentro da terra. Podemos mandar um, e ele fica entre as rochas e canta todas as nossas canções com sua voz, e ouve todas as canções da terra com seu coração. Isso pode ser regozijante, e nós honramos nossos maiores homens mandando-os em nosso lugar em tais ocasiões. Pode ser doloroso, e também honramos os nossos maiores confiando-lhes a dor que era para todos. Mas não há um homem entre nós que possa suportar isso. E não podemos mandar nenhum de nós para dentro da terra. Você, entretanto, é maior do que qualquer um de nós. O quanto mais forte, não sabemos. Mas se você for para a terra por nós, podemos esperar que sobreviva. E se morrer, e a fúria da terra continuar, nós ainda estaremos vivos para contê-la e manter o mundo em segurança.

Deitamos juntos na areia, todos com os braços abertos; eu fiquei no meio, enrolado como uma bola, e enquanto afundava na areia senti-os juntando-se a mim, um a um, até que suas canções estivessem soando em minha mente à medida que a areia me engolia e me puxava para baixo.

Antes eu sempre parara num leito de rocha. Mas agora a rocha amaciava e corria para os lados, como lama fria, fechando-se novamente sobre meu rosto. Quanto mais eu afundava, mais quente se tornava a rocha e mais rápido eu parecia cair, até que o calor era o máximo que eu podia suportar, e mesmo quando parei de afundar a rocha fervilhava retorcendo-se ao meu redor.

Com o conhecimento de centenas de Schwartz acima de mim, encontrei facilmente a ilha de Anderson, dessa vez não uma aberração da superfície, mas o ponto extremo de uma placa de rocha flutuando num mar de granito derretido. O fluxo era incrivelmente lento, mas assim que encontrei comecei a retirar o magma de baixo da ilha.

O ajuste pareceu lento enquanto eu trabalhava, claro, mas na superfície os danos começaram no primeiro instante. A rocha afundou abruptamente, e cada construção e ser vivo na ilha tombou ao chão. Então, enquanto a ilha continuava a afundar, o mar investiu pelos dois lados, se encontrando numa grande onda no meio da ilha, por toda a extensão de norte a sul.

Por causa da interrupção da placa de rocha, o magma quente subiu para a superfície, avançando pelo oceano e saltando ainda mais alto até se projetar no céu, atirando cinza quente, vapor, lama e lava. A água ferveu, e tudo que continuava vivo naquela parte do mar foi morto enquanto milhares de hectares do oceano viravam vapor.

Tudo isso aconteceu porque eu, com a força de todos os Schwartz me sustentando, havia forçado a terra a agir. E a terra, ignorante do tempo, e portanto das consequências, obedeceu. Foi apenas quando os gritos de morte começaram que ela se rebelou, e naquele momento os Schwartz me abandonaram. Agora precisavam trabalhar para impedir que a terra se partisse, para impedir que a crosta da terra jogasse fora a vida irritante que lhe causara tanta agonia e tão pouca alegria. Eles precisavam represar a maré de rocha derretida que escapara e abria caminho para a superfície em todos os pontos que sentiram o tremor quando a ilha havia afundado.

Eu, entretanto, não fiquei sabendo nada de seu trabalho. Havia outros problemas imediatos, porque a terra estava gritando a morte de meio milhão de pessoas, e eu era o único ouvinte.

Muitos dos que morreram eram inocentes. Esses seriam os que iriam me assombrar dali em diante — os pescadores inocentemente jogando as redes na Baía de Britton quando a onda imensa golpeou a costa; as pessoas nos prédios altos em Hess e Gill e Israel, que morreram quando as estruturas não puderam suportar a onda de choque vindo de Anderson; e não sei quantas pessoas em Anderson que, mesmo sendo ilusionistas, não eram criminosas e queriam apenas o bem dos outros.

A terra, entretanto, não fazia distinção entre inocentes e culpados, entre aqueles cujas mortes não tinham objetivo e os que deveriam morrer para que a humanidade em Traição significasse alguma coisa. A terra sabia que isso não era como a colheita nos campos; ela não podia compreender a lógica humana que nos trouxera a esse ponto. Ela sabia apenas que nós, que nos havíamos reunido ali em Schwartz, havíamos comandado a própria terra a matar pessoas que estavam tão distantes, que de nenhum modo poderíamos chamar o ato de legítima defesa.

As rochas gemeram horrivelmente, como se dissessem: "Nós confiamos em você, nós lhe demos poder, nós lhe obedecemos, e você nos usou para matar!" As rochas gritavam: "Traidor!" enquanto o calor varria meu corpo.

Num determinado momento perdi todas as amarras, todas as conexões com a realidade, todo o senso de tempo, e enquanto o grito do homem que eu matara em Anderson tinha durado vários segundos, o grito da terra dessa vez durou para sempre. Não teve fim porque não havia tempo, e por uma infinidade senti uma agonia de magnitude infinita e desejei apenas uma coisa. Não morrer, porque a morte apenas acrescentaria mais um ao grito da pedra, mas, ao invés, ser aniquilado, não ter jamais existido, não ter jamais vivido porque minha vida havia alcançado esse ponto, e esse ponto era inalcançável, insuportável, impossível.

— Traição! — a terra gritava para sempre.

— Perdoe-me — eu implorava.

E quando enfim o tempo voltou e a infinidade terminou, a rocha me cuspiu, a areia me vomitou, fui jogado no ar e parti de cabeça em direção às estrelas.

Subi, e depois a subida parou, e caí de volta em direção à terra. Era o mesmo sentimento que eu tivera ao saltar do precipício na escuridão antes de Discórdia nascer, e imaginei se a areia me receberia depois de tudo, ou se dessa vez eu me chocaria com a superfície e simplesmente pararia, quebrado e espalhado para que meu sangue ensopasse a areia e o sol secasse minha pele até virar couro, e depois poeira.

Mas, enquanto ainda estava no ar, exultei. Mesmo se morresse agora, eu havia feito o primeiro e o maior dos trabalhos; eu sobrevivera, pelo menos por um pouco; eu ouvira o mais terrível grito da terra e sobrevivera.

Então, enquanto caía, ouvi e percebi que o grito não havia terminado. Ainda podia escutá-lo, mesmo no ar, desconectado com a terra. Caso vivesse, iria ouvi-lo para sempre.

Toquei a areia e ela se abriu, me sustentou, deixou que eu afundasse lentamente, e enfim eu estava novamente na superfície da terra, descansando, se bem que nunca teria paz de novo. A terra jamais (a rocha não *poderia* jamais) me perdoar por ter traído sua confiança. Mas apesar de não me perdoar, ainda podia me suportar. Ela conhecia meu coração, e sustentaria minha vida. Enquanto eu quisesse continuar vivendo, a terra me permitiria viver.

Os Schwartz estavam deitados ao meu redor. Depois de longo tempo percebi que estavam chorando. Então, estranhamente, lembrei-me de Mwabao Mawa cantando a canção da manhã no topo de Nkumai. A melodia brincou infinitamente em minha cabeça. Pela primeira vez compreendi a beleza assombrosa da canção. Era a canção de um assassino que queria morrer. Era a canção de justiça merecida mas ainda não cumprida.

Ficamos lá, todos, exaustos demais para fazer qualquer movimento.

Horas depois — ou teria sido um dia depois, ou dias? — a vasta nuvem de vapor que subira do mar para o céu sobre o lugar onde Anderson afundara veio sobre Schwartz, e pela primeira vez em milênios choveu ali, e a água tocou as montanhas ricas em ferro e a água sangrou sobre a areia e esfriou-a, e a água se misturou com as lágrimas nos rostos das pessoas em Schwartz, apagou, lavou seu choro, e Helmut levantou-se e caminhou para mim sob a tempestade e disse:

— Lanik, você sobreviveu.

— Sim — falei, porque ele estava realmente dizendo: "Lanik, eu amo você e você ainda vive", e eu estava realmente dizendo: "Helmut, eu amo você e ainda vivo."

— Nós fizemos o que fizemos — disse Helmut — e não vamos nos arrepender porque foi necessário, ainda que não tenha sido bom. Mas mesmo assim, nós lhe pedimos que vá embora. Nós não vamos expulsá-lo porque, sem você, coisas piores teriam acontecido, mas, por favor, Lanik, vá embora e nunca mais volte.

— Vocês ainda vão ouvir a meu respeito. Tenho mais trabalho a fazer. Irei causar-lhes mais dor.

— Faça o seu trabalho — ele disse. — Espero que algum dia o sangue seja lavado de suas mãos.

— Guardem o ferro de vocês. Mantenham-no em segurança. Não deixem que enferruje.

Ele sorriu (uma coisa espantosa naquele momento, e ainda mais surpreendente e refrescante do que a chuva), me abraçou e disse:

— Eu pensava que você tinha me traído quando foi embora. Não compreendi, Lanik. Pensei que, ao confiar em você, isso significava que você sempre agiria como eu queria que agisse. Acho que talvez eu volte a ser jovem de novo, afinal de contas, e deixe outra pessoa ser o porta-voz. Já tive responsabilidades suficientes por uma vida inteira.

— E eu por dez — respondi. Ele me beijou, me abraçou e depois me mandou embora. Caminhei para o leste em direção a Huss. Em algum ponto da viagem encontrei minhas roupas, cuidadosamente dobradas e colocadas no meu caminho, e em cima delas minha faca. Era a bênção dos Schwartz, uma absolvição adiantada pelos assassinatos que eu ainda teria que cometer. Vesti as roupas, segurei a faca de ferro na mão e me lancei novamente em tempo rápido, e pelos três anos seguintes de meu próprio tempo não falei com ninguém nem ouvi voz humana, e passei os dias andando entre os assassinos, ouvindo o grito dos agonizantes e dos mortos, ouvindo o urro da terra e sabendo que um dia eu teria encontrado a todos, e estariam todos mortos, e eu nunca mais precisaria matar.

Matei Percy Barton de boa vontade, pois aquela velha havia enganado e assassinado meu amigo. Mas seu grito de morte atormenta minha alma tanto quanto o de Mwabao Mawa, ainda que ela (não, *ele*, um branco careca governando uma nação de negros orgulhosos e despercebidos) cantasse a linda canção da manhã. Não havia distinção. Os odiados e os amados morriam do mesmo modo, e no fim das contas minha faca não passou mais facilmente pela garganta de Percy Barton do que pela de Mwabao Mawa.

Destruir os Embaixadores era mais fácil: a terra não protestava contra sua morte. Eram máquinas, já sem vida. Tudo que eu precisava fazer era quebrar o selo que dizia: "Aviso: qualquer interferência irá resultar na destruição desta máquina e na morte de qualquer pessoa num raio de 500 metros", e depois caminhar em tempo rápido mais depressa do que a explosão.

Matei seguindo por um caminho que se irradiava a partir das ruínas das terras próximas a Anderson, visitando cada capital de cada Família para me certificar de que encontrava todos os Anderson e matava cada um, e para me certificar de que nenhum Embaixador sobrevivesse. Como eu estava em meu fluxo de tempo mais rápido, tudo isso levou uma semana de tempo real. Eu estava à frente de cada mensageiro. Pelo que as pessoas do mundo ficaram sabendo, um flagelo súbito removeu os governantes de seu mundo, assim como os Embaixadores.

Fiquei imaginando o que pensaram ao encontrar o cadáver de uma velha sentada no trono de Percy Barton. Será que fariam uma conexão? Ou ficariam sempre imaginando quem era a pessoa que tinham encontrado, sem jamais saber por que ou para onde seu rei desaparecera?

Não havia sentido em manter um calendário durante minha longa jornada de assassinatos. No final, uma semana depois de ter iniciado, eu estava, pelo que posso imaginar, com cerca de 24 anos. Quando meu pai fez 24 anos eu já era vivo, e ele havia brincado comigo de manhã e saído para liderar seus homens na batalha, à tarde. Eu não tinha filho, tampouco os meus assassinatos podiam ser tão leves em minha alma quanto os do meu pai. Ele não sabia das coisas, e pensava que as mortes iriam torná-lo um bom rei. Eu não tinha sequer um fiapo do direito dos reis, e sabia exatamente o quanto custava o assassinato. Eu tinha 24 anos, mas no coração era insuportavelmente velho, e meu corpo estava pesado e cansado.

Havia um lugar, entretanto, aonde eu ainda não fora, e quando todos os outros Anderson e todos os outros Embaixadores estavam mortos, ainda havia um para matar: aquele que fora meu irmão Dinte; o que havia destruído meu pai; o que me roubara a herança; o que eu odiara e com quem rivalizara e de quem me ressentira em todos os anos que estivemos juntos; aquele que, inexplicavelmente, ainda era meu irmão não importando o quanto eu soubesse que não era.

Será que Lorde Barton realmente poderia matar o homem que ele um dia acreditou ser seu filho? Poderia eu realmente matar Dinte?

Isso eu descobriria quando chegasse o tempo. E assim cheguei afinal a Mueller-sobre-o-Rio, e pela primeira vez em anos entrei numa cidade sem estar escondido em tempo rápido, e sim abertamente. Eu

era Lanik Mueller, e esse lugar fora minha casa, e quer fosse bem-vindo ou não, eu chegaria orgulhosamente e declararia, enfim, quando todos os Andersons estivessem mortos, o trabalho que eu estivera fazendo e o trabalho que eu fizera. O mundo pensava em Lanik Mueller como um monstro na época em que eu ainda não era; agora que era, eu queria que soubessem. Mesmo os que são vistos como malignos querem que seus feitos sejam conhecidos.

Caminhei para dentro da corte, onde Dinte estava sentado no trono, e segui firmemente até o meio da sala. Apesar de muitos ali não me reconhecerem, já que mesmo os que me haviam conhecido me viram pela última vez como um garoto de quinze anos, um número suficiente me reconheceu para que um sussurro "Lanik Mueller" corresse pela sala. Cada olho estava sobre mim e, por um instante, todo mundo teve medo de agir.

Meu irmão Dinte levantou-se do trono e estendeu os braços, e numa voz forçadamente alta falou:

— Bem, irmão. Veio enfim tomar o seu trono?

Deu um passo para o lado para me deixar sentar onde, por direito, eu deveria sentar-me. Ordenou que as pessoas se ajoelhassem enquanto eu subia a plataforma. Ajoelharam-se. Dinte esperava por mim, sorrindo, dando as boas-vindas.

14 LANIK EM MUELLER

EM TODAS AS VERSÕES possíveis que eu imaginara para a cena, essa em particular jamais me ocorrera. No entanto, por um longo instante, pareceu perfeitamente correta. O irmão usurpador, confrontado pelo andarilho que afinal volta à casa, de boa vontade sai do caminho para que o herdeiro de direito possa tomar seu lugar.

Eu planejava entrar, acusar Dinte de traidor e assassino, e na frente de todos na corte golpeá-lo até que morresse. Nada secreto: esse não seria Bebedor-de-Lago, Homem-do-Vento ou o Homem-Nu exercendo a justiça sobre um ilusionista Anderson. Esse seria Lanik Mueller exercendo justiça sobre seu irmão Dinte, o usurpador que impeliu seu pai à floresta de Ku Kuei, onde ele morreu.

Agora Dinte me roubava isso. Ficando de lado com tão boa vontade para que eu assumisse (se bem que eu soubesse que era uma mentira), caso o matasse agora, abertamente, o fato só iria se acrescentar à lenda de Lanik Mueller como Andrew Apwiter de volta à vida para recriar o caos no mundo. Então, relutantemente, antes que o Anderson que se escondia por trás do rosto de Dinte pudesse me matar desprevenido, passei para tempo rápido e dei um passo à frente, o que significou que, para todos os efeitos, desapareci.

Mas Dinte não se transformou no Anderson que eu esperava: o homem ou a mulher enrugada e de meia-idade que, eu supunha, me esperava em tempo rápido. Ao invés, transformou-se numa criatura com quatro braços e cinco pernas; dois conjuntos de genitálias

masculinas contrastavam absurdamente com os três seios que pendiam em dobras de meia-idade. Caso tivesse visto um ser daqueles nas jaulas, eu não ficaria surpreso. Mas eu estivera esperando um Anderson, e ou aquele era um monstro incrível ou um regenerativo radical de Mueller. E quem em Mueller poderia ter-se tornado um ilusionista?

Então olhei para o rosto da criatura, congelado, olhando para o ponto onde eu estivera um momento antes. E reconheci o monstro, e tudo mudou.

O rosto era meu. A cabeça de Lanik Mueller dominava o conjunto exótico de membros e protuberâncias. A despeito das orelhas, olhos e narizes crescendo fora de lugar, reconheci a mim mesmo. Era eu que estava ao lado do trono; não o Lanik Mueller curado em Schwartz, mas Lanik Mueller, o regenerativo radical, o monstro, a criança.

Era o meu duplo, nascido na floresta de Ku Kuei.

Impossível!, minha mente gritou. Essa criatura não existia até depois de Dinte ter vivido conosco há anos. Essa criatura não poderia ter sido Dinte.

A princípio tentei me dizer que ele era obviamente uma ilusão secundária; que aquele Anderson encontrara um meio de me enganar em tempo rápido, também. Mas isso era absurdo — se um Anderson pudesse ter-me enganado, outro teria feito isso muito antes.

Então andei em tempo rápido até o trono, sentei-me e voltei para tempo real.

Era um efeito que eu raramente pudera demonstrar antes: subitamente desapareci num lugar e apareci no outro. O murmúrio da multidão foi frenético. Mas Dinte (agora com o número normal de braços e pernas, como eu sempre conhecera o desgraçado) não pareceu surpreso.

— Dinte — falei. — Todas essas pessoas estão espantadas por verme sentado aqui, mas você e eu sabemos que Lanik Mueller tem estado nesse trono há anos.

Ele me olhou por um instante, depois assentiu levemente

— Então, Dinte, vou encontrá-lo, em particular, no quarto onde eu guardava minha coleção de caracóis quando tinha cinco anos. — Voltei para tempo rápido e deixei a sala do trono.

Eu costumava guardar minha coleção de caracóis num sótão há muito tempo sem uso numa das partes mais antigas do palácio, um

local que nunca era trancado mas que, sendo acessível apenas por escadas e corredores tortuosos, raramente era visitado. Cheguei lá em tempo rápido, depois ralentei até estar praticamente no fluxo de tempo real, e esperei. Mantive apenas o mínimo de velocidade para que, em caso de Lanik/Dinte ter ideias traiçoeiras, eu pudesse reagir mais rápido do que ele pudesse atacar.

Se fosse uma fraude, se ele não fosse realmente eu, não saberia de que quarto eu estava falando.

Esperei quinze minutos. Então ele apareceu no empoeirado corredor do sótão e sentou-se no chão diante de mim. Era difícil para ele caminhar, com seus braços e pernas desajeitados, e sentar era uma coisa cômica, mas não ri. Lembrei-me de minha batalha para subir uma encosta não muito difícil em Schwartz, após ser tirado do navio de escravos Singer. Ele levava três anos de tempo real para chegar à condição em que eu fiquei depois dos meses de confinamento no barco. Mas eu lembrava; eu estivera dentro daquele corpo. Eu sabia exatamente quem ele era e como se sentia.

Agora em tempo real, falei suavemente:

— Oi, Lanik.

— Oi, Lanik — ele respondeu, com um sorriso cadavérico num rosto retorcido.

— Da última vez em que nos encontramos, eu tentei matá-lo — falei.

— Muitas vezes desde então eu desejei que você tivesse conseguido.

Ficamos sentados em silêncio por alguns momentos. Sobre o que você fala quando encontra você mesmo depois de tantos anos?

— Como foi que você chegou aqui? — perguntei, se bem que já imaginasse a maior parte da história. — Como aprendeu a ser um ilusionista?

Ele contou. Como ficara caído meio morto enquanto seu corpo já muito fraco tentava regenerar o crânio e a pele e impedir o tecido cerebral de se degenerar. Como fora encontrado pelo enorme grupo de busca que os Nkumai haviam mandado atrás de mim.

— Se não tivessem me achado — falou — eles certamente continuariam procurando até encontrá-lo. Quando finalmente perceberam o que tinha acontecido e tentaram segui-lo novamente,

conseguiram traçar sua rota de fuga até a costa. Você seria muito fácil de ser encontrado. Caso tivessem-no seguido da primeira vez, não teria escapado. — Ele sorriu. — Eu salvei sua vida.

Então contou-me dos dias e semanas com Mwabao Mawa na casa da árvore. Meu corpo, ao construí-lo, tinha dado a ele minhas memórias; ou talvez, em meu delírio, enquanto viajávamos juntos pela floresta, eu tivesse passado para ele tudo que importava, tudo que me tornava o que eu era. Mwabao Mawa levou algum tempo até perceber que ele era apenas uma duplicata minha.

— Até então ela já descobrira o suficiente para ter certeza de que eu vinha de Mueller... eu falara o nome de Dinte e do Pai em minha loucura, e os Anderson amigos dela já estavam aqui, como você parece saber.

Ela imediatamente aproveitou a oportunidade que meu duplo representava e excitou seu ódio por mim, seu sentimento de inutilidade porque seria sempre o monstro, o ser horrível, a criatura que não tinha direito de existir. Não demorou muito para ele consentir em liderar os exércitos Nkumai e seus aliados na batalha contra Mueller.

Ele cobrou um preço, entretanto, que Mwabao Mawa estava perfeitamente disposta a pagar. Pediu para ser treinado no truque Anderson, e Mwabao Mawa ensinou. Enquanto eu estava em Schwartz aprendendo a controlar a terra, ele estava aprendendo a controlar a mente dos homens.

— As crenças das pessoas não existem isoladamente — explicou.

— As crenças firmes de cada ser humano exercem uma pressão enorme sobre todas as outras pessoas. Não as opiniões, claro: *crenças*. Nós... eles... podiam fazer qualquer pessoa pensar que o sol era azul e que sempre fora. Mas, claro, quanto mais longe você está do lugar onde outras pessoas acreditam intensamente na mentira, menos você vai ser influenciado. Entretanto, nesse ponto o trabalho já estará feito. Uma vez que alguém acredite honestamente que algo seja um fato, jamais irá duvidar sem uma evidência muito convincente.

E foi por isso que Lorde Barton pôde descobrir a verdade separado de Britton por mil quilômetros, mas teve que lutar para lembrar quando voltou para casa, onde os outros ainda eram escravos da mentira.

Contou que não consentira na devastação da terra, causada pelo exército Nkumai em sua passagem pela planície do Rio Rebelde. Eu jamais poderia ter feito aquilo — de modo que ele também não.

— E então você reapareceu — disse ele — e nós não sabíamos o que fazer. Até que você e o Pai fugiram para Ku Kuei. Então ficou claro que eu deveria desaparecer, para que o monstro em que eles me haviam tornado influenciasse a percepção que os outros tivessem de você, arruinando sua eficácia. Na hora, Lanik, fiquei contente. Você não pode saber o quanto o odiava. Você tinha me odiado, não por quem eu era, mas porque eu simplesmente existia.

A princípio não sabiam o que fazer com ele agora que Lanik Mueller estava oficialmente exilado em Ku Kuei.

— Até que chegou a notícia de que Dinte havia desaparecido. Mwabao Mawa entrou em pânico. Como alguém poderia ter sabido sobre Dinte e tê-lo matado... e ainda assim não ter dado o alarme de quem ele era? Quem quer que o tivesse matado certamente o teria visto se transformar, diante dos olhos, do jovem herdeiro num homem muito mais velho.

Então percebi o que deveria ter sido óbvio para mim há muito tempo.

— Eu matei Dinte — falei para o meu duplo. — Cortei sua garganta quando saí desse palácio. Presumi que ele iria se regenerar.

Ele sorriu para mim.

— Então você conseguiu o que queria, não é? Você matou Dinte, e no processo salvou a minha vida. Porque eu era o único que conhecia Dinte o bastante para assumir sua personalidade sem provocar desconfianças. Os Anderson não são onipotentes. Não podem enganar o mundo inteiro ao mesmo tempo. Então Mwabao Mawa me mandou para casa em Mueller. Eu apareci para eles como Dinte. Declarei que você me havia capturado e me deixou para morrer depois de me torturar, mas eu havia regenerado e voltado para casa. Quem poderia duvidar de mim? Tenho representado o papei desde então.

Sua voz ficou mais suave (como a minha sempre fica quando temo mostrar medo ou piedade ou tristeza) e ele disse:

— Você sabe... você sabe o quando eu odiava Dinte. E ainda assim eu precisava ser ele, e falar com a corja de traidores que haviam tramado a sua morte e a morte do Pai e... Deus, Lanik, como sobrevivi

esse tempo eu nunca vou saber. Mas fiquei sempre dizendo a mim mesmo: "eu sou Lanik Mueller, e não seu filho monstruoso", e suportei os sicofantas, os traidores, os criminosos mesquinhos, Ruva e todo o resto. Porque era de conhecimento geral que você fora com o Pai para o fundo de Ku Kuei e jamais voltaria. O Pai estava morto, você vê, e eu o amava, exatamente como você. Quanto mais as pessoas aqui em Mueller insultavam a memória dele e a sua, mais eu me sentia livre para me identificar com você, para tornar-me você no meu coração. Parei de odiá-lo há muito tempo. Eu simplesmente desejava que você voltasse para me libertar.

"Lanik, eu vou de vez em quando, eu vou até as jaulas e mando cortar esses membros. Eles sempre crescem de volta, e mais ainda. Estou quase no ponto agora. O médico nunca sabe que eu sou eu, nunca lembra que fez essas operações até o momento de fazer a próxima. Ninguém vê minha forma monstruosa, mas *eu* vejo.

Ele me olhou, olhou o meu corpo.

— Você. Você está inteiro — falou. — Você está direito e normal. Você não viveu essa mentira doentia durante esses longos meses, esses anos. Vamos voltar para a sala do trono. Eu aparecerei em minha forma verdadeira e vou contar toda a verdade, dizer que você não é o monstro que nós acreditávamos. Você pode assumir o seu lugar, e eu estarei livre.

— E vai fazer o quê, depois?

— Vou implorar que você me mate. Tenho vivido há anos como um regenerativo radical. Isso não é vida. Se você não quiser me matar, irei me afogar.

Balancei a cabeça.

— Eu vim aqui para matar você.

— Então sabia quem eu era?

— Não. Vim matar o Anderson que controlava Mueller, o que fingia ser Dinte.

Ele estava chocado.

— Você sabia antes de vir? Então o segredo dos Anderson vazou?

— Os Anderson — contei-lhe — estão mortos. Uma tempestade alcançou Mueller — apalpei em busca do tempo real — há alguns dias. Um aguaceiro. E o céu ainda está encoberto. — Ele assentiu. — Aquela chuva foi causada há uma semana quando Anderson afundou no mar.

Ele ficou surpreso.

— Simplesmente assim? Afundou no mar? Ouvi o grito ainda soando dentro de mim.

— Não foi simplesmente assim. Mas eles desapareceram da terra. Não apenas os que estavam na ilha. Todos os outros, também, em cada Família. Você é a única pessoa viva que conhece a técnica Anderson. Você e algum outro que estiver trabalhando aqui.

— Como é que você fez isso?

— Não importa como. O que importa é por quê. — E expliquei.

— Então os Embaixadores também se foram — disse ele. — Não haverá mais ferro. Você percebe o que fez?

Ri:

— Tenho uma boa ideia.

— Nós... os Anderson conheciam todos os segredos do mundo, Lanik! Você percebe as coisas que estavam sendo conseguidas nesse mundo? Coisas incríveis. Coisas capazes de deixá-lo orgulhoso desse planeta prisão abandonado por Deus! E você parou com tudo. Sem os Embaixadores, você acha que o nível das invenções continuará?

Encolhi os ombros.

— Pode ser. Os Anderson não sabiam de todos os segredos do mundo.

— Estúpido! Imprevidente, estúpido e...

— Escute, Lanik! — gritei de volta, e o ato de usar meu próprio nome em referência a outra pessoa me surpreendeu. — Sim, Lanik. Você é eu, não é? Eu como eu deveria ter sido. Eu, capturado pelos Nkumai e induzido a aprender os truques de Mwabao Mawa. E eu os teria aprendido, assim como você aprendeu. Eu me deixaria tornar uma ferramenta nas mãos deles, até certo ponto; e lá está você sentado, como eu estaria, um monstro num corpo preso dentro de uma ilusão ainda mais monstruosa. Não, Lanik, não é você quem vai me julgar imprevidente ou estúpido. E não serei eu a julgá-lo. Você disse que esse planeta foi abandonado por Deus, mas está errado. Há milhares de anos a República decidiu ser Deus. Decidiram colocar as melhores mentes do universo num planeta desesperançado, sem ferro, para puni-las e a seus filhos para todo o sempre, como se tivéssemos nascido com a culpa dos seus crimes. Cruelmente puseram uma recompensa diante dos olhos de nossos ancestrais: a primeira Família a construir uma nave estelar e a ir

para o espaço receberia riquezas, poder e prestígio jamais vistos. Por três mil anos acreditamos nisso, e colocamos nossas almas a serviço desse objetivo: dar aos desgraçados que nos mantêm aqui o melhor que pudermos desenvolver. Nossa própria carne! Os melhores produtos de nossas mentes! E o que temos recebido em troca? Algumas toneladas de um metal que é barato em qualquer outro lugar.

— Para que possamos construir uma nave estelar — disse meu duplo.

— Nós jamais construiremos uma nave estelar com ferro da República, jamais. E caso o fizéssemos, você acha que eles deixariam que saíssemos para fazer parte da vida humana? Você não percebe o milagre que é esse planeta? Se eles percebessem o que *realmente* está acontecendo! Se pudessem passar alguns dias em Ku Kuei, ou uma semana em Schwartz... se compreendessem qual é nosso verdadeiro potencial, Lanik, eles viriam para cá imediatamente, bombardeariam esse planeta para fora da existência, nos varreriam do universo. Esse é a única promessa que temos deles.

"E o que faríamos se nos juntássemos a eles? Iríamos persuadi-los a serem gentis? Se eles fossem bons, não manteriam os centésimos bisnetos de traidores presos num planeta desesperançado como esse.

— Sei disso — disse ele. — Também pensei com frequência sobre a falta de esperança, Lanik. A discórdia não leva a nada. É uma coisa que eu disse a um jovem preso por protestar contra uma lei, Levei-o à noite para a beira do rio, sem os guardas, e mostrei-lhe alguns fatos. Disse que se ele ficasse de boca fechada a lei o deixaria em paz e ele estaria livre. "Não quero ficar livre enquanto essa lei existir", ele disse. "Vou discordar até você acabar com ela." "Não", eu falei. "Você vai discordar até morrer na prisão, e vai ter alcançado o quê? É como as luas", falei com ele. "Vê como Discórdia se move tão rápida e brilhante? A coisa mais espetacular no céu. Mas ela é espetacular porque está perto de Traição, e é tão pequena. Liberdade é uma lua muito maior, muito mais distante. Não faz metade da figura. Mas é Liberdade que provoca as marés", falei. "Liberdade ergue e baixa o mar."

Eu estava tomado por um estranho sentimento. Reconhecimento. Aquele homem deformado pensava como eu; e apesar disso ser simplesmente lógico, ainda era uma surpresa. Nenhuma pessoa jamais encontra alguém que pensa exatamente igual a ela, não normalmente.

Mas agora era como se eu pudesse dizer suas palavras — minhas palavras — ao mesmo tempo que ele. Com o fim de Anderson, e dos Embaixadores — ele (eu) disse — estamos cortados da República. Estamos livres. E quando o universo ouvir falar de nós outra vez, nós estaremos criando as marés.

Silêncio. Então percebi que eu dissera as últimas palavras, e não ele. Ele sorriu. Nós nos compreendíamos. Não tudo, mas o pensamento, o modo como pensávamos era claro para nós dois, e, que Deus me ajude, senti afeição por ele. Se a habilidade de se comunicar bem tem algo a ver com amor, não há ninguém que uma pessoa possa amar mais do que a si mesma.

— Lanik — dissemos em uníssono, quebrando o silêncio ao mesmo tempo. Rimos. — Você primeiro — falei.

— Lanik, por favor, assumo o trono. Se você me conhece, sabe como me sinto neste corpo. Você sabe, pelo que contei, que fiz coisas insuportáveis. Liberte-me.

Coisas insuportáveis. Não contei, não tentei explicar as coisas insuportáveis que eu fizera. Ao invés, fechei meus olhos e comecei a fazer por ele o que os Schwartz haviam feito por mim.

Fora preciso apenas um punhado de Schwartz para me transformar, para curar minha regeneração radical, de modo que esperava poder fazer aquilo sozinho. Eu não tinha nem um pouco do conhecimento deles sobre cadeias de carbono, mas podia senti-las o suficiente para comparar. Mudei qualquer diferença entre seu ADN e o meu até que nos igualamos, perfeitamente. Isso significou que não apenas a regeneração seria curada, mas que ele teria o dom de jamais sentir fome ou sede novamente, de se libertar da necessidade de respirar, de tirar a energia diretamente do sol.

Mas eu não podia dar as habilidades que tinha aprendido, e não teria dado, caso pudesse. Ele era o verdadeiro Lanik Mueller, não eu. Ele era Lanik Mueller como eu deveria ter sido: governando em Mueller, e governando bem; solitário, mas vivendo onde deveria viver. Agora, sem a maldição da regeneração radical, seria livre para alcançar um nível de felicidade que estaria para sempre além de mim.

Levou horas. Quando terminei ele estava dormindo no chão do sótão, o corpo inteiro, correto e saudável. Estava nu — não havia alfaiates capazes de vestir os corpos deformados dos regenerativos

radicais. Olhei para seu corpo como nunca fora capaz de olhar o meu. A pele era jovem e macia — já que ele era mais novo do que eu — e os músculos eram bons e o corpo bem proporcionado. Por um momento me vi como Saranna devia ter-me visto, e apesar de eu não sentir amor ou desejo por outros homens, compreendi por que ela me dizia tantas vezes que meu corpo era doce. Isso me irritava: um adolescente não aspira à doçura. Mas ela estava certa.

Foi o rosto que me fez doer por dentro. Ele pensava ter conhecido a dor, e era verdade, num grau maior do que muitos homens. Seu rosto mostrava maturidade além dos anos que tinha, gentileza e compaixão. Mas eu vira meu próprio rosto em espelhos, estudara o que o tempo e meus próprios atos me haviam feito, e meu rosto não era gentil nem cheio de compaixão. Eu vira coisas demais. Eu matara demais. Não havia doçura em mim, não para ser vista, e desejei ser tão inocente quanto ele.

Impossível, lembrei-me. Aquela escolha fora feita anos atrás na areia das fronteiras de Schwartz. E comecei a suspeitar de que o sacrifício supremo não era a morte, afinal de contas; o sacrifício supremo é aceitar de boa vontade o castigo total pelos próprios atos. Eu o havia suportado, e não podia esperar não ter as cicatrizes no rosto e no corpo.

Ele acordou, olhou-me e sorriu. Então percebeu o que havia acontecido ao seu corpo. Tocou-se incredulamente, chorou e ficou perguntando:

— Isso não é uma ilusão, é? É real, não é?

— Sim, é real — falei. — E quando eu destruir o Embaixador não haverá mais necessidade de manter os rads como gado. Então faça isso por mim: crie uma lei dizendo que os rads devem ser levados a Schwartz, todos eles, assim que forem identificados. Faça com que vão a Schwartz, e que quando o povo do deserto vier a eles, que digam que vêm em nome de Lanik Mueller. Os Schwartz saberão o que fazer. Irão mandá-los de volta para casa, inteiros. Ou, caso não voltem para casa, será porque escolheram por livre vontade ficar.

— E quanto a você? — Lanik perguntou.

— Eu não existo. Na floresta de Nkumai não foi você que se tornou o Lanik Mueller extra, fui eu. Você é o verdadeiro. Nos próximos anos, Lanik, mude a ilusão. Faça o rosto de Dinte gradualmente tornar-se o

seu, até que possa terminar com o engano. Você quer isso, eu sei o quanto. Acabe com a mentira, a não ser com relação ao nome. E viva e governe com seu próprio rosto.

— E você? Vou encontrar outro lugar para viver.

Então voltei para tempo rápido, deixei-o no sótão e voltei para a cone, onde poucas pessoas ainda andavam em círculos, conversando sobre o que havia acontecido. Levei apenas alguns minutos para encontrar os Anderson entre eles, os últimos da Família a sobreviver. Eu deixara Lanik sentindo-me triste, mas ainda assim melhor do que me sentira em muito tempo. Mas isso não impediu que eu matasse os últimos Anderson.

Em tempo rápido carreguei seus corpos para o Embaixador e deixei-os onde a explosão os tornaria irreconhecíveis. Há muito tempo, quando me decidi a destruir os Embaixadores, eu decidira que, ao explodir o último, morreria junto. Mas agora percebia que a decisão estava desfeita. Acho que foi porque soube que meu eu verdadeiro era ainda um garoto de corpo doce que daria um bom rei, e ainda que ele não fosse o eu-que-eu-sou, era o eu-que-eu-deveria-ser, e passei a ter algum respeito por mim, e não quis mais morrer.

Então Fiquei em tempo rápido para quebrar o selo do Embaixador, depois andei até uma distância segura antes de voltar para tempo real e observar. Demorou alguns instantes enquanto o Embaixador esperava metalicamente, despercebido, como criara sua própria morte. Fiquei pensativo naqueles momentos. Toda a nossa história, todos os nossos objetivos por tantos anos, haviam sido moldados para tentar conseguir nossa volta para a República, para o tipo de civilização que podia fazer máquinas como aquela. Eles sabiam tantas coisas que nós não poderíamos saber depois que eu destruísse aquele último Embaixador! Vi-me voltando para tempo rápido, de modo que pudesse correr até o fusível, e interrompê-lo antes que o Embaixador morresse.

Mas não me mexi. Se os anos de escravidão tivessem nos ensinado alguma coisa, deveriam ter ensinado isso: que o Embaixador não era a chave para a liberdade, era a corrente que nos prendia. Nossa liberdade só viria quando esquecêssemos nossos ancestrais mortos, nossos inimigos distantes e descobríssemos em quem e no quê nos havíamos transformado nesses anos em Traição.

Não me mexi. O Embaixador terminou seu programa de autoimolação, a explosão destruiu-o de dentro para fora, as luzes da máquina se apagaram, e fiquei imaginando por um momento apavorante como eu ousara tomar tal decisão em nome do mundo inteiro, sem consultar qualquer outra pessoa. Então ri sozinho. Era um pouco tarde para imaginar se eu deveria ou não brincar de Deus. O jogo já estava terminado.

A poeira da explosão assentou. Minha tarefa estava cumprida. Eu decidira viver após o fim de meu trabalho, afinal, e isso significava que precisaria tomar decisões que nunca imaginara precisar tomar de novo. Para onde iria? O que eu desejava fazer com o resto de minha vida?

Enquanto caminhava pelos campos a leste de Mueller-sobre-o-Rio, soube para onde deveria ir. Numa ilha no meio do lago de Ku Kuei, Saranna havia dito: "Volte logo. Volte enquanto ainda é jovem o bastante para me querer. Porque eu vou continuar jovem para sempre."

Eu não era mais jovem, não por nenhuma definição do mundo. Mas eu a queria. Talvez apenas quisesse a inocência das crianças que havíamos sido, fazendo amor na beira do rio, sem dar importância à dor que poderia vir e certamente viria. Ainda assim, eu a queria mais do que quisera qualquer outra pessoa no mundo, não porque minha paixão fosse tão avassaladora, mas porque todas as outras coisas que eu queria seriam obtidas com dor ou eram tão desesperançadas que eu desistira delas. Apenas ela restava. Ela e uma terra estranha e calma de um povo pobre mas gentil, que pastoreava ovelhas nas rochas do Mar de Humping.

15 HOMEM-DO-VENTO

CHEGUEI EM Ku KUEI em tempo real e ri um bocado quando vários jovens, não sabendo quem eu era, tentaram fazer truques de tempo rápido comigo. Enfrentei facilmente seus fluxos de tempo e continuei em tempo real a despeito de tudo que fizeram. Eles devem ter ficado preocupados, e chamaram alguém mais velho e mais habilidoso. E foi por isso que Homem-Que-Sabe-de-Tudo veio me cumprimentar.

— Bebedor-de-Lago — gritou assim que apareceu, rindo e estendendo os braços. — Tinha ido para sempre! Meu pior aluno, o mau exemplo que eu usava para todas as crianças que vinham aprender comigo. Você demorou tanto, qualquer que tenha sido a demora (quem pode contar o tempo?). Mas foi um longo tempo, seu canalha, mas venha, venha, venha, depressa!

Corremos, o gordo Ku Kuei abrindo caminho rapidamente. Bebi o ar da floresta. uma floresta não era o tipo de lugar que eu chamaria de lar, mas essa floresta fora o cemitério de meu pai e o último lugar onde eu estivera quando alguém ainda me amava como filho e como amante. Saranna — falei, e Homem-Que-Sabe-de-Tudo pareceu confuso. — Cotoco — lembrei-o, e ele riu.

Ah, ela. Ela, que coisa incrível. Uma boa aluna, para uma estrangeira. Nós não a chamamos mais de Cotoco, você sabe. Agora é Pedra, Dama de Pedra, porque ela fica no tempo lento mais desgraçadamente lento que qualquer um já fez. Quer ver?

Se eu queria vê-la? Eu não sabia o quanto até que fiquei ali de pé e percebi que ela estava exatamente como estivera quando eu saíra, há seis anos subjetivos e três anos reais. Suas mãos ainda estavam estendidas para mim. Os lábios ainda abertos com as últimas palavras. As lágrimas haviam derramado de seus olhos, mas as primeiras gotas ainda não tinham chegado ao queixo.

Olhei-a e os últimos seis anos desapareceram; eu a deixara há apenas um momento. Caminhei para perto, ralentando meu tempo; ralentei além de tudo que eu já havia experimentado antes, ralentei até que as árvores ficaram parecendo um borrão, e depois, enfim, suas lágrimas começaram a se mover, e seus olhos me viram, e sua expressão mudou para esperança, e ela disse:

— Lanik. Mudei de ideia. Não quero ficar jovem para sempre. Leve-me com você.

Ela me abraçou, eu a abracei e beijei seu rosto onde estava molhado.

— Estive fora por seis anos — falei.

— Psiu! — fez ela.

— Fiz coisas terríveis.

— Não preciso saber.

— Eu não sou uma pessoa boa — insisti. Ela apenas me beijou, e sussurrou:

— É bom o suficiente para mim. — E sorriu, eu sorri e gradualmente deslizamos para fora do tempo lento e estávamos novamente em Ku Kuei. Havia centenas de pessoas reunidas ao nosso redor. Não reconheci nenhuma delas.

— Por que estão nos olhando? — perguntei.

— Porque contaram que os Amantes de Pedra estavam acelerando para tempo rápido — disse um velho gordo — e nós viemos ver.

— Amantes de pedra?

— Pessoas nasceram, envelheceram e morreram, e apenas viram vocês dois se moverem dois ou três centímetros, ou sorrirem ou parecerem falar uma única palavra. Vocês pareciam tão intensos. O que quer que estivessem dizendo, vocês pareciam dizer de verdade, e não era absolutamente divertido. Isso deu início a uma moda. As pessoas ficam procurando objetivos, agora. Complica tudo.

— Quanto tempo? — perguntei. Duzentos, trezentos anos, calculo. Mas agora espero que vocês passem a ser apenas pessoas comuns.

— Também espero — falei, e Saranna sorriu.

Deixamos a floresta e viajamos para o leste até chegarmos enfim a Britton, e, na parte mais oriental da península de Britton, chegamos a Humping. Nada mudara nos últimos séculos. Um novo lorde governava na casa do penhasco, mas ele usava o nome hereditário de Barton. A casa de Glain e Vran era agora uma horta, e a casa de outra pessoa ficava a alguns metros, mas ela estava cheia de crianças e nada mudara. O povo ainda era pobre, ainda taciturno, ainda de bom coração.

Saranna e eu construímos uma casa à beira-mar, onde comecei imediatamente a ensinar-lhe tudo que eu aprendera. Depois de algum tempo um pastor veio ver o que fazíamos. Curei suas juntas doloridas e Saranna curou sua ovelha doente, e então todos ficaram sabendo quem eu era. Homem-do-Vento, me chamaram, e Saranna ficou sendo a Dama do Homem-do-Vento, e logo em seguida Dama-do-Vento, simplesmente, e apesar do povo de Humping nos amar, não poderiam nos ter amado como nós os amávamos. A lenda do Homem-do-Vento era muito conhecida: como ele viera de lugar nenhum e vivera com Glain e Vran, curando e fazendo o bem para todos até que alguém contou ao lorde na casa do penhasco, e o Homem-do-Vento foi embora e nunca mais voltou. Dessa vez, eles juravam, seria diferente. E em todos os anos que vivemos ali, o lorde da casa do penhasco jamais nos procurou.

Os Humpers não se surpreendem com o fato de, apesar de ficarem velhos e morrerem, nós não envelhecemos. Nós vivemos para curar as doenças de crianças de cujos avós consertamos as pernas quebradas. É uma vida calma, mas é boa, e dentro de algum tempo eu e Saranna pretendemos ter filhos. Quando tivermos filhos, entretanto, iremos parar de nos modificar, e envelhecemos e morreremos quando nossos netos estiverem crescendo, como qualquer outra pessoa. As crianças não precisam que seus pais vivam para sempre.

Mas ainda não estamos realmente prontos para isso. A vida ainda é bastante doce para nós, sem crianças, apesar do que eu olho para Saranna e vejo que agora não vai demorar muito; e olho para mim mesmo e vejo que estou quase pronto. E que vai ser bom, também. Mesmo a morte será boa, acho, não porque ela acaba com velhas

amarguras, mas porque acredito que virá como o último dos sabores picantes que me ensinaram que estou vivo.

Por baixo de tudo ainda escuto o grito da terra, mas ele não mancha mais as coisas que vejo e faço. Ao contrário, aumenta meus prazeres, e a luz do sol é mais brilhante por causa do lugar escuro dentro de mim, e o sorriso de Saranna é mais gentil por causa da crueldade que conheci, e curar os animais, as crianças e os adultos que vêm a mim é mais doce porque um dia, contra todos os meus instintos mas por causa de meu senso de direito, eu matei.

Se Traição é agora um lugar melhor para se viver, não sou eu quem pode julgar.

Não sei se estamos progredindo tão bem quanto antes dos Embaixadores serem destruídos. Não sou eu quem vai avaliar o que pudemos fazer com a oportunidade que criei.

Algumas vezes fico maravilhado por tê-lo conseguido. "Você não existe", diz Saranna frequentemente depois de fazermos amor, "você não pode ser real." Ela quer dizer uma coisa, mas acredito em outra, e apesar de todos os planos e projetos que fiz antes de agir, sei que fui moldado mais pelas circunstâncias do que por minha vontade. Às vezes imagino se não sou, afinal de contas, uma peça na mão de outro jogador, seguindo cegamente seus amplos desígnios sem sequer saber que meu caminho pelo tabuleiro é apenas um artifício, ao passo que as questões importantes são jogadas em outro lugar, por outros homens.

Mas pouco me importa se há algum desígnio amplo. Minha única esperança era: ver o que poderia ser, acreditar que deveria ser, e então realizar todo o possível para fazer com que acontecesse, a qualquer custo. Quando uma vida se prolonga tão alegremente como a minha, o preço, pago com tanta dor, pode ser lembrado com satisfação. Recebi o valor integral. Aqui, entre os pastores, minha taça está cheia da água da vida; ela transborda.